



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS  
INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO

CASSIANA PANISSA GABRIELLI

**O PARAÍSO TERREAL NÃO É CÁ, É LÁ:  
O TURISMO SEXUAL EM SALVADOR/BA**

SALVADOR  
2011

CASSIANA PANISSA GABRIELLI

**O PARAÍSO TERREAL NÃO É CÁ, É LÁ:  
O TURISMO SEXUAL EM SALVADOR/BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo

Orientadora: Dra. Ivia Alves

SALVADOR  
2011

Revisão e Formatação: Vanda Bastos

—Lecturis saltem||

Catálogo na Publicação

Telma Regina Abreu Vieira – Bibliotecária – CRB-3/593

telregina@uol.com.br

G117p Gabrielli, Cassiana Panissa.

O paraíso terreal não é cá, é lá [manuscrito] : o turismo sexual em Salvador/BA / por Cassiana Panissa Gabrielli. – 2011.

227f. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese(Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo, Salvador(BA), 08/07/2011.

Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ívia Iracema Alves.

Inclui bibliografia.

1-PROSTITUIÇÃO – ASPECTOS SOCIAIS – SALVADOR(BA). 2-TURISMO SEXUAL – ASPECTOS SOCIAIS – SALVADOR(BA). 3-ESTRANGEIROS – ASPECTOS SOCIAIS – SALVADOR(BA). 4-RELAÇÃO HOMEM-MULHER – SALVADOR(BA). 5-MURAT,LÚCIA,1949- .OLHAR ESTRANGEIRO – CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO. 6-ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO – SALVADOR(BA). I-Alves, Ívia Iracema, orientador. II-Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo. III-Título.

CDD(22<sup>a</sup> ed.) 306.742098142

CASSIANA PANISSA GABRIELLI

**O PARAÍSO TERREAL NÃO É CÁ, É LÁ:  
O TURISMO SEXUAL EM SALVADOR/BA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.

Salvador, 8 de julho de 2011

**Banca Examinadora:**

---

*Profa. Dra. Ivia Iracema Alves – UFBA (Orientadora)*

---

*Profa. Dra. Sandra Maria Sacramento – UESC*

---

*Prof. Dr. Paulo César Souza Garcia - UNEB*

---

*Profa. Dra. Suely Aldir Messeder - UNEB*

---

*Profa. Dra. Lindinalva Silva Oliveira Rubim UFBA*

Dedico esta tese a todas as brasileiras que, de algum modo, *batalham* pela sua autonomia e não se restringem a ideias pré-determinadas.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia, pela oportunidade de realização do Curso.

À Fundação de Amparo a Pesquisa da Bahia (FAPESB), pela concessão da bolsa de doutorado durante os três anos iniciais desta pesquisa.

A minha orientadora Dra. Ivia Alves que, apesar das “surpresas”, não desistiu do nosso trabalho e manteve o bom humor.

A todas as entrevistadas nesta pesquisa, em especial, a Fátima e Gabriela, que me apresentaram a vida na *batalha*.

A minha querida filha, Olguinha, que, apesar da bagunça generalizada, a cada nova “gracinha”, deixa meu dia mais leve e me anima a continuar na infundável busca pela equidade social entre mulheres e homens.

Ao meu marido, Fernando, pelos livros, pelas discussões, pelas músicas e pelas cervejas... pelo apoio e incentivo, antes e durante o curso.

Aos meus pais, pelo amor e pelas oportunidades que me proporcionaram para que eu chegasse até aqui.

A minha irmã Paola, pelo carinho de sempre.

A Daisy, pelas constantes palavras de estímulo.

Às colegas e amigas do NEIM, em especial, a Mara e a Salete, por nossas divertidas e “atordoantes” conversas feministas.

A D. Marlene, por ter cuidado da minha pequena Olga enquanto eu terminava a escrita.

A todas/os amigas/os de longa data que em nenhuma conversa deixaram de proferir a fatídica pergunta: “– Como anda a tese?”.

A todas/os que me incentivaram a começar, a não parar, e ainda estimulam a continuar, depois do “fim”...

## RESUMO

A presente tese se dedica a discorrer sobre o arcabouço simbólico que favorece o desenvolvimento da prática do turismo sexualmente motivado em Salvador/BA. Partindo de considerações acerca do imaginário social sobre o Brasil e as brasileiras, articuladas a uma pesquisa de campo realizada com prostitutas atuantes no circuito turístico soteropolitano, procuramos verificar como a atualização de tal imaginário propicia o turismo com fins sexuais e a conseqüente manutenção das assimetrias de gênero, especialmente, entre as nativas e os estrangeiros. Para o desenvolvimento desta proposta buscamos suporte teórico nos estudos sobre gênero e feminismo, na Análise de Discurso Crítica, entre outros, além de trazermos, também, algumas análises de entrevistas com diretores e produtores de filmes internacionais sobre o Brasil, apresentadas no documentário *Olhar Estrangeiro*.

**Palavras-chave:** Imaginário social. Discurso. Turismo sexual. Gênero.

## ABSTRACT

This thesis is dedicated to discuss the symbolic framework that encourages the development of sex tourism in Salvador, Bahia. Considering the social imaginary about Brazil and the Brazilian women, articulated with the research realized with prostitutes working in the tourist circuit of Salvador, we wish to verify how the update of such imaginary encourages the sex tourism and the consequent maintenance of gender asymmetries, especially among native and foreign. For the development of this proposal we seek theoretical support in studies of gender and feminism, critical discourse analysis, among others, and bring, also, some analysis of interviews with directors and producers of international movies about Brazil, presented in the documentary *Olhar Estrangeiro*.

**Key words:** Social imaginary. Discourse. Sex tourism. Gender.

## LISTA DE SIGLAS

ADC	Análise de Discurso Crítica
APROSBA	Associação de Prostitutas da Bahia
CHAME	Centro Humanitário de Apoio à Mulher
ECD	Estudos Críticos de Discurso
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONG	Organização Não-Governamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
WTO	<i>World Tourism Organization</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 DIREÇÕES</b> .....	20
1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	51
<b>2 O IMAGINÁRIO SOBRE O BRASIL: VERTENTES E PERMANÊNCIAS</b> .....	60
<b>3 O TURISMO SEXUAL</b> .....	89
<b>4 SOBRE A PROSTITUIÇÃO</b> .....	107
<b>5 FALAS CONTEMPORÂNEAS</b> .....	133
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	160
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	171
<b>APÊNDICES</b> .....	179
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A PRIMEIRA ENTREVISTA</b> .....	180
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A SEGUNDA ENTREVISTA</b> .....	181
<b>APÊNDICE C – TABELA DE DADOS DAS ENTREVISTAS</b> .....	182
<b>APÊNDICE D – UM POUCO DAS ENTREVISTAS...</b> .....	186
GABRIELA .....	186
PAULÍNIA .....	193
AURELINA .....	197
ROSEANE .....	202
ANDRÉIA .....	206
VIVI .....	211
VAL .....	215
NEIDE .....	220

## INTRODUÇÃO

Os relacionamentos sociais entre mulheres e homens têm, há algum tempo, despertado crescente interesse teórico por parte de representantes das mais diversas disciplinas. As interações entre gêneros se revelaram um importante objeto de análise para a compreensão de assimetrias de poder nas mais diversas sociedades. Lembrando que as configurações, comportamentos e tarefas do que é específico do “ser masculino” e do “ser feminino” variam, enormemente, de cultura para cultura e que, em uma mesma sociedade, os padrões e atitudes aceitos em cada tempo se modificam, substantivamente, ao longo das gerações, observa-se que as aproximações mediadas por relações afetivo-sexuais entre pessoas de diferentes culturas se constituem por meio de uma gama bastante ampla de significados e interesses que, por sua vez, vão proporcionar interpretações das formas como essas disparidades de gênero são tratadas no contexto transnacional contemporâneo. Sendo o turismo um dos meios pelos quais são propiciados tais relacionamentos, a prática de viagens sexualmente motivadas se torna um interessante objeto de estudo para a compreensão de elementos culturais e simbólicos que estão em jogo.

Assim, com o intuito de dialogar sobre as condições das mulheres brasileiras e sobre a posição do Brasil como um dos principais países receptores de turistas sexuais no mundo contemporâneo, desenvolveu-se uma pesquisa junto a mulheres que, habitualmente, se relacionam sexualmente com os turistas estrangeiros, na cidade de Salvador, com a intenção de evidenciar, através da análise dos discursos das entrevistadas, componentes que proporcionam ou movem seu olhar e desvelam sua visão imaginária do mundo e que facilitam a aproximação com os visitantes. O imaginário sobre as terras estrangeiras, desenvolvido ao longo de séculos de informações letradas, fomenta uma aproximação entre dois corpos que não se veem, mas, apenas, se leem, de forma que essa aproximação se dá sem

que elas consigam verificar se os indivíduos correspondem ou não ao lido, aprendido e apreendido.

A evolução das sociedades demonstra, em seu estágio contemporâneo, que disparidades histórico-culturais entre as diversas nações do mundo são vividas e reconfiguradas das mais variadas formas, com objetivos distintos e, geralmente, camuflados ou distorcidos, em função do capitalismo. Nesse cenário de desigualdades sociais e históricas claramente percebidas, o turismo se apresenta como um fenômeno sócio-econômico-cultural que permite a interação entre indivíduos de diferentes origens, de distintos contextos históricos e sociais, de países ricos e pobres e entre os próprios imaginários construídos pelos países colonizadores e colonizados. Essa prática interativa torna a atividade turística um importante elemento para a interpretação, através das formações discursivas, das relações sociais e de como e porque elas se dão entre as mais diversas culturas, na atualidade.

Analogamente, verifica-se que a posição e a condição das mulheres variam enormemente de uma cultura para outra, embora, de modo geral, elas quase sempre se apresentem subalternas aos homens. Entretanto, as formas de dominação se diferenciam, de acordo com os contextos locais, sendo que, em alguns países, as mulheres já conseguiram a sua emancipação em várias esferas, enquanto que, em outros, muito especificamente pelo imaginário internalizado, ainda são totalmente dependentes dos homens. Porém, muitos indivíduos de países onde a independência feminina já se encontra mais consolidada, ainda não aceitam e/ou internalizam essa situação e julgam, subjetivamente, que a quebra do vínculo de dominação faz com que as mulheres percam as características da feminilidade e, assim, através do turismo/lazer, saem à procura de realizar suas fantasias/desejos em outros espaços.

Na tentativa de manter uma postura que já não é mais adequada a essa situação, esses homens, que têm oportunidades sociais e financeiras, buscam, muitas vezes, se envolver com mulheres que se submetem ao poder masculino, mulheres que, por sua condição e posição social na cultura na qual estão inseridas, mantêm comportamentos de subalternidade perante eles, mesmo que tal submissão faça parte de um jogo de simulação e interesse. E assim, eles se deslocam de seus países de origem para lugares onde possam vivenciar essa situação de dominação, praticando o turismo sexual.

Embora seja de conhecimento geral que as viagens realizadas com o intuito de aproximações afetivo-sexuais podem ser realizadas tanto por homens como por mulheres em busca de relacionamentos hetero e/ou homossexuais, os fluxos transnacionais de viajantes motivados sexualmente são majoritariamente de homens interessados em relações afetivo-sexuais com mulheres, e é esse o foco de nossa pesquisa. Esses deslocamentos partem, principalmente, de países ricos em direção a países menos desenvolvidos, pois, não apenas fatores culturais, mas também sociais e econômicos neles se articulam para favorecer o turismo com fins sexuais.

A fim de verificar as implicações desses deslocamentos transnacionais focados na relação entre sexo e turismo na manutenção das assimetrias nas relações de gênero contemporâneas, realizamos uma pesquisa com mulheres – brancas e negras, com idades que variam entre vinte e três e cinquenta anos, pertencentes a classes populares – que, costumeiramente, se envolvem com turistas estrangeiros na cidade de Salvador, Bahia. Por estar situada no Nordeste brasileiro, um dos principais polos de atratividade para o turismo sexual no mundo, as informações levantadas, através de entrevistas, na cidade de Salvador, podem servir de base para reflexões e comparações em esferas mais amplas. No entanto, é importante ressaltar que a pesquisa de campo foi realizada com o intuito de ilustrar algumas questões específicas, como a forma pela qual as relações entre nativas e estrangeiros se dão na atualidade e, principalmente, de dar voz a essas mulheres (profissionais do mercado do sexo) para exporem suas ideias sobre as motivações para tais relações.

O que pretendemos nesta tese não é analisar o mercado sexual em Salvador, tampouco a rede de prostituição desenvolvida na cidade, mas, sim, elucidar a posição de subalternidade em que as próprias mulheres se colocam com o objetivo de encontrar um homem que lhe dê as condições de vida que julgam adequadas. O interesse é demonstrar de que maneira o imaginário social construído sobre o Brasil e, especificamente, sobre as brasileiras, é por elas internalizado e como isso contribui para a manutenção das assimetrias nas relações de gênero e, ao mesmo tempo, eternizam o eixo de disparidade entre norte e sul do planeta.

Complementando as informações adquiridas na pesquisa de campo, realizamos também uma análise de entrevistas com diretores e produtores de filmes europeus e norte-americanos que versam sobre o Brasil, apresentadas no

documentário *Olhar Estrangeiro*, dirigido por Lúcia Murat. Tal iniciativa objetivou apresentar a atualização do imaginário nos discursos cinematográficos, centrais na cultura contemporânea, facilitando a circularidade de estereótipos sobre o Brasil e as brasileiras e favorecendo a manutenção das posições díspares aqui trabalhadas.

Porém, antes de adentrarmos a estruturação da presente tese, é oportuno discorrer sobre a motivação para a seleção de tal tema de interesse, visto que a minha trajetória acadêmica teve início com a graduação em turismo tendo continuidade com o mestrado em Cultura e Turismo, na Universidade de Santa Cruz (UESC) – Ilhéus, em que apresentei a dissertação intitulada “Das 'vergonhas' descritas por Caminha, ao turismo sexual: o uso de imagens femininas atreladas ao desenvolvimento turístico do Brasil”. Esse primeiro trabalho abordou o uso da imagem sexualizada das brasileiras junto ao mercado turístico e o conseqüente incremento do turismo sexual no país. As pesquisas então empreendidas, focadas no material promocional de turismo oficial do país, instigaram o questionamento sobre as condições e posições das mulheres que se envolvem sexualmente com os turistas.

Por intermédio das poucas iniciativas de estudo realizadas nesse campo, percebemos, de modo geral, que as principais motivações para esse tipo de contato estão atreladas ao imaginário que essas mulheres têm sobre os países europeus e, conseqüentemente, sobre os homens europeus. Daí o interesse em desenvolver a pesquisa aqui proposta, que visa, justamente, investigar e analisar, através do discurso, a fundamentação no imaginário e no simbólico dessas mulheres, visto que, através do aprofundamento da pesquisa anterior, será possível articular o uso de imagens sexualizadas das brasileiras ao imaginário social por elas internalizado, a fim de refletir sobre a prática do turismo sexual no país.

Ao optarmos por trabalhar com a temática dos relacionamentos entre brasileiras e homens estrangeiros no contexto do mercado do sexo em Salvador, Bahia, acreditamos que buscar referenciais no conjunto teórico de cunho feminista possibilita uma interessante leitura dos fatos e situações que envolvem tais mulheres e turistas.

Sendo assim, iniciamos o presente trabalho com a seção intitulada “Direções”, na qual pretendemos apresentar alguns conceitos teóricos que nos guiam na execução desta tese. Como tratamos de uma temática que versa sobre mulheres e relações sociais de gênero e temos um aparato epistemológico

relacionado ao próprio curso onde desenvolvemos a presente tese voltado às teorias feministas, é com base nestas que iremos desenvolver nosso estudo.

O avanço do feminismo junto à Academia originou diversas discussões acerca da objetividade científica em voga, assim como acentuou críticas aos modelos adotados na condução das pesquisas que se supunham neutros em relação à escolha de objetos e posicionamento dos(as) pesquisadores(as). Desse modo, podemos verificar que o feminismo, assim, como alguns estudos críticos relacionados a outros enfoques analíticos, vem contribuindo para a explicitação dos interesses de poder presentes no fazer científico e, também, para o questionamento sobre o valor de verdade atribuído, pelo senso comum, à ciência e à academia. Acerca dessa questão, trazemos ponderações de Sandra Harding (1986, 1993, 1996, 1998) que muito contribui para o entendimento das variadas correntes epistemológicas feministas e, também, sobre essa inserção do feminismo na construção da ciência contemporânea. Buscamos, ainda, em teóricas com Donna Haraway (1995) e Joan Scott (1990, 2003), críticas e elucidações sobre as propostas de uma ciência feminista.

Partindo dessa “desmistificação” da neutralidade científica, o impacto causado pelo feminismo possibilitou, também, a abertura de novas perspectivas para os estudos de gênero nos mais variados campos do saber, contribuindo para o desenvolvimento de idéias atreladas ao cunho relacional do conceito de gênero que visam dar conta do caráter social do feminino e do masculino em sua interrelação. Pensadoras como Heleieth Saffioti (1976, 1994, 2002, 2004), Guacira Lopes Louro (1997), entre outras(os), nos ajudaram a entender tais questões e a demonstrar a pertinência dessas premissas para a condução do objetivo aqui proposto. Ainda nesse primeiro capítulo, julgamos concernente a apreciação de algumas considerações também sobre a sexualidade, já que, a partir da leitura de trabalhos de estudiosos como Jeffrey Weeks (1999) e, novamente, Guacira Lopes Louro, pudemos verificar que, além de ser um elemento correntemente relacionado à identidade das brasileiras, a sexualidade apresenta um viés cultural que merece ser abordado no trabalho aqui apresentado, a fim de elucidarmos algumas questões referentes ao imaginário que dela se apropria.

Porém, como nosso interesse versa sobre a manutenção das assimetrias de gênero propiciadas pela atualização do imaginário através dos discursos, além das ponderações já citadas, trazemos na sequência algumas diretrizes da Análise de

Discurso Crítica (ADC). Tal linha de pesquisa, que tem, entre seus principais representantes, teóricos como Norman Fairclough (2008), Teun van Dijk (2008) e, no Brasil, Carmen Rosa Caldas Clouthard (2008) foi por nós eleita porque dialoga de modo interdisciplinar sobre a linguagem enquanto prática social, além de ter como pressuposto a análise crítica sobre as ideologias e relações de poder implícitas nas mais diversas formações discursivas, indo ao encontro da proposta aqui apresentada, que procura trabalhar com o plano simbólico envolvido na prática do turismo sexualmente motivado e suas conseqüências nas relações de gênero entre nativas e estrangeiros.

Posteriormente, finalizando “Direções”, apresentamos a forma pela qual foi elaborada e executada nossa pesquisa de campo. Ao optarmos por entrevistar prostitutas atuantes no circuito turístico de Salvador/BA, tivemos que desenvolver cuidadosamente um planejamento prático para que pudéssemos nos aproximar de nossas entrevistadas em potencial sem que invadíssemos a sua privacidade para além do que elas se dispusessem a nos contar e, também, para que pudéssemos operacionalizar a pesquisa, considerando locais, horários e outras condicionantes que se mostraram fundamentais em tal planejamento. Nessa fase, foi essencial o apoio prestado pela coordenadora da Associação das Prostitutas da Bahia (APROSBA), Fátima Medeiros, que nos levou a diversos pontos de prostituição e nos forneceu informações relevantes sobre as condições e posições das prostitutas que conhece, a fim de facilitar nossa interação com elas.

Então, a partir da explanação desses principais pontos em que ancoramos nossa tese, partimos para a segunda seção “O imaginário sobre o Brasil”, no qual buscamos elucidar algumas questões concernentes à construção desse imaginário desde os primórdios da colonização, trazendo referências de historiadores como Sérgio Buarque de Holanda (2000) e Laura de Mello e Souza (1986), escritores como Gonçalves Dias e Manuel Botelho de Oliveira, entre tantos outros que se verão presentes no decorrer do texto. Tratando-se de um país colonizado, verificamos que os discursos dos *outros* foram internalizados na constituição da identidade nacional, o que favoreceu a manutenção de ideais hegemônicos baseados em estereótipos cunhados séculos atrás que e se fazem presentes até os dias de hoje, o que poderemos verificar através das remissões a Eni Orlandi (1993, 2008) e Marilena Chauí (2007), quando discorrem sobre o *Discurso Fundador* e o *Mito Fundador*, respectivamente.

Embora possamos visualizar que, ao Brasil e ao povo brasileiro, foram atribuídas características “fantasiosas” existentes no imaginário dos europeus antes mesmo do *achamento* oficial do país, tais questões nem sempre foram explicitadas, sendo que, em diversos momentos, foram incorporadas ao discurso histórico que, de certo modo, é outorgado pela ciência, o que lhe confere *status* de verdade incontestada frente ao senso comum. Dessa situação, originam-se muitas das conseqüências relacionadas à aceitação e internalização das características atribuídas pelos estrangeiros ao povo brasileiro.

Vale destacar que, alimentados por relatos de viajantes e documentos oficiais impregnados pelo imaginário vigente na época, as ideias disseminadas estavam mais vinculadas ao que os estrangeiros podiam/sabiam ver, do que ao que de fato viam aqui. Apesar de poucos europeus conhecerem, efetivamente, as terras brasileiras, houve uma larga propagação sobre as riquezas naturais e as características peculiares dos(as) nativos(as), facilitando a difusão dos estereótipos já então forjados.

Não poderíamos discutir tal questão sem trazer considerações sobre as interações raciais ocorridas no período de colonização do país que, sem dúvida, foram mote para longas discussões que traziam o Brasil como tema. A miscigenação aqui deflagrada, articulada ao regime escravocrata, que perdurou por mais de três séculos, fez com que características atribuídas aos(às) negros(as) e índios(as), considerados(as) exóticos(as), selvagens e luxuriosos(as) aos olhos dos colonizadores europeus, fossem identificadas aos(às) brasileiros(as) em geral, sendo que, em nossa discussão, apresentamos, entre outras, algumas considerações de Laura Moutinho (2004) sobre a formação de pares heterocrômicos no período colonial.

Desse modo, após discorrer sobre a construção e a propagação do imaginário que se mantém até hoje, apresentamos na terceira seção, “Turismo Sexual”, algumas características desta atividade que coaduna o mercado turístico com o mercado do sexo, pois é, em grande parte, por conta do imaginário difundido sobre as brasileiras que tal prática tem espaço privilegiado no Brasil. Apesar de envolver questões de maior amplitude como situação econômica, posicionamento geográfico e suas conseqüentes condições climáticas e paisagens naturais, percebemos que há uma forte influência do aparato simbólico para a efetivação de deslocamentos sexualmente motivados.

Procuramos, nesse momento, delimitar o que pode ser entendido como turismo sexual, como também, detalhar as formas como as relações se estabelecem no contexto pesquisado. Para tanto, buscamos referenciais junto à Organização Mundial do Turismo (OMT) e, também, em algumas produções da antropóloga Adriana Piscitelli (1996, 2001, 2004), que tem se dedicado a essa temática há algum tempo. Entendendo que o turismo é uma atividade interativa que proporciona o desenvolvimento de relações entre pessoas de culturas bastante diversas, consideramos que aqueles relacionamentos que se enquadram dentro do que pode ser denominado turismo sexual merecem ser cuidadosamente analisados, a fim de se evitar julgamentos moralistas sobre a diversidade de práticas sexuais possíveis na contemporaneidade.

Priorizamos, em nossas apreciações, os envolvimento entre homens estrangeiros e mulheres brasileiras por serem os mais representativos quantitativamente e, também, por serem os que nos interessam diretamente para a análise das assimetrias de gênero e da manutenção de disparidades entre países centrais e periféricos. Esses relacionamentos são um objeto de estudo muito rico, se considerarmos, além da interação cultural, sua “via de mão dupla”, em que ambos os envolvidos procuram “tirar vantagem”, conquanto, de modo geral, os homens procuram mulheres que se mantenham em posição de subalternidade e elas, por sua vez, buscam nessas relações meios para melhorar suas condições de vida. Embora seja válido salientar, como veremos mais adiante, que existem diversas variações na forma como tais interações se desenvolvem.

Dando continuidade ao nosso trabalho, trazemos a quarta seção, “Sobre a Prostituição”, onde procuramos apresentar de que forma tal atividade vem sendo analisada na área das Ciências Sociais, sem deixar de articulá-la ao imaginário social e ao turismo, pois, embora as relações se deem em um contexto comercial, o fato de os turistas estarem distanciados de seu meio social habitual permite que eles desfrutem de alguma autonomia o que lhes confere a oportunidade de viverem tais relações de um modo alternativo.

Ainda nessa seção, apresentamos algumas questões referentes à estigmatização das mulheres que “vendem” seus corpos, assim como procuramos explanar as variadas formas de prostituição existentes na contemporaneidade. Nesse contexto, verificamos que a classe social está diretamente relacionada ao modo pelo qual a comercialização dos serviços sexuais é efetuada e ao público a

que se destina, ressaltando que, em nossa pesquisa, optamos por entrevistar aquelas que se enquadram no que é conhecido como “prostituição de rua”, pois, dentro das diversas modalidades de prostituição, essa nos pareceu ser aquela que confere maior autonomia às mulheres envolvidas, possibilitando uma melhor apreciação dos discursos das entrevistadas.

Além disso, são as “prostitutas de rua” que, em geral, se aproximam dos turistas, já que atuam em espaços públicos, muitas vezes de interesse turístico, justamente, para facilitar a abordagem aos clientes estrangeiros. Vale destacar que, além das entrevistas realizadas, procuramos informações sobre a atividade de prostituição em obras como *Filha, mãe, avó e puta*, de Gabriela Leite (2009), *A família da prostituta*, de Jeferson Bacelar (1982), e *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*, de Gey Espinheira (1984), as quais se demonstraram interessantes durante a produção do presente estudo. Discutimos, nessa seção, ainda, algumas considerações feitas pelas próprias prostitutas sobre a sua atuação profissional, as práticas sexuais que executam com clientes e, também, sobre as motivações que cada uma delas tem para se prostituir, entre outras questões pertinentes ao tema que poderão ser apreciadas mais adiante.

Finalmente, na quinta e última seção, intitulada “Falas Contemporâneas”, trazemos algumas breves considerações sobre as representações cinematográficas e os aspectos de produção e recepção destas, trabalhando com conceitos como a *impressão de realidade*, de Jean-Claude Bernardet (2004), e críticas feministas às produções cinematográficas, como as de Laura Mulvey (1983), procurando demonstrar a grande influência das obras audiovisuais na contemporaneidade e, também, a importância de se analisar criticamente a colocação das mulheres como simples objetos para apreciação em tais produções.

Articuladas às questões de representações, julgamos conveniente trazer nesse momento do desenvolvimento da tese, ponderações sobre questões de hegemonia cultural, elucidadas por meio dos estudos pós-coloniais, representados por teóricos como Homi Bhabha (2003) e Edward Said (2007). Partimos, então, para a análise das entrevistas realizadas por Lúcia Murat, com produtores e diretores de filmes estrangeiros *sobre* ou *no* Brasil, apresentados no documentário *Olhar Estrangeiro* (2008), e esses discursos se demonstraram de grande valia para o

trabalho aqui apresentado, já que ilustram o imaginário preponderante sobre o Brasil e as brasileiras na contemporaneidade.

Interpelados sobre a desarmonia das obras que produziram ou dirigiram com a realidade local, as respostas dos cineastas estrangeiros revelaram a preponderância de um imaginário ainda colonial e a falta de interesse em aprofundar seus conhecimentos sobre a cultura nativa. A essas ponderações foram cotejadas as informações adquiridas em nossas entrevistas, em especial, aquelas que se referem ao que as prostitutas identificaram como “as idéias que seus clientes têm sobre o Brasil e as brasileiras”. Desse modo, procuramos discutir como a circularidade de clichês alimenta não somente o imaginário *dos outros* como, também, é internalizada pelas brasileiras.

Por fim, apresentamos as “Considerações Finais” em que buscamos articular os diversos caminhos seguidos a fim de elucidar o campo simbólico envolvido na prática do turismo com fins sexuais e as assimetrias de gênero propiciadas pela manutenção do imaginário social preponderante sobre o Brasil e as brasileiras.

## 1 DIREÇÕES

Mas agora que nós sabemos ler, o que nos impede de julgar os resultados?  
(Virgínia Woolf, *Uma sociedade*)

A questão das mulheres, suas posições e condições, tem sido pensada, ao longo dos anos, por especialistas das mais variadas classes sociais, etnias e correntes de pensamento. Essa ampla gama de pensadores(as) envolvidos(as) com tal questão vem enriquecendo a construção da teoria feminista que, apesar de ser considerada, ainda nos dias atuais, uma proposta “alternativa”, tem demonstrado sua consistência e repercussão nas mais diversas sociedades e áreas do conhecimento. A presença de um conjunto sistemático de pautas voltadas para as reivindicações de mulheres no fazer e saber científico foi estimulada pela militância política e social das diversas correntes feministas que se desenvolveram no decorrer de anos de movimento, podendo-se considerar que a emergência dos discursos feministas aconteceu na década de setenta do século passado, em meio a contestações políticas e sociais mais amplas relacionadas aos movimentos em busca de direitos civis que ocorreram em diversas sociedades ocidentais.

Embora, certamente, antes disso, já se articulassem idéias e teorias sobre as condições das mulheres, é nesse momento que se inicia alguma coordenação desses pressupostos, possibilitando a inserção de tais discussões nos mais diversos meios, especialmente na militância dos movimentos sociais, no meio acadêmico, e, posteriormente, no meio científico. A crescente admissão de mulheres no ambiente acadêmico também possibilitou que variadas questões que envolvem o sexismo nas mais distintas culturas e sociedades fossem pensadas com maior vigor e seriedade, tornando possível, inclusive, a discussão sobre a não-neutralidade científica, ou seja, sobre o viés androcêntrico que dominou (e ainda domina) o fazer científico, por mais de séculos de estudos.

A crítica à neutralidade científica empreendida pelas(os) teóricas(os) feministas visa demonstrar que a ciência denominada, até então, neutra, é construída, desde seu princípio, por homens e, embora se diga que o objeto de pesquisa é a Humanidade, os métodos, as metodologias, epistemologias, assim como a escolha dos objetos de estudos são definidos a partir de conceitos e definições androcêntricas. A percepção dessas condições de produção gerou a necessidade de contestação e a criação de novas propostas capazes de auxiliar a construção de hipóteses globais de interpretação que levem em consideração as questões femininas, a fim de se obter uma ciência em que se evidenciasse a falta de neutralidade e a inserção do subjetivismo em suas pesquisas.<sup>1</sup> A respeito desta ciência, é importante ressaltar que,

durante o último século, o uso social da ciência mudou: sendo antes uma ajuda esporádica, agora se converteu em um meio gerador direto de acumulação e controle econômico, político e social. Na atualidade, podemos contemplar que a esperança de 'dominar a natureza' para melhorar a espécie se converteu no esforço para conseguir um acesso desigual aos recursos naturais para fins de dominação social. (HARDING, 1996, p. 17).

Sabendo que a racionalidade científica goza de alto prestígio nas mais diversas sociedades, compreende-se que é justamente ela que embasa boa parte do discurso hegemônico ou competente<sup>2</sup>. Mais até. É no seio dela que se torna atuante o contradiscurso feminista, posicionamento que questiona não apenas as convenções sociais, culturais e políticas desfavoráveis às mulheres, mas os próprios meios de produção de tal ciência, colocando em pauta a discussão sobre a relação do controle científico com a dominação social e econômica. Daí nosso interesse em trazer tal discussão à presente tese.

A esse questionamento também se é conduzido por aqueles que se detêm na análise de outras categorias socioculturais e, nesse sentido, a discussão acerca do controle científico não é privilégio exclusivo da crítica levada a cabo pelas feministas. Todavia, em virtude de sua transversalidade, a questão da mulher se

---

<sup>1</sup> Não podemos deixar de notar que tais discussões sobre a não-neutralidade científica foram também delineadas pelo advento dos Estudos Culturais, ou Pós-Colonialistas, contemporâneos aos Estudos Feministas.

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre discurso competente ver a obra *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*, de Marilena Chauí (2007). Mais adiante, voltaremos à questão do discurso hegemônico.

deixa articular livremente com estudos críticos voltados para etnias, raças, classes, gerações, entre outros *lócus* de espaço social, sendo que tal articulação entre diversas correntes de pensamento crítico se faz necessária atualmente já que, “é evidente que cada forma de dominação utiliza as outras como recursos e se apóiam mutuamente de modos complexos”, segundo Sandra Harding (1996, p. 18). A proposta feminista não visa descartar a produção do conhecimento atual, para substituí-la por uma nova forma de produção “feminina”. Seu propósito é, justamente, desmistificar a “*não-generização*” científica da modernidade e a suposta ausência de interesse pelo poder por ela respaldado.

As pesquisas acadêmicas voltadas para as questões feministas buscaram, inicialmente, “estender e reinterpretar as categorias de diversos discursos teóricos de modo a tornar as atividades e relações sociais das mulheres analiticamente visíveis no âmbito das diferentes tradições intelectuais” (HARDING, 1993, p. 7). Além disso, seu início foi marcado pelo compromisso acadêmico direcionado à causa da emancipação das mulheres. Assim, percebemos que, desde seus primórdios, a perspectiva acadêmica feminista se centra em questões relacionadas à construção e desconstrução de discursos teóricos visando a assunção das mulheres em posição de equidade com os homens.

É válido frisar que não existe apenas um enfoque feminista, pois há diferentes formas de se posicionar em relação a essa causa, tanto a respeito das filiações ideológicas, tais como feministas liberais, feministas marxistas e feministas socialistas, quanto aos posicionamentos epistemológicos, que também são múltiplos, entre as seguidoras do feminismo. Essa diversidade de posições e opiniões é considerada salutar para a construção de teorias variadas que podem se complementar ou divergir, favorecendo seus desenvolvimentos críticos. Contudo, é notório que o único consenso entre as seguidoras das mais distintas correntes do pensamento feminista é que o gênero consiste em uma construção social de poder do masculino e do feminino. Nesse sentido, nos parece interessante destacar a explanação de Londa Schienbinger sobre a utilização dos termos aqui discutidos, pois seguimos as distinções sugeridas pela autora, para quem:

As pessoas geralmente misturam os termos ‘mulheres’, ‘gênero’, ‘fêmea’, ‘feminino’ e ‘feminista’. Esses termos, no entanto, têm significados distintos. Uma ‘mulher’ é um indivíduo específico; ‘gênero’ denota relações de poder entre os sexos e refere-se tanto a

homens quanto a mulheres; 'fêmea' designa sexo biológico; 'feminino' refere-se a maneirismos e comportamentos idealizados das mulheres num lugar e época específicos que podem também ser adotados por homens; e 'feminista' define uma posição ou agenda política. (SCHIENBINGER, 2001, p. 32).

Articulando tais conceitos, verificamos que, a propósito da presença das relações de gênero na teoria feminista, Silvia Yannoulas et al., explicitando a condição das mulheres como pesquisadoras e objetos de investigação, simultaneamente, esclarecem que:

O ponto de partida e a estratégia de análise propostas pelas feministas acadêmicas afirmam que gênero é um dado crucial de investigação científica em função de duas perspectivas: como forma de classificação social a ser resgatada ou procurada no 'real'; e como dado constitutivo da identidade do sujeito que investiga e produz saberes. (2003, p. 2).

Pensando em como trabalhar a partir de tais considerações sobre a participação das mulheres no fazer científico, notamos a existência de diferentes correntes de teorias feministas. A filósofa da ciência Sandra Harding (1986) considera, em suas análises, que são três os posicionamentos epistemológicos feministas: o *empiricista*, que segue os pressupostos atuais da ciência comprometidos com a justificativa e a verdade, porém, denuncia o viés androcêntrico que os perpassa; o *perspectivista*, também denominado *standpoint*, que parte de um ponto de vista das mulheres para elaborar sua fundamentação; e o *pós-moderno*, que, em outras colocações, pode ser identificado como pós-estruturalista, e no qual as categorias são consideradas de maneira mais diluídas, criticando as estratégias que se pautam em conceitos fundamentais.

Tais enfoques teóricos estão constantemente em debate e, muitas vezes, são interpretados e/ou renomeados de diferentes maneiras, sendo que as divergências entre seguidoras(es) de uma ou outra linha de investigação científica são bastante presentes na literatura sobre teorias feministas contemporânea. Tais questionamentos sobre a validade ou abrangência de uma ou outra postura epistemológica contribuem para o amadurecimento das discussões sobre a ciência, do ponto de vista feminista, ou seja, para o aprimoramento conceitual sobre a existência de uma ciência feminina, ou de um modo feminino de fazer ciência, assim como sobre a crítica feminista à ciência. Na esteira dessas discussões, Sandra

Harding faz interessantes considerações sobre a existência de um método de pesquisa feminista, explicitando que,

um método de investigação é uma técnica para recolher informação (ou uma maneira de proceder para recolhê-la). É válido afirmar que todas as técnicas de coleta de informação podem classificar-se em qualquer uma das seguintes categorias: escutar os informantes (ou interrogá-los), observar o comportamento, e examinar vestígios e registros históricos. Nesse sentido, só existem três métodos de investigação social. Como se evidencia em muitos de seus estudos, as investigadoras feministas empregam qualquer dos três métodos – no sentido preciso do termo –, tal qual ocorre em qualquer investigação androcêntrica tradicional. (1998, p. 11).

Embora a aplicação de tais métodos possa ser diferente quando operada por pesquisadoras(es) feministas, esses não são inovadores ou diferenciados dos que ocorrem na ciência tradicional. Já as metodologias podem ser re-pensadas a partir de um olhar “generificado” sobre a habitual. Assim, também as epistemologias poderiam ser alternativas quando se propõe uma pesquisa feminista, pois visam “legitimar as mulheres como sujeitos do conhecimento” (HARDING, 1998, p. 14) e, ainda, porque, nas epistemologias feministas, objeto e sujeito estão diluídos um no outro.

Pensando nessa diluição entre sujeito e objeto de pesquisa, é importante ressaltar que, mesmo na corrente epistemológica feminista do empiricismo, que pode ser considerada a mais ligada aos conceitos de objetividade da ciência tradicional, a condição das mulheres enquanto pesquisadoras e pesquisadas é apreciada, pois, ainda de acordo com Sandra Harding:

o empirismo feminista sustenta que é mais provável que as mulheres (ou, as feministas e os feministas, sejam mulheres ou homens), como grupo, obtenham mais resultados não marcados e mais objetivos do que os homens (ou os/as não feministas), como grupo. (1996, p. 24).

No empiricismo, busca-se resultados objetivos, através da experiência; no entanto, a falta de considerações sobre o juízo de valor pode levar à perpetuação de disparidades no âmbito social, assim como destituir possibilidades de propostas que não se baseiam na realidade estabelecida. Essa é também uma das considerações

de Sergio Dansilio (2004) que, observando a obra de Anderson (1995) afirma que, dentro de um

empiricismo modesto, [...] a experiência é tomada como fonte de toda evidência no mundo ou, ao menos, como a evidência menos questionável. E ainda, os processos do pensamento, trabalhando independentemente da evidência empírica, são incapazes de descartar qualquer hipótese acerca do mundo. (Tradução nossa).

O empiricismo feminista visa estudar os efeitos do gênero na produção do conhecimento assim como promover reflexões críticas sobre os interesses intrínsecos no fazer científico. Seu objetivo é eliminar traços sexistas e estereotípicos presentes na ciência tradicional, de modo que se pode dizer que essa corrente epistemológica se aproxima do feminismo liberal que tem por meta a erradicação de qualquer meio de discriminação contra as mulheres visando a igualdade entre os gêneros.

As(os) feministas empiricistas acreditam que com uma maior equidade entre mulheres e homens será possível o acesso de um maior número de mulheres aos centros de produção do conhecimento e, a partir daí, um incremento da participação feminina na ciência e, conseqüentemente, sua “desgenerização”. Assim, as(os) seguidoras(es) dessa corrente defendem que não há a possibilidade de uma nova ciência, feminista, no caso em questão, mas apenas um modo diferenciado de fazê-la. Como o empiricismo se alinha à racionalidade e à objetividade, é criticado por não desafiar a natureza do conhecimento nem as bases de construção deste.

Buscando examinar os fundamentos científicos mais a fundo, pode-se recorrer então à corrente epistemológica perspectivista, também conhecida como *feminist standpoint theory* ou ainda, “ponto de vista das mulheres”. Sua premissa básica é o reconhecimento das marcas sociais presentes na construção teórica, ou seja, ela busca a legitimação dos “conhecimentos situados”, visando produzir teorias baseadas nas experiências das mulheres. Por conta dessa proposta de trabalhar a partir do ponto de vista do dominado, no caso em questão, dominadas, já que se trata das mulheres, percebe-se que essa corrente é aliada às ideologias marxistas, tendo ligações diretas com os pensamentos de Hegel, Marx, Engels e Lukacs (HARDING, 1996).

Para as seguidoras desse posicionamento epistemológico, a identidade da(o) pesquisadora(or) é uma importante variável. A relação estabelecida entre pesquisadora(or) e sujeito da pesquisa deve ser explícita para atingir a objetividade, desde que esta seja pensada como o compromisso com os objetivos da pesquisa e não como uma suposta neutralidade frente a tais relações. Em nota no artigo de Donna Haraway sobre saberes localizados, Sandra Azeredo explica que as teorias de perspectiva são

teorias desenvolvidas pelo feminismo a partir da afirmação de que o lugar de onde se vê (e se fala) – a perspectiva – determina nossa visão (e nossa fala) do mundo. Tais teorias tendem a sugerir que a perspectiva dos subjugados representa uma visão privilegiada da realidade. (1995, p. 14).<sup>3</sup>

No entanto, a própria Donna Haraway lembra que os olhares subjugados também devem ser avaliados criticamente, pois coloca: “[...] ver desde baixo é um problema que requer, pelo menos, tanta habilidade com corpos e linguagens, com as mediações da visão, quanto têm as mais ‘altas’ visualizações técnico-científicas”. Por isso a importância de trabalhar com o perspectivismo, e não com o relativismo (no qual toda medida de conhecimento é considerada igualmente válida), pois, “é precisamente na política e na epistemologia das perspectivas parciais que está a possibilidade de uma avaliação crítica objetiva, firme e racional” (1995, p. 23; 24).

Dentro dessa corrente epistemológica, intenta-se, ao máximo, incrementar a objetividade, abrindo mão da neutralidade (inexistente). Espera-se, desse modo, obter mais coerência no processo de investigação e produção científica. Sandra Harding defende o uso da objetividade forte em oposição a uma objetividade débil que não reconhece a parcialidade. A objetividade forte deve ser fiel aos objetivos e objeto da pesquisa, procurando conceituar, e não definir, o objeto de estudo. Originada de uma flexibilidade robusta, a partir de questionamentos sobre o ponto de partida tanto social quanto epistêmico, a objetividade forte visa reconhecer a parcialidade científica.

O perspectivismo nos oferece a possibilidade de não termos que dar conta de tudo, transcender todos os limites (não que isso fosse possível), e sim, de poder respeitar os interesses e particularidades de cada investigação, assim como

---

<sup>3</sup> Nota n. 5 do artigo “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial” redigida por Sandra Azeredo.

de suas(seus) participantes. A proposta de saberes localizados de Donna Haraway pretende, justamente, despertar a responsabilidade sobre o que aprendemos a ver. Aprendendo a ver podemos chegar então, à questão: *quem fala? de onde? e como?*

Entretanto, embora se coadunem com as multiplicidades identitárias tão discutidas na contemporaneidade, os conhecimentos produzidos dentro das premissas do *standpoint* não tendem a considerar tudo igualmente bom, mas sim, a conferir vantagem epistemológica à produção de determinados grupos, como as mulheres, neste caso. A esse respeito Sandra Harding afirma,

O ponto de vista epistemológico feminista é uma posição social interessada (interessada no sentido de comprometida e não marcada), cujas condições outorgam a quem ocupa uma vantagem científica e epistêmica. A subjugação da atividade sensual, concreta e relacional das mulheres lhes permite captar aspectos da natureza e da vida social inacessível às investigações baseadas nas características dos homens (1996, p. 129).

Ou seja, o que se reivindica, através da produção de conhecimento do ponto de vista das mulheres, é uma alternativa ao modo de fazer ciência tradicional, que se pauta em valores androcêntricos, daí a necessidade de se criarem novas bases epistemológicas para que as mulheres possam participar da produção do conhecimento e não apenas fazer parte dele.

No entanto, ao se admitir o interesse pelo grupo social das mulheres, diversas vezes, a epistemologia feminista perspectivista é acusada, por outras linhas, de retornar a um certo essencialismo, tão combatido pelos diversos movimentos feministas no limiar da modernidade. É justamente por essa questão, de como trabalhar as identidades individuais e coletivas que essa corrente recebe críticas, como a de Norma Alarcón, por exemplo:

Há uma tendência nas mais sofisticadas e elaboradas epistemologias do *standpoint* de gênero em afirmar, no primeiro momento, uma identidade formada por representações heterogêneas e heterônomas de gênero, raça, classe e até mesmo de linguagens e culturas, e no próximo em deixar de examinar como aquela identidade pode ser teorizada ou analisada, reconfigurando-se uma subjetividade unificada ou consciência compartilhada através do gênero. A diferença é segurada com uma mão e jogada fora com a outra. (1990, p. 364).

Na esteira desse tipo de considerações, evidenciando a valorização das diferenças entre as mulheres, o grupo de teóricas(os) feministas que se dedicam à teoria do conhecimento pós-estruturalista parece estar mais engajado com a questão, o que, porém, também não lhes poupa críticas. Condenando diretamente o cartesianismo e o universalismo decorrentes do Iluminismo, vigentes na ciência moderna, as teorias pós-modernas trouxeram à tona discussões sobre múltiplas identidades e sobre a legitimidade de fala dos excluídos dos discursos hegemônicos, valorizando as fragmentações e a heterogeneidade.

Essa corrente epistemológica, também conhecida como pós-modernista, surgiu por volta das décadas de oitenta e noventa do século passado através da articulação de ideias de críticas(os) literárias(os), filósofas(os), e seguidoras(es) dos estudos culturais e fílmicos. Baseando-se na construção social da categoria mulheres, das suas experiências e realidades, a corrente pós-estruturalista tem seu foco principal nas relações de poder envolvidas em tais construções sociais. De acordo com Carole McCann e Seung-kyung Kim:

Os feminismos pós-estruturais abordam os dilemas relativos à teorização feminista a partir de uma perspectiva diferente. Os feminismos pós-estruturalistas emergiram, primeiramente, no interior de círculos intelectuais na França. Redimensionando teorias semióticas da linguagem, bem como teorias psicanalíticas da subjetividade, detiveram-se, sobretudo, na teorização dos modos como os discursos culturais e práticas sociais criam formas de organização social, conhecimento, significado, subjetividade e identidade. [...] Na teoria pós-estrutural, a realidade social e a subjetividade humana são constituídas na e pela linguagem. Aquilo que sabemos sobre o mundo e nós mesmos é definido e contestado na linguagem dos discursos historicamente específicos. 'Discursos... são modos de constituir conhecimento, juntamente com práticas sociais, formas de subjetividade e relações de poder inerentes a tal conhecimento'. (Weedon 1997: 105). Jamais podemos compreender o mundo real fora destes âmbitos discursivos. Mas, podemos analisar o processo por meio do qual ordem e coerência são impostas ao mundo mediante os discursos e práticas que inventam um conhecimento acerca do real e do subjetivo. As teorias pós-estruturais fornecem ferramentas para empreender tais análises. (2003, p. 282, tradução nossa).

Daí nosso interesse por tal corrente que, seguindo os pressupostos das teorias do pós-estruturalismo, se baseia no discurso como produtor da realidade social e da subjetividade humana. Além disso, o pensamento pós-estruturalista se aproxima das ideias teóricas feministas no engajamento que ambos têm em

“desmistificar” as relações de poder estabelecidas, em especial nos âmbitos político e filosófico, tidas como absolutas e incontestes. Portanto, as construções científicas também são contestadas dentro do viés pós-moderno, pois há uma negociação para que os valores nessa área sejam re-pensados.

Sharon Crasnow<sup>4</sup> (2004) nos lembra que os valores são intrínsecos à ciência e à nossa forma de pensar o mundo em geral. O que elegemos (valoramos) é parte da construção do modelo e, portanto, também é ciência. Assim, na corrente pós-modernista, a subjetividade, o privado, a emoção, a natureza, pares dicotômicos da objetividade, do público, da razão e da cultura, entre outros, buscam sua legitimação e equidade aos últimos, que são os únicos valorizados na ciência moderna. Desse modo, as mulheres também podem reivindicar seu lugar de fala legitimado dentro dos preceitos contemporâneos.

Os movimentos feministas sempre problematizaram a questão da formação das identidades, tanto coletivas quanto individuais; com a palavra de ordem “o pessoal é político”, questionava-se as colocações vigentes sobre o público e o privado e as relações sociais de gênero possibilitaram novos olhares sobre diferenças sexuais biológicas e distintas construções culturais inscritas nos corpos sexuados. Como, de um modo geral, para os pós-estruturalistas, não existe uma única forma de interpretação, ficando a cargo do investigador explorar as possibilidades de leitura dos dados coletados, percebe-se a emergência da aceitação de alguma subjetividade na produção do conhecimento, fato totalmente renegado na ciência da modernidade.

E as convergências entre os(as) seguidores(as) de uma e/ou outra posição intelectual não param por aí: de acordo com Joan Scott (2003), termos recorrentes nas teorizações feministas como linguagem, discurso, diferença e desconstrução foram apropriados, justamente, dos enunciados pós-estruturalistas. A autora nos lembra, que os postulados de teóricas(os) feministas, assim como dos(as) seguidores(as) do pós-estruturalismo, consideram a linguagem um “sistema designador de sentido”<sup>5</sup>, ou seja, ambos consideram a linguagem em um aspecto significativo e não neutro, sendo que a sua análise é um dos focos centrais dos estudos pós-estruturalistas e deve receber especial atenção das(os) feministas por

---

<sup>4</sup> CRASNOW, Sharon. “*How can science be both feminist and objective? A model-theoretic approach*”. Texto apresentado na “International Association for Women in Philosophy”, Goteborg, Suécia em 17 jun. 2004.

<sup>5</sup> Tradução nossa do original, *meaning-constituting system*.

dar sentido ao desenvolvimento das relações sociais, implicando, no plano simbólico, todas as suas desigualdades e orientações de poder.

Além da linguagem, outro conceito comum ao pós-estruturalismo e às teorizações feministas é o discurso<sup>6</sup>. Embora atualmente “discurso” seja um termo amplamente utilizado nas mais diversas áreas da Filosofia e da Linguagem e haja correntes epistemológicas diversas, podemos dizer que pensadores como Michel Foucault, na Filosofia, por exemplo, contribuíram para o entendimento das formações discursivas como sendo estruturas históricas, sociais e institucionalmente definidas, situadas em campos de força determinados.<sup>7</sup> Na mesma esteira, seguem as ideias relacionadas à diferença.

Considerando a premissa de que um conceito é definido em oposição a outro, implicando assim, obrigatoriamente, sua negação, ponto este defendido pelo lingüista estruturalista Ferdinand de Saussure, percebemos que a dicotomização se faz presente já no processo inicial de conceituação e “entendimento” dos termos. Já, no pós-estruturalismo, com Derrida, por exemplo, tal consideração é ponderada de forma a pensar na hierarquização presente em tal processo, assim como as contestações sobre a produção do conhecimento ocidental de se sustentar em dicotomias passam a ser mais discutidas. Vale lembrar, no entanto, que esse é também um dos principais motes das teorias feministas em geral, que buscam desconstruir os saberes tradicionalmente pautados em oposições binárias.

A desconstrução é mais um conceito elaborado pelo pós-estruturalismo e amplamente utilizado em diversas áreas, inclusive as teóricas feministas. Ela é exercida adequadamente para desconstruir e criticar os binarismos instituídos, buscando vislumbrar a construção (não natural) desses e, também, demonstrar os contextos sócio-históricos em que foram constituídos. Deleuze demonstra tal falácia

---

<sup>6</sup> De acordo com o Dicionário Houaiss, *discurso* é uma série de enunciados significativos que expressam formalmente a maneira de pensar e de agir e/ou as circunstâncias identificadas com um certo assunto, meio ou grupo. Já para Bakhtin (1998, p. 225) o “discurso não reflete uma situação, ele é uma situação. Ele é uma enunciação que torna possível considerar a performance da voz que o anuncia e o contexto social em que é anunciado”. Logo, em termos gerais, o discurso pode ser entendido como o uso da linguagem em um contexto específico, sendo influenciado por formações ideológicas, e, também, como o meio para a materialização dessas.

<sup>7</sup> Mais adiante, continuaremos com as discussões sobre discurso, poder e linguagem. Por ora, basta sugerir que para melhores especulações sobre o tema consulte-se: FOUCAULT (2007) e SCOTT (2003).

ao usar *pharmacon* que, a depender do contexto, significa remédio ou veneno, desconstruindo o binarismo e a valorização de palavras.

Segundo Joan Scott, a desconstrução é

[...] um importante exercício, já que nos permite pôr em questão o modo como as idéias que pretendemos usar são, habitualmente, expressas e exibidas em padrões de significado que podem minar os fins que tencionamos atingir. Um exemplo disso – de sentido expresso de uma maneira politicamente derrotista – é o debate (igualdade *versus* diferença) empreendido pelas feministas. Aqui, uma oposição binária para oferecer às feministas a escolha ou de endossar (igualdade) ou a sua suposta antítese (diferença). De fato, a própria antítese oculta a interdependência de dois termos, pois a igualdade não é a eliminação da diferença, e a diferença tampouco exclui a igualdade. (2003, p. 381, tradução nossa).

Essa colocação nos remete aos pensamentos da cientista social brasileira Heleieth Saffioti (1994) que considera que o par da diferença é a identidade, enquanto a igualdade, segundo ela um conceito de ordem política, é o par da desigualdade. Tanto as diferenças quanto as identidades são salutares na opinião da autora, desde que sejam respeitadas enquanto tais. Se, por um tempo, foi necessário argumentar a favor da igualdade, compreendendo as mulheres em um polo e os homens em outro, para que se efetivassem alguns avanços no campo das lutas políticas pela equidade entre gêneros, posteriormente, se percebeu que as diferenças não podem ser deixadas de lado, tampouco diminuídas.

A valorização das diferenças não apenas entre homens e mulheres, mas também entre as próprias mulheres, nos leva à negação de qualquer tipo de naturalização, atitude indubitavelmente adversa aos ideais feministas. Sendo que, considerando a ponderação de Joan Scott acima citada, parece-nos possível não ser necessário optar por um ou outro, já que, no debate, igualdade e diferença não excluem um ao outro. Essa é a idéia defendida também por Heleieth Saffioti, que complementa,

Efetivamente, tomando-se distância do androcentrismo, pode-se pensar os seres humanos como portadores de necessidades, interesses e aspirações diferentes, cuja satisfação pode mais facilmente ocorrer se as categorias de gênero mantiverem relações simétricas. Isto é, não só a diferença não precisa ser suprimida como pode ser cultivada, quando a igualdade constitui o pano de fundo, o elemento fundamental, a argamassa das relações de gênero. (1994, p. 153).

Nesse sentido, retornando à discussão sobre o feminismo pós-estruturalista, notamos que, tanto os empreendimentos das teorias do pós-estruturalismo quanto das feministas, criticam o cartesianismo habitual na ciência, que utiliza dicotomias excludentes para forjar apreciações científicas, sendo que, especificamente no viés feminista, a própria pluralidade dos movimentos (feministas) refuta a divisão em pares, já que é fundamentada na diversidade das posições e nas condições distintas que as mulheres ocupam na sociedade, e se justifica pela possibilidade de promover diálogos frutíferos a fim de aproximar, mas não unificar, os diferentes posicionamentos políticos e sociais dando força ao movimento como um todo; daí a interessante aproximação entre as ideias pós-estruturalistas e feministas.

Porém, é importante destacar que, apesar de considerarmos a concretização de teorias feministas e de críticas feministas à ciência, concordamos com Londa Schienbinger quando ela considera que a ciência não passa a ser feminina, ou mesmo feminista, quando está engajada com tais ideais. Ou seja, que não existe uma outra ciência praticada por mulheres, mas talvez, um modo diferente de fazer ciência, o que também pode ser compartilhado por homens que buscam modos diferentes de fazer científico. Como a autora nos lembra:

Existem, por certo, métodos alternativos de conduzir pesquisa, mas eles não estão diretamente relacionados a sexo ou a traços supostamente femininos. Em muitas instâncias o feminismo avançou através do uso de métodos-padrão de estudo. (2001, p. 29).

Assim, embora compartilhem alguns pressupostos das epistemologias feministas em voga acima apresentadas, em especial sua vertente pós-estruturalista, julgamos ser mais apropriado falar em um uso feminista do pós-estruturalismo já estabelecido e amplamente conhecido ou, então, em uma crítica feminista à ciência.

No entanto, não podemos deixar de considerar a contribuição que o desenvolvimento de teorias feministas tem proporcionado. Apesar de ser relativamente recente e decorrente, predominantemente, da atuação política das mulheres ao longo dos tempos, os movimentos feministas, através de suas articulações políticas e sociais, conseguiram transformar alguns padrões culturais, em maior ou menor medida, a depender do grupo analisado, fazendo com que tais mudanças influenciassem também no fazer científico. Não apenas o aumento no

ingresso de mulheres à Academia, mas também a visibilidade dessa categoria social enquanto objeto de pesquisa podem ser atribuídos, de certo modo, às mudanças culturais operadas pelo feminismo nas sociedades.

Porém, devemos atentar que a presença de um número expressivo de mulheres na Academia não necessariamente espelhe um maior engajamento com as causas feministas, pois, a simples presença de representantes de tal categoria pode ser vista tanto como estímulo a outras mulheres, mostrando que tal ingresso é possível, como também, como um alento para que se perceba que mudanças são possíveis, visto que, até, aproximadamente, um século atrás, as mulheres eram proibidas de frequentar universidades e, atualmente, compõem a maioria dos(as) estudantes de graduação<sup>8</sup>.

É importante, no entanto, ressaltar que a presença de mulheres nos mais variados cursos universitários, não significa o acesso igualitário ao “poder” relacionado ao saber científico. Há ainda, ao menos no senso comum, grande discrepância de valoração social entre cursos da área de exatas, considerados predominantemente masculinos, como Física, Matemática e as Engenharias, e aqueles da área de humanas, como Letras e Ciências Sociais, dentre outros, associados ao feminino, que seriam profissões para o perfil da mulher. Os primeiros, usualmente, são vistos como “mais racionais”, enquanto os segundos são considerados “mais sensibilizadores”, fazendo-se notar, mais uma vez, a clássica dicotomização entre masculino e feminino, sendo o primeiro o polo positivo atrelado à razão em contraste com o negativo, relacionado ao afetivo e à sensibilidade.

Além disso, percebemos que os cargos de chefia e liderança dentro das universidades são majoritariamente ocupados por homens, ou seja, apesar de as mulheres serem maioria entre as discentes, o acesso aos cargos considerados de maior prestígio na Academia ainda são predominantemente “masculinos”, sendo que um dos motivos usualmente citados para justificar tal “característica” é que os homens tendem a atingir suas metas profissionais na Academia mais cedo, pois eles precisam se distinguir e essa distinção é conquistada, muitas vezes, por meio de cargos burocráticos que detêm poder. Já em relação às mulheres, são vários os elementos que aparecem, especialmente em sociedades mais tradicionais, onde é possível observar a abdicação em favor do poder do homem, através da

---

<sup>8</sup> Para maiores informações sobre a proporção de homens e mulheres nos cursos superiores no Brasil, ver: OSADA; COSTA, 2006, p. 279-299.

preponderância de cuidados com o lar e a família em detrimento do desenvolvimento profissional pessoal.

Desse modo, podemos observar que ainda vigora certa dificuldade para as mulheres conjugarem vida profissional e pessoal, o que, certamente, não se restringe ao âmbito acadêmico. Tal complexidade é, por certo, decorrente da desigualdade nas relações sociais de gênero, presente nas mais distintas sociedades contemporâneas, que reflete o jogo das relações de poder constitutivas das assimetrias entre mulheres e homens, pois, como diz Robert Connell, “no gênero, a prática social se dirige aos corpos” (1995, p. 189).

Interessa-nos destacar a condição social e relacional característica ao conceito de gênero, já que este termo foi cunhado justamente para dar conta do caráter social do feminino e do masculino em sua interrelação. Retomamos a já citada idéia de Londa Schienbinger, em que ela esclarece que “gênero denota relações de poder entre os sexos e refere-se tanto a homens quanto a mulheres” (2001, p. 32) para enfatizar que não podemos dissociar as reflexões sobre as construções sociais implícitas às mulheres das dos homens, e vice-versa, assim como, também não podemos deixar de apreciar as nuances particulares que tais relações sociais adquirem ao serem defrontadas com outras marcas sociais como raça, etnia, classe, geração, entre outras.

A riqueza do conceito de gênero reside justamente em entendê-lo, como aponta Guacira Louro, enquanto “constituente da identidade dos sujeitos”. Considerando a multiplicidade e a pluralidade das identidades na contemporaneidade, colocar “o gênero” como essencial à formação da identidade social não exclui sua transversalidade junto a outras categorias analíticas que também “fazem parte do sujeito” (1997, p. 24).

Continuando a leitura de Guacira Louro, ela explica,

Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições ‘fabricam’ os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são ‘generificados’ – produzem-se, ou ‘engendram-se’, a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.). (1997, p. 25).

Ou seja, o gênero está presente em uma “via de mão dupla”, visto que pode ser percebido nas estruturas e instituições que moldam os sujeitos, assim como é influenciado por essas mesmas estruturas e instituições. Porém, com a fragmentação das identidades no mundo atual, observamos que essa mútua persuasão é inerente a diversos elementos identitários em permanente intersecção, sendo que uns se sobressaem aos outros, a depender do contexto em que o sujeito se encontra.

A propósito da interseccionalidade das categorias aqui abordadas, é interessante trazer a lume a definição de Kimberlé Crenshaw, na qual ela pontua:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual racismo, patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (2002, p. 177).

Nessa acepção, verificamos a intencionalidade de realçar a articulação entre as diversas categorias constituintes das identidades sociais que favorecem a manutenção de relações assimétricas, colocando as mulheres, nas suas mais variadas condições, sempre em posição de subalternidade. Isso nos é particularmente interessante, visto que nosso trabalho aborda enfaticamente mulheres marcadas para além do gênero, por sua nacionalidade (brasileira), sua classe (popular) e suas atividades profissionais (prostitutas), além da questão racial (já que a maioria delas é negra ou mestiça). Assim, buscamos esclarecer que apesar de destacarmos, de modo especial, a questão de gênero, não deixamos de pensá-la em consonância com os demais eixos de marca/subordinação, já que concordamos com Stuart Hall em sua afirmação: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (2004, p. 13).

Se partirmos para considerações sobre a realidade social em que vivemos na contemporaneidade, não podemos deixar de refletir sobre o modelo capitalista que rege as relações em todo Ocidente, não sendo possível ignorá-lo, ao pensarmos

nas relações sociais de gênero. Embora consideremos as formações discursivas e lingüísticas centrais nessa questão, o capitalismo não deixa de ser fundamental, uma vez que as relações sociais e, conseqüentemente, os acessos à produção do discurso são permeados pelas questões de classe e pelo discurso dominante.

Tendo em mente que o sistema capitalista não promoveu melhores condições às mulheres, como alguns acreditam, a cientista social Heleieth Saffioti<sup>9</sup> defende que tal modo de produção mantém a mulher na subalternidade e facilita sua exploração. A autora lembra que a constituição sexual é também fundamental nesse processo, dizendo: “a explicação da situação da mulher na sociedade capitalista é encontrável através da análise das relações entre o fator natural sexo e as determinações essenciais do modo de produção capitalista” (1976, p. 367). Desse modo, a teórica brasileira nos conduz à idéia de que as diferenças biológicas, sem essencializá-las, não são a causa das disparidades entre homens e mulheres, mas o meio para a discriminação das últimas.

O modo capitalista de produção não faz apenas explicitar a natureza dos fatores que promovem a divisão da sociedade em classes sociais. Lança mão da tradição para justificar a marginalização efetiva ou potencial de certos setores da população do sistema produtivo de bens e serviços. Assim é que o sexo, fator de há muito selecionado como fonte de inferiorização social da mulher, passa a intervir, de modo positivo para a atualização da sociedade competitiva, na constituição das classes sociais. A elaboração social do fator natural sexo, enquanto determinação comum que é, assume, na nova sociedade, uma feição inédita e determinada pelo sistema de produção social. (1976, p. 35).

Considerando as ponderações de Marx e Engels sobre os antagonismos entre as classes sociais e entre a divisão sexual do trabalho, e tendo o materialismo histórico como método de análise, Heleieth Saffioti se sente confortável para afirmar que patriarcado e capitalismo são duas faces de um mesmo sistema. Os possíveis antagonismos considerados não devem ser sobrepostos uns aos outros, mas sim entrelaçados, considerados nas relações sociais entre os sujeitos, o que nos faz voltar à idéia de que às mulheres são imputadas dificuldades para ingressar no

---

<sup>9</sup> Priorizamos as ponderações de Heleieth Saffioti sobre a articulação gênero-capitalismo porque, além de considerarmos de grande valor teórico, julgamos interessante tomar por base, para nossa discussão, estudos desenvolvidos no Brasil a fim de dialogar mais intimamente com a nossa própria realidade.

mercado de trabalho e que, quando lá conseguem aportar, são discriminadas, já que a ordem patriarcal se articula ao capitalismo.

Ao pensarmos que o direito patriarcal é constante não apenas nas relações da sociedade civil, mas está também impregnado no Estado, concordamos com Heleieth Saffioti quando ela nos lembra que o patriarcado é uma forma de expressão do poder político e, que é desde o contrato original que a diferença sexual é convertida em diferença política, donde se desmantela a separação entre público e privado. A propósito do uso do termo patriarcado, a autora justifica sua escolha afirmando que,

o patriarcado ou ordem patriarcal de gênero, como vem explícito em seu nome, só se aplica a uma fase histórica, não tendo a pretensão da generalidade nem da neutralidade, e deixa propositadamente explícito o vetor da dominação-exploração [...] É por conseguinte um conceito de ordem política. (2004, p. 44).

Sabemos que o patriarcado é um sistema que não atua sozinho através das instituições, mas, certamente, garante a subordinação das mulheres. Para elucidar essa articulação, é útil trazer o conceito antroponômico que, segundo Danièle Combes e Monique Haicault,

restabelece a unidade da produção dos bens e dos seres humanos, tentando fundamentar a análise das formas sociais de reprodução nas relações sociais de produção, e apreender a sua evolução, em sua articulação com formas de desenvolvimento do capitalismo. (1987, p. 33).

Lembramos que a divisão sexual do trabalho opera tanto nas relações de produção, quanto nas de reprodução e que, ainda que a segunda seja subordinada à primeira, ambas merecem o mesmo estatuto teórico.

Pensando nesse sentido, Heleieth Saffioti considera que o processo de dominação só pode se estabelecer em uma relação social e que para os dominadores manterem sua posição devem preservar seus subordinados: assim, fica claro que a dominação presume subordinação. Então, se a dominação “explica” a subordinação e se dá no campo social, a autora utiliza o composto dominação–exploração ou exploração–dominação para explicitar a preponderância masculina em relação às mulheres: “usa-se o conceito de dominação-exploração ou

exploração-dominação, porque se concebe o processo de sujeição de uma categoria social com duas dimensões: a da dominação e a da exploração” (SAFFIOTI, 2002, p. 4), evitando-se assim a bipartição de uma realidade que é *una*, lembrando, ainda, que dominação e exploração não são processos distintos, mas sim, dimensões complementares de um mesmo processo.

Aqui, podemos, inclusive, pensar em um diálogo com a idéia de Catherine MacKinnon, quando ela refere que:

O feminismo pensa a sexualidade da mesma forma que o marxismo pensa o trabalho: como uma atividade construída e, ao mesmo tempo, construtora, universal, mas historicamente específica, composta da união entre matéria e mente. Da mesma maneira que a expropriação organizada do trabalho de alguns em benefício de outros define uma classe – os trabalhadores –, a expropriação organizada da sexualidade de alguns para o uso de outros define o sexo, mulheres. A heterossexualidade é sua estrutura, gênero e família suas formas fixas, os papéis sexuais suas qualidades generalizadas à ‘persona’ social, a reprodução uma consequência e o controle seu resultado. (1987, p. 2).

Ou seja, podemos pensar, sim, em ambas as categorias, classe e gênero, articuladas em um mesmo processo, já que operam de modo muito semelhante em esferas diferentes, porém, em um mesmo contexto histórico/social.

Após refletirmos sobre as condições de exploração-subordinação a que as mulheres são submetidas na sociedade ocidental contemporânea, voltamos à discussão de gênero, ainda com Heleieth Saffioti, a fim de ressaltar mais alguns aspectos particulares a esse conceito. Diz a autora:

Gênero diz respeito às representações do masculino e do feminino, a imagens construídas pela sociedade a propósito do masculino e do feminino, estando estas inter-relacionadas. Ou seja, como pensar o masculino sem evocar o feminino? Parece impossível, mesmo quando se projeta uma sociedade não ideologizada por dicotomias, por oposições simples, mas em que masculino e feminino são apenas diferentes. (2004, p. 117).

A idéia de representação e imagens construídas socialmente sobre o masculino e o feminino é por nós estimada, já que destaca o caráter simbólico da criação e dos papéis sociais adequados a homens e mulheres, remetendo ao plano do simbólico e do *habitus* cultural que envolve o meio e o corpo sexuado. Vale salientar, ainda, que, apesar de poder incluir o sexo, o gênero não mantém relação

direta com a sexualidade, sendo oportuno elucidar tal distinção, lembrando que tanto a identidade de gênero, como a identidade sexual são construídas.

Devemos compreender a sexualidade como um constructo histórico, de acordo com Jeffrey Weeks, de quem destacamos as seguintes ponderações:

Embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. [...] A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginações quanto com nosso corpo físico. (1999, p. 38).

Nesse sentido, procuramos esclarecer que temos em conta o caráter cultural impresso também na sexualidade, assim como nas relações sociais de gênero. Apesar de uma aproximação com o corpo biológico, há algum tempo, as noções essencialistas que tomavam as manifestações sexuais como “dadas” começaram a ser refutadas, a fim de dar espaço às considerações apoiadas no construcionismo social para o entendimento das sexualidades contemporâneas. Sendo que, em geral, perspectivas históricas, identitárias e de relações de poder têm sido centrais no campo teórico da sexualidade.

Não poderíamos adentrar essa discussão sem citar o autor da *História da sexualidade*, Michel Foucault, para quem o corpo é lugar prático direto de controle social. Tido como referência entre estudiosos das mais diversas disciplinas que se dedicam a construções teóricas sobre a sexualidade, o filósofo francês afirma sobre a produção:

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber, tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não a realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (2005, p. 100).

Dirige-se o autor tanto àqueles que insistem em considerar o biológico como central à sexualidade quanto àqueles que, de certo modo, colocaram a sexualidade em um “domínio privilegiado do conhecimento”, criando a importância

atribuída ao comportamento sexual nos dias atuais. Além disso, ao abordar a rede em que a sexualidade está intrincada, destaca o emaranhamento desta com os meios pelos quais o poder se expressa na sociedade ocidental, de cujas manifestações é difícil dissociá-la, pois, além do caráter diretamente relacionado ao gênero, em que o poder pode ser apreciado na definição da sexualidade feminina em função da masculina, os discursos articulados por instituições normativas, impregnados de poder, regulam também as formas de lidarmos com nossas próprias sexualidades.

Sabemos, no entanto, que além das análises empreendidas por Michel Foucault, a idéia da sexualidade enquanto construção social se baseia também em outras esferas intelectuais. Como aponta Jeffrey Weeks (1999), podemos identificar influências de pesquisadores(as) das Ciências Sociais, que passaram a evidenciar e discutir formas alternativas de vivenciar a sexualidade baseadas em estudos de formações culturais distintas da nossa (ocidental) e, além deles(as), o amplo alcance das teorias freudianas que tornaram o “inconsciente dinâmico” central nas considerações psicanalíticas sobre a manifestação e repressão de desejos, com interferência direta na abordagem da sexualidade.

O autor nos lembra, ainda, da pujança da “nova história social”, através da qual os(as) historiadores(as) iniciaram o resgate de temas até então menos explorados nessa disciplina, como gênero e sexualidade, por exemplo, como também puderam trazer reflexões sobre a “fixidez” das categorias relacionadas a esses conceitos. Por fim, acrescenta o crescente crédito alcançado por “novas políticas acerca da sexualidade”, entre as quais ele relaciona os movimentos LGBT’s e feministas, dentre outros, que visam desestabilizar a ordem vigente de dominância masculina heterossexual.

Essa breve exposição demonstra não apenas os meios pelos quais a sexualidade vem sendo trabalhada, mas também, visa expor o quanto essa questão vem se articulando às mais diversas áreas do conhecimento, tornando-se cada dia mais central às discussões sobre a Humanidade, de um modo geral, sendo, inclusive, identificada por alguns, como o cerne da natureza da sociedade. No entanto, devemos deixar claro que os debates acerca da sexualidade não se restringem ao seu exercício nas relações de reprodução entre homens e mulheres, mas englobam questões concernentes a padrões não heterossexuais, família,

geração, dentre outros assuntos que se ligam às diversas maneiras de vivenciar a sexualidade na contemporaneidade.

Porém, para pensarmos nas vivências sexuais atuais, é interessante lembrar que, até hoje, a heterossexualidade é normativa, apesar dos grandes avanços alcançados na área jurídica, em estudos psicossociais etc. O *statu quo* mantém a idéia de que o normal é a plena correspondência entre o corpo, a identidade de gênero e a sexualidade, “institucionalização da heterossexualidade” datada do século XIX, quando se tornou necessário “tachar” o anormal e, assim, conseqüentemente foi definida a normalidade, mas, parece que sua vigência só passou a ser incisivamente discutida desde a Modernidade e atacada, com a “recente” ascensão dos estudos sobre sexualidade e dos movimentos sociais tais quais LGBTs, aliados aos demais grupos teóricos e políticos (como os feministas, por exemplo) que visam discutir a repressão baseada no sexo. Quanto a isso, é válido trazer uma breve citação de Michel Foucault.

A história da sexualidade, se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supões duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos de repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; ter-se-iam eliminado em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças. (2005, p. 109).

Embora o próprio autor faça restrições à esquematização simplesmente cronológica das técnicas (repressivas), pois devemos considerar a cronologia de difusão e de seus efeitos, vale a síntese proposta pelo filósofo francês apenas para dar conta das mudanças na influência repressiva junto à sexualidade, nos últimos séculos. Com isso, entendemos que, apesar de ainda inibida, há uma maior liberdade para “escolhas” referentes a identidades sexuais e, lembrando mais uma vez o caráter cultural, mediado pela linguagem, das identidades sociais, dentre as quais se configura a sexual, tornamos a pontuar sua qualidade dinâmica e plural, não sendo possível considerá-la definitiva.

Deste modo, concordamos com Jeffrey Weeks, quando distingue que,

pode ser argumentado que sentimentos e desejos sexuais são uma coisa, enquanto que a aceitação de uma posição social particular e um organizado senso de si – isto é, uma identidade – é outra. Não existe nenhuma conexão necessária entre comportamento e identidade sexual (1999, p. 72).

Porque a assunção de uma identidade não é diretamente relacionada às práticas sexuais que uma pessoa vivencia, pois o sexo não determina a identidade sexual. O mesmo autor explana em outro trecho:

Sentimentos e desejos podem estar profundamente entranhados e podem estruturar as possibilidades individuais. As identidades, entretanto, podem ser escolhidas, e no mundo moderno, com sua preocupação com a sexualidade ‘verdadeira’, a escolha é muitas vezes altamente política. (WEEKS, 1999, p. 73).

Como podemos depreender das citações acima, a identidade sexual está mais para o que se quer assumir, do que para o que realmente vivenciamos, e desse modo, pode-se afirmar que, assim como o gênero, a sexualidade tem seu principal aporte nas formações discursivas. O discurso é o meio pelo qual o poder se manifesta nas relações sociais, favorecendo alguns grupos em detrimento de outros e, em função disso, com o fim de aprofundar um pouco mais essa questão, recorreremos à Análise de Discurso Crítica (ADC) para melhor entender tal operacionalização.

A Análise de Discurso Crítica é uma área de pesquisa com trânsito interdisciplinar, na qual os estudos das linguagens nas sociedades contemporâneas dialogam diretamente com as Ciências Sociais, com a Psicologia, com os Estudos Culturais, entre outras. Esse intercâmbio assumido com outras disciplinas é que caracteriza a ADC, distinguindo-a das demais abordagens que, assim como ela, descendem dos estudos de Linguística Crítica. Enquanto Saussure é considerado um dos pioneiros da Linguística, por ter proposto o estudo sincrônico da língua, que focava no instante da enunciação, em oposição aos estudos até então praticados, os diacrônicos, que buscavam as explicações no desenvolvimento de determinados elementos linguísticos ao longo do tempo, Valentin Voloshinov talvez tenha sido o

primeiro teórico dessa área a apontar para a direção da ADC. O lingüista russo, ainda na primeira metade do século XX, já propunha que:

a ideologia não pode ser divorciada da realidade material do signo; os signos não podem ser divorciados das formas concretas da interação social (sendo o signo parte da interação social organizada, não pode existir fora dela); As comunicações e as formas de comunicação não podem ser divorciadas das bases materiais. (VOLOSHINOV, 1973, p. 21).

Embora sejam apontadas algumas lacunas na sua teoria, trazer a lume a discussão sobre a ideologia e as interações sociais imbricadas na linguagem, certamente, foi uma valiosa contribuição para os desdobramentos posteriores que resultaram na sociolinguística e na ADC. Como já referido, nosso enfoque é voltado para a linha de pesquisa anglossaxônica, que tem entre seus principais estudiosos Norman Fairclough, Teun van Dijk, Malcolm Coulthard, entre outros(as).

Norman Fairclough, por exemplo, defende que a proposta da ADC é prover base científica para questionamentos críticos da vida social em termos políticos e morais, ou seja, de justiça social e de poder. Partindo da consideração da linguagem como prática social, esses estudiosos vêem o discurso como modo de ação e, também, de representação, além de levarem em conta, em suas análises, a dialética entre a prática social e a estrutura social, sendo a última considerada tanto uma condição quanto um efeito da primeira. A proposta é de uma visão tridimensional do discurso, ou seja, reúne três dimensões analíticas indispensáveis à análise do discurso.

Essas são a tradição de análise textual e lingüística [...], a tradição macrosociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microsociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados [...]. A parte do procedimento que trata da análise textual pode ser denominada 'descrição', e as partes que tratam da análise da prática discursiva e da análise da prática social da qual o discurso faz parte podem ser denominadas 'interpretação'. (2008, p. 101).

Ou seja, o caráter tridimensional proposto pelo teórico britânico visa abranger as dimensões do discurso enquanto texto (oral ou escrito) e seu caráter "formal" de relação e significado de construções discursivas no plano simbólico, do

discurso enquanto interação entre pessoas, do discurso enquanto ação social e as indissociáveis ligações entre tais dimensões.

“A abordagem metodológica da ADC tem também três dimensões: a descrição do texto, a interpretação da interação e a explicação de como as duas primeiras dimensões estão inseridas na ação social”, segundo Carmen Rosa Caldas-Coulthard (2008, p. 32). Entretanto, é importante ressaltar que questões de texto e de significado são indissociáveis, pois a proposta da ADC é justamente a de sempre analisar o discurso como um todo, em que cada aspecto é intimamente inter-relacionado aos demais, a fim de desvelar as relações de poder contidas na linguagem.

O teórico holandês Teun van Dijk, que tem se dedicado ao campo da cognição e discurso e à ADC, defende que, devido ao uso indiscriminado do termo “Análise Crítica de Discurso”, deveríamos utilizar “Estudos Críticos de Discurso” (ECD), já que a primeira denominação pode remeter a idéias relacionadas a um método de análise, enquanto “os ECD usam qualquer tipo de método que seja relevante para os objetivos dos seus projetos de pesquisa e tais métodos, são, em grande parte, aqueles utilizados em estudos de discurso em geral” (2008, p. 10). Apesar da sugestão de modificação da nomenclatura, a direção de Teun van Dijk é a mesma de outros estudiosos da corrente anglossaxônica da ADC: examinar e explicitar a “reprodução discursiva de abuso do poder”.

Para os fins aqui propostos, é interessante pontuar que o discurso opera tanto na construção das identidades sociais como nas relações sociais e, ainda, na construção do conhecimento. Para Norman Fairclough, esses três efeitos constitutivos do discurso se articulam a três funções da linguagem e aos sentidos que interagem nos discursos. Explicando tal vínculo, resume:

[...] denominarei as funções da linguagem ‘identitária’, ‘relacional’ e ‘ideacional’. A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações. (2008, p. 92).

Tendo tais premissas em vista, o autor afirma, ainda: “O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo,

constituindo e construindo o mundo em significado” (2008, p. 91) e complementa que “a prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade [...] como é, mas também contribui para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 92).

É nesse sentido que buscamos a ADC como suporte para trabalhar com as reiterações discursivas trazidas pelos diretores e produtores cinematográficos no filme *Olhar Estrangeiro*, assim como, também, para investigar os discursos das prostitutas que se envolvem com turistas, a fim de que possamos desvelar algumas das assimetrias de poder manifestadas em tais formações discursivas que favorecem a manutenção das disparidades de gênero.

Essa forma de ver a linguagem constituindo, e não apenas expressando, significados no plano simbólico não é algo exatamente novo. É, ao contrário, característica da corrente de pensamento pós-estruturalista e, em especial, da ponderação levada a efeito por Michel Foucault (2003), que dedica boa parte de seus estudos às interrelações entre poder e discurso. A referência ao pensador francês é importante, porquanto coube a ele considerar o poder como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente constituídas em campos sociais de força. Sendo que as teorias *foucaultianas* consideram que o discurso é regido por princípios de exclusão e interdição, destacando o autor que,

[...] em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar. (FOUCAULT, 2007, p. 10).

A exposição de Michel Foucault deixa clara a importância de trazer a lume considerações que dissertam sobre as relações de poder implícitas nos discursos sobre a sexualidade, pois não é apenas naquilo que é manifestado, mas também no que é oculto que podemos visualizar a direção dos vetores de poder. Voltando à Análise de Discurso Crítica, lembramos que sua principal diferença em relação às

análises de discurso “tradicionais” é justamente a de “criticar”, de modo a prover mudanças sociais, as relações de poder contidas nos discursos, através da decupagem das construções discursivas com a intenção de relacioná-las à ideologia.

Teun van Dijk pontua:

Além do mais, os ECD não estão meramente interessados em qualquer tipo de poder, mas especificamente se concentram no *abuso* de poder, isto é, nas formas de dominação que resultam em desigualdade e injustiças sociais. (2008, p. 10).

Essa ênfase da ADC na questão do poder é de grande interesse para nós, por percebermos que ela se aproxima dos pressupostos da teoria feminista, pela identificação da não neutralidade do gerador do discurso, e também, de quem o analisa, além de ter como objetivo a modificação das relações de poder vigentes. De certo modo, a ADC também se relaciona com as proposições acerca do conceito de gênero, considerando-o como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1990, p. 14). Lembrando que a linguagem é um instrumento, e considerando-a não como meio, natural ou transparente, da coisa que nomeia, mas, sim, como construção cultural, é possível inferir que a articulação de formações discursivas se acha eivada de valores, inclusive referentes às relações de gênero, que não devem ser reduzidos por interpretações superficiais.

Considerando que a realidade não muda, mas, sim, a forma como é lida pela cultura e linguagem, acreditamos que, através da Análise de Discurso Crítica, seja possível oferecer novas formas de ler a realidade, buscando clarificar as ideologias e valores vigentes nos discursos articulados e interessados. Todos os indivíduos vivem imersos em sistemas culturais estruturados a partir de códigos simbólicos e de normas que, de algum modo, regulam as práticas sociais. Dentre os códigos simbólicos que estruturam as culturas e sociedades, a linguagem recebe merecido realce.

A propósito dessa articulação entre os códigos simbólico e normativo, evidenciando-se a linguagem, Ivia Alves destaca que, “no interior de qualquer formação cultural, as camadas dirigentes se valem de diversas formas discursivas e as transformam em ideologia para assegurar o seu domínio sobre grande parte da

população” (ALVES, 2005, p. 29). É justamente pensando nas relações entre “classes” ou no domínio exercido por camadas dirigentes que se pensa o poder, e é através da ADC e das condições de produção que se vai analisar o dito e a hegemonia, pois não trabalhamos com a noção de relações pessoais, mas, sim, de relações sociais.

O poder é um instrumento utilizado por grupos sobre grupos, ininterruptamente e de várias formas, o que faz com que seu uso pessoal (decorrente das condições sociais mais amplas) os insira e os envolva em tais circunstâncias. Concordamos com Carmen Rosa Caldas-Coulthard quando afirma que

O ato de usar a língua envolve escolhas do que se falar (e até do que não se falar) e estas escolhas nunca são neutras, já que estão relacionadas às nossas identidades sociais e aos vários grupos culturais, étnicos, religiosos aos quais nos associamos, assim como ao nosso enquadramento nas ideologias específicas. (2008, p. 31).

Refletindo sobre o apoio discursivo à operação de ideologias, somos levados a ponderações que consideram que “todas as ideologias (incluindo as científicas) englobam uma (re)construção da realidade social dependente de interesses” (VAN DIJK, 2008, p. 48). Já que, como colocamos anteriormente, o discurso é parte inerente da construção da realidade social, sua imbricação com os processos ideológicos é inegável e merece tratamento especial por parte de todos(as) que pretendam elucidar questões que envolvem jogos de interesses e poderes sociais.

Tendo como direção o marxismo, podemos considerar que a ideologia dominante é aquela dos que controlam os meios de reprodução ideológica (práticas socioeconômicas, políticas, culturais), sendo que os dominados poderiam desenvolver uma “falsa consciência” de sua situação, agindo de acordo com a vontade dos dominantes, e aqueles que já se encontram no poder tenderiam a manter sua ideologia velada a fim de transparecer certa naturalidade ou neutralidade nos processos por eles desencadeados.

Essa é a situação que temos observado nas relações de gênero ainda usuais na maioria das sociedades ocidentais contemporâneas. A dominação masculina é exercida de modo “naturalizado”, enquanto as mulheres, de modo geral, contribuem para que as assimetrias sejam mantidas, ocupando posições

subalternas, sem que percebam (ou tenham consciência de) sua posição passiva. Sabemos que o acesso aos meios de produção do discurso é restrito aos que detêm maior poder social, sendo que, aos mesmos grupos, cabe o controle dos meios de distribuição (em especial, os meios de comunicação massivos) e, de certo modo, ainda a eles é identificada grande influência nos discursos públicos.

No viés aqui abordado sobre as relações sociais de gênero, é interessante destacar que o poder social se refere à relação entre homens e mulheres, ou seja, entre os grupos sociais e não entre indivíduos específicos. Além disso, de acordo com Teun van Dijk, “as relações de poder social manifestam-se, tipicamente, na interação” (2008, p. 42), o que também caracteriza a idéia de gênero trabalhada nesta tese, cujo caráter relacional, de interação entre homens e mulheres, é fundamental para sua compreensão. Ainda seguindo os pressupostos do autor acima citado quanto ao exercício do poder social, podemos notar, resumidamente, que, em geral:

- seu uso por um grupo implica a limitação da liberdade social de outro;
- o seu exercício atende aos interesses diretos daqueles que o praticam;
- ele age de modo indireto, por meio “mental”, sendo que, para tal ação, deve haver observação e interpretação das ações sociais dos “controlados” a fim de obter conhecimento sobre as expectativas e valores desses; e, finalmente,
- sua manutenção pressupõe uma estrutura ideológica.

É justamente pensando na forma como esse poder é articulado e mantido através de ideologias que John Thompson (1995), por sua vez, irá propor cinco modos gerais de operação da ideologia.

O primeiro é a **legitimação**, que se baseia nas estratégias de construção simbólica da *racionalização*, da *universalização* e da *narrativização*. Buscando legitimar as ideologias contidas nos discursos, recorre-se à *racionalização* que se fundamenta em regras já dadas para justificar as relações em questão; já a *universalização* se utiliza de representações parciais aplicadas como referentes ao todo; a *narrativização*, por sua vez, recorre a narrativas históricas como meio de justificação de relações presentes.

Esse primeiro modo de legitimação da ideologia é facilmente vislumbrado nas construções e disseminações do imaginário social do Brasil, como veremos mais adiante.

O segundo modo de operacionalização de ideologias proposto por John Thompson se refere à **dissimulação**, que pode ser simbolicamente construída pela estratégia de *deslocamento*, que ocorre quando termos são recontextualizados de um campo para outro sendo-lhes atribuídas valorações positivas ou negativas, de acordo com a ideologia que o emprega. Também pode ser articulada através da *eufemização*, que opera valorizando simbolicamente ações, relações e/ou instituições sociais, descartando os seus pontos negativos; ou, ainda, por meio daquilo que o autor denomina *tropo*, referindo-se ao emprego de palavras e/ou expressões em sentido figurado.

A estratégia de dissimulação poderá ser percebida nas questões abordadas nos filmes estrangeiros rodados no Brasil, analisados no capítulo “Falas Contemporâneas”.

O terceiro é a **unificação** que, por sua vez, opera em duplo sentido. Ao empregar um referencial padrão se torna operatória através da *padronização*; e ao utilizar a construção de símbolos a serem compartilhados/identificados pelas coletividades, vem à luz como *simbolização*.

O quarto modo de operação se relaciona à **fragmentação** e tem como base as estratégias simbólicas de *diferenciação*, que procura identificar características para, aí então, diferenciar elementos dentro do que poderia ser um grupo harmônico e, também, o *expurgo do outro*, que intenta conceber simbolicamente o grupo ameaçador ao poder hegemônico como algo hostil, incitando a combatividade a este.

As operações relacionadas tanto à unificação quanto à fragmentação se mostram presentes nas relações sociais de gênero nas quais percebemos estratégias discursivas tanto de padronizar quanto de diferenciar as categorias homens e mulheres, de acordo com os interesses envolvidos em contextos específicos.

O quinto e último modo de operacionalização diz respeito à **reificação** que age simbolicamente por meio da *naturalização*, que toma construções sociais e culturais como independentes da ação humana. Atua também através da *eternalização*, quando o contexto histórico de certos elementos é ignorado, e eles são apresentados como permanentes. A reificação pode ainda utilizar a estratégia simbólica de *nominalização* ou *passivação* que privilegia determinados temas em detrimento de outros, ofuscando ações e atores.

Essa última maneira de operacionalização da ideologia nos discursos, proposta por John Thompson, a reificação, também se demonstra claramente nas relações sociais entre homens e mulheres, as quais, ainda hoje, são vistas, pelo “senso comum”<sup>10</sup>, como dadas pela natureza e constantemente deslocadas temporalmente para justificar assimetrias na contemporaneidade.

Como podemos ver, a operação da ideologia nas formações discursivas é parte inerente ao processo de manutenção das posições de poder e de naturalização, díspares nas sociedades em geral. Os discursos, comumente, são articulados de modo a valorizar as características e ideologias do seu grupo, ao mesmo tempo em que se negativa as dos “Outros”.

Teun Van Dijk ilustra tal questão falando sobre os discursos racistas e pontua que,

A fala cotidiana dos membros dos grupos majoritários brancos reproduz preconceitos dentro do grupo interno, enquanto, ao mesmo tempo, confirma verbalmente não só o pertencimento ao grupo, mas também suas normas e valores que, por sua vez, são relevantes para a manutenção do poder do grupo branco. (2008, p. 63).

Tais percepções podem ser atribuídas também aos discursos que envolvem as relações sociais de gênero nas quais percebemos que os discursos masculinos, em geral, tendem a valorizar os homens enquanto depreciam as mulheres, ao mesmo tempo em que são marcadas as diferenças para que os valores androcêntricos sejam mantidos na sua posição dominante. Buscando, justamente, desarticular tais operações discursivas é que recorreremos à ADC, já que sua característica analítica pode ser atribuída aos estudos que satisfazem algum dos seguintes critérios:

- Relações de dominação são estudadas principalmente da perspectiva do grupo dominado e do seu interesse;
- As experiências dos (membros de) grupos dominados são também usadas como evidências para avaliar o discurso dominante;
- Pode ser mostrado que as ações discursivas do grupo dominante são ilegítimas; e

---

<sup>10</sup> É importante esclarecer que *senso comum* é considerado como sendo o conhecimento popular, aquele que é amplamente incorporado aos costumes e tradições de determinada sociedade. Refere-se, sobretudo, ao saber pouco aprofundado que não leva em consideração comprovações acerca de sua origem e/ou veracidade.

- Podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados. (VAN DIJK, 2008, p. 15).

## 1.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Tendo tais considerações em vista, partimos para a operacionalização da pesquisa de campo em que se baseia esta tese. O empreendimento realizado pode ser enquadrado no campo das pesquisas qualitativas, já que, de acordo com Maria Cecília Minayo, a amostragem qualitativa é aquela que

- a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; c) entende que na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de semelhanças e diferenças; d) esforça-se para que a escolha do *locus* e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa. (2000, p. 102).

A pesquisa de campo teve seu desenvolvimento baseado em entrevistas semi-estruturadas realizadas com oito prostitutas atuantes em pontos turísticos de Salvador.

A entrevista semi-estruturada se baseia em um questionário previamente formulado para a atividade, porém o tem apenas como guia, sendo possível desdobramentos tanto por parte da pesquisadora quanto da entrevistada, conferindo uma maior liberdade no desenrolar das interações. Foi feita a solicitação para a gravação das entrevistas, assim como para a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para utilização das gravações na construção desta tese, no entanto, dentre as nove entrevistadas, cinco registraram os nomes fictícios que usam para trabalhar, tanto nas gravações quanto no termo de consentimento, pois ficaram mais seguras agindo dessa forma.

Enquanto, no primeiro questionário, investigamos dados pessoais, como idade, origem, escolaridade, religião, entre outros, no segundo, priorizamos informações sobre o que elas sabem sobre os clientes, tais como, suas profissões, faixa etária, possíveis intenções na procura por sexo pago, dentre outras (Apêndices

A e B). Porém, em ambos os questionários foram levantadas questões sobre relacionamentos afetivos, interesse em contrair matrimônio com estrangeiros, diferenças entre brasileiros e estrangeiros e outras que se julgou conveniente repetir de modo reformulado, a fim de confirmar as respostas dadas.

Ainda quanto à operacionalização da pesquisa de campo, é válido esclarecer que todos os dados aqui constantes respeitaram as opiniões pessoais das entrevistadas. Mesmo as informações sobre cor de pele, aparência física ou outras, foram perguntadas e, foram levadas em conta as respostas, de forma que, em nenhum momento, nossa apreciação se sobrepôs às colocações obtidas na pesquisa.

Os roteiros foram construídos com vistas a abordar, de modo primordial, as relações que as profissionais do sexo mantêm com estrangeiros. Embora não tenham sido seguidos estritamente na ordem prevista, todas as questões previamente formuladas, tanto para a primeira, quanto para a segunda entrevista, foram contempladas. Após a coleta, todas as entrevistas foram transcritas e, de posse desses dados, elaboramos um quadro resumido com as principais características tabuladas (Apêndice C). Ainda com fins de facilitar nossa leitura e a discussão das informações levantadas, elaboramos um resumo descritivo das declarações de cada uma das participantes da pesquisa (Apêndice D), sendo possível, a partir daí, o trabalho que agora apresentamos.

É importante ressaltar que a técnica de observação participante não será utilizada na construção da tese aqui apresentada por termos como viés principal o discurso das mulheres, pois nossas considerações se voltam justamente ao que as pesquisadas “escolhem” dizer, não sendo nosso interesse primordial analisar sua conduta ou seu comportamento. Como pesquisadoras, estivemos diversas vezes nos locais onde elas encontram os turistas com quem saem, no entanto, não lhes pedimos autorização para observá-las ou, tampouco, relatar o que foi conversado ou visto fora das entrevistas. Tais ocorrências se deram com vistas à maior interação e conhecimento do meio pesquisado por parte da pesquisadora, até mesmo como meio para permitir a elaboração do roteiro para as entrevistas citadas na tese.

O contato inicial foi realizado de forma mediada, através da Associação de Prostitutas da Bahia (APROSBA), uma organização existente há mais de dez anos, localizada nas imediações do Pelourinho, um dos principais atrativos turísticos de Salvador. Na sua sede, são realizadas reuniões semanais, nas quais, além da

discussão dos assuntos pertinentes do dia, ocorre a distribuição de preservativos e de gel lubrificante para as mulheres que permanecem até o final do encontro. A entrega do material de trabalho é um estímulo para que elas participem das discussões, já que muitas têm uma vivência bastante delicada de cidadania e são desmotivadas quanto a possibilidades de mudança.

É interessante notar que a Associação foi criada justamente quando ocorreu uma grande reforma para a revitalização do Centro Histórico de Salvador, região onde se localiza o já citado Pelourinho, cujo propósito era transformar o espaço, então degradado, porém, rico em atrativos, para a exploração turística. Na ocasião, a ordem era “limpar” a área, uma ação, de certo modo, comum nas formatações de produtos para o turismo, nas quais, freqüentemente, as mazelas sociais são mascaradas. Nesse sentido, foram realizadas diversas incursões policiais que abusavam da violência para expulsar as prostitutas das ruas. Indignadas com a situação, as profissionais que lá trabalhavam se mobilizaram criando a Associação para lutar por seus direitos. E em sua primeira ação, obtiveram sucesso, já que muitas delas “batalham no Pelô” até os dias atuais, tendo como clientela preferencial homens estrangeiros.

Como já dito anteriormente, através de um primeiro contato realizado por intermédio da APROSBA, conseguimos estabelecer relação com algumas profissionais, que nos levaram a outras, e, assim, realizamos entrevistas com oito prostitutas que, habitualmente, se envolvem com estrangeiros dentre as quais há algumas que, inclusive, já moraram no exterior. A amostra foi delimitada considerando as trabalhadoras assíduas no local que se dispuseram a participar da pesquisa e que afirmaram ter clientes estrangeiros, pois algumas profissionais que lá atuam se envolvem somente com brasileiros.

Cinco meses depois, voltamos a campo para realizar novas entrevistas com as mesmas mulheres que já haviam sido pesquisadas, porém, nesse retorno, encontramos apenas cinco delas. Das três, às quais não conseguimos aplicar a segunda parte da pesquisa, uma estava em um relacionamento estável e não estava mais trabalhando, a segunda havia viajado para a Grécia e, segundo suas colegas, não tinha previsão de volta, e a terceira, simplesmente, não aparecia na praça há mais de um mês e como ela não era muito próxima de nenhuma das profissionais com quem mantivemos laços mais estreitos, não sabemos o que lhe aconteceu.

Convém esclarecer que algumas profissionais se recusaram a responder nossas perguntas porque, e isso foi confirmado pela maioria das prostitutas com quem conversamos, é comum jornalistas solicitarem participações em matérias sobre o mercado sexual. Em tais situações, muitos(as) deles(as) afirmam que as identidades das informantes serão mantidas em sigilo e que suas imagens não serão divulgadas e, no entanto, algumas afirmam que essas condições nem sempre são respeitadas, causando-lhes sérios constrangimentos afetivos e sociais. Apesar de termos explanado que a pesquisa seria gravada somente para fins de transcrição, cerca de quatro profissionais que seriam elegíveis para a amostra optaram por não participar.

A definição acerca do lugar a ser trabalhado se deu após análises de materiais existentes no Centro Humanitário de Apoio à Mulher (CHAME), uma organização não-governamental (ONG) que atua em projetos voltados para a prevenção ao tráfico internacional de mulheres e ao turismo sexual. Existente há quase quinze anos, o CHAME conta com um rico acervo de dados obtidos durante a realização de projetos, assim como uma grande quantidade de materiais jornalísticos sobre o tema, veiculados ao longo de mais de uma década. Desse modo, após o acesso a tais informações, discutidas também com a representante da instituição, Jaqueline Leite, pudemos delinear alguns caminhos a serem seguidos na parte prática da pesquisa de campo.

Outra pessoa imprescindível nessa fase de planejamento da operacionalização da pesquisa foi Fátima Medeiros, coordenadora da APROSBA. Ela nos apresentou algumas peculiaridades de cada etapa da pesquisa, além de nos levar a alguns pontos de prostituição para que observássemos o público e as atividades, a fim de confirmar se seriam interessantes para o nosso levantamento. Fátima ainda nos deu dicas sobre os jargões usados pelas prostitutas assim como sobre temas de interesse em comum, como moda, beleza, novelas e outros, que poderiam facilitar nossa aproximação. Foi com ela também, que realizamos o pré-teste de nossas entrevistas, pois Fátima também costuma sair com clientes estrangeiros, porém, como seu ponto principal não é na Praça da Sé, não realizamos a pesquisa “definitiva” com ela. Além disso, a coordenadora disponibilizou a Associação, caso quiséssemos realizar a pesquisa na sua sede. Essa oferta foi descartada, após uma primeira entrevista, pois a opção pela praça nos pareceu mais acertada, uma vez que as entrevistadas ficaram mais desinibidas

em seu entorno habitual, do que em uma sala sozinhas com a entrevistadora e um gravador ligado.

Fátima nos alertou também sobre as dificuldades de abordar as prostitutas diretamente no local de trabalho, sem prévias apresentações, pois, elas poderiam se constranger ou mesmo desconfiar de nossas intenções, já que como explanamos anteriormente, algumas pessoas ligadas aos meios de comunicação não respeitam a privacidade das profissionais do sexo. Além disso, segundo as próprias entrevistadas, são muitas as pessoas que as procuram: além de jornalistas, há também assistentes sociais de diversas organizações e pesquisadores(as) acadêmicos(as) das mais variadas disciplinas, como Psicologia, Enfermagem, Comunicação Social, Ciências Sociais, entre outras.

Não só as nossas entrevistadas, mas, também, algumas outras profissionais que não participaram da pesquisa relataram se sentirem desconfortáveis com o constante assédio de entrevistadores(as) por duas razões principais. A primeira se refere ao fato de poucas pessoas as tratarem “de igual para igual”, visto que, diversas vezes, elas são pesquisadas como algo excêntrico ou exótico e muitas intervenções, segundo elas, parecem ocorrer somente para sanar a curiosidade pessoal daqueles(as) que as procuram. Além disso, elas ainda apontam o fato de que, quando são representantes de instituições governamentais ou filantrópicas que as abordam, em geral, pouco ouvem sobre suas escolhas pessoais, apenas buscam alternativas para “tirá-las da vida” ou “educá-las”, de acordo com suas propostas, como sobre o uso de preservativos ou sobre planejamento familiar.

A segunda razão que as aborrece quando o assunto é pesquisa ou entrevista, é que grande parte das pessoas que as têm como foco de análise, apenas vão até elas, fazem seus trabalhos e não lhes oferecem nenhum tipo de retorno. As profissionais dizem que gostariam de saber para que são usadas suas informações e imagens, mas, exceto quando são veiculadas na mídia massiva, poucas vezes, elas obtêm esse reconhecimento, apesar de não terem interesse específico nos resultados das pesquisas: o que elas reivindicam está mais relacionado às relações pessoais. Elas exemplificam a falta de compromisso dos(as) pesquisadores(as) indicando que gostariam de saber se *fulano* conseguiu concluir seu trabalho, se *sicrano* ganhou o prêmio que almejava com aquele material, se outro encontrou os instrumentos que necessitava para dar continuidade ao seu projeto, entre outros.

Tendo tais informações em mente, preocupamo-nos em manter contato com as entrevistadas e, algum tempo antes de empreender a pesquisa de campo, já nos aproximamos de algumas delas, criando um possível elo de sociabilidade e, também, após a conclusão dessa etapa do trabalho continuamos a freqüentar a praça, pelo menos uma vez a cada quinze dias, por cerca de oito meses. Esses encontros aconteciam simplesmente para conversar com elas, contar como estava o andamento do nosso trabalho e os planos para o futuro. Após esse período, por motivos de mudança de cidade, tivemos que interromper nossas visitas, porém, em todas as nossas estadas na capital baiana, não deixamos de passar pela praça para encontrar nossas informantes. Um fato interessante é que uma delas chegou, inclusive, a oferecer hospedagem em sua casa; houve outra nos convidou para que a visitássemos (ainda que “disfarçadas” como clientes de seus produtos de cosméticos), sendo tais atitudes recompensadoras por nosso empenho em demonstrar respeito a todas as envolvidas.

Assim, de posse dessas informações prévias, planejamos o desenvolvimento das entrevistas para que fossem realizadas na própria praça onde elas “fazem ponto”, nos seus horários de trabalho, a partir das dezoito até as vinte e duas horas. A opção por entrevistá-las no local e horário em que trabalham se deu por conta da facilidade de acesso a elas, pois algumas não teriam disponibilidade para que nos encontrássemos em outros lugares e períodos, já que utilizam esse tempo para afazeres domésticos ou têm outros empregos. Há que se considerar também que, muitas prostitutas escondem suas atividades dos familiares, o que tornaria a alternativa de procurá-las fora do seu local de trabalho inviável. Havia, ainda, a questão financeira, já que pagar a passagem de ônibus exclusivamente para participar da pesquisa não pareceu ser uma alternativa atraente, ainda que pudéssemos oferecer tal benefício.

A respeito da questão financeira, é interessante salientar que, por sugestão da coordenadora da APROSBA e por nossa livre opção, pagamos para aquelas que se disponibilizaram a participar de nossa pesquisa a quantia de vinte reais, o que equivale a um programa que elas realizam por cerca de trinta minutos com homens locais. Embora as entrevistas tenham durado mais tempo que esse período, elas se mostraram satisfeitas com essa iniciativa, já que algumas prostitutas não quiseram ser entrevistadas por acharem que estariam perdendo oportunidades de conquistar clientes. Vale ressaltar que a oferta de pagamento foi feita somente

depois de relacionar todas as que pretendiam ser pesquisadas, para que a recompensa financeira não influenciasse a predisposição das participantes e seus relatos, pois algumas mulheres que não seriam elegíveis para amostra, freqüentadoras assíduas que tivessem clientes estrangeiros, poderiam simular tais aptidões somente para auferir algum lucro.

Já quanto ao horário de trabalho, é interessante explicitar que nossas entrevistadas mantêm o período acima citado, entre dezoito e vinte e duas horas, como habitual, porque é o momento, segundo elas, de maior movimento de seu público no local. No final da tarde, há uma grande movimentação, tanto de soteropolitanos que estão encerrando seus expedientes nos locais de trabalho próximos à praça como, também, existe um tráfego intenso de turistas que retornam de passeios no Pelourinho e no Mercado Central, dois destacados pontos turísticos da cidade. No início da noite, há, também, movimentação de pessoas que se dirigem às atrações culturais do Pelourinho, como shows, teatro, bares, entre outros, que atraem certo público durante toda a semana. Vale salientar que a praça serve apenas como ponto de encontro para as profissionais e como referência para os clientes locais, pois a procura por clientes estrangeiros acontece, geralmente, andando pelas imediações do local já que, como será minuciosamente explanado posteriormente, esse público específico tende a ter uma abordagem mais específica, nem sempre explicitando a questão da prostituição.

Dentre nossas entrevistadas, nenhuma trabalha nos finais de semana, pois, nesses dias, o movimento é mais fraco e algumas ficam com suas famílias enquanto outras vão para as praias com clientes ou à procura deles. A esse respeito, vale destacar, ainda, que três entrevistadas relataram que, em determinados dias, como as terças-feiras, dia em que ocorriam os ensaios da Banda Olodum e em que o movimento é realmente mais intenso, elas costumam fazer alguns programas, nesse horário, com homens baianos os quais, em geral, pagam preços bem abaixo daqueles praticados com os estrangeiros, para que elas garantam algum dinheiro a fim de que, mais tarde, possam pagar ingressos e consumir comidas e bebidas nos lugares onde existe maior concentração de estrangeiros.

Apesar de tais “padrões” de trabalho, devemos deixar claro que há algumas variações. Por exemplo, uma das entrevistadas, costuma passar a manhã na praia da Barra procurando por clientes e, no final da tarde, vai para a Praça da

Sé. Outra pesquisada afirmou que, nas segundas-feiras, não vai para a praça porque lhe parece mais lucrativo ir ao “Casquinha de Siri”, uma casa noturna conhecida por ser um lugar de encontro entre turistas e profissionais do sexo, nesse dia da semana em que há pouco movimento em outros locais e lá são oferecidos shows de música baiana. Uma terceira, ainda, assumiu que, dificilmente, faz programas que passem das vinte e uma horas, pois chegaria muito tarde em casa e tem medo que seu filho desconfie de suas atividades. Entretanto, apesar de algumas diversidades pontuais, o esquema de dias, horários e local de trabalho é, de certo modo, padronizado.

É interessante apontar que a procura por clientes de outras nacionalidades não se restringe apenas ao circuito turístico ou aos períodos de alta temporada. As entrevistadas relataram que, quando o fluxo de visitantes diminui nos pontos habituais, elas procuram clientes nas imediações do porto, pois, muitas delas priorizam o atendimento a estrangeiros, salientando que nem sempre eles são oriundos de países hegemônicos. Há referência a “marinheiros” gregos, filipinos, ucranianos, turcos, entre outros, todos preferidos aos brasileiros por essas profissionais.

Nossa pesquisa se desenvolveu na Praça da Sé por diversos motivos. O primeiro deles é por ser um reconhecido ponto de prostituição dentro da área do Pelourinho, que, sem dúvida, é um destacado ponto turístico da cidade, atingindo o nosso objetivo de ter acesso às profissionais que transitam nesse meio. Além disso, existiram razões práticas, pois, foi através dos encontros na APROSBA que nos inserimos no grupo, sendo possível acompanhá-las após as reuniões, o que facilitou nosso relacionamento e, conseqüentemente, a operacionalização das entrevistas.

Há ainda questões relacionadas à segurança tanto da entrevistadora, como das entrevistadas. Como pudemos verificar, através de pesquisas e contatos prévios, há alguns lugares em que ocorrem interações entre prostitutas e turistas, como na praia da Barra, ou na região litorânea do bairro da Pituba, por exemplo, em que existem alguns tipos de atividades ilícitas que se articulam ao mercado do sexo. Nesses lugares, segundo as informações levantadas, há tanto a prática de lenocínio, quanto a de tráfico de drogas. Embora, certamente, nem todas as pessoas que ali trabalham façam parte dos esquemas ilícitos, existe alguma vigilância sobre as profissionais e também sobre aqueles(as) que as interpelam, inibindo a realização da pesquisa.

Então, após a realização da pesquisa de campo e seus desenlaces, já que temos como foco, neste trabalho, o imaginário e o discurso, julgamos interessante cotejar os resultados obtidos a discursos correntes na mídia atual. Deste modo, elegemos o documentário *Olhar Estrangeiro* como objeto de análise, a fim de verificar pontos em comum entre as falas das prostitutas e de estrangeiros que, de algum modo, trabalharam na representação do Brasil. Essa relação será mais bem explicitada no capítulo “Falas Contemporâneas”; no entanto cabe aqui elucidar que o trabalho realizado com o filme ocorreu por meio de repetidas assistências e da transcrição das falas dos entrevistados. Vale deixar claro que tais transcrições foram feitas a partir das legendas contidas no filme, com poucas exceções de comentários feitos em português.

A aproximação entre essas duas formas de discursos foi realizada apenas com o intuito de enriquecer a proposta aqui apresentada, com vistas a verificarmos, como poderá ser averiguado no desenrolar desta tese, as aproximações e dissonâncias entre o que as mulheres entrevistadas vivenciam e aquilo que é representado e idealizado sobre as brasileiras e o Brasil.

Sendo assim, a seguir apresentamos algumas considerações, fundamentadas em pesquisas teóricas, sobre a construção e reiteração de formações imaginárias que se mesclam a tais falas e as veremos destacadas ao longo deste estudo.

## 2 O IMAGINÁRIO SOBRE O BRASIL: VERTENTES E PERMANÊNCIAS

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis  
Com cabelos mui pretos pelas espáduas  
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas  
Que de nós as muito bem olharmos  
Não tínhamos nenhuma vergonha  
(Oswald de Andrade – As meninas da gare)

Quando o nome Brasil é evocado, ativa-se uma série de referências que nos remete a ideias e imagens sobre o país sem que saibamos ao certo o porquê dessas relações. Esse fato pode ser percebido tanto entre estrangeiros quanto entre os próprios brasileiros. Um exemplo é a citação de Marilena Chauí (2007) sobre duas pesquisas realizadas na década de noventa do século XX, em que 60% dos entrevistados afirmaram ter orgulho de ser brasileiros, justificando sua posição de satisfação pelos seguintes motivos: natureza, caráter do povo, características do país, esportes/música/carnaval; já, quanto ao povo brasileiro, do qual os entrevistados também se sentiam orgulhosos, as características apontadas como razão para tal, foram: trabalhador/lutador, alegre/divertido, conformado/solidário e sofredor. Atentando aos lugares-comuns a que somos sujeitados e pensando criticamente como esses referenciais são forjados, somos então levados a refletir acerca da origem do imaginário sobre o Brasil.

No século XVI, período das grandes navegações europeias, a civilização ocidental era dominada pelos ideais cristãos os quais eram baseados na concepção dualista de mundo: paraíso *versus* inferno. Essa mentalidade, então em voga, alimentava, juntamente com as aspirações mercantilistas e de alargamento das fronteiras, a busca por novas terras onde se pudesse identificar o éden terrestre. Anteriormente à América, era a Ásia que centralizava as especulações sobre o paraíso terrestre. É interessante notar que, muito mais voltadas àquilo que imaginavam do que ao que sabiam, as alusões europeias ao “sonho indiano” são

muito semelhantes às que, posteriormente, viriam a ser feitas sobre a América e, especificamente, sobre o Brasil, como bem registra Laura de Mello e Souza,

Uma das componentes básicas do sonho indiano seria a riqueza, as ilhas transbordantes de pérolas, madeiras preciosas, especiarias, peças de seda, atrelando o sonho às necessidades de expansão e obtenção de novos mercados complementares ao europeu [...]. Outro lado do sonho indiano era a exuberância fantástica da natureza, dos homens, dos animais – uns e outros monstruosos: para os europeus, seria a compensação de seu mundo pobre e limitado. Do ponto de vista sexual, seria a fascinação pela diferença: canibalismo, nudismo, liberdade sexual, erotismo, poligamia, incesto. (1986, p. 25).

Entretanto, com a aproximação entre Europa e Ásia, as ideias “fantasiosas” que os viajantes do Velho Continente tinham sobre o que encontrariam nas terras localizadas ao oriente do mundo conhecido cederam lugar a relações comerciais. Desse modo, a busca pelo paraíso continuou, posto que o lugar mítico que todos procuravam ainda não tinha sido encontrado e, assim, as investidas em busca de novos domínios para o Reino e para a Igreja continuaram a alimentar o imaginário vigente naquele período.

Os primeiros relatos dos europeus, principalmente dos portugueses que aqui estiveram, são descrições baseadas mais naquilo que imaginavam poder encontrar do que, de fato, no que estavam vendo. As narrativas “maravilhosas” que circulavam nas culturas europeias na época do “achamento” do Brasil passaram, então, a constituir o imaginário sobre a nova colônia portuguesa. Mesmo antes dessa descoberta oficial, esse imaginário já era carregado de menções a uma terra edênica. Discorrendo sobre tais referências, Marilena Chauí destaca que

os escritos medievais consagram um mito poderoso, as chamadas Ilhas Afortunadas ou Ilhas Bem-aventuradas, lugar abençoado, onde reinam primavera eterna e juventude eterna, e onde homens e animais convivem em paz. Essas ilhas, de acordo com as tradições fenícia e irlandesa, encontram-se a oeste do mundo conhecido. Os fenícios as designaram com o nome *Braaz* e os monges irlandeses as chamaram de *Hy Brazil*. Entre 1325 e 1482, os mapas incluem a oeste da Irlanda e ao sul dos Açores a *Insulla de Brazil* ou *Isola de Brazil*, essa terra afortunada e bem-aventurada que a carta de Pero Vaz de Caminha descreveu ao comunicar a El Rei o achamento do Brasil. (2007, p. 59).

Há ainda alusões ao termo “Brasil” em outras referências, como na tradição celta em que, *Ho Brazil* significava “Terra Feliz, Terra da Felicidade, “Terra da Promissão”, segundo Paulo Roberto Pereira (2002). De acordo com Capistrano de Abreu (1900), de 1351 a 1508, variações do termo – Brazi, Bracir, Brasil, Brasill, Brazil, Brazille, Brazill, Bracil, Braçil, Braçill, Bersill, Braxil, Braxili, Braxill, Braxylli, Bresilge – eram encontradas, denominando as Ilhas Afortunadas ou Ilhas do Brasil. Na metade do século XV, esse ciclo em busca do éden se completa com a chegada de Américo Vespúcio à América e de Pedro Álvares Cabral à Ilha de Santa Cruz que, posteriormente, por conta de sua extensão e das suas características naturais veio a ser conhecida como Brasil.

Com a finalidade de noticiar a chegada da esquadra portuguesa a terras desconhecidas, Pero Vaz de Caminha escreve a sua famosa carta<sup>11</sup>, detalhando o momento da chegada e o primeiro contato oficial entre autóctones e estrangeiros. Esse texto histórico, literário, pessoal e oficial revela muito dos valores e utopias da sociedade da qual o autor provinha, sendo possível identificar representações e o imaginário então vigentes. É aí, então, que o discurso fundador começa a ser moldado.

Esse tipo de discurso, de acordo com Eni Orlandi, é um modelo de formulação de linguagem que se apresenta em um dado momento histórico fazendo com que um sem-sentido, ou um sentido já instaurado, adquira um novo sentido; assim, o *discurso fundador* representa o momento fundacional ou o nascimento de um novo sentido, no tempo e no espaço, que se processa da seguinte maneira: no caso presente, quando os europeus estiveram em terras brasileiras, diante do desconhecido, impuseram, ao que não era nominável em sua cultura, nomes e valores, ignorando, muitas vezes, os já existentes, criando um discurso fundador referente ao Brasil. Segundo ressalta a autora, “esse dizer irrompe no processo significativo de tal modo que pelo seu próprio surgir produz sua memória” (1993, p. 13).

Os relatos ulteriores, produzidos por viajantes que se aventuraram a desbravar o inóspito território, eram também retratos mais fiéis às lendas e imagens

---

<sup>11</sup> A carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel I de Portugal não foi o único relato escrito noticiando o “descobrimento” do Brasil; na ocasião, foram escritas ainda a Carta de Mestre João Farás e o Relato do Piloto Anônimo. Porém, a primeira é, indubitavelmente, a de maior propagação.

que já se tinha sobre o “jardim da primavera eterna” do que descrições fidedignas do que aqui foi encontrado. Como assinala Eni Orlandi: “que terreno fértil esse que confunde a realidade, a imaginação (a ficção, a literatura) e o imaginário (a ideologia, o efeito de evidência construído pela memória do velho mundo)” (1993, p. 17).

Por muito tempo, as narrativas dos(as) viajantes caracterizaram um tipo de literatura muito difundido na Europa, servindo de base para a construção do imaginário sobre a América, pois, naquela época, o ouvir ou ler eram os aparatos usuais, ao invés do ver, que fundamenta o ideário na contemporaneidade. As impressões sobre o “mundo desconhecido” eram passadas através de documentos diplomáticos, tratados de história natural e guias de viagem, que alimentavam a curiosidade dos(as) cidadãos(ãs) desejosos(as) de informações e aventuras. Michel de Certeau tratando sobre a leitura, evidencia como os leitores(as) se apropriam de terras desconhecidas:

[...] os leitores são viajantes; circulam nas terras alheias, nômades caçando por conta própria através dos campos que não escreveram, arrebatando bens do Egito para usufruí-los. A escritura acumula, estoca, resiste ao tempo pelo estabelecimento de um lugar e multiplica seu expansionismo de reprodução. A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido. (2008, p. 269).

Com tais considerações, observamos que os(as) viajantes<sup>12</sup> que se deslocavam para o Brasil entre os séculos XVII e XIX já tinham um imaginário forjado anteriormente, respaldado pelos relatos daqueles(as) que os(as) antecederam, aos quais conjugavam suas próprias convicções e ideologias. Foi nesse contexto que a “certidão de nascimento” do Brasil foi escrita.

Convém destacar que, desde esse momento, ocorre um certo deslumbramento dos(as) adventícios(as) frente à novidade dos(as) nativos(as)

---

<sup>12</sup> É interessante salientar que, apesar da menor frequência, havia algumas mulheres que se aventuravam em terras brasileiras e também escreviam seus relatos. Muitas delas podiam fazer parte de expedições ou ter vindo mais tarde, com possibilidade de emprego (damas de companhia, professoras, governantas), para essas terras. Entretanto, por se tratarem de escritos realizados por mulheres, *tornaram-se quase invisíveis*, um dos motivos pelos quais a visão androcêntrica é preponderante na formação do imaginário sobre o país e seu povo.

(frente ao Outro). Pero Vaz de Caminha passa, diante do desconhecido, da diferença do Outro, a descrever sobre a graça das “vergonhas” das índias, colocando que,

[...] ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam. (1963, p. 4).

Em outro trecho, ele ainda compara,

[...] e uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela. (1963, p. 4).

Desse modo, torna-se fácil perceber que, desde o primeiro momento, as *características peculiares* às mulheres nativas são contempladas nos discursos sobre o Brasil. É interessante notar, como aponta Richard Parker, que quer “fossem considerados inocentes como crianças ou selvagens perversos, os brasileiros nativos foram analisados e interpretados repetidamente em termos sexuais” (1991, p. 33). Esse realce dado à sexualidade, em especial das brasileiras (nativas) será mais tarde incorporado à imagem do país que, até a contemporaneidade, é famoso por suas mulheres, transferindo-se essa admiração, especialmente, às “mulatas”. Retomaremos essa questão mais adiante. Por ora, basta destacar que, desde o início já houve esse tipo de consideração.

Como colocamos anteriormente, os discursos que foram construídos na época em que o território brasileiro passou a fazer parte da cartografia mundial eram bastante impregnados pelos ideais religiosos então preponderantes. Em suas reflexões sobre o mito fundador, Marilena Chauí aponta três operações divinas que são percebidas em relação ao Brasil: “a obra de Deus, isto é, a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história, e a vontade de Deus, isto é, o Estado” (2007, p. 58). A exaltação da natureza nos discursos sobre o Brasil é uma constante desde o “descobrimento” até os dias de hoje, quando as características naturais das terras brasileiras ainda remetem aos ideais de paraíso.

Famosas composições, que se tornaram conhecidas no decorrer da colonização e do desenvolvimento do Brasil, atualizam as primeiras impressões. Os escritos de Manuel Botelho de Oliveira são um exemplo recorrente, por ser esse considerado o primeiro escritor nascido no Brasil a ter um livro publicado. Esse autor tem, entre suas obras, o destacado poema “Ilha de Maré”, publicado em Portugal, no ano de 1705, no qual faz alusão às frutas e legumes deleitosos encontrados na Bahia, ressaltando que são representativos de todo o Brasil e melhores que aqueles de origem europeia ou asiática. Segundo Botelho, são perfeitos os “quatro AA” que aqui se encerram, “arvoredos, açúcar, águas, ares”, pois a abundância natural era visível na variedade vegetal, nos ares puros que são “na tempérie agradáveis e seguros”, nas refrescantes águas frias ou, ainda, no “açúcar deleitoso que é do mundo o regalo mais mimoso”. Várias peças literárias e da historiografia reiteram esse mesmo motivo, desaguando em “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias (2006), que contempla os célebres versos:

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar — sozinho, à noite —  
Mais prazer encontro eu lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que desfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

*Coimbra, julho de 1843*

No poema escrito em 1843, percebemos o enaltecimento a palmeiras, sabiás e flores, atrelando-os aos prazeres que somente são encontrados no Brasil, que continuam a povoar, ainda, o imaginário dos brasileiros. Essa identificação do território brasileiro com seus atributos naturais é tão recorrente que, até mesmo no Hino Nacional do país, oficializado apenas no século XX, não faltam menções ao mito fundador, como o tema da terra paradisíaca “gigante pela própria natureza”, onde os “risonhos, lindos campos têm mais flores” e cujos “bosques têm mais vida”, ou ainda:

Deitado eternamente em berço esplêndido  
Ao som do mar e à luz do céu profundo  
Fulguras, ó Brasil, florão da América  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

A observação dessa reiteração das características naturais do país é interessante, quando pensamos nas clássicas dicotomias da modernidade nas quais o par diametralmente oposto à *cultura* é a *natureza*. Assim, a incessante associação do *Brasil* à *natureza* alimenta o seu distanciamento dos países ditos centrais, principalmente os europeus que são, exatamente, atrelados à cultura. É comum a associação imaginária entre o Velho Continente e a ideia de berço da cultura ocidental. Dessa forma, mantém-se a hegemonia europeia frente aos(as) “selvagens” exóticos(as) brasileiros(as), sendo esse um dos motes principais presentes na construção e sustentação do imaginário *do* e *sobre* o Brasil em que os(as) estrangeiros(as) julgam o povo daqui mais ignorante que seus(suas) conterrâneos(as), enquanto os(as) brasileiros(as) avaliam os(as) estrangeiros(as) como mais cultos(as) e civilizados(as).

Porém, o ideário referente ao paraíso terrestre está vinculado, também, à possibilidade de riqueza, presente em tão esplêndida natureza. No entanto, por se tratar de uma colônia, esse ideário evidencia o caráter exploratório. A procura por ouro e pedras preciosas era uma das principais intenções das esquadras que se aventuravam cruzando mares e oceanos em busca de novas terras a serem exploradas. Essa é a situação do Brasil que, devido ao seu vasto território e à vegetação bastante diversa daquela conhecida pelos(as) europeus(eias), logo se tornou depositário das esperanças de fácil e eterna prosperidade, estimulado pelo

ideário que o sintetizou: o encontro do “paraíso terreal”, tão almejado pelos projetos religiosos da Idade Média.

A própria Bandeira Nacional (concebida na Modernidade) ilustra essa perspectiva representando, o grande retângulo verde, as ricas matas brasileiras, o losango amarelo dentro dele remete ao ouro e, contido nesse, um círculo azul com estrelas brancas aludindo ao céu sempre estrelado e à presença de um clima agradável. Há, ainda, no centro desse círculo, uma faixa branca com as palavras “Ordem e Progresso”. Instituída em 1889, ano da Proclamação da República, a bandeira nacional não alude a guerras ou sangue o que, de certo modo, remete às representações acerca do caráter do povo brasileiro tido como pacífico ou conformado e solidário, como descrito, na pesquisa citada por Marilena Chauí (2007).

Além das representações em poemas, hino e bandeira, a historiografia oficial do país também se mistura às construções imaginárias sobre ele. Embora alguns(mas) autores(as) tenham trabalhado no sentido de demonstrar o simbolismo presente nas formações históricas nacionais, grande parte do que foi produzido e, principalmente, do que se tornou amplamente difundido sobre a história do Brasil, alimentou e alimenta as reflexões baseadas no olhar colonizador, ou seja, o olhar de fora sobre o país e sua gente. Os(as) brasileiros(as) são caracterizados(as) por “fazer falar o outro”, o que possibilitou que a “identidade nacional” (se é que é possível falar de uma identidade brasileira, no singular) tenha sido moderada pelos discursos estrangeiros dos séculos XVIII e XIX, segundo Eni Orlandi que, sobre essa questão, apresenta a seguinte reflexão:

Nem índios, nem europeus, somos produzidos por uma fala que não tem um lugar, mas muitos. E ‘muitos’ aqui é igual a ‘nenhum’. Desse lugar vazio fazemos falar as outras vozes que nos dão uma identidade. As vozes que nos definem. Europeu falando de índio produz brasilidade. Nós falando do que os europeus dizem de suas descobertas, falamos o discurso da nossa origem. (2008, p. 25).

É notório que as discussões sobre a identidade brasileira, invariavelmente, são mediadas pelos discursos fundados no imaginário dos(as) colonizadores(as) europeus(eias). É a partir do olhar exterior que se constrói a identidade nacional: a partir do que eles querem ver/dizer sobre nós, definimos a representação que fazemos de nós mesmos. Essa dicotomia está na atualização do

imaginário que se difundiu antes mesmo do “achamento” oficial do país e é recorrente na construção da identidade atual dos(as) brasileiros(as).

Embora se possa argumentar que é característico de territórios colonizados terem as suas identidades culturais cunhadas sob os auspícios dos colonizadores e/ou outras influências hegemônicas, o caso brasileiro é bastante representativo já que, após a sua “descoberta” pelos portugueses, o país ficou sob regime colonial por mais de trezentos anos. Além disso, as produções nacionais, mesmo depois da Declaração da Independência, eram amplamente referenciadas pelo imaginário e pelos discursos já difundidos sobre o Brasil.

A apropriação do imaginário europeu sobre o Brasil pelos(as) próprios(as) historiadores(as) brasileiros(as) é facilmente perceptível ao longo daquilo que se denomina história brasileira. Sebastião da Rocha Pita, considerado o primeiro historiador do Brasil, já no ano de 1730, em sua obra *Historia da America Portuguesa: desde o anno de mil e quinhentos do seu descobrimento até o de mil e setecentos e vinte e quatro*, escreve:

Do novo mundo, tantos séculos escondido, e de tantos sábios caluniado [...] é a melhor porção o Brasil; vastíssima região, felicíssimo terreno, em cuja superfície tudo são frutos, em cujo centro tudo são tesouros, em cujas montanhas, e costas tudo são aromas; [...] Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bela a aurora; o Sol em nenhum outro hemisfério tem raios tão dourados, nem os reflexos noturnos tão brilhantes; as Estrelas são mais benignas e se mostram sempre alegres [...] as águas são mais puras; é enfim o Brasil Terreal Paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutífero o clima; influem benignos astros e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de inumeráveis habitantes (1976, p. 19).

Assim, os relatos que vieram a constituir a história nacional (oficial) são também impregnados pelas ideias correntes na época, oriundas dos(as) estrangeiros(as), pois são eles(as) que possuem a “legitimidade cultural” para identificar e cunhar as teorias preponderantes. A discussão sobre a fidedignidade dos relatos históricos é propalada até a contemporaneidade, porém, de um modo geral, no senso comum, a história é representativa da verdade. Desse modo, quando se difunde, através de discursos históricos, que o Brasil é o paraíso terreal ou que o povo brasileiro é amistoso e que aqui não existe racismo, isso é tomado como

verdade incontestada, como “cientificamente” comprovado. E, mais uma vez, atualiza-se o imaginário já existente.

Embora, no Brasil, apenas nos oitocentos, a História tenha se distanciado da Literatura – seguindo o paradigma ocidental – adquirindo o caráter científico que lhe é outorgado ainda hoje, foi nessa época que surgiram iniciativas de entidades e instituições que se voltaram para o fazer historiográfico. Em 1838, cria-se, no Rio de Janeiro, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e, em 1843, realiza-se nessa instituição um concurso para eleger um plano para a escrita da história antiga e moderna do Brasil cujo vencedor foi o naturalista alemão Karl Friedrich Phillip Von Martius, com sua tese “Como se deve escrever a História do Brasil”; ou seja, o prêmio e o reconhecimento, mais uma vez, foram dados para um estrangeiro<sup>13</sup>. Porém, tais influências serviram, também, para a formação da crítica brasileira.

É interessante perceber o movimento de consolidação desse desenvolvimento “acadêmico” no país. Como aponta Lilia Schwarcz, a década de setenta do século XIX foi

[...] o momento de fortalecimento e amadurecimento de alguns centros de ensino nacionais – como museus etnográficos, as faculdades de direito e medicina, e os institutos históricos e geográficos – que só a partir de então conformarão perfis próprios, estabelecendo modelos alternativos de análise. (2008, p. 14).

Podemos inferir que, a partir de então, tem início uma tradição de pesquisa e escrita genuinamente brasileira. Entretanto, é válido destacar que alguns autores, como Nelson Werneck Sodré, em 1938, no seu livro *História da literatura brasileira*, Dante Moreira Leite, em 1954, em *O caráter nacional brasileiro*, ou ainda João Cruz Costa, em 1956, em *Contribuição à história das idéias no Brasil*, apontavam recorrentemente a grande influência ainda exercida pelas teorias europeias, em especial, sobre a questão racial. Sendo que, mais de cem anos depois da primeira iniciativa oficial para a construção da história do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda publica *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* (1959) em que demonstra a reiteração de imaginários anteriores nos discursos sobre o descobrimento e a colonização do Brasil. Ou seja, embora, na condição de país colonizado, tenhamos sofrido

---

<sup>13</sup> Tal constatação não deve ser alvo de juízo de valor, pois está aqui colocada apenas como ilustração da influência e valorização de culturas diversas em nossa história.

intervenções estrangeiras na formação de nossas escolas de pensamento, foi a partir daí que se tornou possível o desenvolvimento de nossas teorias próprias, oferecendo abertura para nossos(as) “pensadores(as) nacionais”.

No entanto, a reprodução de imaginários que buscavam, ou ainda buscam, atrelar o Brasil a concepções de paraíso, éden terreal, não se restringe à exaltação da vegetação ou, de um modo mais abrangente, à natureza do país; tampouco é respaldada somente pela Literatura ou pela História; essas são apenas algumas peças que compõem a iteração desses discursos que aqui encontraram terreno fértil para sua identificação e reprodução. O povo brasileiro e, particularmente, as mulheres brasileiras também são partes constitutivas de tal imaginário e são igualmente por ele mediadas.

Como já foi citado anteriormente, na carta escrita para noticiar o “achamento” das terras brasileiras já aparecem as primeiras “impressões” sobre os(as) habitantes daqui. Além das descrições sobre as índias, os(as) nativos(as), de modo geral, protagonizaram o famoso texto de Caminha. Vemos que algumas marcas presentes nesse primeiro relato, são ainda hoje identificadas nas representações acerca dos(as) brasileiros(as). Falas como, “a feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos” nos lembram as considerações sobre a beleza dos(as) “mulatos(as)”, não mais índios, mas pardos, frutos da miscigenação entre negros(as) e brancos(as); ou, ainda, “andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara”, remete a construções culturais sobre a sexualidade brasileira, que, na atualidade, é considerada por muitos(as) despuorada.

Outra referência também sobre a impudícia nativa que, certamente, foi atualizada, pode ser encontrada no seguinte trecho, “também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal [...] e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma”, pois ainda é comum ouvirmos considerações sobre os corpos das mulheres brasileiras “assim nuas, não pareciam mal”, ou sobre a “inocência” de tais mulheres, que fazem parte do imaginário construído sobre elas.

Mais uma passagem da carta de Caminha também atualizada freqüentemente é:

Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus. Se lhes a gente acenava, se queriam vir às naus, aprontavam-se logo para isso, de modo tal, que se os convidáramos a todos, todos vieram. (CAMINHA, 1963, p. 7).

É interessante perceber que, até hoje, a ideia de *festivos e receptivos* continua bastante atrelada às representações dos(as) brasileiros(as) visto que, alegre/divertido, conformado/solidário foram as principais características citadas na já referida pesquisa realizada sobre os motivos do “orgulho de ser brasileiro”.

Mais adiante, trataremos das conseqüências da atualização de tais imagens e do respectivo imaginário. Por ora, é importante não perdermos de foco que os discursos sobre o Brasil, desde que esse passou a figurar na cartografia mundial, foram formatados atendendo às ideias já existentes sobre um lugar paradisíaco, que pôde ser aqui identificado, para atingir tais aspirações. Assim, por ser um território “descoberto” com direito a “certidão de nascimento”, também os discursos sobre os(as) habitantes daqui serão sempre os dos(as) estrangeiros(as) eivados de suas pré-concepções ideológicas. Desse modo, como ainda será amplamente discutido na presente tese, o que os outros dizem de nós é a base do que nós identificamos em nós mesmos(as).

Essa última citação da Carta de Caminha, que se refere aos nativos como pessoas que gostam de cantar, dançar e que, mesmo sem entender a língua, pareciam mais próximos dos portugueses do que os portugueses deles é ainda bastante atual. O imaginário vigente sobre a população brasileira remete a uma alegria característica daqui, especialmente, de algumas regiões, como é o caso do Rio de Janeiro e da Bahia. A questão de “se dar” facilmente com “estranhos(as)” também é sempre lembrada, tanto por estrangeiros(as) como pelos(as) próprios(as) brasileiros(as), muitas vezes por meio da propalada hospitalidade brasileira, herança talvez mais dos(as) portugueses(as) do que dos(as) índios(as), mas, de qualquer modo atribuída aos(às) autóctones.

Pois bem, voltando à época das primeiras expedições que para cá vieram com o fim de desbravar o novo território do reino luso observamos que os relatos contam muito não só da natureza esplêndida ou da vastidão de tal terra, mas, também, tentam retratar o povo exótico, aos seus olhos, que aqui vivia. No entanto, como já frisamos anteriormente, o que era relatado era mais próximo ao que acreditavam do que àquilo que viam, pois a dificuldade de comunicação e,

principalmente, o flagrante abismo cultural entre gentios e adventícios não permitem que as análises feitas sobre os primeiros sejam minimamente fidedignas. Não tendo paradigmas para descrever o diferente, constrói-se uma forma de se expressar a partir das comparações, das aproximações e metáforas, formas que permanecem até hoje no discurso brasileiro.

Os portugueses, em princípio, e, posteriormente, pessoas oriundas de distintas etnias europeias, demonstravam clara dificuldade em aceitar a possibilidade de organizações sociais diversas das suas: era o espírito da época; a Europa era o centro da exploração do mundo e, portanto, imprimia o seu modelo como o “certo”, como aquele a ser seguido. Quando falavam da nudez dos(as) índios(as), referindo-se a ela como um possível símbolo de atraso e ignorância, não ponderavam sobre a possibilidade das pinturas corporais que os(as) representantes de muitas tribos usavam, serem os seus trajes, apenas impunham uma leitura própria baseada nos paradigmas por eles conhecidos.

A ideia de vida sem religião era inaceitável e a ausência de certos tabus completamente inadmissível. Os relatos, por mais objetivos que pretendessem ser, geralmente, apresentavam juízo de valor como, por exemplo, nesse trecho escrito por Gabriel Soares de Sousa, no ano de 1587, em *Notícia do Brasil* ou *Tratado Descritivo do Brasil*, em que ele versa sobre os costumes tupinambás.

[São] tão luxuriosos que **não há pecado de luxúria que não cometam**; os quais sendo de muito pouca idade têm conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas já desestimadas dos que são homens, granjeiam esses meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, e ensinam-lhes a fazer o que eles não sabem, e não os deixam de dia, nem de noite. **É este gentio tão luxurioso** que poucas vezes tem respeito às irmãs e tias, e porque este pecado é contra seus costumes, dormem com elas pelos matos, e alguns com suas próprias filhas; e não se contentam com uma mulher, mas têm muitas [...] e **não contentes estes selvagens de andarem tão encarniçados neste pecado, naturalmente cometido, são mui afeiçoados ao pecado nefando**, entre os quais se não tem por afronta; [...] E as que querem bem aos maridos, pelos contentarem, buscam-lhe moças com que ele se desenfadem, onde lhe pedem muito que se queira deitar com os maridos, e as peitam para isso; **cousa que não faz nenhuma nação de gente, senão estes bárbaros**. (1938, p. 373, grifos nossos).

Como vemos, os textos redigidos eram impregnados dos valores vigentes nas culturas centrais da Europa e tentavam descrever o aturdimento provocado por

esse encontro entre estrangeiros(as) e autóctones. A “descoberta” da América como um todo gerou especulações de toda espécie, pois o encontro inusitado com os(as) índios(as) – humanos(as), porém bastante diferentes do que os(as) europeus(eias) imaginavam poder haver aqui – provocou, de certa maneira, a reavaliação sobre as suas ideias de mundo e sobre a forma de interagir com o Outro.

As diferenças entre autóctones e estrangeiros(as) tornavam os contatos interculturais bastante conturbados. Algumas tribos indígenas, por exemplo, escandalizavam os(as) colonizadores(as), pela forma como se davam as relações entre eles, que não realizavam cerimônias, nem promessas, para efetivar a união entre homens e mulheres. Era necessária, apenas, a permissão por parte do pai, ou de algum(a) parente próximo(a) que, a partir do momento, os considerava casados, sendo que

O marido poderia expulsar a mulher e vice-versa. Se ficassem fartos do convívio, a união estaria desfeita. Ambos poderiam, então, procurar outros parceiros, sem maiores constrangimentos. Entre os *selvagens* era costume, quando o esposo se enfadava da companheira, presentear outro homem com sua mulher. A maioria dos índios tinha somente uma mulher. A poligamia, porém, era amplamente difundida entre os grandes guerreiros e caciques. Os chefes podiam viver com catorze mulheres sem causar estranhamento. (RAMINELLI, 1997, p. 18-19).

A possibilidade de um homem conviver publicamente com várias mulheres causava fascínio e desdém nos europeus, que viviam sob os ideais cristãos. Enquanto alguns representantes da cultura “puritana” se escandalizavam ao ver costumes tão distintos dos ideais por eles almejados, outros consideravam interessante a possibilidade de também poderem dispor de várias esposas para lhes satisfazer. Já a nudez das índias foi apreciada e descrita em diversos relatos do século XVI. As curvas bem desenhadas ou a sua sensualidade no jeito de andar povoou o imaginário de diversos europeus nos anos posteriores ao “achamento” do Brasil. Em muitas narrativas, elas foram responsabilizadas pela deserção de tripulantes das embarcações que aportavam em terras brasileiras, ou então pela “degeneração” de estrangeiros que aqui se fixavam e viviam em uniões com índias, abandonando, muitas vezes, uma família já constituída no Velho Continente.

Assim, a dicotomia que ainda envolve as representações de mulheres na contemporaneidade já pode ser identificada naquelas feitas, há mais de quinhentos

anos quando, ao mesmo tempo em que eram representadas como criaturas ingênuas, originárias de um possível paraíso na terra, as índias eram também concebidas como sedutoras, fontes de descaminho dos homens brancos e, como o ideal religioso era preponderante, o clássico dualismo “santa *versus* puta” já estava instaurado, podendo as mulheres ser representadas dentro de uma ou outra categoria, não cabendo qualquer outro tipo de classificação intermediária, qualquer alternativa para elas. Logo, como não poderiam ver com bons olhos as mulheres indígenas, que não tinham religião e demonstravam uma vivência cultural bastante diversa daquele paradigma conhecido pelos europeus, senhores da fala, ficou estabelecido que as brancas, europeias e católicas, eram as “santas”, guardiãs dos bons costumes; já as nativas, pardas e sem religião, ficaram com o lado “negativo” da moeda e a elas foram atribuídas as representações de devassas e luxuriosas.

Essas considerações são importantes para o desenvolvimento da presente tese porque fundamentam a questão da reiteração de discursos na formação e manutenção do imaginário sobre o país e, principalmente, sobre as mulheres daqui oriundas, visto que, como será, posteriormente, mais detalhadamente tratado, o imaginário vigente, por meio de sua contínua atualização, mantém as disparidades de gênero e de etnias e os seus modos de articulação são de fundamental importância para os estudos aqui propostos.

As índias, primeiras mulheres a aparecer nos relatos sobre o Brasil – pois os adventícios eram todos, ao menos nas narrativas, homens – são, então, aproximadas a Eva, moradora do éden bíblico, na sua dupla face de ingênuo e, depois, pecadora, responsável pelo “descaminho” da humanidade. Assim, também as nativas daqui foram associadas ao polo negativo do par dicotômico, ficando, inclusive, associadas a elas algumas das maiores atrocidades canibais. Muito embora, em textos e gravuras, não fossem citadas participações femininas em combates mortais com seus oponentes, as representações de mulheres dilacerando os corpos de inimigos com fins de canibalismo se tornaram bastante comuns nas descrições feitas sobre o Brasil, nos séculos XVI e XVII, ainda que, conforme Ronald Raminelli (1997), que disserta sobre o tema, muitos desses escritores e pintores sequer tivessem cruzado o Atlântico<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Raminelli menciona uma gravura, presente na tradução alemã das viagens de Américo Vespúcio (1509), em que aparece um marinheiro em meio a três amazonas que, fingindo seduzi-lo com a nudez de seus corpos, ludibriam-no para que uma quarta amazona

As próprias Amazonas da Capadócia, protagonistas da lenda consagrada que leva seu nome, foram “transportadas” para o Brasil, dando nome, inclusive, ao maior rio do território nacional. Essa antiga lenda versa sobre a existência de uma tribo de mulheres guerreiras que viviam sem companhia masculina e que, quando queriam procriar, capturavam homens de tribos vizinhas deixando com eles os filhos machos e criando entre elas somente as meninas. Algumas versões afirmam, inclusive, que elas queimavam o seio direito para facilitar o manuseio do arco durante as batalhas e caçadas. No mito original, essas mulheres eram originárias da Ásia Menor, porém, criaturas semelhantes a elas foram citadas por Marco Polo, no Século XII, ou mesmo, já na América, em descrições de Colombo sobre a Ilha Martininó, segundo Sérgio Buarque de Holanda, que assinala:

A ilusão do genovês no interpretar os discursos de índios que, muito provavelmente, queriam significar outra coisa, calca-se perfeitamente, ou quase, sobre a do veneziano, que, dois séculos antes, tinha situado, nos mares orientais, sua *isle femelle*. A esta, tal como a Martininó, iam homens provenientes de outra ilha, distante trinta milhas, ilha só povoada de varões, os quais folgavam de amor com as moradoras durante três meses a cada ano. O filho macho permanecia na ilha das mulheres até completar quatorze anos de idade, quando ia para a companhia do pai, ao passo que as meninas permaneciam com a mãe. (2000, p. 27).

No entanto, as descrições do espanhol Francisco de Orellana, em 1541, que originaram as especulações sobre a existência de tribos só de mulheres no entorno do rio que hoje leva o nome da lenda, não somente relatavam a existência de uma tribo de mulheres, mas destacavam o caráter guerreiro delas. De acordo com Orellana, ainda segundo Sérgio Buarque de Holanda (2000), os espanhóis teriam perdido a batalha contra tais mulheres, mas teriam capturado um índio que deu os detalhes sobre as *icamiabas* (mulheres sem marido, na língua nativa). Desse modo, era possível dar veracidade aos fatos, possibilitando que tal lenda adaptada servisse de aviso aos marinheiros sobre os perigos do envolvimento com as nativas, assim como o era a gravura presente na obra de Vespúcio.

Portanto, mais uma vez, as mulheres representavam o perigo, a emboscada. Mesmo que nunca tenha sido comprovada por pesquisadores a

---

desfira um golpe contra sua cabeça: “o marinheiro pensava atrair as belas selvagens de corpos desnudos, mas o Novo Mundo reservou-lhe surpresas, e o desejo o tornou presa fácil para o repasto canibal”. (Amerigo Vespucci apud RAMINELLI, 1997, p. 29).

existência de tribos só de mulheres no território brasileiro, ainda hoje, quando aprendemos a origem do nome do maior rio do país ou mesmo da maior floresta do mundo, a Amazônica, somos confrontados com a lenda das amazonas como explicação, pois teria sido nessa região que Orellana as encontrou pela primeira vez.

Então, as primeiras mulheres presentes e descritas em terras brasileiras foram as índias que, além de serem mulheres, uma categoria discriminada socialmente, são ainda representantes de uma cultura exótica aos olhos de narradores que nada sabem sobre seus hábitos culturais e os valoram de acordo com sua ideologia. Desse modo, o que se destaca nos discursos em que elas aparecem são seus corpos bem torneados e/ou sua faceta ardilosa ou animalesca, colocando-as sempre no lado negativo da dicotomia valorativa de possíveis comparações. Mas nem só para o mal serviam as índias... Com ideais de povoamento do vasto território colonial, em um primeiro momento, elas foram bastante úteis para a procriação de índios(as), mamelucos(as) e cafuzos(as) que viriam a ocupar e defender os limites da colônia.

Vale, ainda, lembrar que, apesar de índias e índios terem sido considerados amistosos e “ignorantes”, nas primeiras narrativas, portanto, fáceis de amansar/moldar, eles(as) não se adequaram facilmente às propostas colonizadoras e, não só no Brasil mas em toda a América Latina, foram vítimas de um dos maiores genocídios conhecidos no mundo. Assim, cedem, de certo modo, seu lugar discursivo do “Outro”, frente ao europeu, aos(às) negros(as) africanos(as) que começaram a ser trazidos(as) pelos primeiros navios negreiros que aqui aportaram.

As mulheres e homens de ambas as etnias, negra e índia, foram peças fundamentais para os projetos colonizadores aqui instaurados, como bem nos recorda Ronaldo Vainfas,

Ao se insistir na importância da miscigenação étnica para o povoamento do território luso-brasileiro, isso nada deveu a uma suposta propensão lusa à miscibilidade com outras raças<sup>15</sup>, mas a um projeto português de ocupação e exploração territorial até certo ponto definidos. Projeto que não se podia efetivar com base na imigração reinol, consideradas as limitações demográficas do pequeno Portugal, e que procuraria, de todo modo, implantar a exploração agrária voltada para o mercado atlântico – o que se faria, como se fez, com base no trabalho escravo, quer dos índios, quer,

---

<sup>15</sup> Vale ressaltar que nem dessas com as demais raças que se encontravam no território brasileiro.

preferencialmente, dos africanos. Em contrapartida, nas regiões do Império português onde predominou o interesse comercial e o estilo 'feitorial de ocupação', a exemplo da Índia ou da África, nenhuma miscigenação expressiva de fato ocorreu. (VAINFAS, 1997, p. 230).

O que pretendemos, aqui, neste momento, é mostrar como a presença dos(as) negros(as) no Brasil e o processo de miscigenação, do qual eles(as) foram parte importante, contribuíram na formação do imaginário sobre o país e, principalmente, *sobre e das* mulheres brasileiras. A participação dessa parcela da população é fundamental na manutenção do imaginário social brasileiro, pois eles(as) possibilitaram a preservação da alteridade marcada corporalmente, da ideia do "Outro" exótico frente aos colonizadores, o que se tornou parte constitutiva do discurso contemporâneo sobre a nossa identidade nacional.<sup>16</sup>

Logo após o "descobrimento" do Brasil, foi dado início ao processo de povoamento desse vasto território e desse projeto já faziam parte os(as) negros(as) trazidos(as) da África na condição de escravos(as). Ainda na primeira metade do século XVI, as atividades ligadas ao tráfico negreiro em direção à, então, colônia lusa na América, já tinham sido articuladas. Estima-se que, durante a vigência do regime escravocrata, entre 1550 a 1855, cerca de quatro milhões de pessoas oriundas da África, principalmente, das regiões de Angola, Costa do Marfim e Golfo de Benin, foram desembarcadas na costa brasileira, segundo João José Reis (2000).

Essa massa populacional não homogênea, porém, pasteurizada nos discursos do colonizador, tornou-se parte inerente do processo de construção da cultura e identidade nacional. Os negros(as) que para cá foram trazidos(as) eram, em sua maioria, prisioneiros(as) das guerras entre tribos inimigas no território africano, onde, em um contexto de conflitos étnicos freqüentes, as pessoas capturadas com vida eram escravizadas pelas tribos vencedoras e, em alguns casos, negociadas pelos chefes tribais com os comerciantes europeus. Daí a falta de pudor em alguns poucos casos, no Brasil, de negros e negras libertos(as), detentores de providências suficientes, exibirem escravos(as) também negros(as).

---

<sup>16</sup> A questão dos(as) negros(as) no Brasil foi e continua sendo tema de inúmeras teses, teorias e tratados. Debates acerca de desigualdades sociais atreladas às questões raciais têm estado em pauta, desde os primórdios do regime escravocrata brasileiro que, aliás, perdurou até pouco mais de um século atrás e deixou como herança condições adversas de sociabilidade entre brancos(as) e negros(as) que, provavelmente, levarão mais tempo que o próprio regime para serem reparadas, se é que um dia o serão.

É interessante salientar que, em estimativas populacionais realizadas em 1600, no Brasil, a população escrava já superava em mais do que o dobro a quantidade de homens e mulheres livres, leia-se brancos(as). De acordo com Contreiras Rodrigues, Thomas Ewbank e Adriano Balbi, (apud SIMONSEN, 1978), nesse ano, dentre cerca de cem mil habitantes, aproximadamente trinta mil eram brancos(as) enquanto setenta mil eram negros(as), mestiços(as) ou índios(as); em 1660, encontravam-se aqui cerca de setenta e quatro mil brancos(as) ou índios(as) livres e cento e dez mil escravos(as), e esses últimos já não aparecem mais determinados pela cor, mas por sua condição social.<sup>17</sup>

A miscigenação entre negras(os) e brancos(as) no Brasil adquiriu nuances particulares e tem sido o mote central de debates acirrados entre pesquisadores(as) das mais diversas áreas e é, justamente, nesse processo que as categorias analíticas *gênero* e *raça* se apresentam intimamente imbricadas, pois, as primeiras, e por muito tempo preponderantes, relações heterocrômicas percebidas no Brasil aconteciam entre mulheres negras ou mestiças e homens brancos. John Norvell (2001) pontua que, em autores clássicos da historiografia nacional, é notória a ausência de homens negros e mestiços na constituição de pares miscigenadores.

As aproximações entre negras, mestiças, índias e homens brancos se deram, então, no contexto dos processos de povoamento da colônia e de contatos primordiais entre europeus(eias) e o outro diferente deles(as). Vários fatores contribuíram para que tais relações se dessem dessa forma (branco + negra/mestiça/índia), assim como, também, os discursos sobre esse tipo de cruzamento interracial foram bastante diversos.

É difícil nos reportarmos a essa questão sem falar, por exemplo, de Gilberto Freyre, autor pernambucano discípulo de Franz Boas, que se tornou conhecido internacionalmente por sua célebre obra *Casa Grande & Senzala*, publicada em 1933. Pretendendo descerrar as origens da formação cultural brasileira, centrando-se nas relações entre senhores(as) e escravos(as), Freyre traz um discurso marcado pelo seu tempo.<sup>18</sup> De modo bastante sintético, suas ideias sobre as relações sociais desenvolvidas no período colonial brasileiro estão

---

<sup>17</sup> Roberto Simonsen (1978) apresenta as estimativas atribuídas a Contreiras Rodrigues, Thomas Ewbank e Adriano Balbi, à página 271.

<sup>18</sup> Diversas já foram as críticas e releituras das obras desse autor, entretanto, é fato que, até hoje, ele é tido como referência sobre a temática da miscigenação no Brasil, o que demonstra a força persuasiva de seu discurso.

atreladas à concepção patriarcal que nessas imperava. O *pater familias* é a figura central da sociedade e se caracteriza como o principal articulador entre o público e o privado onde o poder é por ele legitimamente exercido.

Apesar de estar preso a pensamentos que têm o patriarca como figura central da sociedade, Freyre avança, de certa maneira, em relação a outros autores de sua época, como Paulo Prado (1997), por exemplo, quando discorda que as relações entre brancos e “mulatas” tenham se dado sempre em caráter festivo. Nesse sentido, o pernambucano afirma,

Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava. Onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia [...] Não há escravidão sem depravação sexual. É da essência mesma do regime. (FREYRE, 2005, p. 398).

Assim, o afamado autor desvia seu discurso do essencialismo, que relaciona a sexualidade diretamente à raça/etnia, para contemplar as performances sexuais dentro das formações socioculturais nas quais se inserem. Embora toda a sua obra seja alvo de controvérsias, é interessante salientar que, por ser um autor de grande repercussão, de certo modo, ele colocou em voga a condição do regime escravocrata como ponto de apoio para o desenvolvimento das relações interraciais àquela época. Não que ele tenha desdenhado do prolapado discurso sobre a permissividade sexual relacionada à cultura africana, mas, ao menos, apresentou outra possibilidade, ao relacionar a atividade sexual das mulheres de determinadas etnias ao regime escravocrata então vigente.

O sexo realizado, principalmente, entre senhores brancos e escravas negras e/ou pardas era, em muitos casos, fruto de interesse direto do senhor na proliferação de seu quinhão de escravos, pois, engravidando as escravas, o fruto dessas relações viria a fazer parte da população cativa pertencente ao mesmo dono das terras. Desse modo, mais do que prazer carnal, era um investimento em longo prazo. Além disso, como já dito anteriormente quando tratávamos da mestiçagem envolvendo as índias, os padrões morais vigentes eram, de alguma maneira, “negociados”, ou seja, apesar das duras críticas de conservadores e, principalmente, da Igreja, nesse caso, não foram tomadas medidas drásticas para evitar os

relacionamentos sexuais com esse propósito entre colonizadores e nativas, mesmo nativas escravizadas.

Outra componente que não pode ser ignorada nesse sistema é a que é tida, na literatura oficial, como a “atração pelo exótico”. Algumas dentre as características das culturas africanas em relação à sexualidade poderiam parecer, aos olhos da europeia, como sinais de volúpia, principalmente, por essas serem menos influenciadas pelos rígidos e conservadores preceitos da Igreja Católica. No entanto, a falta de noção da relatividade cultural fez com que se propagassem diversos discursos sobre a lubricidade das pessoas oriundas de etnias africanas.

Laura Moutinho, discorrendo sobre Gobineau<sup>19</sup>, cita um exemplo de uma colocação comum àquela época, em que o referido Conde, considerado por alguns historiadores como “o pai do racismo científico”, postula que “as artes e a literatura em geral não eram originárias de nenhuma ‘raça’ especificamente. O ‘gênio artístico’ é um produto do ‘cruzamento racial’, em especial, da sensualidade ‘negra’ com a razão ‘branca’” (2004, p. 84).

Esse tipo de discurso foi, e ainda é, muito propalado ao longo dos mais de quinhentos anos de desenvolvimento da cultura brasileira. Sem dúvida, é um dos elementos presentes na construção do imaginário *sobre* e, também, *das* mulheres brasileiras na contemporaneidade, já que, como veremos mais adiante, as brasileiras são correntemente identificadas com “a mulata”, que representa, justamente, a mistura de brancos(as) e negros(as), e a elas são atribuídas características peculiares às afro-descendentes.

É interessante pontuar, ainda, que, embora fossem difundidos discursos que diminuíam a capacidade e o valor das mulheres, Eni Samara (1989) observa que, por volta de 1800, quase quarenta por cento dos lares da cidade de São Paulo eram chefiados por mulheres dentre as quais, as negras e mulatas eram maioria. Entretanto, atribui-se esse fato a uma característica de negros(as) e mulatos(as) que teriam dificuldade em organizar famílias “legítimas”, sendo os vínculos instáveis e as relações menos duradouras. Entre os ex-escravos que deixaram testamento, percebe-se que as ligações com escravas e libertas eram constantes, assim como eram freqüentes as ligações pré-maritais. Também o abandono do lar era comum e

---

<sup>19</sup> Joseph Arthur de Gobineau, diplomata e escritor francês, autor do célebre livro *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas* (1855), esteve no Brasil em missão diplomática em 1869.

eles passavam a viver em concubinato com outrem ou desapareciam sem dar notícias, deixando os lares sob os cuidados de suas “esposas”.

Essas características das culturas afro-descendentes que se desenvolveram no Brasil foram vistas e descritas sob o olhar androcêntrico o que teminhou por tornar a sexualidade da mulher negra muito mais exposta do que a do negro. Embora as relações se dessem em um contexto social que envolve homens e mulheres, é inegável que as mulheres negras foram descritas com muito mais freqüência do que os homens de sua etnia como portadoras de uma volúpia inata, muito embora a fluidez desses relacionamentos fosse de responsabilidade tanto deles quanto delas.

Outro fator que colaborou para que a sexualidade das mulheres negras tenha sido mais discutida que a dos homens das mesmas etnias e culturas que elas, foi a questão da diferença de *status* entre homens brancos e negros no sistema patriarcal que vigorava na época<sup>20</sup>. Os brancos, sendo os dominadores, detinham privilégios nas aproximações tanto com as negras e mestiças, quanto com as brancas que, tidas como guardiãs da virtude, não deveriam se entregar aos prazeres da carne, daí a ausência, já comentada, de narrativas envolvendo negros e mestiços oriundos de relacionamentos entre mulheres brancas e negros, no processo de miscigenação. Os afro-descendentes do sexo masculino tinham a grande maioria de suas relações intrarraciais, enquanto as mulheres eram alvo de abordagens tanto de brancos quanto de negros, mas, o que se destaca nos discursos sobre as mulheres é o imaginário sobre a sexualidade de negras e mulatas que, ainda hoje, aparece atrelado a formações discursivas coloniais que consideram essas mulheres altamente erotizadas.

Não podemos deixar de comentar também, a peculiaridade dos(as) mestiços(as) ou, mais especificamente, dos(as) “mulatos(as)” no Brasil que, frutos de relações entre brancos e negras, principalmente, se tornaram, de certo modo, representantes da “brasilidade”, pois, embora o(a) índio(a) tenha sido eleito(a) símbolo nacional, muito por conta da lógica do Romantismo nacionalista dos anos mil e oitocentos, são os(as) mulatos(as) que são considerados(as) “produto” genuinamente nacional.

---

<sup>20</sup> Essa questão da diferença de status entre brancos e negros relacionando-a a questões de gênero é discutida em Moutinho, 2004.

Ocorre que, diferentemente de outros lugares, como os Estados Unidos, por exemplo, no Brasil, houve a “mistura de sangue”, como se diz popularmente. Enquanto, lá, negros(as) e brancos(as) se mantiveram, de um modo geral, separados(as), assim como na África do Sul, cujo sistema de *apartheid* ficou mundialmente conhecido, aqui, a política de colonização foi outra. A miscigenação em terras brasileiras não deixou de ser uma estratégia para conter as influências da cultura africana na sociedade de então. Se aqui não foi declarada a proibição de envolvimento de pessoas de etnias diferentes foi com o intuito de promover o apagamento do outro, ligado a um caráter eugenista de branqueamento da população e da conseqüente tentativa de eliminação das características das culturas para cá trazidas.<sup>21</sup>

Mas o que nos interessa tratar aqui diz respeito à importância dos discursos sobre os(as) “mulatos(as)” para a formação do imaginário brasileiro. Tido como ser intermediário, aquele que se situa entre o “branco=positivo” e o “negro=negativo”, o(a) “mulato(a)” não é nem um, nem outro, logo, não é puro. Daí a origem mesma do termo “mulato(a)”, que vem de *mula*, ser híbrido que não é capaz de se reproduzir por ser o resultado da mistura de duas raças completamente distintas. E é nessa interseccionalidade que se centra a especificidade brasileira, pois, em outros países, como citado, é clara a aversão à miscigenação, pois esses veem não tanto nos(as) negros(as) ou demais etnias minoritárias o “problema”, mas sim na mistura entre pessoas de origens diferentes, daí a assumida separação entre elas.

É nesse sentido que o sociólogo Oracy Nogueira (1998) reflete sobre as diferenças entre o preconceito racial baseado na origem das pessoas e o preconceito racial baseado na marca ou, em outras palavras, as diferenças entre o racismo à americana e o racismo à brasileira. Enquanto o primeiro é estruturado levando em consideração a origem das pessoas – se os pais são brancos ou negros, ou melhor, quem é o negro e quem é o branco na ascendência da pessoa –, aqui, a égide racista é pensada a partir das marcas físicas que a pessoa carrega – pele escura ou clara, cabelo liso ou crespo, nariz fino ou largo, entre outras características fenotípicas que denotariam o pertencimento a uma ou outra etnia.

---

<sup>21</sup> Para maior aprofundamento sobre esse tema, ver: MOUTINHO, 2004.

Assim, existindo essa “disposição” à miscigenação, sem que a segregação seja exposta e tomando como base os fenótipos para determinar a que raça/etnia cada pessoa pertence, o racismo à brasileira foi retratado como mais brando, contribuindo para a manutenção da fábula das três raças que compõem o(a) brasileiro(a), distinguindo o(a) mestiço(a), fruto da união de índios(as), brancos(as) e negros(as). É o que Roberto Da Matta (1997) trabalha quando se refere ao mito da democracia racial brasileira, colocado como mito, exatamente, porque o que é vivido não é exatamente democrático nem o que a descrição faz supor. Salienta, ainda, que, nos Estados Unidos, país descendente do protestantismo individualista, o racismo está ancorado em considerações sobre se manterem separados, mas se considerarem iguais em direitos. Já, aqui, embora exista essa mistura racial, há uma hierarquia, de forma que cada um deve se manter em seu lugar, inclusive os intermediários, mestiços(as), embora isso não esteja explícito em nenhum discurso oficial.

Assim, voltamos a Laura Moutinho, concordando com ela sobre “a ineficácia de se tentar ‘ignorar’ a categoria ‘raça’ (no Brasil), tendo em vista que essa estratégia não elimina sua centralidade na distribuição de poder e prestígio, nem, tampouco, a própria violência que suscita” (2004, p. 81). Fingindo viver em uma “democracia racial”, vemos que acabaram ficando para os(as) mulatos(as) as características depreciativas forjadas e acumuladas no imaginário brasileiro – malandro(a), folgado(a) e luxurioso(a) –, justamente aquelas atribuídas aos(às) brasileiros(as), de um modo geral, pois são eles(as), os(as) mulatos(as), que são tidos(as) como o tipo nacional.

Mas os(as) mulatos(as) são fruto da miscigenação de negras(os) e brancos(as) e, assim, se já trouxemos aqui alguns dos principais discursos sobre a presença dos(as) negros(as) no processo de povoamento do território brasileiro, é igualmente importante destacarmos as características que são consideradas constitutivas dos(as) brasileiros(as), modelo padrão, atribuídas aos(às) brancos(as) colonizadores(as).

As questões demográficas são elementos fundamentais para a análise das condições dessas mulheres, visto que, nessa época, a quantidade de mulheres brancas era consideravelmente pequena em relação ao número de homens brancos. E ainda, muitos pais, geralmente brancos e abastados, preferiam que suas filhas

ingressassem em conventos à espera do prometido que viria da metrópole a contraírem matrimônios inconvenientes na Colônia.

As mulheres brancas, no Brasil colonial, eram tidas como depositárias das virtudes, qualidades morais e dos bons costumes do colonizador ocidental, tanto pela Igreja, quanto pelo Estado. Por outro lado, muito por conta de relatos de viajantes europeus que se destinavam ao território brasileiro, as mulheres da colônia foram estereotipadas e em função da sua sociabilidade restrita, imposta por pais ou maridos, eram julgadas sem cultura, desarrumadas, preguiçosas e, até, mal-educadas. Quando conseguiam fugir ao cerco de vigilância que lhe era imposto e se entregavam a furtivos encontros amorosos, eram tidas então como libidinosas. Entretanto, é importante ressaltar que tais narrações não devem ser lidas sem considerar o preconceito masculino vigorante na época.

As sociedades patriarcais, orientadas e dominadas pelo homem, atribuíam à mulher um papel marginal, isolando-a da corrente principal dos acontecimentos da colônia. Os escritores anti-feministas, e também os misóginos dos séculos XVI ao XVIII, eram muito lidos em Portugal, e suas obras refletiam não somente uma crença inerente na superioridade inata do homem, além de correspondente descrédito da mulher. (RUSSEL-WOOD, 1985, p. 85).

Desse modo, análises seriamente voltadas para a condição das mulheres brancas, muitas das quais fruto das atuais pesquisas feministas e/ou sobre as mulheres, mostram que a sociabilidade de tal nicho populacional não se restringia somente à vida subjugada aos pais e maridos. Embora esse fosse o discurso corrente, muitas mulheres brancas, de classes sociais variadas, eram agentes responsáveis por elas próprias e por seus(suas) filhos(as). Em uma época em que a viuvez, de um modo geral, acontecia cedo e muitos homens passavam grande parte do tempo viajando, elas eram, sim, atuantes em diversos espaços sociais.

É importante ressaltar que, embora tenhamos destacado anteriormente a maior influência dos homens brancos em comparação às mulheres no processo de miscigenação deflagrado em terras brasileiras, o discurso que é reiterado e atualizado sobre as brasileiras, objeto do estudo aqui proposto, é aquele sobre as mulheres, índias, negras, pardas ou brancas. É a mescla somatória, acumulativa, desses discursos sobre as mulheres que forjaram e ainda alimentam o imaginário social *sobre e das* mulheres brasileiras na contemporaneidade.

As informações que circulavam sobre as mulheres eram propagadas pelos misóginos dos séculos XVI, como diz A. J. D. Russel-Wood (1985), ou pelos viajantes homens que pouco acesso tinham a informações verídicas sobre a intimidade das mulheres na colônia portuguesa na América, e posteriormente assumidas pelos escritos dos brasileiros. Desse modo, mais uma vez, é fácil perceber o porquê do subestimação das capacidades atribuídas às mulheres nos discursos dominantes do Ocidente e do Brasil, porque os autores e legitimadores eram homens sem nenhum interesse ou possibilidade de demonstrar e incentivar as conquistas femininas. Assim como os responsáveis pelos relatos das primeiras impressões sobre o recém-descoberto território brasileiro eram impregnados pelo imaginário pré-existente sobre o paraíso terreal, assim, também as narrativas em que as mulheres aparecem são mais voltadas para o que os homens achavam ou esperavam do que para o que elas sabiam ou faziam.

No entanto, embora seja comum que discursos propagadores de estereótipos passem “despercebidos” pela questão da classe social, é interessante lembrar que essa é uma categoria analítica fundamental para observações acuradas sobre as mulheres brancas desde o início do povoamento do Brasil. As índias e negras, embora apresentassem inúmeras peculiaridades de acordo com as etnias das quais eram originárias, eram tratadas no discurso colonizador de modo homogêneo – eram apenas índias, negras ou pardas, não sendo divididas por classes sociais específicas: elas eram sempre descritas como escravas. O mesmo ocorreu no caso das mulheres brancas que, desde o início eram pobres ou ricas, empregadas ou patroas, apresentando formas de socialização bastante distintas.

Os discursos correntes durante o período colonial brasileiro mostravam as mulheres brancas como preguiçosas e avessas ao trabalho de qualquer espécie. Leila Algranti traz, em um artigo sobre a questão do celibato, um parecer que estima que tenha sido escrito entre 1750 e 1798, sobre a petição da regente do Recolhimento Nossa Senhora da Glória, situado em Pernambuco, que pretendia transformá-lo em mosteiro. No ofício, que é muito semelhante a outros de autoria reconhecida como do Conselho Ultramarino, há considerações como essa:

A molidão, a indolência, e a preguiça é o mal dominante, e inveterado em todas as casas particulares dos habitantes da América, com exceção de muito poucas, e com ele se criam e nutrem as filhas a exemplo das mães: acostumadas umas e outras, desde a

infância, ao serviço e pode ser aos maus conselhos das escravas, aborrecem e tem por desprezo todo gênero de ocupação, e de trabalho, e entregues enfim a uma profunda e fatal ociosidade, que é a mãe de todos os vícios, e dela se pode perceber quais tem sido, são e serão as perniciosas conseqüências. (apud ALGRANTI, 1994, p. 208).

Ainda que os discursos propalassessem que as mulheres brancas no Brasil eram ignorantes, viviam reclusas ao lar, não sabiam se portar em eventos sociais ou perante visitantes estrangeiros, vemos que estudos mais recentes demonstram que a presença de mulheres brancas era uma constante na vida comercial da colônia. Desmentindo o mito da mulher branca ociosa no Brasil, Maria B. N. da Silva (1995) apresenta uma ampla gama de atividades desenvolvidas por essas mulheres, de acordo com a classe social em que estavam inseridas.

Segundo ela, ao longo da colonização e do desenvolvimento do país, algumas se tornaram senhoras de engenho; no Nordeste, havia muitas lavradoras de cana, que contavam, inclusive, com a posse de escravos(as) para auxiliá-las nas colheitas. Já no Sudeste, várias mulheres cultivavam roças para a sua subsistência e da família. Outras mulheres, por todo o Brasil, exerciam ofícios como os de costureiras, quituteiras, tecelãs ou mesmo empregadas domésticas ao lado dos(as) escravos(as). Eram ainda as mais procuradas por outras mulheres brancas para tarefas como ama de leite e parteira.

Apesar de representarem uma minoria, verifica-se a presença de mulheres brancas como mendigas e prostitutas, sendo que o principal contingente de mulheres brancas que se prostituíam era formado por órfãs, segundo Maria B. N. da Silva. A cor da pele era usada muitas vezes para “enganar” possíveis clientes sobre a origem e o objetivo de tais mulheres, inclusive, na descrição da viagem ao Brasil realizada por dois alemães, no início do século XIX, há um alerta sobre essa possibilidade.

O prussiano Von Leit-hold descreveu, em 1819, aquelas [prostitutas brancas] que saíam à rua mesmo de dia, acompanhadas de suas escravas e escravos, fazendo-se passar por damas de qualidade e assim atraindo os estrangeiros de visita a cidade. (1995, p. 89).

Desse modo, é difícil imaginar que as mulheres brancas no Brasil colonial correspondessem àquela imagem, por tanto tempo disseminada, em que aparecem somente dentro do lar dando ordens a empregados(as) e escravos(as) ou, no

máximo, indo à missa. Isso de fato acontecia em muitas famílias, nas quais, em função de proteger a honra feminina, se reduzia a sua sociabilidade. No entanto, a maior parte da população pertencia às classes populares que não podiam se dar ao luxo de proteger a honra abrindo mão do trabalho e da conseqüente remuneração angariada pelas esposas e filhas.

Mesmo a questão de defesa da honra feminina era vivenciada de maneira diferente entre as mulheres brancas. Elas eram as principais vítimas de assassinatos por motivo de defesa da honra, o que era aceito pelas leis vigentes, e quando não eram vítimas de tal tipo de crime eram então recolhidas em Recolhimentos. É válido lembrar que, no período colonial, não havia conventos e mosteiros no Brasil, pois o objetivo de procriação era tido como fundamental para a vinda das mulheres da Europa para cá. Entretanto, esse mote era funcional, apenas, no primeiro século de colonização, quando a escassez da população branca feminina era reconhecida e as poucas brancas que aqui habitavam eram nobres ou degredadas. Já no final desse período, a diversificação dessa cota populacional era perceptível, inclusive pela presença representativa de mulheres brancas pertencentes às classes média e popular.

Assim, percebemos que a diversidade entre mulheres brancas foi de certo modo pasteurizada nos discursos sobre elas, do mesmo modo que as diferenças entre as negras ou índias foram ignoradas ao essencializarem-nas apenas em categorias generalizadas relacionadas a raça/etnia. Esses são estratégias comuns em formações discursivas que auxiliam a manutenção de determinadas posições dominantes, como a hegemonia branca masculina frente a mulheres e negros(as), nas relações sociais vivenciadas até a contemporaneidade. Tal operação não deixa de ser parte da estratégia colonial exercida em relação aos estereótipos, que, de acordo com Homi Bhabha (2003, p. 119), atuam “como uma forma de crença múltipla e contraditória, [que] reconhece a diferença e simultaneamente a recusa ou mascara”.

Essa breve apresentação dos discursos propalados sobre o Brasil e sobre as mulheres “brasileiras”, na época do descobrimento oficial do país e durante o período de sua colonização, serve apenas como ilustração para podermos discutir de que maneira a reiteração de determinados tipos de formações discursivas fomenta a manutenção de disparidades entre os gêneros na contemporaneidade. E mais: como a construção discursiva sobre a “mulher brasileira”, desde os primórdios

da colonização, influencia tal disparidade entre gêneros nas relações sociais interculturais.

Essa ideia de valorização do colonizador, hoje em dia revivida como a valorização do Outro, está tão arraigada ao pensamento nacional que, muitas vezes, se torna complicado identificar a tênue linha que separa o reconhecimento das valorizações exacerbadas. Somos sempre instruídos, discursivamente, a ver o de fora com bons olhos, enquanto as características e feitos nacionais costumam ser julgados com peso diferente. Traços positivos e negativos sobre o caráter do povo brasileiro são aqueles imputados pelos “outros”, para então serem reconhecidos por nós. Um bom exemplo dessa situação é o caso de muitos artistas nacionais que só ganham prestígio no país depois de serem valorizados no exterior.

Dessa forma, seguimos o discurso dominante com poucas tentativas de apresentar um contra-discurso eficiente que vise desvincilhar-nos de tal modo de aculturação, o que só facilita a manutenção das disparidades acima citadas, entre os gêneros e entre brasileiros(as) e estrangeiros(as). A fim de discorrer sobre essa questão com viés prático, a seguir, apresentamos algumas características das atividades turísticas com fins sexuais que se desenvolvem no Brasil atualmente.

### 3 O TURISMO SEXUAL

Não existe pecado do lado de baixo do equador  
Vamos fazer um pecado, rasgado, suado a todo vapor  
Me deixa ser teu escracho, teu cacho  
Um riacho de amor  
Quando é missão de esculacho, olha aí, sai de baixo  
Que eu sou embaixador  
(Chico Buarque; Ruy Guerra. *Não existe pecado ao sul do Equador*)

A temática do turismo sexual envolve situações intimamente relacionadas a questões de gênero, raça/etnia, assim como de classe. Porém, há circunstâncias mais amplas, articuladas ao desenvolvimento econômico e social do país, que são, também, fundamentais para o entendimento das configurações da atividade turística em sua vertente relacionada ao sexo.

Assim, antes de adentrarmos tal discussão, é necessário fazer algumas ponderações sobre os arranjos atuais do turismo. É interessante perceber que, desde seu início, como atividade organizada, por volta do século XVIII, a prática turística sempre se configurou como uma realização provedora de *status*. A própria origem da palavra remete a certo “requinte”, *the tour* ou *the grand tour* – designando a viagem desinteressada que faz na Europa o jovem aristocrata inglês, acompanhado por seu preceptor como conclusão dos estudos e fundamental na formação dos *gentlemen* da época –, a origem provável do que se conhece por turismo, atualmente.

Ou seja, as pessoas que praticavam viagens organizadas tinham como propósito uma formação cultural diferenciada que lhes proporcionaria uma condição social destacada. Sendo esse o mote inicial, mudanças históricas e socioculturais promoveram transformações também na forma de se praticar turismo. O surgimento de novas classes sociais e os avanços tecnológicos, especialmente na área de transportes e comunicação, possibilitou novas configurações às práticas de viagens.

No entanto, apesar de contemporaneamente a atividade ter realmente se popularizado, ao longo de mais de dois séculos, a atividade turística se caracterizou por ser essencialmente elitista.

Considerando que a sociedade ocidental é calcada em um modelo social vertical, observa-se que as práticas inventadas e adotadas pelas elites são difundidas de uma maneira capilar, sendo sempre copiadas pelas classes, imediatamente subseqüentes às primeiras.

Os grupos de famosos ou *stars* da sociedade hierarquizada garantem a manutenção das práticas: eles as adotam, consagram as atrações. A durável reputação, por sua vez, nos séculos 18, 19 e, até mesmo, no início do século 20, provém da vinda de membros das famílias reais. A guerra de 1914 e em seguida a crise de 1929 modificam a sociedade que continua a ser uma pirâmide, mas cujos príncipes são substituídos por novas estrelas, as do cinema (Hollywood), do teatro, da arte e da grande literatura, e até mesmo do *show-biz*. O processo da invenção da distinção atravessa os séculos [...] Durante os dois séculos de turismo elitista, o fato de ser turista, de passar uma temporada em certa estação da moda, conferia um *status*. (BOYER, 2003, p. 32).

Essa breve passagem de Marc Boyer resume, de certo modo, a forma como o turismo tem se desenvolvido. Tendo como ideal sempre as classes mais abastadas, os demais turistas “se adaptam” ao que conseguem de mais próximo daquilo que têm como modelo. Porém, como atividade mercadológica, o turismo mantém as distinções através da oferta de classes diferenciadas de transportes e hospedagens, de estabelecimentos para alimentação e lazer e, mesmo, por meio de ações articuladas com o intuito de resguardar alguns destinos a classes específicas.

É o que acontece, por exemplo, quando se executa o planejamento turístico de uma determinada localidade para atrair e oferecer equipamentos adequados somente à classe social alta, como aconteceu por um bom tempo em Campos de Jordão, São Paulo. Ou então, quando um destino é considerado de algum modo depreciado, o que pode ocorrer por vários motivos, e passa a ser designado, preferencialmente, a classes populares, como ocorreu com o município de Praia Grande, na baixada santista, também em São Paulo.

Porém, apesar de ilustrarmos alguns casos extremos, em que as diferenciações para atender perfis específicos são bastante explícitas, grande parte das destinações turísticas opera com diversos públicos, possibilitando, ainda, que,

com distinções nos equipamentos ofertados, certa interação entre grupos heterogêneos, tanto de turistas como da própria população local. Tal perspectiva nos leva a ponderar sobre as trocas culturais promovidas pelo turismo, em especial aquelas relativas às identidades dos sujeitos.

Se levarmos em conta que é na alteridade que se “reconhece” a identidade, o turismo é um meio prático pelo qual se pode ter contato real com o outro, possibilitando a identificação, ou não, dos sujeitos. Deste modo, podemos articular o aumento gradativo da procura de locais que apresentam aspectos culturais peculiares para a prática do turismo, à intenção de fugir do habitual, no qual o indivíduo está inserido, buscando pelo exótico, o que pode ser interpretado como um meio pelo qual é possível confrontar suas próprias identidades, já que de acordo com John Urry,

Ao refletir sobre os objetos típicos do olhar do turista, poderemos utilizá-los para entender aqueles elementos da sociedade mais ampla com os quais eles contrastam. Em outras palavras, levar em consideração como os grupos sociais constroem seu olhar turístico é uma boa maneira de perceber o que está acontecendo na ‘sociedade normal’. Podemos recorrer ao fato da diferença para interrogar o normal através da investigação das formas típicas de turismo. Assim, em vez de constituir um tema banal, o turismo é significativo em sua capacidade de revelar aspectos de práticas normais, que, caso contrário, poderiam permanecer opacas. (2001, p. 17).

Como pode ser observado, a prática da atividade turística envolve toda uma gama de elementos que necessitam ser interpretados e contextualizados de acordo com as sociedades nas quais estão inseridos. Atualmente, percebe-se que a comunhão de tais elementos leva à procura de lugares, de certa forma, exóticos e/ou pouco explorados, como que originais aos olhos dos turistas. Isso se deve, em parte, também ao constante desenvolvimento dos aparatos tecnológicos relacionados aos meios de comunicação. Com a crescente popularização da internet, de programas de televisão pagas, a facilitação da circulação de informações nos mais diversos meios, como celulares, computadores portáteis, aparelhos multifuncionais, entre tantos outros, o acesso, ainda que virtual ou imaginário, a lugares distantes se difunde cada vez mais entre um maior número de pessoas.

Daí o interesse em procurar, na prática, pela novidade, pelo diferente. Porém, essa demanda é também uma resposta à necessidade das pessoas que buscam, cada vez mais, as diferenças, seus próprios arranjos, promovendo-se a si

mesmas como únicas, não aceitando estar apenas imersas numa massa homogênea. Dessa nova necessidade de distinção, quando as pessoas, mesmo dentro de grupos afins, precisam ser percebidas diferentes, individualmente, e se encontram frente a uma infinidade de opções de escolhas, emana a subjetivação atual que pode ser refletida na prática turística.

Além disso, outra componente da conformação do interesse turístico se refere às expectativas em relação aos destinos. Como nos lembra John Urry,

Os lugares são escolhidos para ser contemplados porque existe uma expectativa, sobretudo através dos devaneios e da fantasia, em relação a prazeres intensos, seja em escala diferente, seja envolvendo sentidos diferentes daqueles com que habitualmente nos deparamos. Tal expectativa é construída e mantida por ruma variedade de práticas não-turísticas, tais como o cinema, a televisão, a literatura, as revistas, os discos e os vídeos que constroem e reforçam o olhar. (2001, p. 18).

Sendo que, a partir dessas (in)formações previamente construídas é que o turista vai vivenciar a experiência turística a que se propõe. Jonathan Culler observa que

O turista se interessa por tudo como um sinal da coisa em si... No mundo inteiro esses exercícios não declarados de semióticos, isto é, os turistas, se inflamam à procura dos sinais das demonstrações de francesismo, do comportamento italiano típico, de cenas orientais exemplares, de autopistas americanas típicas, de *pubs* tradicionais ingleses. (1981, p. 127).

Sinais que, como veremos mais adiante, são igualmente procurados na sensualidade “típica” das brasileiras. Entretanto, para explicitarmos a conexão entre sexo e turismo, é válido destacar ainda, que além das questões sociais e culturais, o turismo é a “soma de fenômenos e relações originados da interação de turistas, empresas, governos locais e comunidades anfitriãs, no processo de atrair e receber turistas e outros viajantes” (GOELDNER, RITCHIE, MCINTOSH, 2002), sendo que os aspectos econômicos envolvidos nessa atividade não podem ser ignorados.

No contexto global, o Brasil é considerado um país com economia fraca frente às “grandes potências” econômicas como China, Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra, entre outras. Porém, se o estágio de desenvolvimento econômico brasileiro não o coloca em posição favorável no mercado transnacional, para o

incremento do turismo a moeda “desvalorizada” serve como mais um atrativo para turistas estrangeiros. E não é apenas a taxa cambial que interfere na colocação do país entre os mais procurados para a atividade turística aliada a práticas sexuais; a grande disparidade social, facilmente identificada em todos os estados da Federação, também é uma importante componente da estrutura na qual se ampara o turismo com fins sexuais, pois é a articulação, e não apenas a soma de vários fatores, que facilita o desenvolvimento dessa atividade em determinadas localidades, em detrimento de outras.

O Brasil é um importante destino turístico regional. Em avaliações recentes, o país aparece como o quinquagésimo segundo Estado, entre os cento e trinta e nove avaliados pela quarta edição do Relatório de Competitividade em Viagens & Turismo, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, em Genebra, na Suíça e o primeiro da América do Sul (WORLD ECONOMIC..., 2011). Entre os principais visitantes estrangeiros que se destinam ao país, destacam-se os argentinos, norte-americanos, italianos, uruguaios, alemães, chilenos, franceses, paraguaios, portugueses, espanhóis e ingleses<sup>22</sup>, segundo os dados oficiais divulgados pelo Ministério do Turismo.<sup>23</sup>

Relacionando e interligando o mercado turístico a um mercado considerado menos respeitável (ou menos valorado) na sociedade brasileira – o mercado do sexo e do prazer – o turismo sexual tem crescido vertiginosamente em diversas áreas do país, especialmente na Região Nordeste, o que revela que, embora intimamente relacionado a questões de imagem e estereótipos criados acerca do povo brasileiro, as causas e implicações socioeconômicas e culturais são tão importantes quanto essas para a análise desse tipo específico de prática turística.

Na década de noventa do século passado, período de implementação do Real como moeda corrente e “estável”, no país, verificou-se o aumento significativo da chegada de voos internacionais às principais capitais nordestinas. É nesse momento que o Brasil passa a figurar entre os principais destinos de turismo com

---

<sup>22</sup> Vale lembrar que, exceto os paraguaios, todas as demais etnias foram citadas na pesquisa realizada para este trabalho junto às prostitutas em Salvador sobre seus clientes.

<sup>23</sup> Chegadas de turistas internacionais ao Brasil em 2010 (em milhares de pessoas): Argentina (1.399.592); EUA (641.377); Itália (245.491); Uruguai (228.545); Alemanha (226.630); Chile (200.724); França (199.719); Paraguai (194.340); Portugal (189.065); Espanha (179.340); Inglaterra (167.355). (BRASIL, 2011).

fins sexuais do mundo. Nesse contexto, a questão da prostituição voltada para o atendimento de estrangeiros passou a receber mais atenção, levando a uma série de debates e investigações sobre os demais assuntos articulados ao mercado sexual transnacional como, por exemplo, a prostituição infantil, o tráfico de mulheres, o lenocínio internacional, dentre outros.

É importante destacar que, ainda que as atividades relacionadas ao contexto do mercado transnacional do sexo sejam vistas, de certo modo, como depreciativas para muitas pessoas envolvidas, o cuidado para a apreciação da temática é fundamental para evitar julgamentos moralistas ou que coloquem as(os) envolvidas(os) em posição de vítima, negando-lhes qualquer característica de agência própria. O turismo sexual é apenas um viés dentro de uma variada gama de atividades desprestigiadas que se articulam ao desenvolvimento turístico. Entretanto, essa modalidade relacionada ao mercado sexual, que não é ilegal desde que praticada com pessoas que já atingiram a maioridade, é vinculada pelo senso comum ao rol de práticas vis, justamente por entremear atividades moralmente estigmatizadas, como é o caso da prostituição.

Vale ressaltar que a atividade turística é comumente segmentada para fins de planejamento. Desse modo, identificam-se características comuns a determinados grupos, tendo como finalidade a criação de produtos adequados a demandas específicas. Assim, há destinos que se estruturam com vistas ao dito turismo cultural, assim como ao turismo de negócios, ao de lazer e a tantas outras modalidades existentes. Contudo, tal segmentação é feita com vistas ao planejamento receptivo, sendo inviável a divisão dos viajantes em categorias estanques.

Por isso, apesar de utilizarmos a denominação *turismo sexual*, sabemos que nenhuma localidade, ao menos oficialmente, tem seu planejamento voltado para esse “tipo” de turismo e, assim como a identidade social não pode ser lida como singular, as motivações pessoais para a prática turística também não podem ser enquadradas em um ou outro “tipo” de turismo. O uso dessa terminologia se deve, exclusivamente, ao interesse em dialogar sobre tal questão, utilizando uma nomenclatura já estabelecida e amplamente conhecida.

Então, visando compreender o que é considerado turismo sexual, buscamos, junto à Organização Mundial de Turismo (OMT) – *World Tourism Organization* (WTO) –, a sua definição “oficial” que seria: “viagens organizadas

dentro do setor do turismo, ou fora deste, usando suas estruturas e redes de contato, com a intenção principal de efetivar relações sexuais comerciais entre turistas e nativos”<sup>24</sup>.

Porém, como vimos detalhando acima, acreditamos não ser possível determinar motivações principais, mas, mesmo que essas existam, o fato de os envolvimento sexuais não serem a prioridade para o deslocamento não faz com que as interações e suas conseqüências se tornem menos importantes. As questões envolvidas na prática do turismo sexual se fazem presentes tanto quando há relações sexuais comerciais com nativas como quando as relações sexuais não estão diretamente inseridas num contexto mercadológico, pois o imaginário sobre a mulher brasileira, assim como as assimetrias de gênero, se fazem presentes em um e outro caso. Nesse sentido, é interessante a contribuição de Martin Oppermann acerca do caráter multi-proposital do turismo que considera:

Este caráter multi-proposital do turismo aliado às múltiplas atividades que o compõe, aponta para o fato de que o turista não precisa viajar somente em busca de sexo, ou que numa situação de turismo sexual, as pessoas envolvidas tenham somente sexo em mente. [...] Muitos turistas experimentam encontros sexuais simplesmente porque a oportunidade aparece ou porque eles conhecem indivíduos atraentes. Em outros casos, eles simplesmente sentem-se sozinhos e sexualmente privados, e usam a oportunidade de ser um ‘estranho desconhecido’ para comprar serviços sexuais. (1999, p. 256, tradução nossa).

Porém, é importante frisar, mais uma vez, que as construções imaginárias permeiam todas essas situações sem que sejam oportunamente evidenciadas. Sendo assim, consideramos a apreciação de Adriana Piscitelli mais abrangente, pois ela define o turismo sexual como “qualquer experiência de viagem na qual a utilização de serviços sexuais prestados pela população local, em troca de recompensas monetárias e não-monetárias, é um elemento crucial para o sucesso da viagem” (2001, p. 3)<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> Tradução nossa. No original: “trips organized from within the tourism sector, or from outside this sector but using its structures and networks, with the primary purpose of effecting a commercial sexual relationship by the tourist with residents at the destination” (WORLD TOURISM..., 2006).

<sup>25</sup> Tradução nossa. No original: “as any travel experience in which the furnishing of sexual services by the local population in exchange for monetary and non-monetary reward is a crucial element for the success of the trip”.

Essa argumentação abarca os turistas que não viajam com a intenção primordial de ter relações sexuais, mas que as consideram fundamentais para a satisfação na viagem, como também aqueles que não pagam diretamente por serviços sexuais mas deles acabam usufruindo através de trocas, que podem envolver diferentes formas de pagamento, que não dinheiro, explicitamente.

Desse modo, pretendemos esclarecer que o turismo sexual é entendido, aqui, como a prática de viagens que envolve relacionamentos sexuais pautados em diferenças socioculturais (em especial, pelo viés articulado às relações sociais de gênero e raça/etnia), aliados a recompensas materiais ou imateriais.

É válido salientar que, mais do que dinheiro e/ou presentes, muitas vezes, os interesses em envolvimento com turistas giram em torno de acesso a lugares que não podem ser freqüentados habitualmente por certa parcela da população autóctone, seja por conta dos altos custos, seja por conta do preconceito social. Além disso, a possibilidade de ascensão social, em especial, aquela atrelada à oportunidade de migração, em caso de um envolvimento mais duradouro, é outra componente de destaque no interesse de mulheres nativas por estrangeiros.

Assim, vamos percebendo a constituição de uma rede de fatores que convergem para a prática do turismo sexual. Além do posicionamento econômico do Brasil no mercado global, vemos que as mazelas sociais aqui presentes são cruciais para despertar o interesse de turistas em busca de sexo de virem ao Brasil já que, sabendo das condições relacionadas não apenas às classes sociais como, também, às relações sociais de gênero e à raça/etnia, imaginam, ou sabem, que o simples fato de serem representantes de uma cultura diferente já os torna atrativos para muitas mulheres.

É interessante notar que, há pouco tempo atrás, no final do século XIX e início do XX, o movimento era contrário: eram as escravas brancas que eram enviadas à América para se prostituírem. Nesse contexto, as mulheres, especialmente judias do leste europeu, eram traficadas em direção a cidades como Rio de Janeiro, Buenos Aires e Nova Iorque, para fins de exploração sexual. Aqui, a alta densidade de população masculina aliada à pretensão de que as europeias pudessem trazer valores civilizados à sociedade local, motivaram tal fluxo, que perdurou até a metade do século passado.

No entanto, é fácil observar que, atualmente, o movimento é outro, pois são os turistas que vêm em busca de mulheres locais, embora a ideologia ainda

permaneça, de certo modo, inalterada, já que os estrangeiros ainda são vistos como os portadores da civilidade. Essa questão da diversidade cultural é bastante presente nas relações que compõem o cenário do mercado turístico mediado por sexo, pois, assim como as nativas procuram diferenciais em homens oriundos de culturas diversas, os estrangeiros, em geral, são detentores de um imaginário impregnado de exotismo em relação às mulheres brasileiras e a suas construções socioculturais.

Pensando o exotismo como um termo que se refere a culturas e paisagens distantes, que têm suas imagens construídas socialmente pela intermediação do imaginário colonialista, percebemos que o viés discursivo que vem sendo discutido nesta tese é crucial na definição das relações estabelecidas no contexto do turismo sexual. A esse respeito, Sônia Corrêa e Ana Paula Portela, afirmam:

O elogio da miscigenação pacífica traz uma compreensão da sexualidade feminina em que o corpo e o desejo nada mais são do que os lugares do prazer do homem e da empresa colonial. É aqui que começa a se formar uma concepção da sociedade brasileira que sobrevive até hoje e onde a sexualidade livre, prazerosa, e, segundo Freyre, 'desbragada' é pouco atenta a outras considerações que não o prazer e tem sido apresentada como um dos elementos centrais de nossa identidade. (1994, p. 24)

Articulando os discursos sobre sexualidade à formação da identidade brasileira não podemos deixar de lembrar novamente a afamada carta escrita por Pero Vaz de Caminha noticiando o “achamento” das terras brasileiras ao rei de Portugal, narrativa plena de observações unilaterais sobre os costumes locais, destacando algumas passagens em que as nativas são descritas por suas atraentes formas físicas. Entretanto, os relatos que trazem a temática do “erotismo sem fronteiras que seria intrinsecamente brasileiro”, segundo Sônia Corrêa, não são prerrogativas dos primeiros relatores oficiais que aqui estiveram. Esse tipo de discurso é facilmente observável entre textos de viajantes, memorialistas e cronistas das mais variadas épocas.

[...] a lista vai de Voltaire no século XVIII a viajantes contemporâneos como Contardo Calligaris, passando por Mário de Andrade, Jorge Amado, Darci Ribeiro, entre muitos outros. Vários desses autores contrastam nossa 'falta de limites' ao primado da lei e da razão que

devem ordenar o mundo, outros ficam apenas alumbrados e fazem seu elogio. Há finalmente aqueles como Calligaris, em *Hello Brasil* (1992), que examinam, com severidade, as perversões resultantes da ausência de lei nas esferas social e política, mas não conseguem resistir ao fascínio dos corpos brasileiros, produzindo mediações sociais as mais inusitadas. (CORRÊA, 1996, p. 154).

Esses discursos, que insistem em ressaltar a “sensualidade brasileira” como algo natural, inerente a toda e qualquer mulher nascida no território nacional, não se restringem a produções artísticas; eles são atualizados e internalizados através das mais diversas mídias circulantes na contemporaneidade. Corpos de mulheres são usados nas propagandas de variados produtos, desde carros até alimentos e bebidas<sup>26</sup>, e, assim, as empresas atuantes no *trade* turístico também se valem do recurso “corpo feminino sensual”, atrelando-o à identidade brasileira, para fomentar suas vendas.

Embora, há mais de uma década, as entidades governamentais que atuam no segmento turístico tenham coibido a utilização de mulheres em trajés sumários na publicidade por elas promovida, nas campanhas de empresas privadas, a associação ainda é livre. Desse modo, não podemos deixar de lembrar que o turismo é uma atividade dirigida para um destino do qual se tem informações adquiridas através de variadas fontes e que é o acúmulo de conhecimento sobre determinada localidade que motiva ou não a viagem.

Sendo assim, a reiteração de discursos que alimentam o imaginário social sobre o Brasil composto por imagens de mulheres sensuais e pessoas em constante clima de festa e prazer, mesmo que não intencionalmente, potencializa o fluxo dos turistas que consideram tais características essenciais para a sua satisfação durante a viagem. No capítulo anterior, discutimos a construção desse imaginário sobre o Brasil, mas, para a discussão sobre o turismo sexual no país aqui proposta, não poderíamos deixar de assinalar tal influência, pois, segundo Antonio Carlos Franchi:

O turismo é uma atividade de exploração da subjetividade do ser humano, que, por sua vez, consente comprar um pacote turístico para usufruir ilusoriamente das imagens e sonhos que o turismo proporciona. Neste sentido, embora o turismo afete os diversos sentidos humanos, a sua principal linguagem é a imagem, e a partir

---

<sup>26</sup> Para uma ampla discussão sobre as representações de gênero na publicidade brasileira, ver: BELELI, 2005.

dela, a publicidade torna-se uma importante ferramenta de persuasão. (FRANCHI, 2004, p. 142).

Destaca-se, aqui, a ideia de que a publicidade está em constante diálogo com as representações do imaginário social. Mas não é apenas a publicidade turística que interfere na imagem que as pessoas têm de determinados lugares ou povos, mas sim o imaginário recorrentemente atrelado aos locais e sua população, independentemente do produto que está sendo vendido, como, por exemplo, nos filmes que trataremos mais adiante. Tanto é assim que na pesquisa empreendida por Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette sobre algumas peculiaridades do turismo sexual em Copacabana (RJ), eles apontam três idealizações acerca dos(as) brasileiros(as), correntemente presentes nos discursos de seus entrevistados estrangeiros, que, de certo modo, apontam para a imagem disseminada sobre o país e suas nativas. São elas:

A ideia de que os brasileiros – e particularmente as brasileiras – são dotadas de uma sexualidade ‘natural’ acentuada. A ideia de que as relações sociais expostas na cidade – particularmente as relações familiares e o papel da mulher na família – são típicas de um outro tempo, o passado dos países de origem dos gringos em questão. A visão da cidade como ‘perdedora’ (também do país como ‘perdedor’) – um espaço sócio-econômico que não provê adequadamente a maioria de seus habitantes, particularmente as mulheres. (2005, p. 256).

Um outro exemplo representativo é encontrado no livro *Empresário busca mulher jovem, morena, bonita, liberal... explorando os anúncios de estrangeiros*, de Maria José Guimarães (2002), em que é recorrente o padrão que homens oriundos de culturas diversas identificam nas mulheres brasileiras, mais especificamente, nas baianas.

Tendo como universo os classificados de um jornal de grande circulação em Salvador, no ano de 1999, a autora identificou que dentre aqueles que se destinam à procura de parceiros(as) para relacionamentos pessoais, mais de cinquenta anúncios individuais, sem considerar suas repetições, eram de homens estrangeiros desejosos de conhecer brasileiras. E nesses, características como cor da pele e sensualidade, foram bastante recorrentes.

O que nos interessa diretamente nessa análise minuciosa feita por Maria José Guimarães, é que, mais uma vez, se verifica a reiteração do imaginário sobre a

mulher brasileira cuja característica peculiar está diretamente relacionada a marcas corporais, como salienta a autora:

Essa associação mulher/corpo ficou evidente com a categorização dos conteúdos dos anúncios. Ao dividir as categorias idade, cor da pele, atributos (físicos e morais, escolaridade, outros) foi possível traçar o perfil da mulher que é representada; seu corpo está de tal modo ressaltado que não se pode percebê-la como um ser humano que pensa, mas apenas como um ser corporificado. No contexto dos anúncios, a mulher corporificada é também uma extensão do corpo sensualizado, corpo disponível para o sexo. (GUIMARÃES, 2002, p. 47).

No interesse pela “sensualidade nativa” reside umas das principais motivações dos turistas que vêm ao Brasil em busca de relacionamentos sexuais. As aproximações, quando não acontecem por meio de anúncios em jornais como os aqui comentados, podem ocorrer por intermédio de agências de encontros internacionais, de agenciadores e/ou facilitadores locais ou, ainda, de forma direta.

No caso dos anúncios, eles são veiculados em jornais na cidade e fornecem endereço (real ou virtual) para contato e envio de fotografias das interessadas, sendo que, em geral, a proposta é para envolvimento afetivo.<sup>27</sup> Já, quando o contato é realizado através de empresas especializadas, que aparecem como agências de matrimônio ou de turismo, elas oferecem fotos e vídeos das mulheres credenciadas antes mesmo que o interessado saia de seu país. Após uma seleção prévia, é, então, vendida uma viagem ao Brasil que inclui a companhia da mulher escolhida pelo período da estadia aqui ou, pelo menos, por parte dela. Muitas vezes, as contratadas esperam seus acompanhantes já no saguão de desembarque do aeroporto e acabam assumindo outras funções, como as de guia e intérprete, o que leva alguns turistas a preferirem esse tipo de contrato.

Quando os estrangeiros vêm ao país sem nenhum contato anterior, seja por meio de anúncio, seja por meio de agência, eles podem conhecer mulheres dispostas a se envolver com eles através da ajuda de agenciadores ou facilitadores.

---

<sup>27</sup> Na capa do seu livro, Guimarães (2002) traz dois exemplos: “Alemão sonha em casar com brasileira carinhosa. Escreva com foto para: BDPV Lehmkhule 6 D-44894 Bochum – Alemanha”<sup>27</sup>; e: “Alemão, 55 anos, 1,86m, olhos azuis, magro, bonito, procura mulata até 22 anos para férias na Alemanha, escreva com foto: e-mail amfora@yahoo.com.de. End. Spatzenegger, 80331, Munchen, Lederestr, 17 – Alemanha”.

De acordo com Antonio Jonas Dias Filho, antropólogo que analisou o circuito do turismo sexual em Salvador, há, no bairro da Barra (seu campo de pesquisa)<sup>28</sup>,

taxistas, porteiros de prédios e funcionários de hotéis, guias turísticos, donos de casas noturnas, bares e restaurantes, além de outros facilitadores e agenciadores, com atividades paralelas não identificadas, que propiciam aos turistas o acesso às mulheres nas dependências desses estabelecimentos, através de uma rede de contatos muito bem estruturada. (2001, p. 87).

Ou seja, o turista tem a possibilidade de contatar alguém que está inserido na cadeia turística e, portanto, tem acesso direto a ele, para que tal elemento facilite a aproximação entre o visitante e alguma mulher que lhe agrade. É importante esclarecer que essa intermediação não é gratuita: é sempre cobrado da mulher, do turista ou de ambos, algum tipo de gratificação, sendo que, muitas vezes, o pagamento realizado pelas mulheres envolvidas nesse mercado é realizado por meio de serviços sexuais, no caso de agenciadores ou facilitadores homens.

Mas há, ainda, outra possibilidade de contato, que é efetivada quando um turista que já esteve na cidade volta para seu local de origem e passa as informações sobre as mulheres que conheceu para outros amigos que, quando vêm para cá, as procuram “diretamente”. É bastante comum que aconteça, mesmo quando o primeiro visitante se mantém em comunicação com uma mulher específica, em muitos casos, tornando-se “namorado” dela, que este solicite que ela apresente “amigas” para seu conterrâneo que estará aqui.

Por fim, existe a aproximação realmente direta, que ocorre quando o visitante já está na cidade e se dirige diretamente às mulheres que lhe interessam, ou então, é por elas procurado. Entre as entrevistadas na pesquisa aqui apresentada, essa é a “modalidade” de encontro mais citada, já que são profissionais do sexo que costumam freqüentar sítios turísticos a fim de atrair turistas. Além disso, os contatos diretos são os mais favoráveis, do ponto de vista financeiro, já que não há intermediários a serem pagos, seja pela profissional, seja pelo cliente. No entanto, justamente pela falta de outras pessoas envolvidas na negociação do serviço sexual, as duas partes ficam expostas a variadas formas de violência, o que intimida alguns estrangeiros a aceitarem esse tipo de negociação.

---

<sup>28</sup> O referido autor realizou sua pesquisa no final da década de noventa para a composição de sua Dissertação de Mestrado.

Os turistas que optam por essa “modalidade” de contato direto são, muitas vezes, aqueles que procuram relacionamentos com mulheres que não se prostituem. Os que fazem parte desse grupo costumam dizer que não pagam por sexo e preferem “acreditar” que há algum envolvimento desinteressado entre eles e as mulheres que os acompanham. O pagamento, nesses casos, não é monetário; ele se dá através de presentes, acesso a lugares pouco freqüentados pelas camadas populares locais ou, ainda, pela possibilidade, em potencial, de migração por parte da envolvida.

Porém, há, também, turistas que, contrariamente aos acima citados, procuram diretamente por mulheres, justamente para acordar exatamente o que fazer e o quanto pagar e para que possam variar de companhia durante sua estada na cidade, sem que haja nenhum tipo de pudor, o que explica o interesse por profissionais “declaradas”. São, em geral, homens que buscam experiências sexuais com grande número de parceiras e que descartam qualquer possibilidade de envolvimento afetivo. Nesse caso, se aproximam dos tipos classificados por Ana Paula da Silva e Thaddeus Blanchette, que identificaram dois tipos predominantes de turistas sexuais na boate *Help*, onde realizaram seu estudo. O turista sexual *accidental*, “pois ele atribui sua presença na boate à força das circunstâncias e não a considera fruto de um plano ou o objetivo final de sua viagem”, porém assumem a procura por prostitutas. E o segundo tipo que, de acordo os autores, constituem um grupo pouco numeroso, “os auto-rotulados *mongers*”<sup>29</sup>, turistas sexuais assumidos e que gastam enormes quantidades de tempo e de dinheiro à procura de novas aventuras sexuais” (2005, p. 263; 264).

Entre os estrangeiros que vêm ao país motivados pelas possibilidades de encontros sexuais, existem, ainda, aqueles que se envolvem com uma mulher em especial e a mantém como sua amante ou namorada, enviando-lhe dinheiro e/ou presentes quando não está no país, a fim de manter o vínculo para quando ele voltar à cidade. Nesses casos, muitas vezes o relacionamento é restrito às visitas dele, sem qualquer possibilidade de migração para a envolvida, porque seu “companheiro” tem esposa e filhos no seu país de origem e usa subterfúgios, como viagens de negócios ou eventos, para vir ao Brasil desacompanhado.

---

<sup>29</sup> De acordo com os autores que utilizam essa denominação, *mongers* é uma adaptação de *whoremongers*, que designa pessoas que compram e vendem serviços sexuais.

Finalmente, existem visitantes de nacionalidades diversas que buscam nos encontros sexuais com brasileiras, ideais românticos e relacionamentos tradicionais, propondo, inclusive, casamento. Como, por exemplo, é o caso que Val relata sobre um de seus clientes:

– [...] ele falava às vezes. E ele era ciumento, falava que não gostava de prostitutas e tudo mais, eu falei assim com ele, p[ra] ele me dá[dar] dinheiro e ele falava: ‘Já te dei muito presente. Eu num[não] quero te dar dinheiro porque você não é prostituta, eu num[não] gosto de prostituta’. Entendeu?

Grande parte das envolvidas no contexto do turismo sexual procura justamente por esse “tipo” de homem, já que, junto a eles a possibilidade de parar de se prostituir e, principalmente, o potencial de migração é mais evidente.

Entretanto, é válido ressaltar que, nesse tipo de relacionamento, as disparidades de gênero aparecem, talvez, de forma mais visível, pois, é justamente por julgarem as mulheres de seus países de origem emancipadas e pouco submissas às suas vontades que muitos homens recorrem a relacionamentos com parceiras de culturas diferentes das suas e que se encontram em situação de sujeição nas sociedades em que estão inseridas, seja por questão de classe, seja por questão de raça/etnia seja, ainda, por questão de gênero. Sônia Corrêa define essa situação da seguinte forma:

Historicamente, nas mais diversas culturas, as mulheres se dividiam entre as boas e as más (as mães/esposas e as prostitutas). No momento atual, homens de uma cultura buscam em outros contextos culturais as boas mulheres, já que suas compatriotas se recusam a aceitar padrões de relação caracterizados pela violência e pela coerção. Isto vale para os europeus que procuram asiáticas e brasileiras, assim como para árabes que buscam indonésias, ou mexicanos que vão em busca de companheiras na Guatemala. O deslocamento de um vasto contingente de mulheres através do planeta é mediado pela sexualidade, e instrumentaliza desigualdades culturais e econômicas, possivelmente para manter funcionando um sistema global e desigual de gênero. (1996, p. 157).

A respeito das características dessas modalidades de relacionamentos que se desenvolvem entre turistas e nativas, Adriana Piscitelli faz uma extensa análise sobre como acontecem e em que contexto tais relações se dão e, após fazer uma longa pesquisa na bibliografia internacional, resume:

Nem todos os viajantes estrangeiros à procura de sexo são considerados por essas mulheres como agentes ideais para viabilizar a mobilidade social e/ou migração. A produção internacional sobre turismo sexual chama a atenção para a heterogeneidade de modalidades presentes nesse universo, considerando um conjunto de fatores (o sexo e a idade de aqueles/aquelas oferecendo serviços sexuais, a orientação sexual dos consumidores, a participação ou não de intermediadores, a integração desse tipo de serviços no setor formal ou informal, em tempo parcial ou integral) (Mullings, 1999) e traçando, também, distinções entre turistas sexuais. Essa literatura estabelece diferenças entre aqueles que procuram, pelo menor preço possível, encontros explícitos e *focalizados*, preferindo relacionamentos múltiplos e anônimos, e outros que acreditam estarem envolvidos em relações sexuais e emocionais autênticas e recíprocas, que não consideram prostitutas as mulheres que com eles se envolvem e que não se pensam como 'clientes' (O'Connell Davidson, 1996). (PISCITELLI, 2004, p. 303, grifo da autora).

Assim como é evidente certa heterogeneidade entre as formas de envolvimento e as intenções dos turistas que fazem parte do cenário do comércio sexual interseccionado com o mercado turístico, as mulheres que nele se inserem também o fazem por diferentes interesses. Como destacamos nas entrevistas realizadas, não é apenas o pagamento diferenciado que torna os viajantes estrangeiros mais atraentes; ideais de educação e beleza presentes no imaginário das envolvidas também colaboram para que esses sejam preferidos aos brasileiros.

Podemos observar que, entre essas mulheres, existem aquelas que, assim como os homens que não se consideram clientes, também não se identificam como prostitutas. São, em muitos casos, trabalhadoras do mercado formal e informal, sub-remuneradas, que veem na aproximação com turistas a possibilidade de freqüentarem bons hotéis e restaurantes, de realizarem pequenas viagens para destinos próximos da cidade, que elas poucas vezes visitam ou, ainda, de ganharem presentes que, com o baixo salário que recebem, são considerados supérfluos, como perfumes, joias, celulares mais modernos, dentre tantos outros.

Porém, há também as profissionais do sexo que, assim como as citadas, almejam ter acesso a lugares diferentes dos que habitualmente visitam e, igualmente, angariam presentes junto a seus clientes. Entretanto, o pagamento não é dispensado, é negociado logo no início do programa e pode se referir a apenas um encontro com práticas e tempo definido ou pode se estender por dias ou semanas. É comum, ainda, que, apesar de não ter negociado o programa por longos períodos, o visitante recorra, quase que diariamente, à mesma parceira.

Apesar de haver alguma distinção nas formas de envolvimento e nos lucros auferidos entre as prostitutas e as não-profissionais, em ambos os grupos, encontram-se mulheres dispostas a manter relacionamentos, muitas vezes sem envolvimento emocional autêntico, a fim de desfrutar as oportunidades que um possível casamento com um estrangeiro, principalmente quando oriundo de países europeus, pode lhes proporcionar.

Esse ideal de migração pode ser interpretado como decorrente do imaginário social sobre a Europa, que aparece impregnado de valores relacionados a melhores condições de vida, “melhor” cultura, mais educação e menores desigualdades sociais. Numa pesquisa realizada, em 2004, pelo já citado Centro Humanitário de Apoio à Mulher (CHAME), com estudantes do ensino médio (antigo segundo grau), e universitárias soteropolitanas, averiguou-se que 70% das secundaristas, e 61% das universitárias, tinham desejo de morar fora do país. Os principais destinos citados foram França, Estados Unidos e Itália, no primeiro grupo; e, Espanha, Itália e Inglaterra, no segundo.

Questionadas sobre o que as faria mudar de país, as respostas mais freqüentes, em ambos os grupos de entrevistadas, foram a falta de emprego e de dinheiro, além da opção *nada*. Ou seja, existe a ideia de que em outros países haveria maior possibilidade de conseguir emprego e/ou dinheiro, diferentemente da realidade local. Essa idealização pode ser percebida, ainda, nas considerações levantadas sobre as diferenças entre os homens estrangeiros e brasileiros.

Na questão apresentada – o que faz o homem estrangeiro diferente do brasileiro? – verificou-se que 40% das secundaristas entrevistadas julgaram que o que os diferencia é a educação e 20% julgaram que o diferencial, além de educação, é sensibilidade, beleza e dinheiro. Já, entre as universitárias, 38% não responderam e 38% escolheram a alternativa “outro”. No entanto, cada uma das combinações de respostas, educação/beleza, educação/dinheiro e sensibilidade/educação foi escolhida por 8% das respondentes. (CENTRO HUMANITÁRIO..., 2004).<sup>30</sup>

Nesses breves dados apresentados, percebemos que o imaginário é o mesmo identificado entre as prostitutas aqui entrevistadas, que pode ser percebido

---

<sup>30</sup> A pesquisa “Motivações de estudantes soteropolitanas para a migração internacional” foi realizada na cidade de Salvador, em 2004, por meio da aplicação de cem questionários para estudantes do sexo feminino em uma escola pública; e cem questionários para estudantes de uma faculdade particular.

em falas sobre a Europa, como – *Eu penso, assim, que, lá, a gente pode mesmo ganhar dinheiro*, ou – *Você se sente bem, estamos em outro mundo. Primeiro mundo é outra coisa né?* – indícios de que o pensamento colonialista é revisitado ainda hoje quando a civilidade, a cultura, a educação e o “desenvolvimento” do “primeiro mundo”, são enaltecidos pelos(as) brasileiros(as).

Podemos perceber essa atualização do modelo colonial, na interrelação de sociedades, em que o turismo se apresenta como atividade essencial, sendo regido pelas normas capitalistas contemporâneas. A busca incessante pelo diferente, aliada à evidência do prazer, características da “pós-modernidade”, faz com que, cada vez mais, os fluxos em direção a destinos periféricos se intensifiquem, já que esses ainda podem apresentar atrativos exóticos para os turistas detentores de conhecimento e poder de compra. Sendo que, “no presente [os turistas sexuais] expressam a dominação diretamente pelo dinheiro que carregam, que compra inclusive a virgindade de crianças e adolescentes na Ásia, África e América Latina” (OURIQUES, 2005).

Essa relação entre países “centrais” e “periféricos” é expressa através do turismo sexual no sentido de que este é, caracteristicamente, marcado pela procura não apenas de sexo mas, também, de relações sexuais com mulheres que vivenciam situações de pobreza e baixo nível educacional. Essas mulheres procuram, no contato com estrangeiros, a oportunidade de melhorar suas condições de vida, seja através do dinheiro pago pelos serviços sexuais, seja pela procura de relações estáveis, visando sempre a mobilidade social, que pode estar diretamente relacionada a padrões culturais bastante diversos daqueles de origem das brasileiras que, somente após se casarem, é que vão vivenciar a realidade da “vida na Europa”. Tal experiência muitas vezes as decepciona, justamente por conta do confronto entre o imaginário sobre o lugar e a realidade vivida.

Desse modo, discutiremos a seguir a questão da prostituição – já que foi esse o grupo de mulheres eleito por nós para a realização da pesquisa – a fim de possibilitarmos um melhor entendimento sobre as articulações entre o mercado turístico e sexual e suas conseqüências sociais.

## 4 SOBRE A PROSTITUIÇÃO

*No es un trabajo vocacional, como no lo es ninguna actividad de subsistencia, sino una forma de ganarse la vida.*  
(Dolores Juliano, em entrevista)

Identificadas nas mais diversas sociedades e épocas, as atividades relacionadas à prestação de serviços sexuais fazem parte do imaginário social há muitos séculos. *Pornais*<sup>31</sup> e hetairas na Grécia Antiga, escravas sexuais em Roma, pensionistas de bordéis e camareiras de banho na Idade Média, meretrizes na França do século XIV, ou cortesãs no século XVIII francês, a diversidade de nomenclatura reflete, de certo modo, a ampla gama de contextos e formas como a comercialização do sexo foi vivenciada ao longo dos tempos. Por isso, se faz necessário destacar a importância de situarmos, temporal e culturalmente, a concepção de prostituição com a qual trabalhamos.

Apesar de sua histórica existência, inclusive sendo referenciada no senso comum como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição, assim como a conhecemos contemporaneamente, começa a ser delineada apenas no século XIX.

Construído no século XIX a partir de uma referência médico-policial, o conceito da prostituição não pode ser projetado retroativamente para nomear práticas de comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais, sem realizar um aplainamento violento da singularidade dos acontecimentos. Fenômeno essencialmente urbano inscreve-se numa economia específica do desejo, característica de uma sociedade em que predominam as relações de troca, e em que todo um sistema de codificações morais, que valoriza a união sexual monogâmica, a família nuclear, a virgindade, a fidelidade feminina, destina um lugar específico às sexualidades insubmissas (RAGO, 2008, p. 25).

---

<sup>31</sup> *Pornai* significa “mulheres à venda” em grego, e se refere à categoria mais baixa das prostitutas na Grécia Antiga, seguidas pelas “auxiliares de banquetes” e, por fim, no nível hierárquico mais alto, aparecem as *hetairas*.

É com o acesso das mulheres de determinados segmentos sociais à vida pública que se torna necessário caracterizar aquelas que até então eram as “únicas” representantes do sexo feminino em tal espaço de sociabilidade. Se até aquele momento, a “mulher pública”<sup>32</sup>, aquela que estava na rua, era a prostituta, a partir daí, com as mulheres freqüentando ambientes fora do lar, era imprescindível, ao código moral, distinguir as “moças de família” daquelas que, de alguma forma, comercializavam seus corpos. Como aponta a autora acima citada,

Neste conceito, a comercialização sexual do corpo feminino se caracterizará como prostituição, segundo o conceito elaborado no século XIX, saturado de referências médico-policiais, e a figura da prostituta poderá ser estrategicamente redefinida, aparecendo como parâmetro de limite para o comportamento feminino no espaço urbano. Ora, em geral é a referência à entrada da mulher no âmbito da vida pública que a prostituição vai sendo tematizada. (RAGO, 2008, p. 63).

A caracterização das prostitutas nessa época segue a lógica polarizadora de defini-las ora como “mulher fatal”, ora como vítima (seja da sociedade, seja da família, seja da sedução de um homem apenas). Embora as imagens opostas de “mulher fatal”, e/ou vítima passiva, que se tornaram bastante evidentes, principalmente, na literatura no século XIX e no cinema do início do século XX, não tenham sido originalmente cunhadas para representar as prostitutas, são figuras correntemente atreladas a elas, seja para descrevê-las, seja para “explicá-las”. Entretanto, é interessante salientar que, em ambos os casos, o homem não deixa de ser a medida para a conduta feminina. Enquanto os discursos sobre a mulher vitimizada que se insere no mercado da prostituição pregam que ela o faz por conta de uma promessa de amor não cumprida, para fugir da rigidez paterna ou mesmo para sustentar um companheiro que a explora, no caso da “mulher fatal”, a motivação seria a vingança sobre os homens, a exploração deles.

Difícilmente encontramos versões, na ficção de autoria masculina, sobre o prazer feminino e a necessidade de exercer a sexualidade livremente (e de forma

---

<sup>32</sup> É importante salientar que a idéia de “mulher pública” se refere ao senso comum, assim como a menção à presença de mulheres no meio público como sendo prostitutas. Sabemos que as mulheres, em menor ou maior escala, sempre tiveram participação direta ou indireta na vida social das comunidades, lembrando, mais uma vez, que aqui estamos fazendo menção aos discursos amplamente divulgados e aceitos pelo senso comum.

consciente), sem ter necessariamente uma causa que leve as mulheres a tal tipo de prática. De acordo com a pesquisa empreendida por Margareth Rago, poucos romances no passado apresentaram a fantasia da mulher sobre a prostituição.

Fantasia ou realidade, essa imaginação feminina expressa a noção de que a prostituição é um espaço de libertação física e moral da mulher, linha de fuga por onde é possível constituir novos territórios afetivos e dar vazão aos seus instintos libidinais reprimidos na vida conjugal ou na ausência desta. Mais do que o adultério, a comercialização do corpo significaria a possibilidade de dispor-se ao acaso dos encontros regidos pela troca no mercado, de vivenciar a vertigem da aventura no desconhecido campo da sexualidade e de experimentar o êxtase que a ausência de vínculos anteriores entre os sexos proporcionaria. (2008, p. 248).

Uma atividade sempre estigmatizada, não só a prática, mas também as fantasias sobre a prostituição foram “distorcidas” nos discursos correntes. Desse modo, as poucas mulheres que se “atreveram” a criar heroínas prostituídas, puderam lhes dar um destino diferente daqueles apresentados nos livros escritos por homens, onde, geralmente, as mulheres que negavam a ordem moral estabelecida terminavam mortas, loucas e/ou infelizes dos quais são exemplos os clássicos *Madame Bovary*, de Flaubert, ou mesmo *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz. Nas representações escritas por mulheres, embora não em todos os casos, mas, ao menos em alguns deles, os desfechos das histórias de vida das prostitutas apresentadas eram como os de outras personagens que não pertenciam a tal grupo<sup>33</sup> sem diferenciá-las por conta de suas escolhas sexuais. Exemplificam tais desfechos, romances como *Vertigem*, de Laura Villares, ou *Virgindade inútil e anti-higiênica*, de Ercília Nogueira.

E não apenas nos romances ou obras ficcionais as prostitutas constituíam um grupo distinto das demais mulheres; também os discursos médicos e legais se esforçavam para distingui-las das “mulheres honestas”, assim como alguns médicos se dedicaram a procurar causas e características fisiológicas para justificar o racismo e outros buscavam, no biológico, marcas que levassem algumas mulheres a se prostituírem.

---

<sup>33</sup> Margareth Rago apresenta uma ampla discussão sobre as representações das “mulheres públicas” no item “A economia da imagem da prostituta” do capítulo “Labirintos” de seu livro *Prazeres da noite* (já citado).

Na ciência do século XIX, o médico Cesare Lombroso<sup>34</sup> angariou seguidores para suas considerações sobre as características especiais que particularizavam as mulheres prostitutas. Situado no que se pode denominar corrente antropológica, baseou sua argumentação em teorias estritamente biológicas, como as apresentadas no livro *La Donna Delinquente*<sup>35</sup>. Porém, também atrelados ao discurso médico, havia ainda aqueles que acreditavam que as atividades de prostituição se justificavam por conta de disfunções no aparelho glandular. Eram os representantes da escola endocrinológica, como Juan José Beretervide e Siegmund Rosenblatt, autores da obra *Glandulas endocrinas e prostitucion*, de 1934.<sup>36</sup>

Entretanto, além das teorias médicas, a questão da prostituição despertou, e ainda desperta, grande interesse entre os psicólogos e psicanalistas, os quais se debruçam sobre o estudo da mente para entender determinados comportamentos. Apenas de modo ilustrativo, citando Armando Pereira (1976), seguem alguns postulados sobre as “causas” da prostituição, defendidos por representantes dessas categorias:

A prostituta comporta-se como tal porque é sexualmente frígida (Abraham).<sup>37</sup>

Não passa de uma homossexual (Caprio).<sup>38</sup>

É vítima da ausência de amor familiar (Glover).<sup>39</sup>

Sofre da restrição do ego ideal e almeja vingar-se (Deutsch).<sup>40</sup>

<sup>34</sup> Famoso cientista italiano que também se dedicou a estudar as características comuns do grupo que ele definiu como “criminoso nato”. Médico com preocupações antropológicas, viveu entre os anos de 1835 e 1909.

<sup>35</sup> Texto original de 1893, se divide em quatro partes: “A mulher normal”; “Criminologia da mulher”; “Anatomia patológica e antropometria da mulher criminosa e da prostituta”; e “Biologia e psicologia das mulheres criminosas e prostitutas”. Ainda na mesma década de sua publicação original, foi lançado na Alemanha, França, Rússia e Inglaterra.

<sup>36</sup> Essa corrente revela grande influência dos estudos apresentados pelo médico endocrinologista espanhol, Gregório Marañón, autor de títulos como: *O climatério da mulher e do homem* (versão original de 1911); *Três ensaios sobre a vida sexual* (1926); *Amor, conveniência e eugenia* (1929); *A evolução da sexualidade e os estados intersexuais* (1930); *Estudos de fisiopatologia sexual* (1931); entre outros.

<sup>37</sup> Karl Abraham (1877–1925): Psicanalista alemão. In: *Selected Papers on Psychoanalysis* de 1927.

<sup>38</sup> Frank S. Caprio: psiquiatra e psicanalista norte-americano. Trecho de *Female homosexuality: a psychodynamic study of lesbianism*, de 1954.

<sup>39</sup> Edward Glover (1888–1972): psicanalista e físico inglês. Trecho de *War, sadism, and pacifism*, de 1933.

Sofre a ação de uma relação edipiana (Allendy).<sup>41</sup>

Busca a autopunição (Greenwald).<sup>42</sup> (p. 16).

Desse modo, não apenas na ficção, mas também nos estudos científicos, as prostitutas foram observadas e descritas como um grupo distinto das mulheres “honestas” e ao se buscar as causas para suas escolhas pessoais proporcionou-se os meios para o desenvolvimento e/ou manutenção da sua segregação e estigmatização, pois o padrão moral sempre identifica a mulher “honesta” como a que segue as normas sociais que, em geral, nas mais diversas sociedades, estão inseridas em uma cultura patriarcal na qual a “normalidade” feminina é atrelada não só ao comportamento, mas, também, senão principalmente, à identificação com aspirações relacionadas à família e aos papéis de esposa e mãe. Assim, ao optar por uma vida fora de tais padrões, fatalmente, a prostituta (que, muitas vezes, também é mãe) assume uma postura desviante, escolhendo vários parceiros em detrimento de uma união monogâmica e/ou aderindo às normas comerciais para o uso do corpo e exercício sexual sendo identificadas pelos outros, como divergentes.

A inadequação aos padrões normativos da sociedade leva à classificação da atividade de prostituição como comportamento desviante, já que as regras de conduta institucionalizadas são negadas durante o exercício da prostituição. Nesse sentido, é interessante relembrar a ponderação de Gilberto Velho sobre a idéia de divergência, para quem,

O ‘desviante’, dentro da minha perspectiva, é um indivíduo que não está fora de sua cultura mas que faz uma ‘leitura’ divergente. Ele poderá estar sozinho (um desviante secreto?) ou fazer parte de uma minoria organizada [como é o caso das prostitutas]. Ele não será sempre desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão ‘normal’. Mas em outras áreas, divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes. (VELHO, 1977, p. 27-28).

---

<sup>40</sup> Félix Deutsch (1894–1963): médico e psicanalista austríaco. Origem da citação não identificada.

<sup>41</sup> René Allendy (1889–1942): médico homeopata e psicanalista francês. Trecho de *Le crime et les perversions instinctives: la violence et la civilisation, le problème du crime, la responsabilité, le crime et la prostitution, la rationalisation du crime, la prophylaxie criminelle*, de 1938.

<sup>42</sup> Harold Greenwald (1910–1999): médico psicanalista norte-americano. Trecho de *The call girl: a social and psychoanalytic study*, de 1958.

Essa questão sobre a aceitação e a divergência dos valores dominantes pode ser observada na relação entre a profissão e a identidade que é muito discutida quando tratamos de prostitutas, pois essas mulheres passam a fazer parte de um grupo estigmatizado por conta do tipo de trabalho que exercem e carregam tal identificação para outras esferas de suas vidas. Embora a maior parte dessas profissionais não viva nos locais de trabalho e tenha uma vida “normal”, elas são frequentemente rotuladas, unicamente, como prostitutas. É um processo que envolve a estigmatização, construída ao longo dos tempos, que cerca a prostituição e, em especial, a prostituta – já que ela não é a única integrante dessa rede que comercializa sexo –, tornando esse grupo tão depreciado. É interessante ressaltar que, de acordo com as considerações de Erving Goffman (1988), a categorização social inclui indivíduos que compartilham de determinadas características em comum, em categorias distintas, sendo que, com base em tal divisão, criamos nossas próprias “expectativas normativas”.

Assim, aqueles(as) que não atendem a tal “expectativa normativa”, ou seja, que não correspondem à nossa estimativa de suas identidades, são diminuídos em nossa avaliação social, no entanto, “nem todos os atributos indesejáveis estão em questão, mas somente os que são incongruentes com o estereótipo que criamos para determinado tipo de indivíduo” (GOFFMAN, 1988, p. 13). Tratando-se de uma valoração feita por outrem sobre determinadas pessoas, não se deve perder de vista que reflete o julgamento de quem avalia, de modo que esse(a) está contido na categoria que lhe interessa, cabendo ao divergente de si o estigma, que, nas palavras de Ervin Goffman,

será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. (1988, p. 13).

Ainda sobre a questão da estigmatização que, sem dúvida, é bastante pertinente às discussões da temática da prostituição, não podemos deixar de considerar que o próprio sujeito estigmatizado incorpora e reflete tal marca. Gabriela

Leite<sup>43</sup>, em seu livro *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*, compila a frase de uma colega sua:

Putá é, desde todos os tempos, o ralo da sociedade, e não há nada que se possa fazer para mudar isso: – Estou na vida porque gosto de sexo e também não conseguiria o que consegui tendo outra atividade, mas sei que para a sociedade sou apenas uma mulher que não presta. Pensar diferente disso é lutar contra os moinhos como Dom Quixote. (2009, p. 124).

Essa citação de Gabriela é comum entre as trabalhadoras do sexo, que apresentam pouco interesse em se articular como categoria profissional já que, em geral, acreditam que nada podem mudar, porque “puta vai ser sempre puta”. Ou seja, elas estão de tal modo inseridas em uma sociedade que as estigmatiza que elas próprias internalizam e reproduzem o preconceito, a desvalorização, ora tentando esconder suas atividades ora evitando lugares que estejam fora do seu meio habitual, justamente para escapar aos olhares curiosos e/ou críticos.

Além disso, mesmo as pessoas próximas, que conhecem a escolha profissional das prostitutas, muitas vezes, também reproduzem a depreciação corrente na sociedade tradicional. Gabriela Leite expõe, em seu livro, uma situação em que ela conheceu o irmão de uma cafetina, na “zona” e os dois passaram a namorar, sendo que ele, inclusive, a apresentou para sua mãe. No entanto, depois de certo tempo, saindo juntos, ela engravidou e quando contou a ele, sua reação foi “– Que filho meu, o quê! Filho de puta não tem cara” (2009, p. 80).

E esse tipo de atitude não acontece somente em situações “extremas”, como no caso de uma gravidez, mas é comum ouvir as trabalhadoras do sexo dizerem que quando se envolvem em relacionamentos pessoais, em discussões, o parceiro logo usa a situação profissional delas para agredi-las. Neide, uma de nossas entrevistadas, ilustra esse tipo de comportamento, em uma das entrevistas realizadas:

*–[...] Brasileiro dá as coisas e depois fica passando na cara. [...] Você é isso, eu lhe tirei daquele lugar, da prostituição. Então, isso fica chato. Fica cobrando,*

---

<sup>43</sup> Gabriela Leite é prostituta ativista há mais de 25 anos. Fundou a ONG Davida, em 1992, e a grife DASPU, em 2006, ambas no Rio de Janeiro, voltadas à causa da prostituição. Foi da coordenação da Rede Brasileira de Prostitutas, idealizou e articulou o primeiro Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, e também o jornal *O Beijo da Rua* que, desde 1988, é feito por prostitutas e para prostitutas.

*néah. E a gente samos [sic] uma mulher. A gente sente também as coisas, néah. Às vezes, nunca confiam na gente, pensam que a gente sempre vai trair com outro homem, você tá entendendo? Acontece muito é isso.*

Desse modo verificamos que, como já comentado anteriormente, a identidade profissional não é dissociada da pessoal, nem mesmo pelas pessoas próximas, reproduzindo-se o estigma para todas as esferas da vida das mulheres que optam por essa profissão. Gabriela, outra entrevistada, fala, de um modo geral, sobre o preconceito acerca da prostituição e conta uma passagem sobre os comentários de um vizinho a uma amiga sua:

*– Mas o pessoal não. Discrimina mesmo, é prostituta, se prostitui... Essa semana teve uma menina lá em casa mas ela foi num barzinho lá em cima, aí um rapaz disse ‘ah é uma tal de uma Gabriela que faz vida’, aí a menina disse ‘não, num sei se ela faz vida não’, [e ele retruca] ‘é, ela faz vida no Pelourinho’, aí começou a falar mal, néah. Aí ela perguntou ‘e você é contra isso?’, ele disse ‘porque ela num arruma um emprego? Fica nessa aí fazen[d]o vida’... [...] É uma profissão mas ele não entende, ele acha que é uma coisa suja... uma coisa que não é vista comum...*

No entanto, é importante lembrarmos que existem diversos tipos de prostituição, sendo que algumas modalidades são bastante discretas e suas profissionais não se enquadram no estereótipo comum atribuído às profissionais do sexo, escapando desse modo à estigmatização corrente desse tipo de trabalhadoras. Como Jeferson Bacelar destaca, “a prostituição é um tipo de papel desviante em qualquer camada da sociedade; porém, o grau de estigmatização, o tratamento diferencial, dependerá da situação determinada dos grupos a que pertencem as prostitutas na estrutura social” (1982, p. 12), sendo que, dentro da própria atividade prostitucional existe também uma estratificação social na qual, no cume, figuram aquelas mulheres que se dedicam a clientela exclusiva e cobram preços bastante elevados por seus serviços e, na parte mais baixa, se encontram as prostitutas de rua que, em diversos lugares, chegam a “fazer programas”<sup>44</sup> por dez reais.

A própria denominação é diferenciada. Aquelas que são consideradas de “alto nível”, muitas vezes com curso superior completo e que dominam um ou dois

---

<sup>44</sup> O termo *programa* se refere à interação acordada previamente entre a profissional e o cliente e envolve preço, práticas a serem executadas e estimativa de tempo, caracterizando o caráter comercial do envolvimento entre as partes.

idiomas, são conhecidas como acompanhantes ou *call girls*, profissionais do sexo que atendem seus clientes, em geral poucos ou com exclusividade, em domicílio, ou os acompanham em viagens e encontros sociais. Diferenciam-se, justamente, por oferecer, além dos serviços sexuais, a companhia social prezando pela discricção quanto ao caráter da relação com o cliente, assim como pela boa educação e bons conhecimentos socioculturais.

Há atualmente, também, nesse nicho mais elevado, alguns clubes privados, espécies de bordéis de luxo que atendem somente a homens associados. Funcionam sem nenhuma identificação comercial, tais como placas ou qualquer tipo de propaganda, e contam com um efetivo de funcionárias durante todo o dia para atender a seus associados que primam por ser um lugar reservado, já que muitas vezes se trata de homens casados e/ou conhecidos publicamente, ao menos, em seu meio social. A diferença principal entre esse tipo de estabelecimento e os bordéis “comuns”, além das características aqui citadas, é que as profissionais são exclusivas da casa, recebendo o pagamento da administração do lugar e não diretamente dos clientes.

Ainda em casas particulares, existem as profissionais especialistas em *strip-tease* que, além de fazerem programas, se apresentam em *shows* eróticos despindo-se enquanto excitam os clientes. No entanto, é importante ressaltar que dentre as *strippers* (como são conhecidas as especialistas nesse tipo de espetáculo), há aquelas que apenas se apresentam, sem fazer programas, e há, também, algumas prostitutas de outras “categorias”, como de rua, por exemplo, que se dedicam aos *shows* nas horas vagas como complemento de sua renda, ou quando o movimento no seu local de trabalho habitual não está satisfatório.

As profissionais que trabalham exclusivamente em locais fechados, boates, bordéis ou “bregas”, como são conhecidos na Bahia, muitas vezes se autodenominam “garotas de programa”. Essa diferenciação é um modo de tentar fugir ao já comentado, estigma vigente sobre as prostitutas. Essas, embora também participantes da indústria do sexo, são consideradas “superiores” às prostitutas de rua, pois, em geral, atingem um patamar social um pouco mais elevado que essas. Como cobram mais caro, investem mais em sua aparência e cultura, além de serem menos expostas, diferenciando-se apenas nesse aspecto, já que as atividades praticadas com os clientes são basicamente as mesmas.

Esses lugares fechados são casas noturnas onde se pode assistir a *shows*, dançar, comer e beber e também ter encontros com profissionais do sexo. Em alguns deles, há quartos anexados ao estabelecimento principal, ou mesmo cabines dentro das próprias casas, que servem para a prática dos programas. Nesse caso, o lucro dos proprietários advém do comércio de bebidas e comidas, da cobrança de ingresso, no caso de ser um local onde haja apresentações ao vivo e também do aluguel dos quartos. Mas há também aqueles que não contam com lugares reservados, servindo apenas como ponto de encontro e negociação entre trabalhadoras e clientes.

Em geral, as profissionais são autorizadas a frequentar o lugar, mas não são contratadas, provindo o seu pagamento exclusivamente dos programas e pagando à casa apenas o que consomem, além de estimularem os clientes a consumir também. Como benefício, sentem-se mais protegidas, pois nesses lugares há sempre seguranças e toda uma rede de profissionais envolvidos, além de poderem desfrutar de mais conforto e discrição, por estarem num local privado. Outro ponto que merece ser mencionado, é que as mulheres que frequentam esses tipos de lugares, os mais simples, localizados em bairros populares, são chamadas de prostitutas, da mesma forma que aquelas que atuam nas ruas. Ou seja, a denominação de “garota de programa”, está mais atrelada às condições sociais do que à forma como a prostituição é exercida.

Apenas para não deixar de mencionar, é bastante comum também o uso de “fachadas”, especialmente com os nomes comerciais de casas de massagem e saunas, para o funcionamento de prostíbulos. Como a legislação brasileira proíbe a exploração comercial sexual, muitas vezes sob o registro de massagistas, profissionais do sexo são contratadas e atendem seus clientes em tais casas. É também utilizando a designação de massagista que muitas “garotas de programa” oferecem seus serviços em anúncios e classificados de jornais. Prática bastante comum também a michês e travestis; as profissionais que trabalham com anúncios em geral são autônomas e atendem seus clientes em domicílio ou locais previamente marcados, como hotéis e motéis.

Da mesma forma, proibidas por lei mas ainda existentes, as agências que intermediam o contato entre cliente e profissional, oferecendo sigilo e segurança na negociação, são, atualmente, também muito procuradas por mulheres em busca de rapazes. Esse tipo de serviço inclui apenas a apresentação que, em geral, se dá

através da amostragem de *books* das “garotas” e/ou “garotos” credenciadas(os), acompanhadas de descrições físicas e das práticas que elas exercem. Além disso, a agência ainda efetiva o contato e o agendamento do programa cobrando uma taxa do contratante e um percentual da contratada.

Atualmente, acompanhando os frequentes avanços tecnológicos, um tipo de comércio sexual que vem crescendo continuamente é a chamada *cyberprostituição*. Nessa modalidade, *sites* de *internet* são usados como meio de divulgação de serviços e fotos das profissionais, que utilizam tal ferramenta não apenas para marcar programas pessoalmente, como também para fazer programas virtuais, através da utilização de *webcams* e microfones. De certo modo, a *cyberprostituição* se assemelha à prática dos anúncios em classificados de jornais, sendo que, no caso da versão amparada na rede virtual, além dos programas não presenciais, a “garota” pode ainda auferir lucros de anúncios vinculados no *site*, como de motéis e *sex shops*, por exemplo.

Por fim, trataremos do caso das entrevistadas no presente trabalho, que se enquadram na modalidade conhecida como prostituição de rua, ou *trottoir*<sup>45</sup>.

Por termos interesse nas mulheres que se envolvem com turistas, essas sem dúvida são aquelas que estão presentes nos pontos turísticos da cidade e são as mais visíveis, daí a possibilidade de maior interação com os visitantes. Embora, consideremos que os turistas procurem companhias também em boates, através de anúncios de jornais e/ou internet e mesmo de agências especializadas, parece-nos que o tipo mais apreciado é justamente aquele em que o encontro se dá ou, ao menos simula, certa casualidade, daí o interesse primordial na prostituição de rua. Gey Espinheira resume tal modo de ação da seguinte forma:

É uma forma de prostituição individual exercida nas ruas das cidades. A mulher procura um lugar que lhe seja favorável e fica à espera de alguém que possa tornar-se um possível cliente. Normalmente a prostituta é reconhecida pela aparência, pelo fato de andar quase sempre desacompanhada, e por tomar a iniciativa de abordar pessoas. (1984, p. 49).

Acrescentaríamos, ainda, a essa descrição, o fato de que, em geral, as prostitutas “de rua” frequentam lugares amplamente conhecidos pelas atividades de comércio sexual, como, no caso de Salvador, a Praça da Sé ou a orla da Pituba,

---

<sup>45</sup> *Trottoir* – palavra de origem francesa que, em tradução literal, significa passeio.

onde se misturam prostitutas e travestis. Esses, dentre outros pontos da cidade, são usualmente identificados pela população autóctone como locais onde se vendem serviços sexuais o que, certamente, é compartilhado também com os turistas.

A prostituição de rua é exercida livremente pelas mulheres que, dificilmente, na atualidade, contam com a presença de um “cafetão”. Se, há algum tempo atrás, as prostitutas que atuam nas ruas se associavam a homens que lhes garantiam proteção e clientela em troca de parte dos ganhos auferidos com os programas, hoje em dia, mais articuladas, essas mulheres se apoiam no próprio grupo de profissionais que usufrui o mesmo espaço de trabalho. Elas contam com uma rede de frequentadores das imediações de seu local de trabalho, a Praça da Sé (no caso das entrevistadas para a pesquisa), da qual fazem parte vendedores ambulantes, comerciantes da região, garçons, recepcionistas, alguns trabalhadores informais, como aqueles que fazem apresentações de capoeira ou tiram fotos de turistas com trajes de baianas, entre outros. Além desses, as próprias profissionais do sexo, que “fazem ponto” habitualmente no mesmo lugar, constituem tal rede que, de certo modo, protege as prostitutas contra violências e atitudes hostis em geral.

Entre os integrantes dessa comunidade, circulam informalmente informações sobre os acontecimentos, situações e ameaças nas imediações, possibilitando que sejam tomadas ações a fim de minimizar possíveis efeitos nocivos. Além disso, a presença da associação das prostitutas nos arredores da praça possibilita que a articulação entre as profissionais, e entre elas e outras entidades organizadas, seja efetivada mais facilmente.

Como relata Fátima, coordenadora da APROSBA (Associação das Prostitutas da Bahia), sobre a existência da entidade próxima a praça da Sé.

*– [...] Diminuiu a violência, não tem violência na Praça da Sé até porque qualquer problema que acontece, elas correm aqui e a gente corre no 18º Batalhão, faz um auê. A gente se junta com a força feminina, algumas das outras associações que trabalham com os direitos humanos, e a gente corre todo mundo pr’a lá: a gente faz aqui um auê.*

Como as profissionais que optam por trabalhar nas ruas não contam com nenhum tipo de proteção efetiva e ainda são, muitas vezes, discriminadas pela própria Polícia – que deveria garantir a segurança de todos(as) os(as) cidadãos(ãs) –, em várias ocasiões, a única forma de conseguir algum tipo de atenção e mesmo

amparo contra violências é através de manifestações públicas e/ou midiáticas a que elas recorrem, a fim de expor suas reais condições de trabalho.

Porém, mais do que simplesmente pedir auxílio, há certas normas de segurança que parecem ser amplamente compartilhadas entre tais trabalhadoras, sendo identificadas não somente entre as entrevistadas, mas também em outras pesquisas consultadas<sup>46</sup>. São “regras” como: evitar sair de carro com clientes desconhecidos; procurar frequentar sempre o mesmo hotel/motel, criando vínculos com os(as) funcionários(as) do estabelecimento; deixar que algum(a) conhecido(a) veja a que horas e com quem está saindo; e sempre que for sair das imediações do local de trabalho, se possível, levar outra colega, são algumas entre outras atitudes tomadas com vistas a evitar situações de violência.

Rogério Araújo, em sua pesquisa na região prostitucional de Goiânia, conhecida como Dergo, pôde presenciar uma cena que ilustra a utilização de tais regras, como ele descreve em seu livro:

A mulher estava na calçada e foi abordada por um homem em uma moto. Conversaram por alguns minutos e logo ele foi embora. Ela se aproximou de mim e disse que com um cara daquele ela jamais sairia, pois, com certeza, ele estava mal-intencionado. Quando a interpelei sobre a razão de sua atitude, ela me disse que, com o passar do tempo, a mulher que se prostitui vai criando mecanismos para identificar o cliente que pode colocá-la em uma situação de perigo. Disse-me que se recusara a sair com aquele homem por alguns motivos: primeiro, ele a tinha abordado em uma moto e em nenhum momento retirara o capacete durante a conversa; segundo, ele fizera a proposta para que o programa fosse realizado em um local fora do Dergo; e terceiro, ao ouvir sua recusa em sair para um local afastado, ele se propusera a pagar um valor mais alto pelo programa. De acordo com a profissional, o fato de ele não ter tirado o capacete é sinal de que não queria mostrar o rosto, o que já indica que ele não queria ser identificado; também o fato de o cliente ter pedido para fazer o programa fora do Dergo tinha sido outro ponto negativo, pois a maioria dos clientes, normalmente, usa um dos vários estabelecimentos locais que oferecem quartos para a realização do programa, sendo também comum a profissional do sexo utilizar sempre o mesmo local para receber seus clientes; finalmente, a oferta de um valor mais elevado tinha sido outro indício, pois, nos casos de violência fora do Dergo, essa era a proposta apresentada para que a mulher aceitasse fazer programa. (2006, p. 96).

---

<sup>46</sup> Ver ARAÚJO, 2006, especialmente o item *O Programa* (p. 84-102).

Desse modo, percebemos que a decisão sobre se vai ou não fazer o programa com determinado indivíduo não é apenas uma questão de gosto pessoal, mas também de defesa. Embora elas vivam do comércio sexual, assim como quaisquer outros(as) profissionais, as prostitutas escolhem seus clientes, negando-se, em alguns casos, a atender determinadas pessoas. Assim, não são todas, por exemplo, que aceitam fazer programas com mulheres e/ou casais, algumas priorizam clientes por determinadas faixas etárias e, no caso específico das entrevistadas para esta pesquisa, há clara distinção de preferência por determinadas nacionalidades em detrimento de outras.

Vivi, por exemplo, disse que embora goste dos filipinos como amigos, não faz programas com eles porque costumam rejeitar o uso do preservativo, atitude que a desagradava. Já Paulínia, discorrendo sobre as diferenças entre brasileiros e estrangeiros, afirma que não sai com baianos:

– *Mas os baiano aqui só paga as minina aqui vinte, trinta [reais] [...]*

*Num[não] vou mentir... eu não vou.*

Além desses limites, Rogério Araújo observou em sua pesquisa que

essas restrições em relação à pessoa do cliente, assumem um consenso entre as mulheres no que se refere ao cliente embriagado. Na opinião delas, esse tipo de cliente é o que mais gera problemas, sendo visto como pessoa que geralmente causa brigas e confusão [...]. (2006, p. 92).

Entretanto é interessante notar que a escolha do cliente é também muito influenciada pelo movimento do mês, ou mesmo do dia. Em conversa informal, Gabriela relatou que embora prefira se relacionar com homens estrangeiros, certos dias ela vai para a praça, no período da tarde, quando o movimento maior é de brasileiros, para conseguir alguns programas com homens locais, mesmo aqueles que pagam pouco, para que seja possível angariar dinheiro para gastar “na noite”, quando vai para festas e bares em busca de “gringos”. E essa rotina é compartilhada por outras frequentadoras da praça e do Pelourinho.

Além da escolha dos clientes, a prostituta também decide sobre os tipos de práticas sexuais que exerce profissionalmente. Ainda que nos discursos delas seja recorrente a idéia de que os homens as procuram porque suas esposas não estão dispostas, ou então porque eles não gostam de solicitar às mães de seus filhos atos sexuais diferentes daqueles considerados “comuns”, grande parte das

trabalhadoras do sexo revela que não está disposta a ter qualquer espécie de relação sexual.

É amplamente difundido, mesmo entre aquelas pessoas que não se inserem no mercado do sexo, que as prostitutas não costumam beijar seus clientes na boca, por exemplo. Essa é uma atitude recorrente entre as profissionais das mais variadas modalidades de prostituição. Gabriela nos explica suas razões, da seguinte forma:

– [...] *mas o problema, é que nós, de programa, nós não pode beijar na boca [pausa] toda mulher que faz programa, que vai com homem estranho pr'a cama, ela não pode beijar na boca... porque se apaixonou [pausa], porque a gente passa assim, muitos anos, sem beijos. Eu passo quase dois anos sem beijar na boca de um homem, aí quando beija, pronto! Se apaixonou [risos]. É porque cada programa sem beijar na boca é normal.*

– *E eles não pedem pr'a beijar na boca?* pergunta a entrevistadora. Gabriela responde tranquilamente:

– *Pede, pede muito, tem muito cliente que pede: 'Ah, porque eu só faço, só transo beijando, só gozo beijando, ah me beija, me beija, me beija'. E eu digo: 'beijar nada, beijar num tá no nosso acordo não'.*

O mesmo tipo de negociação, em que se estabelece o acordo entre o que será realizado e quanto será pago por isso, envolve outros tipos de práticas como sexo oral, sexo anal, práticas sadomasoquistas e, até mesmo, dormir junto com o cliente. Em outro trecho da entrevista, Gabriela descreve sua posição sobre o assunto:

– *Mas eu sempre falo: eu não faço tudo não, só faço a metade, só o normal [...] Só o básico [...] mas você vai me pagar e eu não vou fazer tudo. Tem outras que fazem tudo, tem muitas aí que eu conheço que fazem tudo, mas eu não, num faço tudo não, só metade [risos].*

Outra entrevistada, Andréia, também deixa claro:

– *O americano e o grego não gostei, gosta de sexo anal... [pausa] sexo anal não, meu bem!!!*

E assim como elas, outras pesquisadas deixam claro as suas preferências e seus hábitos profissionais.

Nesse ponto, parece interessante mencionar que a prostituição de rua permite uma maior liberdade para as profissionais escolherem seus clientes e negociarem com eles como o programa será executado. Como lembra Fátima:

– *[Há] outras meninas que também não gostam de ser mandadas, não quer ter um cafetão, então elas gostam de trabalhar nas ruas, mais livre, néah.*

Essa oportunidade de negociação é menor quando as mulheres estão inseridas no mercado do sexo através de agências ou casas especializadas nas quais, em geral, as regras são impostas por proprietários(as) e/ou administradores(as). Porém, é importante não deixar de perceber que o preço dessa autonomia das mulheres que trabalham por conta própria nas ruas é a possibilidade de violência a que elas ficam expostas.

Fátima contou, dentre outros casos que são levados à Associação, que:

– *Uma colega nossa foi espancada pelo cliente; ele queria transar com ela sem camisinha e ela não aceitou, [ele então] espancou ela dentro do quarto [...].*

E ainda sobre outra:

– *Uma vez, uma prostituta me falou que ela fez um programa que o cara queria fazer sexo anal e ela não fazia sexo anal com cliente, e ela falou que não ia fazer, aí o cara pegou uma faca, colocou no pescoço dela e aí.... ou você faz ou você morre. Aí ela fez e foi denunciar...*

Daí a importância de ter estratégias, como aquelas citadas anteriormente, para, ao menos, diminuir os riscos de violência, sem perder a liberdade, se bem que, trabalhar na rua e não estar disposta a qualquer tipo de prática sexual, não significa necessariamente estar sujeita ao emprego de forças físicas, como Roseane salienta:

– *Eu num[não] tenho do que reclamar, me tratam muito bem, nunca sofri violência, graças a Deus...*

Não são apenas esses os riscos que se fazem presentes nas rotinas das trabalhadoras do sexo que atuam nas ruas. Além da violência e da estigmatização mais eminente pelo exercício profissional em público, há ainda a possibilidade de levarem “calote” dos clientes, ou seja, executarem o programa e não receberem o acordado, ou ainda, sofrerem coerção de moradores e comerciantes das imediações do lugar de trabalho ou mesmo da própria polícia local. Porém, apesar dos riscos, as mulheres que atuam como prostitutas identificam também vantagens na atuação no comércio sexual.

As possibilidades de trabalhar sem ter supervisores(as), horários pré-estabelecidos, e fora de locais fechados, são constantemente lembradas. Em uma de nossas conversas, Fátima relatou que mesmo depois de já ter experimentado a profissão de prostituta, por algum tempo, tentou trabalhar formalmente, com carteira assinada, como recepcionista. Porém, para ela, era desgastante ter que entrar e sair do trabalho sempre no mesmo horário, ressaltando ainda que fazendo programas podia beber cerveja e fumar cigarros sempre que lhe dava vontade, o que não acontecia como recepcionista. Além disso, os ganhos financeiros eram inferiores no trabalho formal e a jornada de trabalho mais longa. Desse modo, ela ficou pouco tempo afastada do mercado do sexo no qual trabalha há mais de vinte anos, e já angariou fundos para comprar sua casa própria, além de criar duas filhas sozinha. Também já viajou para diversos lugares no Brasil, e no exterior, por conta de sua atuação na APROSBA.

Mas as vantagens não são identificadas apenas pelas profissionais mais articuladas e conscientes que fazem parte da Associação. Gabriela também expõe sua satisfação em ter optado por essa profissão:

*– [...] pr’a mim é bom, eu gosto de tá[estar] vivendo essa vida porque eu já tive muita vantagem. Já tive vantagem assim de, quando eu tô[estou] com um gringo mesmo, que tem dinheiro, aí eu me sinto no luxo; ele me dá vida boa. [...] Pois é, eu me sinto feliz nessa vida. Nem que eu fique histérica, mas eu não vou sair... [...] Eu já tive tantos sonhos e realizei, já viajei... [...] E a gente se sente mais feliz... eu me sinto feliz com essa profissão, me sinto mais mulher, me sinto madura, amadureci muito como mulher, eu tenho trinta anos já, eu tenho uma idéia diferente da vida, viu?... em termos assim de homem, pr’a mim lidar com homem, pr’a mim conseguir o que eu quero... a gente aprende a ser sensual, a dominar o homem... a gente aprende o ponto fraco do homem. Eu saco e já vou atacando...*

Ou seja, de certo modo, a atuação como profissional do sexo possibilita alguma emancipação para essas mulheres frente aos homens, ao menos no seu imaginário, já que elas se sentem “dominantes” durante o desempenho profissional, o que, muitas vezes, ela acaba levando para a vida pessoal. Um exemplo é quando Vivi destaca que não quer se casar novamente após quatro experiências, porém namora seu ex-marido, que ele a ajuda nas despesas domésticas, mas que ela prefere manter sua autonomia. Ou então, quando Fátima assegura que independentemente de ser cliente, namorado ou “caso”, há anos ela se recusa a

dormir junto com outra pessoa por prezar sua liberdade e ter como preferência pessoal a possibilidade de não dividir sua cama com ninguém.

Essas passagens são apenas pequenos exemplos de atitudes que algumas prostitutas têm, justamente por já terem a experiência que a atuação profissional lhes proporciona no trato com os homens, possibilitando, de certo modo, uma releitura das relações sociais e das relações de gênero, um fato que, muitas vezes, não observamos em outros segmentos da sociedade, pois muitas mulheres se sujeitam a dormir com seus companheiros, mesmo quando não sentem vontade, ou mesmo a morar com eles ou casar, quando prefeririam apenas continuar a ter um relacionamento vivendo em casas separadas. Talvez a possibilidade de ter relações inseridas em um mercado sexual estabelecido proporcione uma forma diferenciada de vivenciar as trocas simbólicas com o sexo oposto, já que para a prática profissional, é fundamental a prostituta, ter, ou demonstrar, certo domínio da situação, para evitar possíveis situações de perigo e ameaças.

No entanto, embora possamos considerar essa impressão, é importante destacar que, em nenhum momento, essa é a razão citada para a escolha da profissão. Ainda que não fosse nosso objetivo investigar as motivações das entrevistadas para terem optado pelo trabalho no mercado do sexo, em seus discursos, é possível perceber que, em geral, elas atribuem à falta de empregos, à influência de amigas e/ou conhecidas que já estão inseridas neste mercado, e também à possibilidade de um bom retorno financeiro imediato (em troca da pouca qualificação profissional, visto que a maioria não ultrapassa o curso fundamental).

Na já citada pesquisa empreendida por Rogério Araújo em Goiânia, também são reiterados esses dois aspectos: a necessidade financeira, geralmente relacionada ao sustento dos filhos, e a indicação de uma amiga ou familiar que já se prostituía. Porém, como o próprio autor nos lembra,

Em princípio, deve-se ter em mente que a prostituição é um fenômeno social complexo e multifacetado, muito distante da homogeneidade que por vezes lhe é atribuída. Deve-se considerar que a existência e a permanência da prostituição podem ser decorrentes de uma conjunção de fatores sociais, econômicos, culturais e biográficos, diferentemente combinados, o que inviabiliza a construção de um modelo explicativo monocausal, rígido e estático para seu entendimento. (2006, p. 64).

Desse modo, assim como colhemos relatos sobre carências materiais ou expectativas de vantagens apontadas por pessoas que já se dedicavam à prostituição, também é comum encontrarmos justificativas como a não submissão a abusos sexuais e violências domésticas, e/ou dependência química, entre outras<sup>47</sup>. Entretanto, como vimos destacando ao longo deste texto, a escolha profissional não deixa de ser uma escolha pessoal, de modo que, uma mulher pode se tornar prostituta por sua própria vontade sem recorrer a nenhuma das justificativas acima citadas.

É o caso de Gabriela Leite<sup>48</sup>, por exemplo, que, buscando vivenciar seus ideais de liberdade sexual, se tornou uma prostituta, mesmo sendo estudante universitária, tendo emprego formal e não conhecendo nenhuma profissional do sexo antes do seu ingresso na profissão. Ou seja, assim como há inúmeras razões para que uma pessoa opte pela carreira de médico(a) professor(a), vendedor(a) ou qualquer outra, as motivações para que uma mulher escolha se prostituir também são bastante variadas, sendo inviável qualquer tentativa de explicá-las de uma forma generalizada.

Embora nem mesmo as próprias profissionais assumam ou mesmo tenham consciência sobre sua escolha pessoal por trabalhar no mercado do sexo, tomando para si, muitas vezes, a posição de vítima da sociedade, é comum percebermos que elas também recorrem a um discurso moral afirmando que “sairão da vida”<sup>49</sup> assim que melhorarem suas condições financeiras e, principalmente, adquirirem sua casa própria. Gabriela Leite ilustra essa preocupação de maneira bem humorada:

Toda prostituta tem como objetivo maior comprar uma casa, de preferência longe do trabalho, normalmente no subúrbio. E tem que ser uma casa grande. Ela passa anos contando os tijolos para construir essa casa. E cada homem representa uma quantidade de tijolos. É quase um tique da profissão. (2009, p. 72).

---

<sup>47</sup> Para exemplos dessas justificativas ver o capítulo “Duas Histórias” em: ESPINHEIRA, 1984.

<sup>48</sup> Para o relato completo da história de vida de Gabriela Leite ver: LEITE, 2009.

<sup>49</sup> “Fazer vida” ou, “estar na vida”, é uma designação comum entre as profissionais do sexo para caracterizar a atividade de prostituição. “Estar na vida” é o mesmo que “estar se prostituindo”.

Assim como é explícito nessa passagem, várias entrevistadas reiteram essa idéia. Vivi, por exemplo, afirma que agora que seus filhos já são adultos e a ajudam com as despesas domésticas, tendo inclusive a intenção de lhe dar uma casa em breve, ela não precisará mais se prostituir. Andréia, que tem outro emprego, e um apartamento próprio, embora ainda pague financiamento, também disse que tão logo quite as parcelas restantes do imóvel parará de fazer programas. E, assim como elas, tantas outras citam “o sonho da casa própria” como objetivo principal da permanência no mercado do sexo.

No entanto, é interessante notar, que mesmo quando as carências materiais já não são tão evidentes, poucas mulheres optam por parar de se prostituir por livre e espontânea vontade. Quando o fazem, em geral, é por conta de casamento, mudança ou saúde. Andréia, acima citada, atualmente conta com a ajuda de seu filho mais velho para as despesas domésticas, tem um apartamento próprio, recebe um salário fixo na Academia, onde trabalha com o filho, e ainda ganha comissão pelos produtos que vende em domicílio. Ela é uma mulher de quarenta e nove anos, que vive apenas com o filho que já concluiu o ensino superior e um sobrinho adulto. Embora ela afirme ter necessidades financeiras, em todo seu discurso não parece ser essa a razão principal de sua atuação profissional.

Na análise de sua fala, aparece a possibilidade de ter um componente relacionado à busca de afeto, que se manifesta quando ela, discorrendo sobre as origens dos turistas com quem se casaria, comenta:

*– Hum... Italiano é tudo de bom, espanhol também [pausa], eu gosto muito do espanhol, espanhol é maravilhoso também, pelo menos, o que eu tenho, demora, mas me liga, me procura [pausa], mesmo eu não sendo menininha, eles me amam, me adoram, como eu sou.*

Ou seja, ela aprecia a procura, o retorno e, mais ainda, a valorização dela como ela é, o que talvez fosse mais complicado no meio social no qual ela está inserida, quando não está atuando como prostituta.

É comum a postura, entre as prostitutas, de alegar a necessidade de pagar dívidas ou de juntar dinheiro para garantir uma “boa velhice”, para “entrar na vida” e nela permanecer, não só entre as entrevistadas para esta pesquisa; esse fato também foi observado nos relatos apresentados por Rogério Araújo (2006), e por Gabriela Leite (entre suas colegas), e também foi citado em conversas informais com Fátima (coordenadora da APROSBA), sendo que todas essas pessoas

corroboram a opinião de que há muitos outros fatores em jogo para que tais mulheres se prostituam, embora, em geral, elas citem apenas a conjuntura econômica.

Como já comentamos anteriormente, a própria sociedade espera que essas mulheres justifiquem sua escolha com algum motivo de “força maior” e não apenas como uma escolha pessoal que pode, em alguns casos, estar atrelada ao exercício de sua sexualidade. Como nos lembra Margareth Rago, “construir masculinamente a identidade da prostituta significou silenciá-la e estigmatizá-la e, ao mesmo tempo, defender-se contra o desconhecido – a sexualidade feminina –, recoberta por imagens e metáforas assustadoras” (2008, p. 23). Por isso, ao optar por essa conduta estigmatizada, que se relaciona diretamente com a “obscura” sexualidade feminina, a prostituta deveria ter uma “boa razão” para fazê-lo.

Pensando no aspecto comercial que caracteriza essas relações, de modo bastante sintético, Gey Espinheira resume a atividade aqui discutida da seguinte forma:

A prostituição é socialmente concebida como uma derivação (deturpação do sentido) do ato sexual legitimado pelos costumes ou pelo casamento, transformando-o em fonte de renda. Para que haja prostituição há a necessidade de participação da mulher – a que vende sua força de trabalho, no caso, a capacidade sexual – e do homem, que compra o direito de usá-la por determinado momento. Dessa associação resulta a compra e venda do desempenho sexual da mulher. (1984, p. 40).

Entretanto, Maria Dulce Gaspar não deixa de notar que inevitavelmente a capacidade sexual comercializada é diretamente relacionada ao corpo da mulher e ao sujeito feminino como um todo. Nas palavras dessa autora,

A prostituição é uma modalidade de relação de troca em que há uma permuta de ‘coisas’ de natureza distinta. As prostitutas oferecem algo considerado pessoal – o corpo – em troca de dinheiro. Ao ser considerado um dos termos legítimos da troca, o dinheiro anula a pessoalidade do outro e impõe a idéia de compra. Nessa negociação há muito mais subentendido que os serviços estipulados no contrato. (1985, p. 36).

Já outra pesquisadora que se dedica à temática da prostituição, Margareth Rago, atenta para a questão comercial instituída nesses tipos de

relacionamentos, lembrando que ambos os envolvidos sabem das condições estipuladas nessa situação o que, de certo modo, se contrapõe à afirmação anterior que traz a questão de subentendimentos:

Mais do que qualquer outra, a prostituta é uma projeção do freguês, e como tal, sua função consiste em representar o teatro que lhe é encomendado. Ao contrário do que pensam médicos e criminologistas do período [século XX], não se configuram relações entre indivíduos no interior dos bordéis, mas relações de órgãos, mediatizados pelo dinheiro. Cruel ou não, é assim que as pessoas buscam esse mundo, onde sabem muito bem que não vão encontrar ou ser capturadas pelos mesmos fluxos que circulam do outro lado da margem. (RAGO,2008, p. 30).

Embora faça parte da conduta profissional “saber” que os envolvimento comerciais não se configuram do mesmo modo que os pessoais, muitas prostitutas, como algumas das entrevistadas nesta pesquisa, buscam através de contatos profissionais estabelecer vínculos sentimentais com seus clientes, em especial, os estrangeiros. Essa é apenas uma das formas de interação entre o mercado do sexo e o turismo. Já discutimos essa questão no item anterior, porém, não podemos deixar de notar que essa discussão geralmente se faz presente nas abordagens sobre prostituição, uma vez que, além das atividades do mercado do sexo serem amplamente atreladas a regiões como portos e rodovias, as zonas turísticas também são frequentemente identificadas como área de atuação dessas profissionais. Como aponta Maria Dulce Gaspar discorrendo sobre o bairro de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, na década de 80,

A concentração dos grandes hotéis nessa área garante uma freguesia certa para as locadoras de automóveis, boates, restaurantes, prostitutas e todos os tipos de assaltantes. Os turistas, muitos dos quais vêm para o Rio de Janeiro devido a sua fama internacional de paraíso do sexo, vêem Copacabana como um local ideal para todo tipo de divertimento erótico. Muitos deles se misturam assim aos freqüentadores dessa subárea, imprimindo um colorido americano, europeu, japonês, árabe ou argentino às boates e às areias da praia. (1985, p. 19).

É interessante mencionar ainda que, mais do que essa relação com pessoas oriundas de fora da cidade, a zona de prostituição tende a seguir normas comuns, na maior parte dos centros urbanos, no que diz respeito a sua localização. Devido à estigmatização desse tipo de atividade, as áreas amplamente conhecidas

pelo comércio sexual são obrigatoriamente restritas a locais nos quais não exista o choque direto com os representantes da sociedade tradicional. Se bem que, atualmente, podemos perceber que em alguns lugares existe a tentativa de subversão dessa “norma”, o que, de modo geral, acontece de modo conflituoso.

No Porto da Barra, bairro turístico de Salvador, por exemplo, a adversidade maior é entre as profissionais do sexo e os moradores que, através da sua Associação buscam meios para inibir os encontros e a convivência entre os turistas e as mulheres que comercializam seus corpos. Muitos desses moradores vêem sua esfera social de classe média ser penetrada por mulheres (brancas, negras ou morenas) de classes populares que, por sua profissão, contrariam a moral por eles aceita. Por outro lado, muitas vezes os estrangeiros alugam apartamentos nos prédios residenciais do bairro e permitem que suas acompanhantes vivam com eles durante a estada, ou mesmo sem eles, em caso de viagens com retorno previsto. Esses choques cotidianos com pessoas marcadas e estigmatizadas que, geralmente, se tenta ignorar ao menos na frente dos seus pares sociais, causam incômodo e indignação que se refletem em ações claramente preconceituosas e discriminatórias.

Desse modo, observamos que como Gey Espinheira já descreveu:

A prostituição é obrigada a circunscrever-se a determinadas áreas de menor valor econômico e *status* geralmente bairros pobres ou imediações da zona comercial popular, ou ainda nas áreas em que se observa uma excessiva mobilidade evitando a sedimentação de um grupo familiar e a conseqüente ambiência residencial estável, responsável pela criação de centros de pressão contra as formas de divergência a nível dos valores sociais básicos. (1984, p. 62).

Essa idéia se aproxima daquilo que Robert Park (1984) denomina como “região moral”, conceito que se refere à segregação a que os moradores de uma determinada cidade são submetidos quanto ao uso que fazem do espaço urbano. Não sendo diretamente relacionado ao domicílio dos indivíduos, mas sim aos lugares utilizados para a reunião de determinados grupos que se tornam públicos, sendo que, em geral, se estabelecem normas próprias e certa cultura peculiar aos frequentadores de tal “região moral”. De certo modo, é esse o caso da região da Praça da Sé, onde atuam as entrevistadas nesse trabalho, pois, sem dúvida, essa é

uma área recorrentemente identificada com o grupo de profissionais do sexo entre outros que habitualmente transitam pelo o local.

A localização dessa zona de prostituição não foge ao que Jean Carlos da Silva (2002) sugere como os pontos iniciais para entender o porquê de uma área de meretrício se localizar em um determinado local em detrimento de outro. Segundo esse autor, deve-se notar que: a localização da prostituição no interior da cidade obedece, de forma geral, aos processos de segregação espacial (áreas residenciais e comerciais); essa localização é influenciada por fatores legais, como a criação de normas e regulamentos para o meretrício, além do controle policial sobre a prostituição e suas áreas; fatores internos da prostituição também vão influir na localização do meretrício dentro da cidade, existindo, de certa maneira, uma segregação espacial interna.

Atualmente, a Praça da Sé, que se insere numa macrorregião conhecida como Pelourinho, se caracteriza, principalmente, como zona comercial, transitada por variados segmentos sociais, mas ainda habitada por populares, a que foi destinada parte do mercado sexual soteropolitano. Esse arranjo se deve a características históricas, que vêm desde o século XIX, pois, nessa, que é a região mais antiga de Salvador, à medida que a cidade se projetava para o mar, os velhos casarões quinhentistas foram deixando de ser ocupados pelas classes dominantes.

Além da proximidade do porto e do grande fluxo turístico há a conjuntura histórica que favoreceu o estabelecimento dessa comunidade profissional na citada área. Jeferson Bacelar (1982), ao estudar a comunidade do Maciel, ladeira também localizada no espaço do Pelourinho, nos traz uma interessante análise dos acontecimentos políticos, sociais e urbanos que resultaram na caracterização dessa região como o é na atualidade.

Sendo uma das áreas de fundação da cidade de Salvador, o Centro Histórico, localizado na Cidade Alta, inicialmente se destacou por ser um território “refinado”, característica que perdurou até parte do século XIX, como descreve o autor:

O século XIX encontra a área do Pelourinho no seu esplendor; belos prédios, igrejas grandiosas, festas cívicas e religiosas, os brasões e as inscrições, os saraus, o piano e a sinhá-moça nas sacadas, a escravaria e o batucajê, a disputa das irmandades e ordens terceiras, as ruas estreitas e misteriosas, enfim, todos esses elementos sedimentando o *modus vivendi* da população da área. Manteve o

Pelourinho, por boa parte desse século, a sua feição 'aristocrática', sendo os velhos sobrados habitados por uma camada de classe média alta, nobres outorgados, comendadores, grandes proprietários, negociantes de prestígio, etc. (BACELAR, 1982, p. 52).

Porém, após séculos de opulência, transformações econômicas e urbanísticas começam a ser percebidas em Salvador, na segunda metade do século XIX, sendo que se inicia um processo de migração para o sul da cidade, fazendo com que os moradores de maior prestígio passassem a preferir as novas zonas residenciais do município. Desse modo, a população frequentadora da região também começou a se alterar. Como o conjunto arquitetônico era composto de grandes imóveis, pessoas de classes menos abastadas passaram a dividir tais construções, fazendo com que várias famílias coabitassem numa mesma propriedade. De acordo com Jeferson Bacelar, já na década de 20 do século passado,

Os grupos sociais que chegavam a Salvador em busca de melhores condições de vida eram atraídos pelos aluguéis baratos, devido à subdivisão dos prédios e pela proximidade física do centro social e administrativo da cidade. Essa transformação progressiva do quadro social e econômico do Pelourinho representa a primeira fase do processo de mudança. A segunda fase tem início com o estabelecimento da prostituição no Pelourinho (1982, p. 53).

Passando a ser caracterizada como uma região de pobreza, logo a associação com aspectos relacionados à marginalidade e à prostituição começou a ser estabelecida. Através de uma política de controle, a polícia de costumes da época obrigava, muitas vezes por meio de atos de violência, a circunscrição das atividades prostitucionais em tal área, uma vez que essa já era considerada deteriorada. Porém, na década de sessenta do mesmo século, inicia-se a valorização do conjunto arquitetônico do Pelourinho, reconhecido internacionalmente como um importante patrimônio histórico-cultural do país.

Assim, instaura-se um processo de revalorização da região, o que fez com que os imóveis sofressem nova alta nos preços de venda e aluguel, dessa vez com vistas ao comércio voltado ao turismo que começava a ter seu desenvolvimento projetado para tal área. No entanto, a revitalização do Pelourinho foi parcial e diversos moradores continuaram a viver nas imediações do conjunto central, e embora tenha diminuído a quantidade de prostitutas que lá atuavam, muitas delas

permaneceram trabalhando nesse espaço, ainda que de modo mais discreto ou em horários alternativos.

Pouco tempo depois, a “decadência” se manifestou novamente devido aos processos de revitalização inadequados que foram implantados. Mais uma vez, a região passou a ser atrelada à marginalidade, à sujeira e à prostituição, entre outras, ainda no século XX. No final desse período, mais uma tentativa de “reformatar” a área foi implementada e foi nesse contexto, com o intuito de adequar a área para a recepção de turistas, que tentaram acabar com a prostituição na região, o que gerou a mobilização das profissionais que lá atuavam, originando a APROSBA, fato já descrito no capítulo “Direções”.

Atualmente, o conjunto arquitetônico do Pelourinho, nas imediações de onde se localiza a Praça da Sé, local onde atuam as profissionais aqui entrevistadas, é considerado Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)<sup>50</sup> e, certamente, é um dos principais atrativos turísticos da cidade de Salvador. Daí o grande fluxo de visitantes circulando na área e a interação entre as profissionais do sexo que desde antes da configuração turística já tinham esse lugar de trabalho definido.

A seguir iremos apresentar algumas considerações sobre as falas das prostitutas por nós entrevistadas e também, articular tais exposições a algumas representações sobre o Brasil e as brasileiras veiculadas em filmes estrangeiros, a fim de podermos vislumbrar o arcabouço simbólico que ampara o turismo sexual em Salvador e as conseqüentes assimetrias de gênero que essa atividade ampara.

---

<sup>50</sup> Em inglês, *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*.

## 5 FALAS CONTEMPORÂNEAS

*Pele bronzeada*  
*Mulher Brasileira*  
*A coisa mais linda*  
*Chamada de avião*  
*Corpo de violão*  
*Olha quanta mulher boa*  
(Psirico – Mulher Brasileira[Toda Boa])

Como temos discutido ao longo desta tese, acreditamos que as construções discursivas que amparam o imaginário sobre o Brasil são suportes privilegiados para a manutenção de disparidades sociais, em especial, no caso aqui abordado, aquelas relativas às questões de gênero. Nesse sentido, procuramos ilustrar como esses discursos são articulados e incorporados às práticas cotidianas. Para tanto, elegemos um documentário nacional, que versa sobre filmes estrangeiros que retratam o país e sua gente, para ser cotejado às falas das prostitutas entrevistadas para esta pesquisa. Desse modo, podemos verificar como as imagens não são apenas reiteradas pelos estrangeiros, mas também ratificadas e absorvidas pelas(os) nativas(os).

Pareceu-nos interessante dialogar com obras audiovisuais por conta de sua riqueza de sons e imagens, que tornam os filmes peculiarmente envolventes, e, também, pela possibilidade de grande alcance de público devido à distribuição massiva que, além das sessões em salas de cinema, ainda é promovida através de DVD's, que são vendidos ou locados, na televisão, tanto aberta quanto paga, e, também, por meio de *downloads* na internet, tornando inegável a amplitude de grupos receptores. Mas, o que nos importa, de modo especial, nesse tipo de mídia é, justamente, o seu apelo imagético, indo de encontro ao que temos discutido ao longo desta tese. O respaldo dado por imagens fílmicas ao imaginário sobre o Brasil

se revela um campo bastante rico, já que opera em uma via de “mão dupla”, um servindo de referencial ao outro, mutuamente.

Na esteira desse tipo de consideração, concordamos com Marc Ferro quando ele afirma em seu livro *Cinema e História*, que,

o filme, imagem ou não da realidade, documento ou ficção, intriga autêntica ou pura invenção, é História [...] [tendo como postulado que] aquilo que não aconteceu (e por que não aquilo que aconteceu?), as crenças, as intenções, o imaginário do homem, são tão História quanto a História. (2010, p. 32).

Ou seja, a obra como um todo, e não apenas as representações nela contida, é reveladora das formações culturais das quais faz parte, as escolhas sobre o que é representado, e de como o é, podem ser informativas do que é valorizado e/ou aceito naquele determinado contexto sociocultural em que o filme foi criado. Nesse sentido é que optamos por trabalhar com o documentário *Olhar estrangeiro* que analisa não apenas o que foi apresentado nos filmes sobre o Brasil e os(as) brasileiros(as), mas procura elucidar a forma como foram realizadas tais obras, considerando os interesses da indústria e também o conhecimento dos produtores.

O trabalho realizado por Lúcia Murat se mostra muito interessante e pertinaz à proposta aqui apresentada, justamente por atentar a quem produz as “falas” sobre o Brasil e as(os) brasileiras(os), no meio cinematográfico. Pois, como em todo discurso, ainda que aparente certa neutralidade, as ideologias daqueles que fazem os filmes são aquelas impostas ao público. Assim, julgamos fundamental a consideração de Jean-Claude Bernardet quando diz:

Eliminando a pessoa que fala, ou faz cinema, ou melhor, eliminando a classe social ou a parte dessa classe social que produz essa fala ou esse cinema, elimina-se também a possibilidade de dizer que essa classe ou esse cinema representa um ponto de vista. Ao dizer que o cinema expressa a realidade, o grupo social que encampou o cinema coloca-se como que entre parênteses, e não pode ser questionado. (2004, p. 20).

A idéia de representação fidedigna da realidade não é privilégio do cinema; ela foi atrelada, também, as imagens fotográficas e televisivas. Pela verossimilhança com o objeto referente, muitas vezes, em especial o senso comum, “se esquece” da produção, senão do próprio referente, como cenário, modelo, etc.,

da parte técnica da imagem, como ângulo de tomada, corte, o próprio tema, entre outros. Sendo assim, as analogias entre as imagens representadas e suas representações camuflam, de certo modo, a manipulação presente em toda obra cinematográfica, incluindo até mesmo os documentários, já que apesar de terem um maior compromisso com a “verdade”, não deixam de ser produções planejadas, recortadas e montadas por pessoas implicadas em suas formações culturais. Jean-Claude Bernardet contribui ainda afirmando que,

Essa ilusão de verdade, que se chama *impressão de realidade*, foi provavelmente o grande sucesso do cinema. O cinema dá a impressão de que é a própria vida que vemos na tela, brigas verdadeiras, amores verdadeiros. Mesmo quando se trata de algo que sabemos não ser verdadeiro [...] a imagem cinematográfica permite-nos assistir a essas fantasias como se fossem verdadeiras; ela confere realidade a essas fantasias. (2004, p.12).

É justamente nessa articulação de fantasia com verdade, ou melhor, na “impressão de realidade”, que se identifica o suporte para a reiteração do imaginário há tanto propagado. Embora muitas pessoas tenham conhecimento de que as representações fílmicas sobre o Brasil não sejam exatamente coerentes com a realidade, o aparato discursivo anterior complementado por tais imagens acaba por formar um composto ideal para a reprodução de estereótipos forjados unilateralmente.

Tal crença na imagem suscita uma outra questão concernente à relação da ficção com a veracidade. Segundo o teórico do cinema Christian Metz (1983), é possível concordar com a idéia de que justamente por estarmos diante de uma obra ficcional nós a vivenciamos com maior plenitude, já que, tratando-se de uma construção assumidamente imaginária, não sentimos necessidade de colocá-la à prova e, acrescentaríamos, que sequer poderíamos. Ou seja, confrontando-nos com filmes que são sabidamente criados para fins de entretenimento, não temos parâmetros para testá-los, o que nos possibilita gozar essa experiência livremente. No entanto, como veremos a seguir, mesmo em se tratando de ficção, as ideias veiculadas nos filmes, muitas vezes, passam a fazer parte do repertório cultural daqueles que os assistem.

Além disso, devemos considerar que as obras cinematográficas evocam sentidos e sensações que extrapolam a cognição imagética. É interessante lembrar

que, de acordo com Laura Mulvey (1983), “as convenções do cinema dominante dirigem a atenção para a forma humana”, realçando certa fascinação pela semelhança e reconhecimento. O que, seguindo ainda as idéias dessa autora, pode vir a proporcionar prazer aos espectadores, se refletirmos sobre a estratégia de distanciamento provocada pelas salas escuras e coletivas onde os filmes são projetados, evocando certo instinto *voyeurista* na contemplação das personagens com as quais é possível se identificar. Além disso, Laura Mulvey também aponta a *escopofilia*<sup>51</sup> como mecanismo passível de promover satisfação emocional ao público.

É evidente que não podemos considerar que a audiência simplesmente absorve tudo que lhe é apresentado, pois, no mínimo, estaríamos subestimando a capacidade crítica dos receptores. Porém, no caso aqui tratado, vimos que o imaginário sobre o Brasil já constitui um arcabouço anterior que influencia não apenas o público, mas, também, os realizadores dos filmes, favorecendo a disseminação de imagens estereotipadas. Nesse ponto, é interessante voltarmos às considerações de Jean-Claude Bernardet, especialmente àquelas referentes a recepção, nas quais ele nos lembra que

O espectador cinematográfico nunca é exclusivamente um espectador cinematográfico. O cinema entra na sua vida como um dos elementos que compõem a sua relação com o mundo, o cinema não determina completamente essa relação. [...] No ato de ver e assimilar um filme, o público transforma-o, interpreta-o, em função de suas vivência, inquietações, aspirações, etc. (2004, p. 80).

Daí nosso empenho em tornar visível, na prática, como o imaginário já difundido dialoga intimamente com as ideias propagadas pelos filmes de ficção estrangeiros que trazem o Brasil como tema e, também, com a leitura que o público em geral faz dessas obras, pois, certamente, o imaginário social e a *sétima arte* se retroalimentam mutuamente, sendo que, embora os filmes ficcionais não possam ser considerados uma fonte de informações determinante sobre o Brasil, até porque, como já dito anteriormente, é um tipo de mídia que nos envolve livremente, sem uma ligação necessária e/ou comprovada com a realidade, o imaginário social parte de uma conjectura supostamente mais fundamentada. No entanto, em muitos casos,

---

<sup>51</sup> Segundo Freud, refere-se ao ato de tomar as outras pessoas como objetos, sujeitando-as a um olhar fixo, curioso e controlador.

especialmente para aqueles menos inteirados sobre a cultura brasileira, o cinema, respaldado pelo imaginário, acaba se tornando o referencial sobre a sociedade nativa, proporcionando olhares, discursos e ações bastante parciais, se não equivocados, quando confrontados com o contexto local.

Na esteira dessas considerações, devemos lembrar que tanto as relações de produção, quanto de recepção, são frutos de vivências socioculturais mais amplas, que refletem mais do que opiniões pessoais, características e posições das sociedades em que se originam. Nesse sentido, não podemos nos furtar à discussão acerca da questão de dominação cultural empreendida por países hegemônicos sobre países “colonizados”. Para tanto, recorreremos aos Estudos Culturais, que consideramos ser de suma importância para a abordagem que associa produções culturais a fatores que envolvem o contexto econômico, as relações de poder e, principalmente, as mediações empreendidas tanto pelo produtor, quanto pelo receptor de mensagens veiculadas pela indústria cultural<sup>52</sup>.

Sendo assim, partimos da consideração de Jesús Martín-Barbero sobre a hegemonia. De acordo com esse autor, tal conceito abre a possibilidade de,

Pensar o processo de dominação social já não como uma imposição a partir de um exterior e sem sujeitos, mas como um processo no qual uma classe hegemônica, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E ‘na medida’ significa aqui que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. O que implica uma desfuncionalização da ideologia – nem tudo o que pensam e fazem os sujeitos da hegemonia serve à reprodução do sistema – e uma reavaliação da espessura do cultural: campo estratégico na luta para ser espaço articulador dos conflitos. (2003, p. 117).

---

<sup>52</sup> Indústria cultural é um conceito criado pelos filósofos da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno e Max Horkheimer, em 1947. De acordo com Martín-Barbero, tal conceito “parte do sofisma que representa a idéia de ‘caos cultural’ – essa perda do centro e conseguinte dispersão e diversificação dos níveis e experiências culturais descobertas e descritas pelos teóricos da sociedade de massa – e afirma-se a existência de um sistema que regula, dado que a produz, a aparente dispersão. A ‘unidade de sistema’ é enunciada a partir de uma análise da lógica da indústria, na qual se distingue um duplo dispositivo: a introdução na cultura da produção em série ‘sacrificando aquilo pelo qual a lógica da obra se distinguia da do sistema social’, e a imbricação entre produção de coisas e produção de necessidades de modo tal que ‘a força da indústria cultural reside na unidade com a necessidade produzida’. (2003, p. 77).

A reflexão de Jesús Martín-Barbero sobre o conceito de Gramsci traz à discussão pontos importantes, como a questão dos interesses comuns às classes subalternas e dominantes, assim como o caráter dinâmico dos processos hegemônicos e a importância do cultural enquanto espaço de negociação de forças sociais. Articulando tais considerações, podemos pensar na reprodução contemporânea da dominação que, certamente, tem nos meios culturais e simbólicos, especialmente nos meios de comunicação, seu suporte preferencial.

Com base em tal premissa, para discutirmos a idéia de dominação cultural e seus efeitos na formação de estereótipos coloniais, tomamos emprestadas algumas observações de Edward Said em “Orientalismo”, que trabalha com a distinção entre o que ele denominou de “orientalismo latente” e “orientalismo manifesto”, para elucidar as práticas que se conciliam para a manipulação do conhecimento do Ocidente sobre o Oriente. Segundo o autor,

Um dos desenvolvimentos importantes no Orientalismo do século XIX foi a destilação de idéias essenciais sobre o Oriente – sua sensualidade, sua tendência ao despotismo, sua aberrante mentalidade, seus hábitos de imprecisão, seu atraso – numa coerência separada e incontestável; assim, o fato de um escritor usar a palavra *oriental* era uma referência suficiente para o leitor identificar um corpo específico de informações sobre o Oriente. Essas informações pareciam ser moralmente neutras e objetivamente válidas; pareciam ter um status epistemológico equiparado ao da cronologia histórica ou da localização geográfica. Na sua forma mais básica, portanto, o material oriental não poderia na verdade ser violado pelas descobertas de ninguém, nem parecia ser jamais completamente reavaliado [...]. (2007, p. 279).

Embora já tenhamos discorrido sobre o imaginário social do Brasil, não podemos deixar de notar que algumas características são comuns aos “outros” nomeados pelos europeus. Daí nosso interesse em dialogar com a obra de Edward Said, para que possamos perceber os mecanismos pelos quais operam os manejos e manutenções da dominação cultural no país. Aqui, verificamos a aproximação do “Orientalismo latente” que conta com uma “unanimidade, estabilidade e durabilidade” mais ou menos constante, ou, ainda, “uma positividade inconsciente” com a idéia de imaginário social com que vimos trabalhando, pois, as construções imaginárias criadas pelos europeus sobre os povos “diferentes” de si são incrustadas de tal forma no pensamento ocidental que, apesar de “descobertas” empreendidas pelos próprios europeus, ou de “revelações” por parte dos colonizados, pouca coisa muda

na opinião geral já estabelecida. É aí que reside a relação com o “Orientalismo manifesto” que, de acordo com as explicações do autor, se referem às “várias visões declaradas sobre sociedade, línguas, literaturas, história, sociologia orientais e outros tópicos afins” (SAID, 2007, p. 279), ou seja, as visões e saberes estabelecidos, se relacionando desse modo ao que temos trabalhado como discurso.

Edward Said ilustra muito bem tais pensamentos, como nesse trecho,

Junto com todos os outros povos designados, de forma variada, como atrasados, degenerados, incivilizados, retardados, os orientais eram vistos numa estrutura construída a partir do determinismo biológico e da censura moral-política. O oriental era, portanto, associado a elementos na sociedade ocidental (os delinquentes, os insanos, as mulheres, os pobres) que tinham em comum uma identidade mais bem descrita como lamentavelmente estrangeira. Os orientais raras vezes eram vistos ou olhados; eram devassados, analisados não como cidadãos, nem como um povo, mas como problemas a serem resolvidos ou confinados ou – como as potências coloniais cobiçavam abertamente o seu território – conquistados. O ponto é que a própria designação de algo como oriental implicava um julgamento avaliativo já acentuado e, no caso dos povos que habitavam o Império Otomano arruinado, um programa implícito de ação. Como o oriental era membro de um raça subjugada, ele tinha de ser subjugado: era assim simples. (2007, p. 281).

Embora devamos considerar as inúmeras diferenças entre a questão colonial no Oriente e na América Latina, em especial no Brasil, nos interessa observar que o processo de dominação cultural foi articulado, de certo modo, nos mesmos moldes para ambos os territórios culturais. É certo que, na contemporaneidade, alguns espaços são mais permeáveis às influências estrangeiras que outros, mas a origem da dominação cultural, baseada num imaginário apregoado e em discursos unilaterais, é semelhante na maioria dos países “periféricos”.

O uso de estereótipos foi uma estratégia discursiva largamente utilizada pelas potências colonizadoras a fim de forjar identidades amplamente conhecidas sobre os dominados. Negar as manifestações dos colonizados era, ou ainda é, útil para que se possa formatar uma imagem “generalizada” de determinada cultura, descartando características que não interessam às classes hegemônicas, enquanto que, em geral, são valorizadas aquelas menos politizadas ou não representativas de

uma consciência coletiva organizada. A limitação da alteridade que caracteriza o estereótipo acaba sendo, em muitos casos, a imagem representativa da nação.

Homi Bhabha, crítico pós-colonialista, nos guia com suas considerações sobre a operacionalização e eficiência dos estereótipos coloniais. De acordo com o teórico indo-britânico,

É a força da ambivalência que dá ao estereótipo colonial sua validade: ela garante sua repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes; embasa suas estratégias de individuação e marginalização; produz aquele efeito de verdade probabilística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente. (BHABHA, 2003, p. 105).

Essa breve citação resume o que buscamos explicitar aqui sobre a articulação de estereótipos que, utilizados nos mais diversos contextos ao largo de séculos, ainda hoje são considerados representativos do povo brasileiro e, em especial, das brasileiras. A “repetibilidade em conjunturas históricas e discursivas mutantes” e a “estratégia de individuação e marginalização” causando o “efeito de verdade probabilística” têm marcado recorrentemente as representações por parte de potências hegemônicas acerca dos(as) brasileiros(as), como podemos ilustrar nos filmes citados a seguir.

Mais do que reproduções parciais sobre a realidade local, verificamos que alguns aspectos são recorrentemente menosprezados em tais banalizações. As referências às mulheres, por exemplo, são, sem dúvida, marcadas por um discurso sexista em que qualquer consideração sobre relações sociais de gênero foi desprezada. A centralidade no europeu, criador dos estereótipos sobre os outros, como aqui citados, fica clara quando observamos que as características atribuídas às mulheres orientais são as mesmas imputadas às brasileiras. De acordo com Edward Said, é facilmente perceptível nos escritos de viajantes e romancistas a idéia de que “As mulheres são em geral criaturas de uma fantasia de poder masculina. Manifestam uma sexualidade ilimitada, são mais ou menos estúpidas e, acima de tudo, insaciáveis” (2007, p. 282).

Embora já tenhamos abordado a questão da parcialidade na construção do imaginário social e mesmo dos estereótipos sobre os(as) brasileiros(as), não podemos deixar de destacar a evidência de que a criação desses e,

consequentemente, de todo discurso que neles se apóia, é ancorada em pressuposições muito particulares relacionadas à posição do enunciador, que somente ganharam amplitude em função de conjecturas sociais que envolvem relações de poder que extrapolam a realidade individual, ou mesmo coletiva, dos objetos de tal representação.

Quando aludimos aqui às semelhanças entre o discurso sobre as mulheres orientais e as brasileiras é com a intenção exclusiva de ilustrar quanto essas narrativas tão internalizadas que constituem os imaginários sociais de diversas culturas não passam de autorreferências dos enunciadores, no caso aqui em questão, os europeus. Pois, o que podemos observar são os valores e desejos de quem fala e muito pouco daquele(a) que é representado(a). Porém, ainda que levemos essa consideração como guia, sabemos que, para o senso comum, tais relações não são tão explícitas, daí a preocupação com a produção e a recepção de obras que reiteram tais condições unilaterais.

Parece-nos interessante trazer a esse ponto da discussão algumas ponderações da crítica cinematográfica feminista Laura Mulvey. Em seu artigo “Prazer visual e o cinema narrativo” ela aborda a questão da mulher enquanto objeto do olhar masculino na sétima arte. Partindo de alguns pressupostos da Psicanálise, ela afirma que:

A mulher, desta forma, existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando lingüístico, impondo-se sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado. (1983, p. 438).

Precisamente por sabermos ser a ordem patriarcal ainda vigente e dominante, é que verificamos que até os dias de hoje as mulheres são colocadas na posição de sujeição nas obras cinematográficas. Embora algumas mudanças tenham ocorrido, através da inserção de mulheres na cadeia produtiva de filmes e mesmo com a ascensão de discursos alternativos nesse meio, como veremos nos exemplos que seguem, de modo geral, as brasileiras, quando representadas por autores estrangeiros, não ocupam outro lugar senão o de objeto de contemplação visual/sexual. Parece ser infundável a reiteração dos estereótipos coloniais mas, como tentamos esclarecer, são jogos de poder mais amplos que visam à

manutenção da ordem estabelecida nos quais são utilizados, conscientemente ou não, todos os artifícios para manter a mulher em um lugar de subalternidade perante os homens. Nesse sentido, Laura Mulvey explicita a condição da mulher no cinema da seguinte forma:

Num mundo governado por um desequilíbrio sexual, o prazer no olhar foi dividido entre ativo/masculino e passivo/feminino. O olhar masculino determinante projeta sua fantasia na figura feminina, estilizada de acordo com essa fantasia. Em seu papel tradicional exibicionista, as mulheres são simultaneamente olhadas e exibidas, tendo sua aparência codificada no sentido de emitir um impacto erótico e visual de forma a que se possa dizer que conota a sua condição de 'para ser olhada'. A mulher mostrada como objeto sexual é o *leitmotiv* do espetáculo erótico: de garotas de calendário até o *striptease*, de Ziegfeld, até Busby Berkeley, ela sustenta o olhar, representa e significa o desejo masculino. O cinema dominante combinou muito bem o espetáculo e a narrativa [...]. (1983, p. 444).

Tal combinação entre espetáculo e narrativa nos confronta, como colocado anteriormente, com a dificuldade de trabalhar com filmes de ficção, já que estaríamos diante de uma obra supostamente livre de amarras com a realidade ou mesmo de qualquer compromisso social. No entanto, para pensarmos em uma “reorientação” do papel das mulheres em tal meio seria necessário, de acordo com a teórica acima citada, “abrir caminho para a negação total da tranquilidade e da plenitude do filme narrativo de ficção”, o que implicaria em “conceber uma nova linguagem do prazer” descartando as estruturas opressivas do passado, porém, sem ignorá-las. Acreditamos ser esse um dos caminhos trilhados pelo documentário aqui reportado, pois, buscando mostrar a falta de conhecimento dos produtores e diretores estrangeiros sobre a realidade brasileira que reproduzem, Lúcia Murat abre espaço para discussões sobre a criação de novas possibilidades de representações menos opressivas e estereotipadas.

Dirigido por uma mulher, *Olhar estrangeiro* é o sugestivo nome de um documentário lançado em novembro de 2008, que trata da representação do Brasil junto à indústria cinematográfica de países que dominam o mercado da *sétima arte*. Sabemos que trabalhar com a imagem do Brasil implica em um leque de possibilidades, pois cada uma das diretrizes imagéticas do país conduz a temas bastante abrangentes como mestiçagem, relação com a natureza, apelo tropical, exotismo, e – o que aqui nos interessa de modo especial – a sexualidade nativa.

Através de análises de filmes de ficção comerciais, a diretora e roteirista do documentário discorre sobre a imagem do Brasil frente ao público estrangeiro, destacando o apelo a imagens femininas.

Tendo em vista que, após décadas de militância feminista, a aproximação feminina a diversos suportes culturais – antes restritos à parcela masculina da população –, se tornou mais acessível, fez-se perceptível uma crescente inserção das mulheres também nas produções cinematográficas. Embora uma maior participação feminina na realização de filmes não signifique diretamente um maior comprometimento com os interesses feministas, notamos alguma mudança no olhar sobre o feminino nas produções contemporâneas. Entretanto, apesar de iniciativas como a de Lúcia Murat, que vem justamente denunciar equívocos cometidos em filmes que trazem o Brasil como personagem e/ou cenário, verificamos que as representações das brasileiras, que envolvem além de questões de gênero, também de etnia, continuam sendo de mulheres objetificadas que seguem premissas androcêntricas. Infelizmente, esse tipo de representação não deixa de demonstrar o imaginário ainda em voga na contemporaneidade, pois, como nos lembra Miriam Adelman,

examinar como as relações de gênero são representadas no cinema significa transitar entre a obra cinematográfica e o mundo das relações sociais ‘fora do cinema’; é um *ir e voltar*, pois o cinema, como toda produção cultural, reflete práticas e significados sociais ao mesmo tempo em que os constrói e, para usar o termo corrente, os ‘re-significa’. (2005, p. 231).

Nesse sentido, a diretora de *Olhar estrangeiro* conta, em uma entrevista adicionada aos extras constantes no DVD do filme, que a motivação para a realização desse documentário veio justamente dos constantes reveses que vivencia no exterior quando declara sua nacionalidade. Presente em diversos festivais de cinema internacionais, Lúcia Murat revela que, freqüentemente, se depara com perguntas como: “Como é que uma mulher consegue fazer um filme no Brasil?”, e explica que daí decorre a idéia inicial do projeto:

– *É... essa questão do machismo, a relação, quer dizer, da mulher brasileira principalmente, assim... sempre vista mais ou menos como uma espécie de uma prostituta. Não somente como uma pessoa livre, mas que beira a*

*prostituição, e tal. Tudo isso em determinado momento me irritou e eu pensei em fazer um documentário sobre isso.*<sup>53</sup>

Certamente, Lúcia Murat não é a primeira, tampouco a única brasileira a se consternar com insinuações acerca de uma possível conduta sexual relacionada a sua nacionalidade. Como já destacamos em um capítulo anterior, o imaginário sobre a volúpia das nativas que perpassa as práticas interculturais na atualidade, tem sido forjado nos séculos de colonização vividos por esse país, que é visto diversas vezes como um “paraíso terreal”, povoado por mulheres que se guiam exclusivamente pela libido. Evidentemente, esse imaginário foi construído e é respaldado por uma cultura machista que, além de questões de gênero, envolve também categorias como raça e etnia que permeiam as relações sociais.

Ao trabalhar com o documentário aqui proposto, percebemos que as intersecções dessas categorias analíticas na formação da imagem do Brasil são amplamente compartilhadas pelos estrangeiros na identificação de uma imagem padrão do país. As representações que aparecem nos filmes analisados em *Olhar estrangeiro*<sup>54</sup>, parecem ser apenas variações de uma mesma idéia, pois o Brasil é sempre um lugar de clima aprazível, com belas mulheres morenas, que aparecem invariavelmente com pouca roupa sob o sol e/ou na praia, com destaque para os corpos quase nus.

Essa idéia geral nos remete à mesma que as entrevistadas em nossa pesquisa identificam como a imagem que seus clientes estrangeiros têm do Brasil. Quando Neide diz:

– *Eles acham maravilhoso. É um país que é quente, tem tudo, é tem coisas que lá no país dele não tem. Todo dia festa, todo dia, liberal. Outros tipos de cultura. E aqui é outra cultura, néah?! E lá é mais trabalho.*

---

<sup>53</sup> Transcrição do depoimento da diretora do filme *Olhar estrangeiro* em entrevista constante nos extras do DVD. *Olhar estrangeiro*, 2008.

<sup>54</sup> Os seguintes filmes são apresentados no documentário: *Blame it on Rio* (Feitiço no Rio) – EUA, 1984; *The champ* (O campeão) – EUA, 1979; *L’homme de Rio* (O homem do Rio) – França, 1964; *Sällskaps Resor* (Companheiro de viagem) – Suécia, 1980; *Next stop wonderland* (Próxima parada, Wonderland) – EUA, 1998; *Si tu vas à Rio tu meurs* (No Rio vale tudo) – França, 1987; *T’empêches tout le monde de dormir* – França, 1982; *Samba* (filme não realizado); *Wild orchid* (Orquídea selvagem) – EUA, 1990; *The forbidden dance is Lambada* (Lambada: a dança proibida) – EUA, 1990; *Anaconda* – EUA, 1997; *Brenda Starr* – EUA, 1989; *The burning season* (Amazônia em chamas) – EUA, 1994; *Le fils du français* (O filho do francês) – França, 1999; *Le grabuge* (Operação tumulto) – França/EUA, 1968; *It’s all true* (É tudo Verdade) – EUA, 1942 (não lançado).

Ou ainda em outro trecho, quando a mesma entrevistada fala sobre a ideia [de] que os turistas com quem sai têm das brasileiras:

– *Eles acham que as melhores mulheres são do Brasil [...] Ah! eles acha[m] maravilhosa[s] as mulheres brasileiras. Eles acham que são as mulheres quentes [...].*

Verificamos que em quase nada difere do que é apresentado como o imaginário de diretores e roteiristas estrangeiros que trabalharam em filmes que representam o país.

É muito próximo, por exemplo, do comentário de Larry Gelbart, roteirista do filme norte-americano *Feitiço do Rio*, de 1984, quando ironiza:

– *O Brasil é um clichê por um ótimo motivo, e vou lhe dizer qual: produz mais pessoas bonitas que qualquer outro país. São clichês e, se vocês querem ser tratados mais seriamente, deviam dançar menos e ficar mais feios. Aí todo mundo vai tratá-los mais seriamente. Afinal, não dançamos assim e somos muito feios no meu país, e todos nos tratam muito seriamente.*<sup>55</sup>

Ou mesmo da “confissão” da atriz Hope Davis sobre o que imagina do Brasil: “*É isso o que penso quando penso no Brasil: belas mulheres de topless nas praias*”.

Não podemos deixar de notar que, assim como os turistas que visitam o país e os produtores e diretores de filmes que se passam no Brasil, pessoas que nunca estiveram aqui compartilham do mesmo imaginário. Em intervenções apresentadas no documentário realizadas com transeuntes nas ruas de cidades norte-americanas e francesas, as respostas, como exemplificamos a seguir, não fogem ao que já foi apresentado.

– *É um país de sonhos. Só temos imagens de sol, de praia.* (Homem, branco, norte-americano).

– *Muitas mulheres na praia usando biquíni e topless.* (Homem, branco, francês).

– *Eles fazem festa direto!* (Homem, branco, norte-americano).

– *Praias, mulheres deitadas na praia e biquínis.* (Homem, negro, norte-americano).

---

<sup>55</sup> Todos os trechos de entrevistas relativas às impressões sobre o Brasil de cineastas são transcrições das legendas contidas no DVD do documentário *Olhar estrangeiro*.

– *Mulheres com bunda grande.* (Mulher, branca, norte-americana).

– *Todas as mulheres, lindas!* (Homem, branco, norte-americano).

Tais imagens difundidas sobre as brasileiras são, em certa medida, aceitas por muitas mulheres locais. É o caso, por exemplo, de algumas das entrevistadas nessa pesquisa, que contam, muitas vezes com certo orgulho, as opiniões de seus clientes estrangeiros. Além das colocações de Neide, já descritas, Vivi, por exemplo, se entusiasma ao afirmar:

– *Eles disse que as mulé[mulheres] no país deles, num[não] é legal [pausa], eles que dizem, que a gente é mais quente... [risos] ...tudo isso, néah? [...]* *Que são maravilhosas, que, na cama, é maravilhos... [risos] Que mais?... [pausa] é gostosa, mais quente.*

Já Paulínia parece não se importar com a imagem que os turistas demonstram ter da cidade, ou da população:

– *É por ele ter uma cabeça que aqui é o mundo... [pausa] Salvador é o mundo da prostituição e da droga, eles trata[m] as puta[s] muito bem.*

São pontos de vista que estão em conformidade com aqueles apresentados nos filmes nos quais os estrangeiros vêm ao país somente para se divertir numa terra onde é possível satisfazer todos os tipos de prazer. E, além disso, a demonstração de satisfação das entrevistadas ao narrar tais opiniões, revela que elas, de fato, incorporam as ideias relativas ao *sex appeal* característico das brasileiras.

Tais constatações nos remetem à consideração de Richard Parker acerca da questão da vivência da sexualidade brasileira. Diz ele:

Acho impossível para qualquer pessoa que passe algum tempo no Brasil, ou com brasileiros, ignorar até que ponto a noção de sexualidade ou, talvez melhor, de sensualidade, exerce influência na compreensão que eles têm de si próprios. A mais surpreendente qualidade desse fato é o grau em que essa noção está ligada, não simplesmente, como acontece com americanos e europeus, à percepção de existência individual, mas à auto-interpretação de uma sociedade inteira. Na verdade, os brasileiros consideram-se como seres sensuais não apenas em termos de sua individualidade (embora isso também já seja importante), mas num nível social e cultural – como indivíduos sensuais, pelo menos em parte, em virtude de sua compartilhada brasilidade. E esta visão, por outro lado, desempenha papel importante na definição da natureza da vida brasileira em si própria e em relação ao mundo que a cerca, o mundo exterior, o mundo do estrangeiro. (1991, p. 22).

Nessa breve citação, podemos observar que a noção de sensualidade está intimamente atrelada à idéia de brasilidade mais do que característica pessoal, a voluptuosidade é aceita, de certo modo, como inerente à identidade brasileira pela população local e reconhecida como traço marcante pelos estrangeiros. Essa internalização pelas(os) brasileiras(os) e a identificação por parte dos(as) estrangeiros(as) acaba por alimentar a circularidade de clichês nas representações sobre o Brasil.

Como o diretor sueco Bo Jhonson assume: “– *Todos esses filmes não brasileiros têm uma visão pronta do Brasil. No roteiro, usam clichês. Às vezes, acho que querem o clichê*” – e continua em outro trecho – “*É provável que tenhamos nos inspirado em outros [filmes]. Infelizmente, repetem o velho estilo colonialista. Não querem ir fundo na alma brasileira. Querem permanecer na praia, por assim dizer.*

De certo modo, é o que também nos diz o diretor de *Orquídea selvagem*, Zalman King:

– *E eu queria fazer um Rio imaginário, é verdade. O Rio mostrou ser outra cidade, não a que estava na minha imaginação. Mas quando fui à Bahia vi elementos que eu achava que deviam estar no Rio. O Rio da minha cabeça combinava essas duas cidades [...] Quando tomei essa decisão poucas pessoas sabiam como era o Rio de verdade.*

Ao afirmar que “poucas pessoas sabiam como era o Rio de verdade”, ele se aproveitou dessa condição para incorporar todos os elementos que povoavam seu imaginário, jogando-os como se se tratasse da realidade. E assim, o ciclo se mantém, os realizadores se baseiam em clichês e o público os identifica como elementos da realidade local.

Essa harmonia perfeita entre o que é representado no cinema e o que é reproduzido pelos turistas nada tem de casualidade. Trata-se, nitidamente, da corroboração dos discursos amparados no imaginário social sobre a nação. Aqui vemos como ainda são fortes, nos dias atuais, aquelas formações discursivas que começaram a circular há mais de quinhentos anos. Se, antes, os veículos privilegiados para a disseminação de ideias sobre determinada região e sua população eram os tratados diplomáticos e científicos e, em especial, os relatos de viagem, hoje, certamente, o discurso cinematográfico, principalmente o produzido em Hollywood devido ao seu alcance, e a publicidade, pela sua persuasividade, são

meios que se destacam na formação ou manutenção de estereótipos. Vale ressaltar que tais construções visam atender a objetivos relacionados à persistência de prerrogativas sociais que amparam as assimetrias de poder.

As cenas em que aparecem mulheres nas praias são recorrentes em grande parte dos filmes estrangeiros, mesmo aqueles rodados no Brasil. Em *Feitiço do Rio*, ou ainda em *No Rio vale tudo*, as praias repletas de mulheres (poucos homens, exceto os personagens principais das tramas, costumam aparecer em primeiro plano nessas seqüências rodadas a beira-mar), são realmente o mote central dos filmes. Um dos roteiristas do primeiro filme se justifica:

– *Acho que os estúdios são os maiores culpados porque são eles que acabam decidindo o que destacar. E quiseram destacar uma sexualidade meio que renegada, a liberdade, a libertinagem.*

Já Phillippe Clair, diretor do segundo filme, afirma:

– *É verdade que sempre sonhei em ir ao Brasil, principalmente porque sempre ouvi dizer que tinha as mulheres mais belas do mundo [...].*

Em ambos os casos, seja o que culpa o estúdio seja o que assume um imaginário pré-determinado sobre a mulher brasileira, percebemos que a falta de comprometimento com representações fidedignas acaba contribuindo para a manutenção de clichês que, de certo modo, distorcem a imagem do Brasil e, principalmente, das brasileiras. Embora se tratem de obras de ficção, sabemos que, para o público, nem sempre fica clara a distinção entre o que é real e o que é criação dos diretores e roteiristas.

Se já é sabido que os receptores das mensagens cinematográficas são influenciados pelas ideias nelas contidas, aqui verificamos que tal circularidade entre diversos meios discursivos acaba por agir também sobre as próprias brasileiras que se tornam tanto objeto de apreciação como consumidoras. Miriam Adelman aborda essa questão colocando como um dos elementos comuns ao cinema masculinista, o princípio que ela refere como “a mulher objetificada” e que descreve como aquela

que existe para o olhar e o ‘consumo masculino’. A construção e disseminação de uma imagem de ‘mulher sexualmente desejável’, que, além de ser identificada como ‘aquilo que todos os homens devem aspirar e possuir’, pode ser incorporada pelas mulheres como aquilo que elas devem ser ou se tornar para obter alguma valorização social. (2005, p. 229).

Embora em algumas produções apareçam discursos alternativos a esse, a “brasileira objetificada” é, sem dúvida, o elemento que mais se faz presente nas obras de ficção estrangeiras rodadas no Brasil e que, como bem salienta Miriam Adelman, em *Vozes, olhares e o gênero do cinema*, além de satisfazer o olhar e o desejo dos homens acabam por influenciar outras mulheres a aspirarem corpos e comportamentos semelhantes àqueles apresentados nos filmes, favorecendo a manutenção de assimetrias de gênero e raça/etnia.

Esse olhar comum ao “cinema masculinista” em que a mulher é identificada como sexualmente desejável, é facilmente vislumbrado nos filmes de ficção comerciais analisados no documentário aqui em questão.

No filme *Lambada, a dança proibida*, por exemplo, a protagonista, que interpreta uma princesa da Amazônia, tem como característica principal a sensualidade que ela usa não apenas na dança, mas, também para salvar seu povo, pois, após viajar para os Estados Unidos, ela se envolve com um rapaz norte-americano que a ajuda a atingir seu objetivo. Já no filme *O Campeão*, há um diálogo entre pai e filho (de, aproximadamente, uns cinco anos) sobre o que farão depois que o pai vencer o campeonato para o qual está se preparando. O homem pergunta ao garoto para onde ele quer viajar, ao que esse responde prontamente: “– Brasil!”. E então o pai replica: “– E o que vamos ver no Brasil? Já sei, já sei, muitas mulheres dançando chachachá”.

É interessante perceber que, talvez, por ser um discurso construído, e amplamente disseminado, principalmente por homens, os produtores de filmes que exacerbam essa questão tendem a colocar o assunto em termos mais abstratos. O diretor de *No Rio vale tudo*, por exemplo, faz a seguinte constatação:

– *As mulheres fazem de tudo para mostrar que são belas, adoram. O que mais me espantou foi ver que aprendem a rebolar desde criança. E Gabriel Albicoco me explicou: ‘Elas são **obrigadas** a andar rebolando. Fazem de tudo para ser bonitas. Acho isso magnífico!’* (grifo nosso).

Nesse trecho, Phillippe Clair sugere que uma suposta sensualidade é construída e exercitada como um traço cultural da objetificação das brasileiras. Ele parece acreditar que, provavelmente, para satisfazer o olhar masculino ou para alimentar essa imagem nacional de uma espécie de “celeiro” de mulheres sensuais, aqui, as nativas se esforçam para a reprodução de características que as tornem

voluptuosas. Ainda que por outras vias, Zalman King segue a mesma linha de raciocínio,

*– No filme, a cultura leva os personagens, sobretudo a personagem feminina, a se relacionar com a sensualidade. Usei a cultura nesse sentido. Acho que **ninguém pode negar** que o Brasil é um país muito sensual. Você sente a cultura nativa, a cultura indígena. Muitos escravos foram levados, você sente a cultura africana, e há o imaginário do cristianismo em cima de tudo isso... e tudo se mistura de uma maneira bem diferente que acontece aqui (grifo nosso).*

Nessa fala é evidenciada uma relação entre traços étnicos raciais e sexualidade como componente da cultura brasileira, já se aproximando de um determinismo associado à propaganda “mistura de raças” correntemente atrelada ao Brasil. Independentemente do motivo que origine essa suposta característica da mulher brasileira, essa idéia parece bastante disseminada. Em entrevista, Gérard Lauzier, diretor francês, afirma:

*– Esse fenômeno de cair apaixonado pelo Brasil e com as mulheres brasileiras não é um clichê, é uma verdade, eu sou a prova disso. [...] O andar das mulheres brasileiras é único. O que é que eu posso dizer... quando se chega no Brasil, se vai a praia em Copacabana ou Salvador fica ‘babado’ não?*

É interessante perceber que, além de universalizar seu olhar do Rio de Janeiro e de Salvador para todo o Brasil, ele ainda restringe suas observações a uma parcela das classes médias mais abastadas da zona sul carioca. O diretor, que, inclusive, morou aqui por quase uma década, justamente por ter “se encantado” com o país, apenas utiliza outras palavras para dizer aquilo que as profissionais do sexo relatam como sendo o discurso de seus clientes estrangeiros.

Desse modo, podemos confirmar mais uma vez a contundência das formações imaginárias sobre o Brasil. Mais do que isso, verificamos que, assim como acontecia no período das descobertas em que os relatos antecessores alimentavam as narrativas daqueles que chegavam ao território nacional fazendo com que esses vissem apenas aquilo que queriam, ou acreditavam ver, nos dias de hoje, com o imaginário que versa sobre os tão apregoados exotismo e sensualidade, podemos supor que, o “mecanismo” de ver apenas aquilo que já se sabe continua sendo uma prática bastante usual.

Inclusive, é fácil perceber que a escolha do Brasil como cenário para filmes de ficção estrangeiros, se deve, em grande parte, à imagem de exotismo

atrelada ao país. A busca de um lugar que remeta a certas ideias relacionadas a lazer, sensualidade, natureza, entre outras, acaba, muitas vezes, por colocar o nome do Brasil em evidência, já que essas são características correntemente associadas a essa região.

Por parte dos realizadores dos filmes entrevistados no documentário, não falta esse tipo de referências, como, por exemplo, na fala de Larry Gelbart:

– *Quando as pessoas pensam num lugar sensual, e já que a França estava descartada, pensamos no Brasil, no Rio.*

Ou de Phillippe Broca:

– *Esse meu filme, mesmo, na época, não era uma imagem do Brasil. Era uma imagem imaginária de um lugar cheio de exotismo.*

Ou ainda, como afirma Zalman King:

– *Quando fiz 'Orquídea Selvagem' eu queria um lugar muito sensual, que as pessoas associassem a sensualidade e também queria filmar o carnaval, na ocasião, o que foi fascinante. Então escolhi o Brasil.*

Gerard Lauzier, talvez por ter morado no Brasil, demonstra ter um pouco mais de conhecimento sobre o país, e ilustra essa questão a partir de outro viés.

– *O Brasil moderno, o Brasil industrial, o Brasil de São Paulo, o Brasil que trabalha, que cria, que cria riqueza, esse Brasil não é muito exótico para o francês. E, ao mesmo tempo, é muito parecido com o mundo inteiro e o que o francês vive. Então, não tem o interesse do exotismo e, ao mesmo tempo, faltam referências.*

Nesse depoimento fica claro que há certo interesse na manutenção dos clichês, procurando mostrar o que quer ser visto, e também, que há um grande desconhecimento da cultura, sendo que apenas os referenciais “exóticos” são reconhecidos ao Brasil. O que se confirma nas intervenções realizadas com o público nas ruas:

– *É um país de sonhos.*

– *Só temos imagens de sol, de praia.*

– *Para nós, é uma viagem exótica.*

E, novamente, nas entrevistas realizadas para essa pesquisa, aparecem os mesmos referenciais. Conta Gabriela

– *Eles fala[m] que aqui é tranqüilo... que lá não, o país deles é muito agitado, muito trabalho e aqui não, como eles vem só se divertir, néah... passear, eles acham tranqüilo, é isso que eles falam.*

Já Aureliana, lembra a questão da busca pelo diferente, mas considera que nem todos atendem suas expectativas:

– *Vem só pela primeira vez pr’a tirar a curiosidade [pausa] uns diz[em] que gosta[m], outros diz[em] que não.*

Já Neide parece mais empolgada quanto a essa satisfação dos turistas:

– *Ah, adora. Todos estrangeiros gostam do Brasil.*

Sobre essa questão, é interessante notarmos que é possível identificar certa incorporação das imagens propagadas do país, pelas próprias nativas, pois, além de demonstrarem entusiasmo acerca das opiniões dos estrangeiros, algumas delas afirmam que, apesar de terem idealizações sobre países europeus, concordam com Paulínia, quando ela diz que:

– *Bom mesmo é o Brasil da gente.*

Vivi, por exemplo, afirma:

– *Ah é um país bom [sobre a Europa], de primeiro mundo, néah... é diferente do Brasil, néah... apesar [de] que o Brasil é muito rico néah... é rico e, ao mesmo tempo, é tanto mendigo pelo meio da rua, néah... e a Europa, a Europa é um país de primeiro mundo... [pausa] ...é bom... [pausa] agora, pr’a morar eu num[não] tenho vontade de morar não, poderia até ir passear, mas morar não.*

Evidentemente, devemos considerar variáveis como o receio de morar em um lugar desconhecido, longe da família, em um país onde se fala um idioma que ela não domina, mas também não podemos deixar de ponderar sobre o efeito do imaginário nacional presente na fala de Vivi.

Parece explícita a reprodução daquele mesmo imaginário difundido por produtores cinematográficos, turistas e estrangeiros em geral, em que o Brasil aparece como um país rico em relação à natureza, bonito, aprazível, mas sempre com disparidades sociais e “inferior”, cultural ou socialmente, aos países europeus, ou àqueles ditos de “primeiro mundo”. Daí a oscilação das entrevistadas entre admirar e idealizar os estrangeiros e seus países de origem, mas, ao mesmo tempo, considerarem as características “positivas” do Brasil. Roseane reitera essa idéia

quando responde sobre as diferenças que identifica entre o Brasil e os países europeus.

– *Tem. Bastante. A educação... [pausa] o povo lá é um pouco mais elevado, que eles são bem mais educados. Eles têm a visão mais materialista do que aqui, os brasileiros têm mais a questão da emoção, néah?... Dá tempo, eles querem sempre muitas coisas, mas, aqui no Brasil, já é um pouco mais... [pausa] a cultura daqui é um pouco mais pr'a brincar, é... [pausa] num[não] é igual...*

Ainda que consideremos as devidas diferenças culturais existentes entre o Brasil e outros países, percebemos que o discurso da entrevistada é muito semelhante àquele das pessoas estrangeiras.

Indubitavelmente, se trata de uma opinião pessoal de Roseane que, de modo algum, deve ser contestada. No entanto, a formulação do seu discurso deixa rastros de uma forte influência por parte de outras falas sobre o país, revelando o poder de persuasão das formações imaginárias sobre a nação, ainda nos dias de hoje, quando a disseminação de informações, favorecida pelo contínuo desenvolvimento tecnológico e midiático, adquire proporções antes inimagináveis. Ou seja, apesar de o aparato comunicativo atual facilitar a circulação de conhecimentos sobre os mais variados lugares, o que poderia fazer com que imagens mais fidedignas do país fossem consumidas, verificamos que a idéia dominante, sendo inclusive reforçada pelas(os) nativas(os), é a do Brasil festivo, uma espécie de eterna colônia de férias, com sexys animadoras.

No documentário aqui descrito, Lúcia Murat nos conta que, de acordo com sua pesquisa, em duzentos e vinte filmes estrangeiros, o Brasil é um personagem. Em outro trecho, ela cita que, em mais de quarenta produções internacionais, os bandidos fogem para o Brasil no final. E, na maior parte dessas obras, a ideia veiculada é justamente a de paraíso, de um lugar de clima e natureza aprazíveis, um povo cordial e alegre, com leis pouco efetivas, daí a sua escolha como destino de “delinqüentes” que, após obter sucesso em seus empreendimentos “foras da lei”, têm tempo e dinheiro para desfrutar no “éden terreal” aqui representado. O filme “No Rio vale tudo” de Phillippe Clair, ilustra muito bem essas situações. O diretor conta que a narrativa é sobre dois irmãos gêmeos, um padre e um marginal que vêm ao Rio de Janeiro. O primeiro é enviado ao Rio por razões disciplinares e o segundo por estar inserido no tráfico de drogas. E diz:

– *Era o final ideal, Rio [de Janeiro]! Prazer total.*

É interessante perceber que os próprios realizadores dos filmes consideram ter incomodado as(os) nativas(os) com equívocos acerca das representações do Brasil e das(os) brasileiras(os), no entanto, consideram esse mal-estar com indiferença, estabelecendo inclusive comparações grosseiras. Um bom exemplo é a fala de Phillippe Broca sobre o sucesso de seu filme no mundo todo, dizendo se tratar de uma brincadeira, um divertimento, mas acha que no Brasil não foi muito bem recebido, pois diz, dirigindo-se à diretora do documentário:

– *As pessoas que conhecem o país sabem que não é daquele jeito. Mas compreendo bem a visão de vocês. Fico sempre irritado com filmes americanos rodados em Paris. São detalhes imbecis. A gente vê o guarda parisiense... no filme 'Irma la Douce' de Billy Wilder, ele estava em uma ronda noturna. Essa era a história. E... o Jack Lemmon, que interpretava o guarda francês, tinha chapéu e cassetete. Ele não parava de girar o cassetete, assim. Um guarda jamais faria isso. São detalhes idiotas. E um guarda francês que fala inglês já é um pouco bizarro. É o equivalente, imagino.* (grifo nosso).

O que nos chama a atenção é que essa “banalidade” com que as representações de identidades sociais são tratadas vai além da simples ignorância dos produtores e executores dos filmes, pois, apesar de verificar que nem sempre se trata de prepotência, mas, sim, de falta de conhecimento sobre o assunto ou lugar abordado, há também a intencionalidade de manter o público consumidor preso ao imaginário já incorporado, voltando sempre à circularidade dos clichês. Como Maíra Suspiro afirma em uma crítica sobre o filme *Olhar estrangeiro* no site “Cinema com Rapadura”

Clichês sempre irão existir. Claro. E eles nem são de todo ruins. Servem para facilitar uma identificação, servem para divertir. O problema é quando ele se torna um padrão: deixa de ser clichê e passa praticamente a ser uma verdade. Afinal de contas, só sabe identificar um clichê aquele que conhece a verdade. Nós sabemos o que é parodiado nas nossas costas, o que é estereotipado. Mas e o resto do mundo que não nos conhece? A primeira informação que chegar é a que fica, certo? Isso é que é abusivo.

Certamente, não só a primeira, mas a informação recorrentemente reiterada é aquela que fica. No caso aqui abordado, percebemos que além dessa propagação “parodiada”, a veiculação de visões alternativas é inibida. Como apontado por Lúcia Murat, esse é um tipo de ação que tem sido praticado em

relação à produção e divulgação de filmes *hollywoodianos* que trazem o Brasil como parte de sua trama. No documentário aqui abordado, Edouard Luntz conta que fazia um filme pela 20th Fox, que seria rodado nas Ilhas Canárias, mas, como o estúdio tinha um dinheiro bloqueado no Brasil, resolveram filmar aqui. O diretor explica que tinha muito clichê no roteiro de *Le Grabuge (Operação Tumulto)* e que a equipe de direção resolveu improvisar e acrescentar muita coisa. Diz, ainda, que não fez de maneira exótica, que procurou retratar a realidade, e já que filmou em maio de 1968 incorporou, segundo ele próprio, “a revolta dos jovens contra a sociedade”. O diretor revela que o produtor quis mudar o filme e ele não aceitou, o que os levou a travar uma batalha judicial para resolver a questão. Luntz saiu vitorioso da querela jurídica, no entanto, além da divulgação e distribuição mínima de seu filme, ele foi banido pelos grandes estúdios norte-americanos por um longo período.

Outro exemplo da falta de interesse da indústria cinematográfica internacional em trabalhar com visões menos estereotipadas sobre o Brasil é apresentado através de uma reportagem do início da década de quarenta, quando o renomado cineasta Orson Welles veio ao Brasil para gravar um filme encomendado pelo governo Roosevelt, na época da política de boa vizinhança. Orson Welles contava:

Fomos filmar um documentário sobre o carnaval encomendado pelo governo e sobretudo por um estúdio de Hollywood. Eu devia fazer um longo e técnico documentário sobre o carnaval. A RKO tinha uma nova direção. Pediram para ver o que eu estava fazendo na América do Sul. E viram muitas pessoas, negras, e a reação deles foi: ‘ele está filmando um bando de macacos pulando’.

O filme se chamaria *It's all true (É tudo verdade)* e, além de cenas carnavalescas do Rio de Janeiro, retratava a história verídica de quatro jangadeiros cearenses que foram de Fortaleza a Baía de Guanabara de jangada, se tornando conhecidos internacionalmente por tal feito. Quando Welles estava finalizando as filmagens, que ocorreram tanto no Rio quanto no Ceará, detalhando a vida dos pescadores nordestinos, o presidente do estúdio foi demitido e o que assumiu cancelou todo o projeto. Até hoje as belas imagens gravadas [como homens construindo embarcações na praia] são desconhecidas do grande público.

Há ainda outro filme apresentado por Lúcia Murat, que segundo seus idealizadores, se preocuparia em retratar o Brasil e seu povo de modo menos

estereotipado. O produtor do filme, que se chamaria *Samba*, David Weisman, conta que o filme era uma idéia criada por um produtor musical (Lou Adler) que ficou “apaixonado” pelo Brasil e resolveu fazer esse filme. A história é sobre um americano angustiado que veio ao Brasil de férias, e se envolveu com uma destaque de escola de samba. Ele a levou para Hollywood (o que, segundo Weisman, permitia refletir sobre o que ela representava para os EUA). Em suas palavras:

– *O filme foi bem intencionado de tratar esse conceito pós-moderno de uma destaque que tem medo de ir para Hollywood pr’a virar uma star, porque não quis ser uma outra Carmem Miranda. Então, é um pouco pós-moderno nesse sentido. Então, eu acho que a intenção era boa. Mas os caras por trás do filme estavam muito fora da realidade. Eles queriam fazer parte da vida brasileira, mas se escondiam na suíte do Rio Palace enquanto falavam que queriam estar nas ruas.*

Nesse sentido, vale ressaltar a superficialidade de certas experiências de alguns estrangeiros que vêm ao Brasil e se negam a compartilhar o cotidiano local, e, apesar de propalarem o conhecimento de ter estado aqui *in loco*, apenas mantêm as construções imaginárias já estabelecidas e amplamente compartilhadas através dos mais variados canais de comunicação disponíveis na atualidade. Além disso, não devemos desconsiderar que muitas pessoas, como algumas prostitutas entrevistadas, por exemplo, reproduzem o que os turistas querem ver apenas para agradá-los, contribuindo para a criação e manutenção de estereótipos, já que muitas vezes o contato com a realidade cultural é mínimo.

É o caso, por exemplo, da opinião de alguns clientes, relatada por Gabriela que conta que além de considerarem as brasileiras calmas, seus clientes complementavam sobre as nativas:

– *Só falam em dinheiro, as mulheres brasileiras só falam em dinheiro [...].*

Apesar de, em um primeiro momento, podermos considerar tal afirmação um tanto parcial, devemos lembrar que muitos turistas acabam convivendo, em grande parte de sua estadia no país, com acompanhantes profissionais, já que, como mencionamos anteriormente, essas mulheres não restringem suas prestações de serviços apenas às atividades sexuais e acabam desempenhando papéis de intérpretes, guias, e outras funções de mediadoras entre o estrangeiro e a população local. Desse modo, por serem profissionais, representam alguma calma e passividade para agradar os clientes. Por outro lado, justamente por estarem desempenhando seu trabalho, procuram auferir lucros e, como já destacamos no

item sobre prostituição, a busca por recompensas materiais não se limita ao pagamento pelo programa, o que pode fazer com que elas acabem tornando o assunto uma das principais pautas de suas conversas, muitas vezes, com a intenção de receber “presentes extras”.

*Samba*, o filme acima comentado, embora não tenha sido rodado, suscita ainda mais uma reflexão sobre outro ponto de discussão envolvido na atualização do imaginário nacional na *sétima arte*, que é aquele que se relaciona a exploração das músicas brasileiras e à leitura que delas se faz nas obras cinematográficas estrangeiras, em especial aquelas atreladas ao circuito comercial. Em *Olhar estrangeiro* o ator John Voight comenta sobre sua atuação no filme *O Campeão*:

– *Eu dancei chá-chá-chá. Legal, essa é uma boa referência sobre o Brasil. Em geral, as referências brasileiras vêm através da música e do cinema. Há a exacerbação do Brasil da felicidade. E eu não acho errado. Mostra um aspecto maravilhoso do Brasil.*

Esses comentários de Voight representam, de certo modo, a visão enraizada sobre a alegria da música brasileira. Embora ele cometa o equívoco de associar o chá-chá-chá ao Brasil, já que esse é um ritmo essencialmente cubano, a idéia é justamente essa comentada por ele, “a exacerbação do Brasil da felicidade”, tanto nas músicas, quanto nos filmes.

As idéias atreladas ao segmento musical se referem a estilos diversos, ainda que, em geral, evoquem um sentimento de felicidade. É o que nos relata Phillippe Broca, por exemplo, ao discorrer sobre a bossa nova:

– *Um fenômeno mundial, uma música de felicidade... que passava uma imagem do Brasil de mulheres bonitas, a temperatura, o mar...*

Hope Davis, também pondera sobre a bossa nova, ritmo preponderante no filme que ela protagonizou sobre o Brasil, dizendo:

– *Acho que em *Próxima Parada, Wonderland* a música brasileira foi usada para evocar um paraíso distante, um lugar onde se refugiar.*

Ou seja, em outras palavras, a idéia de lugar aprazível, relacionado à felicidade não deixa de estar contida na fala de Davis.

Ainda considerando o aspecto musical, não poderíamos deixar de comentar o filme *Lambada, a dança proibida*. Na produção de Greydon Clark, conseguiram misturar todo tipo de referência ao “exotismo” brasileiro. A cena inicial

do filme é reveladora da falta de qualquer tipo de comprometimento com a veracidade dos fatos, pois aparecem índios dançando lambada com música de capoeira ao fundo. Tal “mistura” é justificada pelo diretor da seguinte forma:

– *É uma mistura estranha? Bem, é uma mistura que forçamos para fazer a história funcionar. Porque queríamos trazer a lambada para os Estados Unidos e também mostrar o que está acontecendo na floresta. Pensamos em juntar os dois, mesmo não sendo muito correto. Ainda assim, a história mexeria com as pessoas. Elas poderiam ver o filme, apreciar a música e a dança, ver o que acontece a uma jovem que vem aos Estados Unidos, e sair sabendo que existe uma Floresta Amazônica e algo deve ser feito para protegê-la.*

Ele explica que diversos estúdios tinham interesse em produzir um filme sobre a música lambada, ritmo sensual que alcançou sucesso mundial nos anos oitenta, trazido a lume pelo grupo Kaoma, que era composto por integrantes de diversas nacionalidades, sendo a vocalista brasileira, daí sua associação ao Brasil. Para serem os primeiros, criaram o roteiro, filmaram e lançaram o filme em apenas noventa dias, chegando a alcançar a marca de U\$4.263,112 de bilheteria apenas nos Estados Unidos. *Lambada, a dança proibida* nos remete ao que vimos tentamos demonstrar aqui sobre a utilização do imaginário construído para fins comerciais, reforçando-o, sem se preocupar com a cultura local.

Há, porém, um ícone que, sem dúvida, não pode ser ignorado quando falamos de representação brasileira no cinema norte-americano, Carmem Miranda, “A Pequena Notável”, como era conhecida na época, que se destacou cantando e atuando em filmes *hollywoodianos*. A atriz luso-brasileira atuou em mais de treze produções entre o início das décadas de quarenta e cinquenta. Apesar da origem portuguesa, Carmem Miranda cresceu e iniciou sua vida artística no Brasil, daí sua relação indissociável com o país. Apesar de sua imagem ser fruto de construções culturais relacionadas à política de boa-vizinhança em vigor nesse período, que misturavam diversas referências de latinidade para abarcar o maior público possível, sua “brasilidade” sempre se destacou.

Tanto é assim, que Larry Gelbart comenta:

– *Relacionado com o Brasil? Ok, Carmem Miranda! [riso] ...de certa forma, Carmem Miranda tem culpa de ser esse o nosso único olhar da vida brasileira, que foi perpetuado. As frutas na cabeça, as bananas, infinitamente... o jeito rápido de falar. Não estou dizendo que ela é a razão, mas, para quem vai ao*

*cinema, é. Eu era criança quando via Carmem Miranda: aquilo era o Brasil! Quando eu via Fernand<sup>56</sup>, aquilo era a França, etc. Cantinflas<sup>57</sup> era o México. Muito da nossa educação, não procuramos, mas sim somos influenciados pelas mensagens cinemáticas dos países.*

Certamente, as frutas na cabeça eram a marca registrada de Carmem Miranda, mas, sua beleza, sua voz e suas roupas, que eram a estilização das escravas baianas, completavam sua figura, que mesclava exotismo e sensualidade, características recorrentemente atreladas ao imaginário sobre as brasileiras, permitindo que “a Pequena Notável” se utilizasse, e também reforçasse tais referenciais. Como pondera o ator Tony Plana:

*– Carmem Miranda e Dolores do Rio personificavam estereótipos brasileiros. Todos acham que o brasileiro é super sensual, sempre meio nu com frutas na cabeça.*

Aqui cabe uma ressalva quanto ao equívoco do entrevistado, ao considerar que Dolores del Rio, atriz mexicana, tinha alguma ligação com o Brasil. Isso demonstra mais uma vez a livre associação, sem nenhum tipo de preocupação com o real, disseminada pelos influentes “astros” de Hollywood.

Essas referências imagéticas apresentadas em filmes comerciais que, como procuramos ilustrar aqui, se interconectam com os imaginários ainda em voga tanto de estrangeiros(as), como pudemos averiguar por meio das entrevistas publicadas em *Olhar estrangeiro*, como das próprias brasileiras de extratos sociais mais baixos e pouca instrução, ilustrados aqui pelos recortes das falas de nossas entrevistadas, mostram como o discurso contemporâneo ainda se apóia em clichês historicamente construídos. Sendo que, tal circularidade de estereótipos acaba por favorecer não apenas o discurso colonial, mas também, as assimetrias de gênero entre a própria população local.

---

<sup>56</sup> Ator e cantor francês, Fernand Joseph Désiré Contandin viveu entre os anos de 1903 e 1971, tendo atuado em filmes franceses, italianos e norte-americanos.

<sup>57</sup> Ator e humorista mexicano, Fortino Mario Alfonso Moreno Reyes viveu entre os anos de 1911 e 1993. Recebeu diversos prêmios por suas atuações, inclusive por sua participação no filme vencedor do Oscar de Melhor Filme, em 1956, *A Volta ao Mundo em Oitenta Dias*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As construções imaginárias de uma cultura assim como as construções discursivas que as expressam têm se mostrado interessantes objetos de análise para diversas áreas de estudos que têm em vista discussões sobre as relações sociais atuais. O plano simbólico demonstra ser de grande importância para possíveis entendimentos das interações entre pessoas de distintas condições sociais, culturais e raciais e das imagens depositadas uma sobre as outras, ampliando a imagem daquele país ou região, pois revela como esse imaginário mais amplo e complexo, expresso por simples frases, dá a perceber, de modo mais claro, as interdependências entre os vários fatores envolvidos nos indivíduos e entre tais relações.

Desse modo, ao longo deste trabalho, procuramos ponderar sobre a construção do imaginário social sobre o Brasil e as brasileiras e a sua atualização e permanência pelo discurso, a fim de relacionarmos tais formações simbólicas a alguns meios de manutenção das assimetrias entre gêneros. Nesse intuito, privilegiamos como tema a prática do turismo com fins sexuais, por acreditarmos que tal atividade constitui um interessante campo de estudo, por envolver questões relacionadas não só a gênero, mas também a raça/etnia e classe, além de envolver importantes encontros interculturais baseados nas construções imaginárias previamente adquiridas nos quais o Outro aparece, em geral, idealizado, marcado pelo ex-ótico<sup>58</sup>.

Apesar de todas as conquistas políticas e sociais, as mulheres, de modo geral, permanecem em posição de subalternidade frente aos homens e, principalmente, no caso da prostituição. Ainda é corrente, nas mais diversas sociedades ocidentais, idéias dicotômicas cristalizadas na Modernidade nas quais,

---

<sup>58</sup> Aqui utilizado no sentido de *fora do olhar*.

através da linguagem, percebe-se que os elementos menos valorizados são identificados ao feminino, enquanto os que recebem maior consideração são associados ao masculino. Assim, a representação estereotipada que aproxima as brasileiras a ideais “físicos” vai em direção à sensualidade e à sexualidade, tolhendo outras possíveis associações relacionadas ao “intelectual”, ainda valorizado na esfera social atual, como a cultura ou a inteligência, e pertencentes a classes e etnias mais abastadas por influência da educação formal.

É o que podemos verificar nas opiniões expressas pelo povo entrevistado nas ruas, em *Olhar Estrangeiro*, sobre as brasileiras: “Sexo? Dançarinas brasileiras”. “Mulheres com bunda grande”. “Todas as mulheres, lindas!”. “O que dizem das brasileiras? Quero muito acreditar”. “Eles gostam muito de bunda”. Essas considerações refletem que a afirmação do ator Michael Caine de que “a maioria dos clichês é verdadeira, do contrário não seria clichê, são coisas continuamente repetidas”, parece ser compartilhada por muitas pessoas.

É importante destacar que tais posicionamentos são também internalizados pelas nativas, o que facilita a manutenção das disparidades estimuladas por esse imaginário, constituindo-se assim, o arcabouço ideal para a prática do turismo sexualmente motivado. Nesse contexto, visualizamos que as profissionais do sexo que habitualmente se envolvem com turistas estrangeiros mantêm e reproduzem ideais que relacionam o Brasil à natureza e a Europa à cultura, o que atualiza o imaginário constituído desde o momento da conquista da terra pelos portugueses e a colonização do país. Essa ação de trazer para o presente construções simbólicas do passado não é algo articulado conscientemente pelas nativas; trata-se de uma estratégia discursiva amplamente utilizada por áreas diretamente ligadas à divulgação que reforça, em seus vários tentáculos, a hegemonia de países-metrópoles sobre os países colonizados, assim como mantêm as assimetrias entre espaços geográficos e, também, entre homens e mulheres.

No mundo contemporâneo, em que os valores estão intimamente vinculados a imagens e à propagação destas, o poder de manipulação das massas se concentra junto aos detentores de meios e práticas discursivas mais eficientes (os discursos dominantes ou, como trata Marilena Chauí, discursos competentes), o que contribui para a formação de uma “sociedade alienada” na qual a visão existencial unilateral, apesar de imperativa, mantém sua parcialidade ignorada pela grande massa que se julga livre e independente.

É interessante perceber que, apesar de não terem consciência das implicações, em larga escala, das suas construções discursivas, muitas vezes, as profissionais do sexo se utilizam do imaginário que relaciona as brasileiras a atitudes sensuais e a uma suposta sexualidade desbragada para conquistar clientes e, também se “autovalorizarem” frente a mulheres oriundas de outros países. Notamos, em seus discursos, que, muitas vezes havia formulações comparativas com as estrangeiras, sendo que a autopromoção, por parte das brasileiras, atende tanto à esfera comercial em que atuam, na qual precisam apresentar e justificar diferenciais que as tornem mais atrativas que outras mulheres, quanto à esfera pessoal em que, por se situarem em uma posição social menos favorecida, buscam nessas características meios que, de alguma forma, as torne valorizadas.

No entanto, as construções imaginárias não se referem somente às prostitutas, ao contrário, essa é uma das poucas entre as classes profissionais que conseguem utilizar tais classificações de modo que lhes proporcione algum retorno positivo, como a demanda de clientes os quais, de acordo com elas, as tratam e pagam melhor que os brasileiros. Como pudemos ilustrar através das apreciações sobre as formas de desenvolvimento do turismo sexual e, também, por meio do discurso de representantes dos mais variados países entrevistados no documentário *Olhar estrangeiro*, a associação à sensualidade, sexualidade e corporificação é generalizada a todas as brasileiras, não se referindo a uma ou outra classe, raça/etnia, ou profissão, em especial.

Sabemos, como destacamos no decorrer deste texto, que as categorias sociais citadas se articulam influenciando a composição da imagem das brasileiras e o resultado se refere livremente a todas as nativas. Desse modo, as mais variadas formas de divulgação de imagem existentes na contemporaneidade veiculam representações estereotipadas das brasileiras, mas, cumpre salientar que não são apenas as criações internacionais, pois, em muitas situações os/as brasileiros/as utilizam essas construções imaginárias de maneira acrítica tanto quanto aqueles que desconhecem a realidade local. Assim, não só as produções cinematográficas estrangeiras, exemplificadas no capítulo *Falas Contemporâneas*, mas também a publicidade, turística ou não, a música, nos mais diversos estilos, os programas televisivos e tantas outras produções midiáticas servem de aparato para a manutenção do imaginário sobre o Brasil forjado há tanto tempo, principalmente pelos diários de viagem, pelos documentos históricos e, depois, pela literatura.

Como vimos no item “O Imaginário sobre o Brasil”, além das colocações especificamente relacionadas às mulheres, há aquelas que se referem ao povo brasileiro, de maneira geral. Alegria, hospitalidade, malandragem são algumas qualidades facilmente atribuídas aos/as nativos/as tanto por estrangeiros quanto pelos próprios autóctones, algumas das quais são, muitas vezes, motivo de orgulho, não sendo vistas de modo negativo por aqueles que se auto-denominam uma ou outra coisa – basta ver como Roberto Da Matta desconstrói o mito do país do sexo e do futebol em mais de um de seus estudos –, o que, mais uma vez, demonstra que, apesar de tais discursos manterem assimetrias interculturais, o seu uso amistoso “camufla” as suas conseqüências mais amplas.

A identidade nacional, que deveria ser construída pelos/as próprios/as brasileiros/as, se caracteriza por ser fortemente influenciada pelos discursos estrangeiros, desde aquilo que deveria ser ou ter um escritor brasileiro como tema de suas produções, na força de se distinguir da Metrópole (a Europa). Basta ler os textos e artigos sobre a nossa literatura de Alexandre Herculano e Almeida Garret, ambos portugueses, e do francês Ferdinand Denis, que serão os faróis para a construção de uma literatura brasileira. Como já discutido anteriormente, embora saibamos que a cultura de povos colonizados tem uma tendência a introjetar esse tipo de interferência, o que observamos no Brasil é, basicamente, a incorporação da fala dos outros. Foram muito poucas as iniciativas genuinamente nacionais que obtiveram êxito e se tornaram relevantes na concepção da *brasilidade*. O “ser brasileiro/a” ainda é definido por aquilo que os outros vêem ou dizem de nós.

Na esteira dessas considerações, percebemos que a busca pelo paraíso terreal que, contemporaneamente, se apresenta, em uma de suas vias, através do turismo voltado para a exploração de lugares ex-óticos representa a colocação do povo brasileiro ainda na condição de “diferente”, sendo essa diferença razão para a desigualdade, ou seja, a condição de “exótico” ainda remete a idéia de selvagens e primitivos, inferiores.

O descaso com que os produtores e diretores estrangeiros entrevistados por Lúcia Murat em seu documentário tratam as questões culturais do Brasil é apenas um reflexo dessa condição. Se os realizadores de filmes, sobre, ou no Brasil, pensam dessa forma, a repercussão junto aos espectadores, só pode estimular idéias estereotipadas sobre o país e sua gente, alimentando as disparidades comparativas.

Nesse sentido, é interessante atentar para a fala do diretor francês Gérard Lauzier quando diz “– *Não sou responsável por ter essa imagem do Brasil, não sou culpado. Eu sou responsável, mas não sou culpado [...]*”, que reflete, de certo modo, a isenção quanto às críticas compartilhadas por aqueles que fizeram filmes *sobre* ou *no* Brasil. Ao afirmar que não é culpado, ele se exime (assim como outros entrevistados, responsáveis pelas produções analisadas, citados no decorrer desse trabalho) de ponderações críticas ou aprofundamentos sobre a realidade brasileira, relegando seus posicionamentos a situações mais abrangentes e materializando um imaginário de fantasia mais fácil de ser deglutido pelo seu público que dificulta a discussão acerca do que é fantasiado por eles e do que nós somos. Temos consciência que, de fato, não se tratam de ações pessoais, porém, a ausência de reflexões mais acuradas, mesmo quando interpelados sobre o assunto, demonstra, de certo modo, a satisfação com o *status quo* e a falta de interesse em pensar sob outros pontos de vista, favorecendo a manutenção, quando não o retrocesso, dos padrões sociais desiguais.

É o que verificamos, também, quando pensamos na questão das representações que envolvem relações de gênero. Ao analisar a presença de mulheres em filmes é possível perceber que, de modo geral, suas aparições como personagens servem para validar códigos culturais androcêntricos, sendo que, apenas na minoria das produções, elas são apresentadas no intuito de subverter a ordem vigente, propondo novas perspectivas. Assim, entendemos que somente através de uma crítica feminista articulada seja possível um maior engajamento para mudanças na apresentação feminina no cinema e na mídia, mesmo a nativa. Embora tenhamos consciência de que as relações que permeiam tais construções são mais profundas que suas representações, sabemos que a linguagem ocupa um *locus* privilegiado nas relações sociais contemporâneas, podendo favorecer a manutenção de discursos hegemônicos, como esse que se perpetua reificando-as, transformando-as em mercadorias.

No entanto, a interrelação *construções sociais de gênero – cinema* parece ser uma via de mão dupla, já que, no caso específico dos filmes de ficção comerciais aqui tratados, além das questões de linguagem, que influenciam os receptores, há, ainda, os aspectos econômicos das produções, que reproduzem os discursos dominantes. O interesse em mostrar apenas clichês é tão claro, que Lúcia Murat traz como exemplos dois filmes que não foram lançados e outro que foi distribuído

somente após uma contenda na justiça entre o diretor e os estúdios, justamente porque procuravam mostrar outras facetas do país que não essa que se utiliza quase que exclusivamente do imaginário sobre as nativas.

Desse modo, além da crítica cinematográfica feminista, é importante, como pondera Lúcia Murat, continuarmos nos inserindo no mercado internacional, a fim de mostrar nossa identidade. Porém, é necessário fazê-lo de modo consciente para evitar simples reiteraões “depreciativas”, pois, mudanças nas práticas sociais podem, e devem, ter como um de seus alicerces as produções culturais, já que essas têm grande inserção na sociedade contemporânea. No entanto, devemos ter consciência de que as mudanças são extremamente lentas, visto que, mesmo com o desenvolvimento tecnológico atual que facilita a circulação de informações, a imagem dominante ainda é a do “Brasil paraíso”.

No entanto, mesmo considerando que os meios de comunicação contemporâneos ainda são espaço privilegiado de “suporte ideológico de sistemas hegemônicos de pensamento”, há de se observar que eles servem também, e, talvez, num crescendo, à veiculação de contra discursos, ou seja, à disseminação de pensamentos das classes subalternas e que, embora não se realize uma efetiva mudança de posição entre dominantes e subalternos, com essas inserções, ainda que discretas, dos dominados em espaços comuns a ambas as classes, podemos vislumbrar pequenas cisões ou desvios nos pensamentos “estabilizados”, favorecendo a ampliação da crítica à ordem vigente.

Porém, como vimos apontando ao longo desta tese, não é apenas nos discursos midiáticos que as brasileiras aparecem de modo estereotipado e subjugado: esta é uma situação recorrente em diversas áreas de produção discursiva e, nesse sentido, há de se levar em consideração as condições de produção dos discursos – sujeito do discurso, assunto/ tema, destinatário e contexto – como pressupostos básicos para a análise de qualquer discurso, seja ele midiático, científico seja do senso comum. Como já foi dito em outro momento, a razão científica é prestigiada e tida como base para as mais variadas representações discursivas e, sendo assim, argüir dentro da Academia é, sem dúvida, fundamental, porém, não se pode deixar em segundo plano a atenção aos discursos circulantes na sociedade em geral. Daí o nosso interesse em ter em mente pressupostos das teorias feministas, da ADC, dos Estudos Culturais e de gênero, entre outros, para dialogar sobre os discursos correntes.

Demonstrar como a ideologia se articula nos discursos é imprescindível para se pensar em um discurso alternativo no qual as mulheres apareçam em posição de equidade aos homens, assim como para que o povo brasileiro seja considerado de modo menos estereotipado. Lembrar que a ideologia opera através de ofuscações, dissimulações, fragmentações etc, deve ser uma constante na investigação feminista, já que as proposições de John Thompson, apresentadas na discussão sobre a ADC no capítulo *Direções*, são observadas na prática discursiva sobre as mulheres. Para confirmar esta afirmação, basta atentar para a invisibilidade das mulheres na historiografia tradicional, para a descaracterização dos movimentos feministas e, para a desarticulação entre "segmentos" do movimento feminista, entre mulheres negras, lésbicas, proletárias etc. Desvendar as ideologias presentes nos discursos atuais, a percepção da hegemonia androcêntrica nas formações discursivas é apenas o início de um longo caminho em busca da equidade social entre mulheres e homens, para o que a ADC, sem dúvida, muito contribui.

Como vimos, os representantes da ideologia dominante controlam os meios de reprodução de seus pressupostos, os quais se articulam diretamente ao imaginário social, já que é através deste que as imagens das relações sociais são organizadas de modo sistemático a fim de servirem como representação da realidade, influenciando os padrões de comportamento das sociedades a que se dirigem, ou seja, relacionando-se intimamente com a reprodução ideológica. No decorrer desta tese pudemos vislumbrar, na prática, essa interligação entre o imaginário social e a reprodução de ideologias sexistas. Ao verificarmos a colocação das brasileiras no imaginário construído sobre o Brasil pudemos perceber que a realidade é distorcida pela manutenção das imagens amplamente aceitas, o que se deve ao interesse dominante em manter as mulheres em posição de subalternidade, uma ação que se desenvolve por meio da reiteração de discursos que, internalizados, dificultam apreciações críticas mais aprofundadas, ou mesmo a subversão da ordem vigente.

É interessante apontar que, no contato com nossas entrevistadas, pudemos verificar que, apesar de alguma autonomia, e mesmo, de alguma forma de digressão frente às relações sociais padronizadas, discutidas no capítulo *Sobre a Prostituição*, seus discursos são carregados de valores dominantes, apesar de na prática, muitas vezes optarem por caminhos diversos aos usuais, privilegiando outras formas de envolvimento pessoais, por exemplo, ou valorizando aspectos mais

subjetivos em seus parceiros, em detrimento daqueles mais diretos, quando interpeladas sobre tais questões, os discursos apresentados são muito próximos do senso comum. Elas se remetem constantemente ao ideal de uniões monogâmicas, ao interesse pelo poder aquisitivo dos estrangeiros, ou mesmo, ao desejo de parar de se prostituir, como “desejos” ou “metas” relevantes em suas trajetórias, refletindo, de certo modo, as aspirações que a classe média “padrão” tem em relação às prostitutas, apesar de termos verificado que nem sempre o discurso condiz com a realidade.

Ao analisarmos as relações entre prostitutas e turistas identificamos a prioridade dada por elas aos encontros com estrangeiros e essa preferência pode ser vista, em parte, como um modo de negociação frente às relações em vigor, já que elas procuram aqueles que, ao menos nas suas opiniões, tendem a tratá-las de maneira mais digna, e menos objetificada: “[...] *o gringo quer romance [...]*” (Gabriela); - “[...] *eles tratam a gente como rainha [...]*” (Vivi). Dessa forma, a utilização da categoria de gênero para reflexões sobre as atividades de prostituição em um cenário transnacional, demonstrou ser fundamental para uma análise coerente que não se baseasse em características fisiológicas ligadas ao exercício da sexualidade das baianas, mas que, sim, contextualizasse suas condições e o posicionamento nas relações sociais com os homens para poder focar a atenção nas interações que ocorrem entre elas e os estrangeiros.

Portanto, se consideramos gênero como uma categoria de análise que se pauta nas diferenças entre os sexos dando significado às relações de poder, podemos inferir que as relações sociais que implicam distinções de poder se apresentam de forma mais complexa quando a dominação se exerce de maneira dissimulada. Se as prostitutas priorizam a clientela estrangeira como modo de subversão, de mostrar que querem e podem ser tratadas de maneira mais digna, a ignorância sobre as condições de vida e os hábitos culturais usuais de tais clientes lhes furta a possibilidade de contextualização sobre a realidade vivida. Os turistas homens partem de posições privilegiadas relacionadas a gênero, classe e, raça/etnia, ao encontro de mulheres que vivenciam situações de sujeição nas sociedades nas quais estão inseridas, sem que elas tenham a oportunidade de ter um olhar crítico sobre a situação, ficando à mercê de suas construções imaginárias que, por sua vez, parecem estar baseadas na crença de que as relações sociais entre homens e mulheres podem ser mais igualitárias, quando os parceiros são

oriundos de culturas diversas da nossa, o que pode ser facilmente contestado através de uma análise mais apurada, como a que realizamos aqui.

Ao trazermos algumas considerações sobre os Estudos Culturais, ou Estudos Pós-Coloniais, procuramos propor alguns caminhos trilhados para desvendar determinados aspectos da formação de estereótipos coloniais e da dominação cultural empreendida por países hegemônicos. Tais ponderações, ao lado daquelas há pouco expostas sobre a disseminação e manutenção de ideologias dominantes, assim como as reflexões acerca das questões de gênero e feminismo, constituem o aparato simbólico, privilegiado neste trabalho, que é de fundamental importância para o entendimento da manipulação do conhecimento exercida por grupos dominantes, o que se reflete nas assimetrias de gênero, de raças/etnias, de classes sociais, entre outras condicionantes sociais.

Quando as prostitutas por nós entrevistadas julgam que os representantes de culturas distantes são, de algum modo, parceiros mais interessantes que os brasileiros, podemos ver claramente a manifestação da dominação cultural (e comparativa), em que os europeus são valorizados enquanto outros, *provenientes de regiões menos conhecidas*, de modo geral, são depreciados. Esse dualismo reflete de que maneira as construções simbólicas têm inculcado, ao longo do tempo, ideais de disparidades culturais que englobam as questões de hegemonia e ideologia que apresentamos. Além disso, mais uma vez vemos a manifestação de dicotomias clássicas do pensamento moderno pela qual um lado do par dicotômico pode ter reconhecimento somente em oposição, necessariamente, ao outro.

As diversas críticas contemporâneas visam justamente desmistificar ou desconstruir tal relação, propondo novos olhares para a realidade social e é com esse intuito que pretendemos contribuir através do desenvolvimento desta tese. Não cabe aqui ficar alimentando ou criando novos pares opositivos, mas sim, buscar meios de superarmos a necessidade de contraposição. Não devemos, apenas, denunciar que o imaginário sobre o Brasil é depreciativo das nativas, buscando características que poderiam ser mais “bem vistas”, pois, desse modo, ficaríamos presas aos ideais modernistas que pretendemos ultrapassar nos quais apenas alguns aspectos são valorizados em oposição a outros.

O caminho que propomos é pensar em uma possível desconstrução das imagens “cristalizadas” sobre as brasileiras através da demonstração explícita dos

vetores de poder ativos em tais representações, a fim de promover reflexões iniciais, para que as próprias nativas busquem novas formas de se ver e de “se mostrar”, despertando o interesse, paulatinamente, para a subversão do *status quo*. O importante é prover meios para que as mulheres possam visualizar os mecanismos de poder presentes nas construções simbólicas em que aparecem apenas como objetos, mercadoria para consumo, a fim de que elas próprias tenham condições de provocar a re-articulação de tal posicionamento, assumindo posturas ativas.

Temos consciência de que, apesar das aspirações quanto a mudanças na colocação das mulheres nos discursos, a problemática do turismo com fins sexuais não se limita somente às questões de imagens e imaginário, embora as tenha como um de seus principais alicerces nas construções simbólicas, mas, não podemos deixar de lembrar que existem também aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais que propiciam a colocação do Brasil na rota do turismo sexual mundial. Essas são condições que extrapolam a atividade turística, fazendo com que ações interdisciplinares sejam necessárias para a reflexão sobre o turismo sexualmente motivado.

O turismo, enquanto prestação de serviço, ligado ao terceiro setor da economia deve, antes de mais nada, ser um elemento que agregue tanto a satisfação do visitante, quanto daquele que o recebe e que o último tenha nesta atividade um meio de manutenção de sua cultura e de seus referenciais. Entretanto, é válido ressaltar que, como exposto no capítulo sobre esse tema, o turismo sexual é um fenômeno bastante ambíguo, pois envolve não apenas as relações que se dão entre nativas e turistas com interesses exploratórios de ambos os lados, mas também, relações afetivas e emocionais. Seria insensato afirmar que o envolvimento entre homens de países centrais com mulheres brasileiras configura, necessariamente, o turismo sexual como aqui abordado. Portanto, vale lembrar que as conquistas alcançadas no campo da liberdade sexual, ocorridas na segunda metade do século passado, não devem ser ignoradas nas ações que visem abordar esse tipo de atividade, evitando-se assim atitudes moralistas que possam vir a prejudicar qualquer direito já adquirido.

Por fim, pretendemos ter contribuído para os estudos que abordam o turismo sexual e as assimetrias de gênero, destacando a importância das construções simbólicas que estão em jogo nessas relações. Apesar de todos os componentes envolvidos nessa conjuntura, o aparato discursivo e o imaginário se

demonstram centrais para o aprofundamento da questão, sendo possível, através de seu estudo, elucidar as diferentes orientações de poder que permeiam as relações sociais contemporâneas. Desse modo, mais do que condições econômicas, geográficas, ou históricas o discurso é o elo que favorece a manutenção de disparidades vivenciadas entre turistas e nativas, assim como é o meio pelo qual se pode efetuar possíveis mudanças a fim de favorecer a almejada equidade entre homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Capistrano de. *O descobrimento do Brasil pelos portugueses*. Rio de Janeiro: Laemmert & Co, 1900.
- ADELMAN, Miriam. Vozes, olhares e o gênero do cinema. In: FUNK, Susana; WIDHOLZER, Nara (Orgs). *Gênero em discursos na mídia*. Florianópolis: Mulheres; EDUNISC, 2005. p. 223-244.
- ALARCÓN, Norma. The theoretical subject(s) of “This bridge called my back and Anglo-American Feminism”. In: ANZALDÚA, Glória (Org.). *Making face, making soul; haciendo caras: creative and critical perspectives by feminists of color*. San Francisco: An Aunt Foundation Book, 1990.
- ALGRANTI, Leila M. Casar-se ou meter-se freira: opções para a mulher colonial. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, n. 2, p. 205-209, 1994.
- ALVES, Ivia. *Interfaces: ensaios críticos sobre escritoras*. Ilhéus, BA: Editus, 2005.
- ARAÚJO, Rogério. *Prostituição: artes e manhas do ofício*. Goiânia: Câneone; UCG, 2006.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1982.
- BELELI, Iara. *Marcas da diferença na propaganda brasileira*. Campinas, SP, 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.
- BERNARDET, Jean-Claude. *O que é cinema*. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos, 9).
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003. (Segunda reimpressão).
- BOYER, Marc. *A história do turismo de massa*. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2003.
- BRASIL. Ministério do Turismo. *Anuário Estatístico EMBRATUR 2011: ano base 2010*. Disponível em: <<http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/anuario/index.html>>. Acesso em: 18 maio 2011.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000. (Grandes Nomes do Pensamento Brasileiro).

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Da Análise do Discurso à Análise Crítica do Discurso: introduzindo conceitos. In: CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; SCLIAR-CABRAL, Leonor. (Orgs). *Desvendando discursos: conceitos básicos*. Florianópolis: UFSC, 2008. p. 19-44.

CAMINHA, Pero Vaz. *A Carta, de Pero Vaz de Caminha (1500)*. In: CARTA A EL REI D. MANUEL, São Paulo: Dominus, 1963. Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro/Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da USP. Disponível em: <[http://www.portalabel.org.br/attachments/116\\_A\\_CARTA\\_Pero\\_Vaz.pdf](http://www.portalabel.org.br/attachments/116_A_CARTA_Pero_Vaz.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2009.

CÂNDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: das origens ao romantismo*. São Paulo: UNESP, 1976. v. 1.

CENTRO HUMANITÁRIO DE APOIO À MULHER – CHAME. *Motivações de estudantes soteropolitanas para a migração internacional*. Salvador, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano, 1: artes de fazer*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Albano, 2007.

COMBES, Danièle; HAICAULT, Monique. Produção e reprodução: relações sociais de sexos e de classes. In: KARTCHEVSKY-BULPORT, A. (Org). *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 23-44.

CONNELL, Robert. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CORRÊA, Sônia. Gênero e sexualidade como sistemas autônomos: ideias fora do lugar? In: BARBOSA, Regina Maria; PARKER, Richard G. (Orgs.). *Sexualidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA/IMS/UERJ, 1996. p. 149-159.

CORRÊA, Sônia; PORTELA, Ana Paula. *Percursos da sexualidade (feminina)*. Recife: SOS Corpo-Gênero-Cidadania, 1994, p. 24. (Cadernos Temáticos).

CRASNOW, Sharon. *How can science be both feminist and objective? A model-theoretic approach*. In: INTERNATIONAL ASSOCIATION FOR WOMEN IN PHILOSOPHY, Goteborg, Sweden. June 17, 2004. Inédito.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, p. 171-188, 2002.

CULLER, Jonathan. Semiotics of tourism. *American Journal of Semiotics*, v. 1, n. 2, p. 127-140, 1981.

DA MATTA, Roberto. Notas sobre o racismo à brasileira. In: SOUZA, Jessé. (Org.) *Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil e Estados Unidos*. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 69-74.

DANSILIO, Sergio. La defensa de la objetividad en las epistemologías feministas. *Galileo*, n. 30. Montevideo, Uruguay, Oct. 2004. Disponível em: <[http://galileo.fcien.edu.uy/epistemologias\\_feministas.htm](http://galileo.fcien.edu.uy/epistemologias_feministas.htm)>. Acesso em: 14 maio 2010.

DIAS, Gonçalves. Canção do exílio [1846]. *Poesia.net*, ano 4, n. 174, 2 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet174.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2010.

DIAS FILHO, Antonio Jonas. *Ritas, Fulôs, Gabrielas e gringólotras...* Salvador, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2001.

ESPINHEIRA, Gey. *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB, 2008. (reimpressão).

FERRO, Marc. *Cinema e história*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FRANCHI, Antonio Carlos P. O marketing e os efeitos receptivos no turismo. In: DORTA, Lurdes; DROGUETT, Juan (Orgs.). *Mídia, imagens do turismo: uma proposta de desenvolvimento teórico para as áreas de comunicação e turismo*. São Paulo: Textonovo, 2004. p. 119-144.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 50. ed. São Paulo: Global, 2005.

GASPAR, Maria Dulce. *Garotas de Programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

GOELDNER, Charles R.; RITCHIE, J. R. Brent; MCINTOSH, Robert W. *Turismo: princípios, práticas e filosofias*. 8. ed. Porto Alegre: Bookman, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma; notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUIMARÃES, Maria José Bacelar. *“Empresário busca mulher jovem, morena, bonita, liberal...”*: explorando os anúncios de estrangeiros. Salvador: EDUFBA, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-42, 1995.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, p. 7-32, 1993.

HARDING, Sandra. *Ciência y feminismo*. Madri: Morata, 1996.

HARDING, Sandra. *The science question in feminism*. Ithaca: Cornell Univ. Press, 1986.

HARDING, Sandra. *Is science multicultural? postcolonialisms, feminisms and epistemologies*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil; 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

LEITE, Gabriela. *Filha, mãe, avó e puta; a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*: Gabriela Leite em depoimento a Marcia Zanelatto. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACKINNON, Catherine A. *Feminism unmodified: discourses on life and law*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MCCANN, Carole; KIM, Seung-kyung (Orgs). *Feminist Theory Reader: local and global perspectives*. New York: Routledge, 2003.

METZ, Christian. O dispositivo cinematográfico como instituição social: Entrevista com Christian Metz. In: XAVIER, Ismail (Org). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal; Embrafilmes, 1983. p. 411-434.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

MOUTINHO, Laura. *Razão, "cor" e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivos-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004.

MULVEY, Laura. Prazer visual e o cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (Org.). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro: Graal; Embrafilmes, 1983. p. 437-453).

NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga*. São Paulo: EDUSP, 1998.

NORVELL, John. A brancura desconfortável das camadas médias brasileiras. In: MAGGIE, Yvone; REZENDE, C. B. (Orgs.). *Raça como retórica: a construção da diferença*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 245-265.

OLHAR ESTRANGEIRO. Produção de Luís Vidal e Paola Abou-Ajoude. Argumento e Direção de Lúcia Murat. Rio de Janeiro: Europa Filmes, 2008, (70min.). DVD, NTSC, color. Port. Legendado.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *À Ilha de Maré*. Disponível em: <[http://www.algosobre.com.br/index2.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=620&Itemid=69](http://www.algosobre.com.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=620&Itemid=69)>. Acesso em: 20 maio 2009.

OPPERMANN, Martin. Sex Tourism. *Annals of Tourism Research*, v. 26, n. 2, p. 251-266, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *O discurso fundador*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à vista, discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2008.

OSADA, Neide; COSTA, Maria Conceição. A construção social de gênero na biologia: preconceitos e obstáculos na biologia molecular. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 27, p. 279-299, jul./dez. 2006.

OURIQUES, Helton Ricardo. *A produção do turismo: fetichismo e dependência*. São Paulo: Alínea e Átomo, 2005.

PARK, Robert E. A. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento no meio urbano. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. Tradução Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEREIRA, Armando. *Prostituição: uma visão global*. 2. ed. Rio de Janeiro: Palla, 1976.

PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). *Carta de Caminha: a notícia do achamento do Brasil*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2002.

PISCITELLI, Adriana. Sexo tropical: comentários sobre gênero, raça e outras categorias de diferenciação social em alguns textos da mídia brasileira. *Cadernos Pagu*, v. 6/7, n. 6/7, p. 9-35, Campinas: Unicamp, 1996. (Raça e Gênero).

PISCITELLI, Adriana. Of “gringos” and “natives”: gender and sexuality in the context of international sex tourism in Fortaleza, Brazil. In: MEETING OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION. Washington DC, n. 5/8, Aug. 2001.

PISCITELLI, Adriana. Entre a Praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, A; GREGORI, M. F; CARRARA, S.(Orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. p. 283-318.

PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira*. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (Retratos do Brasil).

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 11-44.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, João José. A presença negra: encontros e conflitos. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil; 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Cap. 4. Disponível em: <<http://www1.ibge.gov.br/brasil500/index2.html>>. Acesso em: 10 maio 2009.

ROCHA PITA, Sebastião da. *História da América Portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

RUSSEL-WOOD, A. J. D. La mujer y la familia en la economia y en la sociedad del Brasil durante la época colonial. In: LAVRIN, Assunción (Comp.). *Las mujeres latinoamericanas: perspectivas históricas*. México: Fondo de Cultura Económica. 1985. p. 74-120.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de gênero no Brasil Contemporâneo. In: \_\_\_\_\_; MUNÕZ-VARGAS, Mônica. (Orgs). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; NIPAS; Brasília: UNICEF, 1994. p. 151-185.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. *Labrys - estudos feministas*, n. 1-2, jul./dez. 2002. Disponível em: <[http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1\\_2/heleieth1.html](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/heleieth1.html)>. Acesso em: 23 maio 2010.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Gênero e patriarcado: violência contra mulheres. In: VENTURINI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely (Orgs). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 43-60.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo: Século XIX; Marco Zero, 1989.

SCHIENBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCOTT, Joan. Deconstructing equality-versus-difference: or, the uses of poststructuralist theory for feminism. In: MCCANN, Carole; KIM, Seung-kyung (Orgs.). *Feminist Theory Reader: local and global perspectives*. New York: Routledge, 2003. p. 378-390.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul./dez. 1990.

SILVA, Ana Paula da; BLANCHETTE, Thaddeus. Nossa Senhora da Help: sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. *Cadernos Pagu*, n. 25, jul./dez. 2005. p. 249-280.

SILVA, Jean Carlos da. O conceito de território na geografia e a territorialidade da prostituição. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.). *Território e prostituição na metrópole carioca*. Rio de Janeiro: Ecomuseu Fluminense, 2002.

SILVA, Maria B. N. da. Mulheres brancas no fim do período colonial. *Cadernos Pagu*, Campinas, Unicamp, n. 4, p. 75-96, 1995.

SIMONSEN, Roberto C. *História econômica do Brasil (1500–1820)*. São Paulo: C.E. Nacional, 1978.

SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, 3. ed. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1938. (Série 5 Brasileira, v. 117).

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

THOMPSON, John. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Tradução Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da PUCRS. Petrópolis: Vozes, 1995 [1990].

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 2001. (Coleção Megalópolis).

VAINFAS, Ronaldo. Moralidades brasílicas: deleites sexuais e linguagem erótica na sociedade escravista In: SOUZA, Laura de Mello e (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. SP: Companhia das Letras, 1997. p. 221-274.

VAN DIJK, Teun. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2008.

VELHO, Gilberto. *Desvio e divergência: uma crítica da patologia social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

VOLOSHINOV, Valentin N. *Marxism and the philosophy of language*. New York: Seminar Press, 1973.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 35-82.

WORLD ECONOMIC FORUM. *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2011*. Disponível em: <[http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_TravelTourismCompetitiveness\\_Report\\_2011.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_TravelTourismCompetitiveness_Report_2011.pdf)>. Acesso em: mar. 2011.

WORLD TOURISM ORGANIZATION. Sustainable Development of Tourism Protection of Children in Tourism. Statements & Policy Documents. *WTO statement on the prevention of organized sex tourism*. Disponível em: <[www.world-tourism.org/protect\\_children/statements/wto\\_a.htm](http://www.world-tourism.org/protect_children/statements/wto_a.htm)>. Acesso em: 16 maio 2009.

YANNOULAS, Silvia; et al. *Liniaamentos epistemológicos*. Tradução Syomara Deslandes Tindera. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/flacso/linea.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2009.

## APÊNDICES

---

<b>APÊNDICE A – ROTEIRO PARA A PRIMEIRA ENTREVISTA .....</b>	<b>180</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO PARA A SEGUNDA ENTREVISTA .....</b>	<b>181</b>
<b>APÊNDICE C – TABELAS DE DADOS DAS ENTREVISTAS .....</b>	<b>182</b>
<b>APÊNDICE D – UM POUCO DAS ENTREVISTAS... ..</b>	<b>186</b>
GABRIELA .....	186
PAULÍNIA .....	193
AURELINA .....	197
ROSEANE .....	202
ANDRÉIA .....	206
VIVI .....	211
VAL .....	215
NEIDE .....	220

## APÊNDICE A

### ROTEIRO PARA A PRIMEIRA ENTREVISTA

1. Quantos anos têm?
2. Onde nasceu / cresceu
3. Como você se descreve fisicamente
4. Até que ano estudou?
5. Segue alguma religião?
6. Que profissões já exerceu?
7. Fala outras línguas?
8. O que gosta de fazer no tempo livre? (ver tv, filmes, ler...)
9. Já pensou em se mudar para a Europa?
10. O que pensa sobre a Europa?
11. Acha que há diferenças entre estrangeiros e brasileiros? Quais as peculiaridades dos primeiros?
12. O que acha dos homens estrangeiros?
13. Prefere se envolver com estrangeiros a brasileiros? Por que?
14. Perfil / descrição geral dos estrangeiros
15. Qual a origem dos turistas que você tem contato?
16. Entre os estrangeiros, quais você mais gosta e quais menos gosta? Por que?
17. Em que época você atende mais turistas?
18. Você cobra mais caro dos estrangeiros? Eles pagam mais?
19. Quais os principais lugares que eles as procuram?
20. O tratamento deles é diferente do dos brasileiros?
21. Algum deles já se "apaixonou" e fez proposta de casamento ou de ir morar na terra dele?
22. Já teve ou tem vontade de "casar" com algum estrangeiro e morar fora do Brasil?
23. O contato com eles geralmente é direto ou intermediado? (taxistas, recepcionistas)
24. Já teve, ou conhece alguém que tenha tido relacionamentos com estrangeiros?
25. Fazem apenas um programa ou mantém contato? (Durante a estada ou posterior retorno)
26. As diferenças culturais e a barreira lingüística influenciam de alguma forma?
27. O que entende ou acha do turismo sexual?
28. Conhece alguém que batalha na Barra?
29. Conhece mulheres que só se envolvem com gringos? (Que se casaram e moram fora, ou que voltaram).

## APÊNDICE B

### ROTEIRO PARA A SEGUNDA ENTREVISTA

1. Quais as ocupações dos gringos que você conhece?
2. Por que começou a trabalhar como prostituta, e o que a levou a sair com estrangeiros?
3. Qual a média de idade dos turistas que a procuram?
4. Por que acha que eles procuram por profissionais do sexo?
5. O que eles comentam sobre as brasileiras, sobre o Brasil... Você tem uma idéia sobre o que eles pensam sobre nós?
6. Já foi ou é casada?
7. Tem filhos (com estrangeiros)? Foi planejado? Foi resultado de um relacionamento? O pai reconheceu? Ajuda na criação?
8. O que espera de um relacionamento amoroso?
9. Você procura estrangeiros com intenção de vir a ter um relacionamento duradouro? Por que?
10. O que você espera de um casamento com estrangeiro?
11. Há diferenças entre casar e morar aqui ou na Europa? Quais? Por que?
12. O que você pensa sobre a Europa? Por que?
13. Como você se imagina/vê casada na Europa?
14. Se fosse para casar com um gringo, de qual país você preferiria que ele fosse? Por que?
15. Existem estrangeiros de algum determinado país que você não gostaria de casar? Por que?
16. Se tivesse um marido com boas condições financeiras, pararia de trabalhar? O que faria?
17. Quanto você calcula, mais ou menos, que ganha por mês?
18. Ajuda alguém financeiramente (pais, filhos, parentes, etc)?
19. Você tem outra fonte de renda?
20. Com o que já trabalhou? Nessa ordem (cronológica)?
21. Você mora em que bairro? Mora sozinha?
22. Gostaria de falar alguma coisa sobre os turistas que vem para Salvador?

## APÊNDICE C

## TABELAS DE DADOS DAS ENTREVISTAS

NOME	IDADE	COR DA PELE	LOCAL DE ORIGEM	ESCOLARIDADE	RELIGIÃO
Andréia	49	branca	Jequié/BA	1ª série ensino fundamental	Igreja Universal
Aurelina	48	negra	Interior da Bahia	6ª série ensino fundamental	Católica
Vivi	47	parda (cabelo crespo)	Ipiaú/BA	2º ano ensino médio	Era evangélica mas está afastada
Neide*	42	<i>parda (cabelo alisado)</i>	<i>Ipiaú/BA</i>	<i>8ª série ensino fundamental</i>	<i>Cristã (protestante)</i>
Paulínia*	34	<i>branca</i>	<i>PE</i>	<i>Ensino médio completo</i>	<i>Católica</i>
Gabriela	30	parda (cabelo alisado)	Icó/CE	2º ano ensino médio	Católica não praticante
Val	32	negra	Itapetinga/BA	1ª série ensino fundamental	Não tem religião
Roseane*	23	<i>branca</i>	<i>São Miguel dos Campos/AL</i>	<i>2º ano faculdade de jornalismo</i>	<i>Católica não praticante</i>

\* Já moraram por algum tempo na Europa.

NOME	CASAMENTO	FILHOS/AS	PROFISSÕES	IDIOMAS
Andréia	um	Dois (23 e 17 anos)	Acompanhante de idosos; aux. de academia; <b>revendedora</b> Natura	nenhum
Aurelina	nunca casou	Não tem filhos	<b>vendedora</b> ; balconista; camareira; atendente em bar e restaurante	nenhum
Vivi	quatro	dois (um homem e uma mulher)	<b>cabeleireira</b> ; <b>manicure</b>	<b>inglês</b> (básico)
Neide	<i>um</i>	<i>Três (um de brasileiro, um de filipino um de argentino)</i>	<b>cabeleireira</b> ; <b>manicure</b> ; <b>massagista</b>	<b>inglês</b> , <b>espanhol</b> e <b>alemão</b> (básico)
Paulínia	<i>um</i>	<i>Dois (15 anos menino; 17 anos menina)</i>	<b>vendedora</b> ; <b>gerente</b> (supermerc/restaurante); <b>cabeleireira</b> ; <b>maquiadora</b> ; <b>manicure</b> ; <b>depiladora</b>	<b>italiano</b> ; <b>espanhol</b>
Gabriela	nunca casou	uma (04 anos)	<b>doméstica</b> ; <b>babá</b> ; <b>auxiliar de escritório</b> ; <b>vendedora</b>	<b>espanhol</b> ; <b>inglês</b> (básico)
Val	nunca casou	quatro (5, 7* e 9 anos - meninas; 13 anos - menino)	<b>doméstica</b> ; recepcionista de eventos	nenhum
Roseane	<i>um</i>	<i>não tem filhos</i>	<b>vendedora</b> ; <b>auxiliar de escritório</b>	<b>inglês</b> , <b>espanhol</b> <b>grego</b> e <b>russo</b> (básico)

\*Filha de italiano

continua

## APÊNDICE C – TABELAS DE DADOS DAS ENTREVISTAS

(continuação)

NOME	INTERESSE PELO EXTERIOR	INTERESSE EM CASAR COM ESTRANGEIRO	O QUE PENSA SOBRE A EUROPA	PORQUE ACHA QUE PROCURAM PROFISSIONAIS
Andréia	Apenas passear/conhecer	não (por causa da barreira lingüística)	Países muito bons, melhores que o Brasil em tudo (cultura)	procuram sexo diferente, o que não acha em casa
Aurelina	Não tem interesse	sim (tratamento)	Tudo lá é melhor do que aqui (tratamento); melhor para viver	o que não faz em casa; quem ficar mais à vontade
Vivian	Apenas passear/conhecer	não (porque não quer mais casar, mas se acontecer prefere "gringo")	Primeiro mundo, bom	os gringos para curtir, fazer sexo diferente, acham as <b>brasileiras mais quentes</b> . os brasileiros são sem vergonha
Neide	<b>Gostaria de morar lá (já conhece)</b>	<b>sim (tratamento)</b>	<b>Maravilhoso; Primeiro mundo</b>	<b>estrangeiros por que as profissionais falam outros idiomas e acham as <b>brasileiras as melhores mulheres</b>; os brasileiros para mudar a rotina, o que não fazem casa</b>
Paulínia	<b>Apenas passear (já conhece)</b>	<b>não (acha os estrangeiros muito possessivos, mas se casaria pelo dinheiro independente de nacionalidade)</b>	<b>Degradante</b>	<b>porque no país deles as mulheres são frias e calculistas e as <b>brasileiras são mais quentes</b>.</b>
Gabriela	Gostaria de morar lá / trabalhar	sim (dinheiro)	Luxo e riqueza	<b>companhia; guia</b> ; ver se o sexo com brasileiras é diferente; brasileiros para satisfazer, exploradores
Valquíria	Gostaria de morar lá	sim (dinheiro)	Primeiro mundo, mais desenvolvido (mas tem problemas também)	
Roseane	<b>Gostaria de morar lá / trabalhar (já conhece)</b>	<b>sim (tratamento)</b>	<b>Riqueza (trabalho)</b>	

## APÊNDICE C – TABELAS DE DADOS DAS ENTREVISTAS

(continuação)

NOME	DIFERENÇAS ENTRE ESTRANGEIROS E BRASILEIROS	O QUE OS CLIENTES FALAM SOBRE	
		BRASILEIRAS	BRASIL
Andréia	Os estrangeiros são mais legais, educados, carinhosos, amáveis e fiéis. pagam melhor e valorizam as mulheres.	maravilhosas; quentes	gostam das mulheres, das comidas e das bebidas
Aurelina	Melhores que os brasileiros; pagam melhor; tratam bem melhor; reclamam menos; valorizam as mulheres; confiam mais; dão presentes.	boas; calmas; carinhosas; meigas	uns gostam, outros não
Vivian	melhores que os brasileiros; pagam mais; reclamam menos; há ruins e bons, assim como brasileiros; tratam melhor; menos exploradores; mais carinhosos	maravilhosas (na cama); quentes; gostosas (em comparação as mulheres de seus países de origem).	muito bom, muito bonito; aqui tudo é bonito.
Neide	outra cultura; maneira de conversar; gringos bons e ruins assim como brasileiros; estrangeiros são menos exploradores, mais carinhosos e amorosos; tratamento; pagam melhor	as melhores mulheres são do Brasil; mais quentes (estrangeiras frias); finas	adoram; acham maravilhoso; quente; festivo; liberal
Paulínia	tratamento; maneira de se aproximar; dinheiro; estrangeiros são mais carinhosos, e se apaixonam mais fácil	boas; carinhosas; atenciosas	perigoso; ladrões, putas e drogas
Gabriela	os estrangeiros pagam melhor; dão mais conforto; dinheiro; são mais doces; tem gringos bons e ruins;	algumas educadas; legais; simpáticas, outras ignorantes; mal educadas. Calmas; só falam em dinheiro	tranquilo, menos "stress"
Valquíria	pagam melhor; dão presentes; são mais educados; há bons e ruins, assim como brasileiros; são mais carinhosos e cavalheiros		
Roseane	os estrangeiros são mais bonitos, mais sinceros; mais educados, mais frios(determinados); tratam melhor; há estrangeiros bons e ruins; pagam melhor; maneira de conversar		

## APÊNDICE C – TABELAS DE DADOS DAS ENTREVISTAS

(conclusão)

## SOBRE OS TURISTAS

NOME	NACIONALIDADES MAIS FREQUENTES	ETNIAS QUE MAIS GOSTA	ETNIAS QUE MENOS GOSTA
Andréia	espanhol; alemão	espanhóis e italianos (tratamento e dinheiro)	americanos e gregos (sexo anal)
Aurelina	italianos; alemães; e argentinos	negros americanos (beleza); italianos e alemães (tratamento)	africanos (tratamento); espanhóis (preconceituosos)
Vivi	alemães; suíços; egípcios; gregos; e filipinos	gregos; iuguslavos; croatas; ucranianos; e búlgaros (chiques e educados)	filipinos (não usam preservativos)
Neide	gregos; alemães; suíços; espanhóis; italianos; e franceses	alemães (dinheiro); gregos (tratamento); noruegueses e dinamarqueses (chiques e tratamento)	filipinos; indianos (pobres)
Paulínia	italianos; espanhóis; ingleses	Espanhóis; ingleses (sexo)	italiano (sexo)
Gabriela	franceses; espanhóis; italianos	espanhóis (sexo)	italianos (dinheiro); filipinos (tratamento)
Val	italianos	americanos brancos (dinheiro); dinamarqueses e noruegueses (beleza)	argentinos; franceses (dinheiro)
Roseane	americanos; espanhóis; italianos; gregos; ucranianos; turcos e noruegueses	gregos (inteligentes)	filipinos (tratamento)

NOME	FAIXA ETÁRIA	PROFISSÃO	ÉPOCA	LUGARES DE ENCONTRO
Andréia	50 a 60 anos	comandante de navio; imediato; construtor	verão	Pelourinho; Barra; Casquinha de Siri; Língua de Prata
Aurelina	45 a 50 anos	engenheiro	verão	Pelourinho; Barra; Orla; Praia do Forte; Praia do Flamengo; Piatã; Itapuã
Vivi	20 a 50 anos	médico; advogado; gari; professor; bancário; coveiro	verão (turistas); inverno (marinheiros)	Pelourinho; Barra; Casquinha de Siri; Bambara
Neide	40 a 50 anos	marinheiros	verão	Pelourinho; Barra; Casquinha de Siri; Língua de Prata; Bambara; Ilha de Itaparica
Paulínia	30 a 50 anos	agricultores; médicos; psicólogos; marinheiros	verão (setembro a fevereiro)	Pelourinho; Barra
Gabriela	acima de 40 anos	marinheiros; professores; cozinheiros	verão (dez./fev.) inverno (jun./set.)	Pelourinho; Orla; Casquinha de Siri; Bambara
Val			verão	Pelourinho; Barra
Roseane	até 35	marinheiros	verão (a partir de agosto)	Pelourinho; Orla; boates na Barra e na Pituba

## APÊNDICE D

### UM POUCO DAS ENTREVISTAS...

#### GABRIELA

Conheci Gabriela em uma reunião da Associação das Prostitutas da Bahia (APROSBA) e logo ela se mostrou muito solícita em participar da pesquisa, talvez porque goste de aparecer, como ela mesma assume. Gabi foi quem me levou para a praça e me apresentou outras prostitutas que trabalham com turistas, pois, se trata de uma pessoa bastante extrovertida, o que lhe proporciona muitos contatos.

Ela nasceu em Icó, no interior do Ceará, onde seus pais e seu irmão moram até hoje. Seu pai é aposentado e pela descrição que ela fez do trabalho de sua mãe, ela é auxiliar de serviços gerais. Ainda sobre sua família, a entrevistada disse que eles são muito pobres e os ajuda mandando dinheiro, comprando bens de consumo como móveis e eletroportáteis. Além disso, paga as contas atrasadas quando vai visitá-los, viagem que realiza todo final de ano, pois, para ela: – [...] *minha família acima de tudo.*

Ainda adolescente, com quatorze anos, mudou-se para Recife para viver com suas irmãs e cuidar de dois sobrinhos. A experiência não foi bem sucedida e então foi morar com uma tia, na mesma cidade. A irmã de sua mãe a indicou para trabalhar em *casas de família*, mas, novamente, a convivência com parentes não obteve êxito e ela voltou a morar com as duas irmãs. Porém, certo tempo depois, suas companheiras de lar se casaram e ela ficou sozinha. Nesse período, Gabriela teve experiências como babá, quando cuidava dos sobrinhos, e também em algumas *casas de família* em que ela trabalhou (em nenhum momento a entrevistada usa termo como empregada doméstica ou diarista, apenas fala que trabalhou em casas de família). Depois de alguns anos nesse tipo de trabalho, tentou um emprego em um restaurante, posteriormente trabalhou três meses em um escritório e, então, voltou aos trabalhos domésticos. Foi nessa época que surgiu uma oportunidade de vir para Salvador trabalhar com o *carne* do “Baú da Felicidade”. E, foi então que, cerca de sete anos atrás, Gabriela veio para a Bahia.

Ao que parece, Gabriela engravidou de um homem casado em Recife, e, ao invés de fazer um aborto como tinha combinado com ele, teve uma filha. Como

ela *fugiu*, para o pai de sua filha pensar que ela tinha realmente abortado, ela deixou a menina com sua família no interior do Ceará, e veio para a Bahia. Iniciamos esse parágrafo com a expressão "ao que parece", porque, na primeira entrevista, Gabi afirmou ter uma filha de cinco anos, inclusive mostrou a foto da menina pendurada em um chaveiro, na sua bolsa. Já, em nosso segundo encontro, quando questionada se tinha filhos(as), Gabriela disse que não, assumiu apenas que tinha tido uma gravidez, mas abortara. A disparidade de informações entre uma e outra entrevista pode estar relacionada ao fato de que, as primeiras informações foram colhidas quando conversamos sozinhas, em uma sala da APROSBA. Já no segundo momento, estávamos na praça, com outras mulheres próximas a nós. Talvez, por conta do grande interesse que Gabriela tem em se casar com um *gringo*, estrategicamente, ela não tenha comentado com suas colegas que tem uma filha, pois elas poderiam usar isso de modo negativo para Gabriela, em alguma disputa por um *bom partido*.

Ainda quando morava em Recife, Gabriela começou a *fazer bicos* em "bregas", lugares que freqüentava para fazer apresentações como dançarina. Ela contou que perdeu a virgindade com vinte e um anos e, logo em seguida, já começou a se prostituir. Em suas palavras:

– *Eu sempre gostei de brega mermu[mesmo], gostei de sê[ser] puta mermu[mesmo], caí no mundo logo cedo. Porque eu perdi minha virgindade com vinte e um; depois que eu me perdi, aí, pronto, já tô[estou] perdida mermu[mesmo], vô[vou] caí [cair] no mundo agora.*

Atualmente, Gabriela tem trinta e dois anos; é uma mulher bonita, parda, descendente de índios, tem estatura mediana e o corpo *esbelto*. Ela estudou até o segundo ano do ensino médio, fala espanhol e está aprendendo inglês. Sobre suas crenças religiosas, afirma seguir o Catolicismo, embora declare grande interesse pelo espiritismo, mais por acreditar em espíritos do que por conhecer a doutrina.

Quando indagada sobre uma auto-descrição física, Gabriela disse que se sente uma pessoa liberal. Induzida ao entendimento da pergunta "alta, baixa, gorda, magra", ela respondeu, então: – *Eu me sinto uma pessoa normal, assim... contanto que todo mundo me veja...* E complementou dizendo que tem muita gente que a chama de índia ou índia-japonesa.

Contou que, chegando em Salvador, seu local de trabalho se situava em um prédio nas imediações da Praça da Sé. Assim, ao final do expediente,

costumava se sentar nos bancos da praça para conversar com algumas amigas. Ela observa que era comum os homens, transeuntes, assediarem-nas (mulher no espaço público = mulher pública), porém, ela sempre se esquivava. No entanto, uma amiga que já se prostituía na praça a incentivava, ao que Gabriela explicava que já tinha feito programas em *bregas*, mas que, na praça, em público, sentia-se envergonhada. Cada vez mais influenciada, em determinado dia, experimentou, gostou e há sete anos *batalha* na praça, sendo que, em *bregas*, já há cerca de doze anos que Gabriela faz programas.

Lembrando o início de suas atividades na Praça da Sé, ela comenta que, no começo, a presença de turistas era maciça na região, que se situa no Centro Histórico de Salvador junto ao conjunto arquitetônico do Pelourinho. – *No começo, era até bom porque era gringo pr'a gente escolher* – fala, com entusiasmo e saudosismo. No entanto, ela coloca que hoje há muita concorrência, que tem muitas mulheres se prostituindo nessa área, o que acaba, de certo modo, assustando os turistas. Ela cita diversos lugares que os turistas freqüentam em busca de encontros com mulheres em Salvador, como, por exemplo, o “Casquinha de Siri”, em Piatã, o “Bambara”, no bairro Costa Azul, a região da orla, da Pituba até Ondina, e, até mesmo, a “Cabana do Camarão”, na Suburbana. Ela, particularmente, os procura na Praça Quincas Berro d'Água e no “Restaurante Espartano”, que é de propriedade de um português, ambos nas imediações do Pelourinho.

Além de se prostituir, Gabi é também dançarina e professora de dança. Porém, quando não está trabalhando em nenhuma dessas atividades, gosta de ficar em casa, ver filmes, noticiário televisivo, destacando que tem grande interesse por notícias sobre garotas de programa. Além disso, gosta muito de dormir, de fazer compras, e reitera – *Adoro fazer compra. Meus cartões, quando [es]tá [estão] livres, não passa dois dias porque eu istoro [estouro] todos...* Donde podemos identificar, como em outros pontos da entrevista que serão discutidos mais adiante, que Gabriela tem uma forte tendência consumista.

Quando questionada sobre suas intenções em relação à Europa, ela disse que tem vontade de conhecer a Espanha, mas, principalmente (e reitera a ideia em diversos momentos), gostaria muito de ir à Paris para tirar uma fotografia diante da Torre Eiffel. Entretanto, sobre sua motivação para ir a outro continente, se refere à possibilidade de ganhar dinheiro, citando, inclusive, amigas que foram para

lá e lhe contam que juntaram muito dinheiro. Ela reproduz sua reação da seguinte maneira: – *Ô minha fia[filha], me leve pelo amor de Deus, me arruma uma vaguinha aí, que eu vô[vou]... Porque, aqui é duro, o que ganha é muito pouco. Por mais que a gente faz[faça] só dá mesmo para pagar dívida....*

Em vários momentos de nossas conversas, Gabriela faz referências ao chique, ao luxo, revelando seu interesse consumista, que relaciona diretamente ao que pode auferir dos estrangeiros – *Por isso é melhor os gringo[s]. Dá mais luxo, dá mais conforto e os brasileiro[s] não [...] O gringo quer romance e o brasileiro não, brasileiro quer... é tudo agoniado, tem brasileiro que quer romance, mas quer pagar pouco.* Gabriela aproxima o romance – no caso, aqui, romance parece associado à forma como a relação entre ela e o cliente se desenrola – a quanto os homens estão dispostos a pagar e, de nenhuma forma, às atitudes que eles tenham para com ela.

Recordando sobre como despertou seu interesse por estrangeiros, ela conta que começou a sair com *gringos* por influência de amigas que lhe diziam que eles pagam melhor e dão mais conforto, o que foi comprovado na sua prática. Ainda sobre os estrangeiros, afirma: – *Tem gringo nervoso, mas tem gringo legal.* Já, se a intenção for relacionada a casamento: – *Só se for com estrangeiro muito rico [...] mas se for p[a]ra mim[eu] ficar com um estrangeiro só se eu ver[vir] que ele é bu[o]nito e tem bastante dinheiro... porque tem gringo mesmo que demonstra que tem, mas é..., é pobre.* Ou seja, mesmo pensando em relações mais duradouras e estáveis, como um casamento sugere ser, Gabriela pensa em garantias monetárias. Ao afirmar que tem vontade de ter uma experiência de morar com um parceiro, diz: – *Como é conviver com um homem no dia-a-dia,* e continua, [...] *um homem bom, que possa me sustentar, mas não um homem que não possa me sustentar e passar fome junto.*

*Eu procuro estrangeiro p[a]ra me casar,* é assim que Gabriela resume seu interesse por relacionamentos com turistas. Sua vontade de passar pela experiência de um casamento, comentada acima, parece estar condicionada, diretamente, a um incremento nas suas finanças pessoais, como Gabriela destaca na passagem a seguir:

– *Porque o estrangeiro tem mais dinheiro e o brasileiro sempre vem com aquela chorade[i]ra de que não tem dinheiro. Eu já achei muito casamento, agora, assim, p[a]ra morar em aluguel – se eu já moro de aluguel eu num[não] quero sair do*

*aluguel p[a]ra ir p[a]ra outro aluguel, e se num[não] der certo o casamento? Se eu já tô[estou] numa coisa certa, eu num[não] vô[vou] sair do certo pr'o duvidoso, né? E com o estrangeiro não, com estrangeiro tem mais dinheiro, tem condições de comprar uma casa no Brasil, que é mais barata do que lá, né? É isso que eu procuro.* Pensando em um casamento hipotético, só o considera com estrangeiros, e diz que imagina *uma vida muito boa*, nessa situação, já que, para ela, na Europa, há mais opções de emprego, além de oportunidades de ter uma vida melhor.

Ainda considerando um suposto casamento com *gringo*, quando indagada se moraria no exterior ou no Brasil, ela afirma que ficaria alternando entre períodos lá e períodos aqui. Nesse ponto, é importante salientar que Gabriela comentou que já lhe avisaram que o custo de vida na Europa é mais caro que aqui. Por isso, se viesse a se casar com um estrangeiro, que lhe *desse casa lá e aqui*, ela ficaria alguns períodos lá, trabalhando, e outros aqui, desfrutando, pois, de acordo com a entrevistada, *tendo marido rico tudo se resolve*.

Sobre as etnias que compõem a clientela que atende, Gabriela cita franceses, espanhóis e italianos, dentre os quais ela prefere os espanhóis; não gosta muito dos italianos, pois *o italiano num[não] paga de jeito nenhum*, nem dos filipinos: – *Filipino é muito chato*.

A respeito do fluxo turístico por ela percebido, afirma que o maior movimento acontece entre dezembro e fevereiro e de junho até setembro, sendo que a maioria dos turistas que atende está na faixa etária acima dos quarenta anos. Segundo a informante, as profissões de seus clientes estrangeiros são, em geral, ligadas à navegação, com diferentes postos e funções, como, também, cozinheiros e professores. Gabriela assume que cobra mais dos estrangeiros, sendo que, com brasileiros, chega a fazer programa por quinze reais, enquanto com *gringos* não sai por menos de cem. Além de o pagamento ser melhor, ela defende que os turistas são mais *doces*.

Gabi contou que já teve muitas propostas de casamento, inclusive de um senhor espanhol que queria levá-la para seu país mas, na ocasião, ele não a encontrou, porque ela estava trabalhando em uma academia de dança, e então *o perdeu*. De acordo com a entrevistada, sobre as demais ofertas que recebeu para se casar no exterior, teve medo de aceitá-las porque os pretendentes insistem em levá-la para seus países primeiro, enquanto ela acha mais garantido casar aqui, antes de partir. Tal medo se deve a comentários de outras pessoas, como ela mesma

reproduz: – *Ah, Gabriela você vai, chega lá, você tem uma surpresa; eles vão lhe maltratar, por que [vo]cê num[não] casa logo aqui com ele?*

Seu interesse em se *garantir* antes de viajar reflete, além do medo de ser lesada, também a sua motivação financeira, pois, segundo ela:

– *Você acha que o home[m] é rico, chega lá o home[m] [é] pobre.. dá não, uns trabalha[m] na pizzaria, outros trabalha[m] com gesso, outros que trabalha[m] na oficina... eu digo, é pobre... eu quero é pegar um que tenha empresa, que tenha, assim, um comércio lá fora....*

Porém, ela lembra que o idioma é um fator complicador, pois muitas *meninas* deixam de fazer programas e, conseqüentemente, de conhecer estrangeiros, por não saberem falar outras línguas. Gabriela, por exemplo, disse que quando precisa falar inglês, pede ajuda a sua amiga Neide:

– *Aí quando eu arrumo um, aí eu tenho que levar ela pr'o quarto p[a]ra ela poder traduzir tudo p[a]ra mim, mas ela também ganha o dela, né? Aí, ele pede também p[a]ra fazer programa com ela; aí faz, aí dividimo[s] o dinheiro. Mas, sem a língua, fica um pouco difícil.*

De acordo com seu depoimento: – *Os gringos [...] já vêm no interesse p[a]ra curtir com as baianas.* Ela explica sua afirmação, informando que pensa que os turistas são avisados, previamente, que, no Pelourinho, tem muitas prostitutas querendo dinheiro; assim, vão para lá, justamente para encontrá-las. Gabi falou, ainda, que, na Barra, o movimento de turistas interessados em sexo está diminuindo e que a concorrência está muito grande, de modo que, muitas *meninas* não querem mais *batalhar* em tal região.

Gabriela discorre ainda, sobre os comentários que os turistas fazem acerca do Brasil, analisando que *eles fala[m] que aqui é tranqüilo... que lá não; o país deles é muito agitado, muito trabalho e aqui não. Como eles vêm só se diverti[r] né? passeá[ar], eles acham tranqüilo. É isso que eles falam.* Já sobre as brasileiras, os estrangeiros comentam que consideram algumas brasileiras educadas, legais e simpáticas, mas, também ponderam que outras são ignorantes e mal educadas. Continuando, Gabriela disse ainda, que eles comentam que as brasileiras são muito calmas e que só falam em dinheiro.

Para Gabriela, embora estigmatizada, a prostituição é uma boa alternativa profissional. Entre outros trechos, ela coloca:

– *Porque sempre o povo diz assim: é, a sociedade discrimina a prostituição né? mas, assim... p[a]ra mim é bom, eu gosto de [es]tar vivendo essa vida porque eu já tive muita vantagem[m]. Já tive vantagem, assim, de quando eu tô[estou] com um gringo mesmo, que tem dinheiro, ele... é... Aí, eu me sinto no luxo, ele me dá vida boa [...] o gringo é hotel chique, comida boa, aluga carro, [es]tá nem aí, gasta mesmo. Mas o pessoal não. Discrimina mesmo, é prostituta, se prostitui....*

Na continuação, percebemos o engajamento dela ao alegar que a prostituição é uma profissão normal, embora muitas pessoas a vejam como uma coisa suja, que não é comum. Porém, não podemos deixar de citar que, na segunda entrevista, em alguns trechos, Gabriela disse que a prostituição é uma *vida de cão*, que é uma *vida muito sofrida*, que ela não aconselha ninguém a *entrar nessa de brega*, porque: – *Entrar é fácil; agora, p[a]ra sair, é difícil. Mas, todas essas colocações são feitas para justificar que a prostituição, para ela, é um vício.*

Em ambas as entrevistas, Gabriela não deixa de dizer que se se casasse com um homem com boas condições financeiras ou se conseguisse um emprego que lhe pagasse bem, ela sempre daria um jeito de ir para o *brega* ou, ao menos, atenderia os clientes que lhe telefonassem. A entrevistada associa livremente a prostituição ao *ganho* de dinheiro fácil, e como se mostra bastante consumista, para ela essa parece ser uma boa opção: – *É um dinheiro fácil... [pausa] todo dia, qualquer momento, você tem dinheiro, você num[não] fica sem dinheiro. Mas é assim, eu num[não] dô[dou] conselho p[a]ra você entrá[r], mas, se você entrar, você num[não] quer mais sair...*

Lembrando de seu primeiro “programa”, ela conta que sentia vergonha, mas sempre pensava apenas no dinheiro:

– *Meu primeiro programa foi difícil, mas, depois... eu pensava, como é que eu vou transar com uma pessoa que eu não gosto... mas, na hora, você pensa só no dinheiro, é... pensa só no dinheiro... [pausa] Porque, quando eu trabalhava, antigamente... é... eu não conseguia ter nada agora que eu tenho. Eu não tinha um celular com câmera que tira foto, que filma, que grava, eu não tinha não... Eu num[não] tinha, assim, é, minhas coisa[s] de casa, as coisa[s] que eu gosto de comprar, eu num[não] tinha nada, não tinha condições não. Aí, depois, eu fui pr’o brega, vi que ganhava dinheiro fácil... [vo]cê engambela a cabeça do homem... o homem compra....*

No entanto, um olhar atento ao discurso de Gabriela nos leva a crer que sua predisposição para trabalhar como prostituta não está associada somente ao dinheiro, embora afirme que essa é sua principal motivação. Ela revela que antes de se prostituir, sofria muito com seus relacionamentos afetivos: – *Eu chorava muito por home[m]... aí, eu aprendi com minha tia; minha tia pegava um, pegava outro, pegava outro, pegava outro e, naquele tempo, ela dizia: ‘Gabriela, nunca se apaixone por homem nenhum’.* Daí, talvez, seu interesse primordial por dinheiro tanto em relacionamentos profissionais quanto pessoais. Além do mais, sua estima parece elevar-se quando trabalha:

– *Eu me sinto feliz com essa profissão, me sinto mais mulher, me sinto madura; amadureci muito como mulher. Eu tenho trinta anos já, eu tenho uma ideia diferente da vida, viu? [...] em termos, assim, de homem, p[a]ra mim[eu] lidar com homem, p[a]ra mim[eu] conseguir o que eu quero... a gente aprende a ser sensual, a dominar o homem... a gente aprende o ponto fraco do homem; eu saco e já vou atacando...*

## PAULÍNIA

Paulínia é uma mulher branca, loira, com trinta e quatro anos de idade; nascida no estado de Pernambuco; completou o segundo grau ainda no estado natal. Seguindo a religião católica, afirma que já foi bastante ligada à igreja. Reside, há dois anos em Salvador, mas, antes de vir morar aqui, viveu, em 2002, seis meses na África do Sul e seis meses na Itália, mais especificamente, em Roma. Contou que foi para a África trabalhar em um restaurante e, de lá, a pedido do dono do negócio, partiu para a Itália, onde ele possuía outro estabelecimento.

Afeita à terra natal, Paulínia afirma que sentiu muita saudade de sua família, e do Brasil, durante sua experiência na Europa, e diz: – *Bom mesmo é o Brasil da gente.* Prefere aqui, por se sentir mais livre, e, em especial, por não haver barreiras lingüísticas. E, apesar de falar italiano e espanhol, ela justifica sua opinião: – *Aqui a gente pode se livrar de várias coisas porque aqui a gente fala nossa língua...* Sobre as dificuldades motivadas pela nostalgia, ela então resume:

– *[...] E viver lá, é... [pausa] como é que eu posso dizer, um terror, psicológico, que você vai estar só, não conhece ninguém [pausa] porque eu já saí*

*p[a]ra fora do Brasil. [...] Tenho experiência. [...] Você chora, você acorda e tem vontade de arrancar os cabelos, porque você não tem com quem conversar.*

Ela também demonstrou certa “decepção” por achar que em Roma há tantos ladrões e traficantes de drogas quanto em Salvador, pontuando: – *[...] A Bahia, principalmente Salvador, lá fora, é conhecida como mundo das drogas e da putaria. Porque eu nem conhecia Salvador na época que eu fui pr’a Itália e já saía esse comentário sobre Salvador.*

Aqui, percebemos o interesse da entrevistada em revelar que certa “fama” sobre festas e mulheres da Bahia é vista de modo depreciativo em alguns lugares no exterior. Sobre as mulheres, ela assevera ainda, que, em Roma, era mal tratada pelas mulheres: – *Porque todas as mulheres... não é homem, é mulher; ela tem ciúme do seu corpo, pode ser branca ou negra, não importa, só de você falar ‘só brasileira’, ela tem ciúme do seu corpo.*

No seu tempo livre, gosta de freqüentar academia de ginástica e afirma que não gosta de ler, sequer revistas. Declara ser uma assídua usuária da *internet* mediante a qual procura informações gerais sobre o mundo, aproveitando, de resto, para fazer contatos com estrangeiros, principalmente, através do *orkut* e *msn*. A esse respeito, contabiliza: em sua conta no *orkut*, tem mais de mil duzentas e oitenta e duas pessoas estrangeiras e, no *msn*, entre seus dois mil e quarenta e dois contatos, cerca de metade dos quais não são brasileiros. Paulínia visita páginas na *web* mesmo em idiomas que não conhece, como, por exemplo, o japonês, sendo que, nesses casos, copia os textos e, através da própria rede, os converte para o português, conseguindo, assim, manter-se informada sobre os temas que mais lhe interessam.

Paulínia tem uma filha de dezessete e um filho de quinze anos de idade. Os dois são fruto de seu casamento com um brasileiro; atualmente, eles moram com a avó paterna em Pernambuco, mas ela mantém uma relação bastante próxima com eles, principalmente com sua filha. Tanto é assim que afirma:

– *É... tem mãe que é mãe e tem mãe que é amiga. E eu sou amiga [pausa]. E, na verdade, eu vou te dizer que a minha filha tem dezessete anos... [pausa]. Olhe, eu tô dizendo, porque é difícil falar isso, mas minha filha ela me conhece até no meu falar [pausa]. E ela sabe [pausa] de mim. Jamais ela disse a mim, ‘Mãe eu tenho vergonha’.*

É interessante observar o fato de que Paulínia é bastante coerente em suas afirmações. Na primeira entrevista realizada, afirmou que estava grávida de um espanhol com quem estava saindo e que, segundo ela, tratava-a como se fosse sua esposa. Revelou, porém, que iria abortar, pois não acredita estar em condições de ser mãe novamente e, ainda que Gabriela, sua colega, a incentivasse a manter a gravidez, ela estava decidida a interrompê-la. Em nosso segundo encontro, cerca de cinco meses depois, ela comentou que, assim como havia planejado, terminou por realizar o aborto; e, por conta disso, o espanhol que a engravidara deixou de se relacionar com ela, pois queria ser pai. Nessa situação, podemos identificar que há alguma ruptura com o imaginário sobre a submissão geralmente imputada às mulheres brasileiras, característica que muitos homens estrangeiros buscam a fim de exercer seus desejos e/ou dominação.

Quanto aos estrangeiros com os quais se envolve, Paulínia afirma que tem nojo dos italianos e que eles não sabem fazer sexo. Prefere ter relações com ingleses e, sobretudo, com espanhóis que, de resto, ela considera mais *sexys*. Informa ainda que o movimento maior de estrangeiros acontece de setembro a fevereiro e que eles pagam entre cem e quinhentos reais pelo “programa”, sendo que os que pagam menos são os chamados “veteranos” – aqueles que já sabem “pechinchar”. Os principais pontos em que eles as procuram, segundo ela, resumem-se à região do Pelourinho (Praça do Elevador Lacerda, “Cantina da Lua”, etc.) e Barra. Pela forma como eles se aproximam, ela prefere os estrangeiros aos brasileiros. Não por acaso, diz: – *O brasileiro é podre*. Já os estrangeiros admiram-na, enviam-lhe flores, uísque ou outras coisas, a fim de se aproximarem. Além disso, ela afirma que a diferença entre brasileiros e turistas é: – *O dinheiro; além de ele te dar condições, ele... é carinhoso, ele te dá atenção e não te trata como uma qualquer* – e continua – [...] *e se apaixona fácil... é só jogar o ossinho, ele [es]tá vindo... isso é bem enfático*.

Aqui, observamos, mais uma vez, uma certa inversão da percepção comum de que cabe às mulheres se apaixonarem e correrem atrás dos homens. Paulínia contou que já recebeu quatro propostas de casamento, inclusive, para ir morar no exterior, mas acha que não nasceu para casar, pois, para ela: – *Casamento não é só dizer casei. Exige dedicação e eu não sou muito de casa, sou muito de trabalho [...]*. É bem verdade que já teve relacionamentos duradouros com

vários “gringos”, entre eles um inglês e um italiano mas, apesar de considerar o tratamento dos estrangeiros diferenciado, ela é bastante enfática no interesse financeiro, pois afirma que quando se namora ou se casa com um “gringo”, – [...] *eles pensam que é dono de você. Você não respira, você não olha pr’o lado, você anda no cabresto [...].*

Paulínia afirma que começou a se prostituir unicamente por causa do retorno financeiro. Comentou, inclusive, que possui uma conta no Banco do Brasil especialmente destinada a receber ajuda financeira de estrangeiros. E contou, ainda, que um italiano mandou dinheiro para que ela fosse visitá-lo na Itália, porém, sendo ele casado, ela julgou ser melhor usar o dinheiro para outros fins. Também é bastante enfática ao afirmar que não usa drogas ilícitas, apenas fuma cigarro e consome bebidas alcoólicas. Ela acha que não é bom vender o corpo, porém, diz que o turismo sexual é a única maneira que tem para levantar uma “grana boa”. E afirma que, às vezes, o único modo de ficar com um italiano ou espanhol *fedido* é tomando uma cachaça.

Ainda a esse propósito, ela relatou que amigas que casaram e foram morar no exterior, se arrependeram, porque ficam apenas em casa, cuidando dos afazeres domésticos. Paulínia reflete:

– *Tem muitas que mentem: 'Ai! foi tão bom!'. Chega pobrinha, num[não] é bom, [es]tá entendendo? É bom quando você chega com o bolso cheio de dinheiro. P[a]ra que? Sair daqui, pr’a Europa [fala Europa com desdém]... p[a]ra dizer que foi... Eu num[não] trouxe uma pulseira, eu num[não] trouxe um presente p[a]ra minhas amigas, eu num[não] trouxe nada? Niente? Não é possível [pausa], não existe. Vai com a mão na frente e volta com as duas atrás... Aí, ainda diz: 'Eu viajei...'. Ô Meu Deus, ficou dentro de casa, isso, não saiu p[a]ra lugar nenhum e só ficou dentro de casa esperando ele chegar do trabalho, entendeu?*

Nessa declaração de Paulínia, podemos perceber que ela tem alguma consciência sobre as condições de vida das mulheres brasileiras que migram para o exterior após contrair matrimônio com nativos de lá. Pois, em diversas ocasiões, as diferenças culturais, e a reprodução de papéis androcêntricos, favorecem a subalternidade da esposa brasileira frente a seu marido europeu.

Segundo ela, os estrangeiros que a procuram são, em geral, marinheiros, agricultores, médicos e psicólogos, na faixa etária entre trinta e cinquenta anos. No

seu entender, eles procuram profissionais do sexo – [...] *porque no país dele não tem, só tem mulher fria e calculista [risos], e as brasileira[s] são quente[s], na verdade.* Além disso ela acha que *eles querem relacionamento, filhos... carência, né?* De acordo com ela, os turistas que atende falam sobre o Brasil: – *Muito perigoso primeiro... [pausa] as mulheres são muito boa[s], carinhosas, as mulheres são muito carinhosa[s], atenciosas.* Porém, quando indagada sobre a ideia de que eles têm dos brasileiros em geral, diz: – *Na verdade? [risos] ladrões e putas e drogas; só isso que eles pensam.* Conforme seu depoimento, em 2008, cerca de quatorze mil turistas deixaram de vir a Salvador, principalmente, por conta da falta de segurança.

Sem se limitar ao continente europeu, ela afirma que tem vontade de conhecer Israel, por conta das passagens bíblicas, e que se casaria apenas se o marido tivesse muito dinheiro para levá-la a viajar para conhecer outras culturas. Paulínia quer parar de se prostituir e abrir um salão de estética, pois, além de vendedora e gerente (de restaurante e supermercado), já trabalhou como cabeleireira, manicure, depiladora e maquiadora. Ela falou que tem essa meta e pretende atingi-la em breve. Atualmente, sua renda vem exclusivamente do trabalho como prostituta e ela conta que pode chegar a ganhar cerca de seis a oito mil reais por mês, como tem época que ganha cerca de duzentos a quinhentos reais por mês.

Ela ajuda sua mãe, seus filhos, além de ter uma casa em Feira de Santana, onde mora uma pessoa a quem ela se refere como “Vida”. Em Salvador, divide um apartamento com uma amiga, na Barra. Paulínia parece bem decidida quanto a atingir seus objetivos, e, por fim, declara:

– [...] *eu acho que, em si, eu ganho bem, com os turistas, porque eu me adapto a um sentido... eu tenho calma e paciência [...] Entendeu? [pausa] Porque se eu começar a beber muito, me estressar muito, eu não vô[vou] atingir a minha meta, o que eu quero, então, eu tenho calma e paciência [...].*

## AURELINA

Indagada sobre sua compleição física, Aurelina diz que se sente muito bem, maravilhosa. Ela é uma mulher negra, com quarenta e oito anos de idade, estatura média baixa e corpulenta. Nasceu no interior da Bahia, mas reside em Salvador já há mais de vinte anos; atualmente mora com familiares no bairro da

Liberdade e se declara seguidora do Catolicismo. Já foi casada uma vez, mas nunca teve filhos(as). Tendo estudado até a sexta série do ensino fundamental, não fala nenhum outro idioma e teve experiências profissionais relacionadas a atividades de vendedora, balconista e camareira, além de já ter trabalhado, também, em bar e restaurante.

No seu tempo livre, Aurelina gosta de realizar afazeres domésticos, como, por exemplo, limpar a casa e lavar roupa; além disso, ela gosta muito de ouvir músicas populares e *reggae*, declarando-se admiradora de Edson Gomes, Ivete Sangalo, Seu Jorge e Ana Carolina.

Aurelina tem uma irmã que é casada com um alemão há cerca de doze anos. Ela contou que sua irmã foi para a Alemanha para trabalhar e voltou para o Brasil com o namorado alemão, para, aí então, noivar, casar e voltar para a Alemanha. Sua irmã vem para o Brasil, em média, a cada seis anos. A entrevistada aparenta ter orgulho de sua irmã que, segundo ela, *acertou na loto*, pois seu marido a valoriza.

Embora acredite que sua irmã *deu sorte*, como ela mesma diz, na primeira entrevista, Aurelina assegurou que seu interesse pela Europa se resume a conhecer e passear pelo Velho Continente. Mas, apesar de não ter intenções de migração, não gostaria de ir com um alemão, porque tem medo, por saber que eles gostam de *fazer o negro de empregado*. Ela afirma que só iria para um país estrangeiro com um homem, se fosse: – [...] *Com dinheiro na mão, porque chegar lá e eles me fazer[em] de empregada, eu volto, tenho como voltar, porque se eu não levar dinheiro e ele me fa[i]zer de empregada vou ter que ficar lá, que ele não vai me mandar de volta... tenho medo*. Nesse ponto, Aurelina parece consciente da questão racial que permeia as relações afetivas/sexuais entre estrangeiros e brasileiras, assim como, também, demonstra conhecimento sobre as assimetrias socioculturais que podem se tornar mais evidentes em contextos adversos aos habituais dela; tanto é assim que “tem medo” de se aventurar em países estrangeiros.

No entanto, é interessante avaliar que, na segunda entrevista, ela disse que não iria para o exterior – *Eu não vou nem morá[ar], nem passeá[ar]* –, porque não viajaria em um avião nem em um navio. Ela diz: – [...] *Mas se o cara que eu tivesse, tivesse um dinheirão bom, eu ia em São Paulo, no Rio, em Brasília, mas não ia em Paris*. Nessa hipótese, ela alugaria um carro e iria *passeando, andando*,

*tomando minha cervejinha.* Aqui, é interessante observar que Aurelina considera a possibilidade de ter muito dinheiro apenas ganhando por meio de jogo (loteria), ao que ela se refere em outro momento da entrevista, com as seguintes palavras: – *Olha meu amor, se eu acertasse na loto, ganhasse um dinheirão...* ou, como na passagem citada no início do parágrafo, através do homem com quem ela venha a se relacionar, sendo que, em nenhum momento, ela considera a perspectiva de consegui-lo por meio do seu trabalho.

Outro posicionamento divergente aparece quando indagada sobre relacionamentos com estrangeiros. No primeiro encontro, Aurelina disse que gostaria de casar com um homem [...] *que não seja brasileiro, agora, que me dê valor e me trate bem.* Em outro momento, reitera: – *Mas se fosse p[a]ra ficar, eu preferiria um gringo.* Nesse primeiro momento, ainda, ela afirma que pensa que a Europa é um lugar melhor para se viver do que aqui, *porque tudo lá é melhor do que aqui,* inclusive o tratamento entre as pessoas.

Num segundo encontro, quando questionada sobre expectativas de relacionamentos duradouros com estrangeiros, Aurelina afirma que não tem interesse e complementa: – *Só p[a]ra sair, curtir[r], ganhá[ar] dinheiro e mais nada... num[não] quero negócio de duradouro, de amor, de casamento com ninguém de fora.* E, em outro trecho, sobre um hipotético casamento com estrangeiro, reafirma: – *Eu não queria casar com ele porque eu não vô[ou] p[a]ra lugar nenhum.* Quando indagada sobre a Europa, declara que pensa que lá é igual a aqui e explica sua opinião da seguinte forma:

– *Eu penso, porque nós tem[os] a curiosidade de querer ir lá porque num[não] conhece... os de lá tem a curiosidade de vim[ir] pr'aqui porque num[não] conhece aqui, entendeu? Lá, p[a]ra mim, é bom, como se fosse qualquer outro lugar, tenho curiosidade não.*

Referindo-se aos homens estrangeiros, ela não titubeia ao afirmar que eles são melhores que os brasileiros e que, além de pagarem melhor e reclamarem menos, eles as tratam muito bem – *a brasileira, a baiana, ele trata sensacional* – inclusive, ela faz uma explanação dizendo que se tomarmos como exemplo dez brasileiros e dez estrangeiros, um brasileiro entre os dez a trataria bem, enquanto entre os estrangeiros todos o fariam. Diz, ainda, que o tratamento dos brasileiros *não chega nem aos pés* do tratamento dispensado pelos estrangeiros. Considerando que

eles dão mais valor às mulheres, continua – *Em tudo. Dá as coisas à gente, dá presente, dá a confiança deles, assim, à gente, bem melhor.*

Aqui, parece que a entrevistada faz uma associação simples entre *dar valor à pessoa* e dar presentes, mas é importante destacar que ela considera *dar confiança* algo muito importante e destaca que os estrangeiros se mostram mais dispostos a fazê-lo do que os brasileiros. Em outros momentos, ela cita a questão da confiança, novamente: – *Dá confiança, ele dá o que ele tem, dá tudo p[ar]a você, assim. Tudo, confiança e tudo.* Ao que parece, Aurelina está inserida num contexto social em que poucas pessoas *lhe dão confiança* e ela acha que os estrangeiros estão entre os poucos dispostos a confiar nela, embora devamos considerar as barreiras lingüísticas, já que ela não fala nenhum outro idioma além do português.

Sobre casamento, quando indagada sobre o que espera de um relacionamento amoroso, ela reflete: – *Poxa... eu espero tanta coisa... espero que a gente se dê bem, que aquela pessoa goste... que me dê uma vida boa, uma vida maravilhosa [...].* Ao que podemos inferir, o relacionamento amoroso está diretamente relacionado a uma relação estável com alguém que goste dela, mas que também possa *lhe proporcionar uma vida melhor*: um provedor. Mais uma vez, remete-se a certa passividade para “mudar de vida”, como já foi comentado em outro trecho desse perfil.

Conversando sobre as etnias preferidas, na primeira entrevista, ela disse preferir os italianos e alemães porque são os mais atenciosos, embora, na mesma entrevista, já tivesse afirmado que os alemães são racistas e que os italianos são *ruins de cama*. Quando questionada, em nosso segundo encontro, sobre suas etnias preferenciais para casar, ela revelou que, nesse caso, prefere os americanos, os negros americanos, porque são os mais bonitos. Lembrando que Aurelina é negra, parece que, pensando em um matrimônio hipotético, ela tende a preferir homens também negros.

Já sobre os homens nos quais ela tem menos interesse, na primeira entrevista, afirmara que eram os africanos o que justificou explicando que *eles não dão valor à mulher*, ao menos, nos contatos profissionais que ela teve com eles. Nesse ponto, é importante salientar que, além da aptidão pessoal, há, também, a questão racial, pois Aurelina não é “exótica” para os homens africanos como é para os europeus, de um modo geral. A própria entrevistada pondera que o tratamento

desinteressado por parte dos africanos pode estar relacionado à raça/etnia. Porém, em outra oportunidade, quando questionada sobre a nacionalidade dos homens com os quais ela não tem nenhum interesse em se casar, afirmou que são os espanhóis, porque eles são muito preconceituosos, e só se *soltam* depois que confiam muito na pessoa.

Podemos perceber que Aurelina faz uma certa distinção entre os homens com quem ela prefere se envolver profissionalmente e homens com quem ela preferiria se relacionar afetivamente. Falando sobre os homens com quem sai, ela diz que não gosta de homens novos e que a maioria dos clientes que atende tem entre quarenta e cinco e cinqüenta anos, embora enfatize: – *P[a]ra mim, qualquer idade, tendo dinheiro.*

Percebendo o contexto em que os turistas procuram profissionais do sexo em Salvador, afirma que durante o verão o movimento de visitantes é maior. E, nota ainda, que os principais lugares onde ocorrem os encontros entre prostitutas e turistas são: Barra, Pelourinho, Orla, Praia do Flamengo, Praia do Forte, Piatã e Itapuã. No caso de Aurelina, o contato entre ela e os clientes é direto, ou seja, sem intermediários.

Discorrendo sobre as motivações masculinas para a procura de sexo pago, Aurelina considera que, em geral, os homens o fazem procurando *coisas diferentes, coisas que não fazem em casa*, já que a maior parte dos clientes é casada – *O que eles faz[em] na rua eles não faz[em] com elas, em casa, né?[...]*. Nesse trecho, percebemos uma ideia bastante usual, da separação entre o público (rua) e o privado (casa). Esse tipo de correlação é muito antigo e envolve preceitos religiosos nos quais as mulheres para casar (esposas/lar), só mantêm relações sexuais com intenções de procriação, enquanto as prostitutas (rua) fazem sexo com o intuito de propiciar prazer aos homens.

Aurelina contou, ainda, que conhece várias mulheres que só se envolvem com estrangeiros, explicando tal opção da seguinte maneira: – *Porque elas diz que os gringo[s] paga[m] mais, paga[m] mais, num[não] exige[m] nada, num[não] exige[m] preço... num[não] exige[m] qualidade, num[não] exige[m] nada... nada mesmo.* E, sobre o turismo sexual, em especial, ela disse que gostaria que houvesse investimentos do governo para que não precisasse participar desse tipo de atividade, pois considera *horrível, ruim e esquisito*.

Mas Aurelina considera, também, que deveria ter mais segurança para os turistas para que eles voltem, pois alguns afirmam não ter interesse em voltar para cá por conta da falta de segurança, complementando, ainda, que a ideia que os turistas passam sobre o Brasil é que *alguns gostam e outros não*, sendo que muitos vêm apenas uma vez, para *tirar a curiosidade*. Já sobre as brasileiras, disse apenas que eles as acham boas, calmas, carinhosas e meigas.

## ROSEANE

Roseane é uma jovem mulher, com vinte e três anos de idade, nascida em São Miguel dos Campos, em Alagoas. Ela tem cabelos castanhos claros, cacheados, é branca, apresenta uma estatura mediana e corpo esbelto. Porém, quando perguntada como se descreve fisicamente diz apenas que se acha *bem simpática e bem agradável*.

Dentre as entrevistadas, ela é a que mais estudou, pois iniciou o curso superior de jornalismo. Entretanto, ela cursou somente até o segundo ano, quando parou, por falta de dinheiro para pagar as mensalidades, lembrando que sua família não tinha condições de ajudá-la. Mas ela afirma que pretende voltar a estudar assim que possível, pois, no seu tempo livre, além de freqüentar a academia de ginástica e passear, ela gosta, também, de estudar e pesquisar.

Foi quando trancou a faculdade que ela saiu de Sergipe, onde estudava, e veio para Salvador, há cerca de dois anos e meio atrás. Foi, também, nessa época, que começou a acompanhar o candomblé, por se interessar pela cultura afro, procurando interação com essa cultura tão diversa da sua de origem, pois, ainda hoje, quando indagada sobre qual religião segue, afirma ser católica e justifica: – *Eu sou católica como minha família, mas eu não tenho aquela crença de ir na igreja*.

A experiência profissional de Roseane é basicamente em lojas de *shopping* e em escritório. Ela fala inglês e tem conhecimentos básicos de espanhol, grego e russo. Questionada sobre suas pretensões de morar na Europa, disse que tem vontade de morar lá, mas não para fazer programas. E complementa: – *Na oportunidade eu vou p[ar]a trabalhar como outra coisa, porque eu tenho conteúdo; então não tenho essa necessidade de viajar p[ar]a me vender lá...*

Nesse trecho, parece importante destacar a colocação da entrevistada sobre *trabalhar como outra coisa*, levando-nos a perceber a ideia de *coisificação*

associada, por ela, à atividade de prostituição. Ao ser estereotipada como *mulher objeto*, que comercializa o próprio corpo, parece que ela internalizou o tratamento de coisa/objeto que recebe.

Outro ponto que merece atenção nessa passagem é a afirmação dela quando diz ter conteúdo, não tendo necessidade de viajar para se vender no exterior, o que torna interessante refletirmos sobre a sua motivação para se vender aqui. Numa primeira e rápida reflexão, podemos nos guiar pela crença da falta de oportunidades e, em especial, da desvalorização de pessoas sem formação superior completa no mercado de trabalho brasileiro. Desse modo, aqui, pode parecer mais vantajoso se prostituir, enquanto lá, ao menos no seu imaginário, a sociedade é mais justa, então haverá oportunidades que valorizem seus conhecimentos e sua formação.

Ainda sobre sua vontade de morar na Europa, Roseane não afirma diretamente, mas coloca que gostaria de morar lá por um período, para juntar dinheiro: – *Lá seria um bom início p[a]ra ter alguma coisa aqui no Brasil*. Ela associa tais oportunidades, também, ao caráter do povo europeu, se é que podemos utilizar tamanha generalização (povo europeu). Segundo a entrevistada, os europeus são mais educados e têm uma visão mais materialista: eles são frios mas lutam por trabalho, são ambiciosos. Já os brasileiros, na sua visão, são mais ligados à emoção, são muito abertos e mais voltados para brincadeiras do que para o trabalho.

Especificamente sobre os homens estrangeiros, além de destacar sua beleza, afirmando que se envolve muito com gregos, Roseane coloca, também, que é muito bem tratada por eles: – *Eu num[não] tenho do que reclamar, me tratam muito bem, nunca sofri violência, graças a Deus... eu num[não] tenho o que falar deles, até o momento*. Ela prefere se relacionar com estrangeiros porque julga que eles são mais sinceros que os brasileiros. De acordo com Roseane, os brasileiros *prometem mundos e fundos e olham muito o que você é por fora*, além de serem grosseiros na forma de falar e tornarem a situação (encontro) vulgar. Já os estrangeiros *se envolvem mais por dentro, por uma boa conversa, ele gosta da mulher pelo que a mulher faz e tem*.

Outra distinção favorável aos *gringos* é que, na apreciação de Roseane, os estrangeiros parecem namorados, não fazem perguntas, o que colabora para que o caráter comercial da relação se torne sutil, possibilitando que a profissional se

sinta mais *à vontade*: – *Você até esquece o que [es]tá fazendo, é meio difícil esquecer mas... por um momento...* Essa mesma questão, referente aos estrangeiros parecerem namorados, é lembrada, novamente, em outra situação, na qual a entrevistada aponta: – *Ele já senta como se fosse um namorado, um amigo, eles lhes respeitam, entendeu?* Tal colocação nos leva a pensar que os brasileiros que não são seus amigos ou namorado não a respeitam, incluindo aí toda a clientela em potencial. Salientando ainda, que ela afirma que habitualmente atende homens jovens, justamente porque, quando expostos ao público, parecem namorados, revelando certa vergonha de sua atividade profissional.

Embora tenha a concepção de que os estrangeiros valorizam mais as mulheres, quando são comparados aos brasileiros, Roseane tem consciência de que, muitos turistas que vem ao Brasil, não são exemplos de cultura e educação. Segundo ela: – *Tem muito estrangeiro filho da puta, muito estrangeiro drogado; vem pr'aqui só p[a]ra esculhambar.* Mas, para ela, esses são menos da metade dos visitantes que aportam em terras brasileiras.

Sobre os turistas com quem tem contato, Roseane afirma que a maioria vem dos Estados Unidos, Espanha e Itália, mas ela trabalha, principalmente, com marheiros, dentre os quais destaca os oriundos da Grécia, Ucrânia, Turquia e Noruega. Dentre as etnias citadas, ela prefere os gregos, por considerá-los mais interessantes e inteligentes, e explica: – *Eu me adapto muito a eles.* Inclusive, atualmente, ela tem um noivo grego com quem está decidindo se vão morar no Brasil ou na Grécia, após o casamento. Já, entre os turistas que menos aprecia, estão os filipinos *porque eu não me adaptei.* É interessante notar que essa reflexão sobre adaptar-se, reitera a ideia de ajuste/negociação entre cliente e produto/fornecedor, comum a qualquer transação comercial.

Ainda sobre os estrangeiros que atende, ela assevera que é a partir do mês de agosto que o movimento se intensifica, sendo que os principais lugares em que eles as procuram é no Pelourinho, na orla, e em boates na Barra e Pituba. Ela ainda faz uma breve consideração sobre a forma de pagamento por parte dos *gringos*, explicando que eles fazem uma espécie de *contrato*, a fim de assegurar os serviços de uma determinada mulher por vários dias, o que ela julga ser muito melhor.

Roseane já teve experiências também fora do país, pois morou seis meses na Grécia para onde foi acompanhando um homem mais velho que lhe propôs casamento. Após esse período, de *experiência*, ela seria *obrigada* a casar para poder permanecer legalmente no país. Foi quando resolveu voltar para o Brasil, já que não tinha nenhum sentimento *especial* por tal homem. Ela afirma que ele aceitou sua decisão e até hoje lhe escreve cartas oferecendo ajuda para o que precisar, mas ela evita esse vínculo.

Além da tentativa de viver com esse senhor grego, ela contou também, que já foi casada com um brasileiro e que já sentiu vontade de se casar com um estrangeiro (não especificou a nacionalidade), mas ele era casado. A respeito desse último, ela diz: – *Quando é que eu ia acreditar que o homem ia se separar da mulher dele p[a]ra... acabei, esqueci.* É interessante notar que ela associa a ideia de casamento a sentimentos, diferente de algumas outras entrevistadas que pensam em casar apenas para ter um provedor. Além disso, ela também se distingue, de certo modo, por afirmar que não deu certo porque *eu é que não quis*, ou então, *eu evito esse vínculo*, ou ainda, *acabei, esqueci*, tomando para si a agência e a responsabilidade de suas ações e, também, as conseqüências delas.

Ampliando a discussão para o círculo social da entrevistada, ela citou algumas amigas e conhecidas que moram na Grécia e uma que mora na Ucrânia, casadas com nativos de lá. A informante comenta que, de um modo geral, elas estão bem, constituíram família mas, reclamam do ciúme excessivo dos maridos. É então que afirma que as mulheres têm que ser inteligentes, procurar melhorias, ter opiniões próprias, aprender outras línguas e, se vierem a casar com estrangeiros, devem trabalhar, senão,

– *Você vira uma escrava daquele estrangeiro que tanto lhe fez promessa [...] Tem muitas mulheres que são estúpidas e acham que aquela vidinha medíocre que aquele cara [es]tá dando está ótima.*

Seu discurso, mais uma vez, reitera a percepção exposta anteriormente, sobre a sua agência pessoal.

Finalizando, quando questionada sobre o turismo sexual, ela pondera: – *A pior parte que eu acho é quando a... a violência é contra o menor, né?!*, sinalizando que, de certa forma, ela julga que a prática do turismo sexual é uma violência. Mas ela discorre apenas sobre a questão da pedofilia, afirmando que já chegou a chamar

a polícia e a brigar com turistas que pediram que ela passasse o contato de meninas menores de idade.

## ANDRÉIA

Andréia é uma mulher alta, branca, tem cabelos escuros, compridos e lisos. Nasceu em Jequié, interior da Bahia, mas, há cerca de vinte anos, mora em Salvador. Ela veio para a capital acompanhando o marido, pai de seu filho, com quem foi casada durante dezoito anos. Porém, se separou quando o filho ainda era adolescente e, então, o pai do menino parou de lhe ajudar com as despesas da casa. Foi nesse momento que ela começou a fazer programas, sendo que, hoje, se sente orgulhosa de ter conseguido sustentar seu filho e pagado seus estudos até ele se formar em Educação Física.

Atualmente, Andréia tem quarenta e nove anos e se descreve, fisicamente, como *uma mulher que chama a atenção dos homens* e completa: – *Não me acho bu[on]ita mas os homens acham, me acho isso, mulher tipão, elegante...* Apesar de valorizar a instrução propiciada ao filho, ela estudou somente até o primeiro ano do ensino fundamental, e não fala nenhum outro idioma. Sua experiência profissional passa por atividades como babá, acompanhante de idosos e, hoje em dia, é vendedora *porta a porta* da *Natura*, além de auxiliar seu filho em uma academia de ginástica em que ele trabalha. Conjugando tantos afazeres, ela não tem muito tempo livre, mas, nas horas de lazer, gosta de ver novelas, ouvir música, ir à praia e ao teatro.

Quando conversamos sobre seu interesse em morar no exterior, Andréia afirmou que não gostaria de morar lá, mas sim, passear. Sobre o Velho Continente, ela imagina que *sejam países muito bom[ns], melhores que o Brasil [...] em cultura... em tudo*. Porém, em nosso segundo encontro, disse não ter uma opinião formada sobre a Europa, porque não conhece tal região. Considerando que a pergunta foi a mesma nas duas situações – "O que você pensa sobre a Europa?" – podemos considerar que, num primeiro momento, como ainda não sabia ao certo do que se tratava, deixou seu imaginário fluir. Já, na segunda vez em que discutimos o assunto, ela já sabia se tratar da temática do turismo sexual, daí a sua hesitação em asseverar algum julgamento.

Discorrendo sobre as diferenças entre brasileiros e europeus, a entrevistada é enfática ao afirmar que essa existe e cita, por exemplo, que os estrangeiros são *legais, educados*, ou ainda: – *Os poucos que eu me relacionei foram maravilhosos*. Ao que nos parece importante destacar que, *se relacionar*, para Andréia, aparenta ter um sentido ligado a certa *continuidade* de encontros, ou seja, um único programa realizado com um homem não o coloca entre os que ela se relacionou, como na passagem acima.

Ainda sobre os estrangeiros, Andréia explica porque considera o tratamento deles melhor em comparação ao dos brasileiros: – *Mais carinhoso, ahhh!, mais atencioso; quando gosta, gosta mesmo; quando está no Brasil, realmente, se ele gostar, ele gostou de mim, então ele fica comigo e num[não] é outra, até ir embora*. A informante lembra que, cerca de doze anos atrás, recebeu uma proposta de casamento para ir morar na Europa, mas não aceitou por causa de sua família, principalmente de seus filhos. Tendo em vista que, quando veio para Salvador, Andréia era casada e que, começou a fazer programas depois de já ser mãe, ela afirma que nunca teve interesse em morar fora do Brasil, pois foi apenas nessa época que ela começou a ter mais informações e contato com estrangeiros.

Porém, Andréia revelou que tinha a intenção de ter relacionamentos duradouros com estrangeiros sim, mas gostaria que seu parceiro hipotético morasse no Brasil, para ela não ter que morar no exterior. Ela justifica sua intenção porque os considera mais carinhosos e fiéis. Sobre o que esperar de um casamento com um *gringo*, ela diz: – *Bem, eu esperaria, porque ele me conheceu fazendo programa, p[a]ra sair disso, p[a]ra sair disso, do programa, ter uma vida estável, [pausa] é o que eu queria com eles, uma vida estável; lógico que eu tinha que gostar dele também, amar ele também*. Mas, ela garante que prefere se envolver com brasileiros a *gringos*, em especial, por conta do idioma, que ela julga ser sua maior dificuldade para se relacionar com estrangeiros.

Conversando sobre as etnias que conhece, a entrevistada destaca a espanhola, e a alemã: – *Foro[am] os dois que eu tenho*. Porém, quando questionada sobre os que mais lhe atraem, ela disse ser os espanhóis, porque eles a tratam melhor e, nas suas palavras, *o dinheiro deles é bem melhor*. Em nosso segundo encontro, ela lembrou, também, dos italianos: – *Eles são tudo de bom*. Já entre os estrangeiros que menos aprecia estão os americanos e os gregos, porque, para ela,

*o sexo deles é diferente*, já que teve experiências com representantes de tais etnias e concluiu que eles gostam de sexo anal, prática que não a agrada. Ainda sobre seus clientes estrangeiros, nos parece que existem três que sempre que estão no país a procuram, sendo que os demais turistas ela encontra aleatoriamente, pois, em certo momento, afirma: – *Eu tenho uns três e, por sinal, um me ligou ontem, [es]tá no Rio.*

Quando levada à reflexão sobre por que começou a sair com estrangeiros, a entrevistada comenta: – *Porque eles paga[m] bem, trata[m] a gente muito bem, trata[m] a gente com carinho, como ser humano, por isso. Ele dá valor à gente, à profissão da gente.* Sendo que, nesse trecho, nos chama a atenção o fato de Andréia colocar que os estrangeiros tratam as prostitutas como seres humanos, nos levando a refletir sobre o tratamento *coisificado* que recebem dos demais clientes, ou seja, os brasileiros. Porém, não devemos ignorar a barreira lingüística, pois Andréia não tem conhecimento de outros idiomas, o que pode facilitar o uso do imaginário como mediador nas suas relações com turistas.

Sobre a presença de turistas procurando por serviços de profissionais do sexo, ela percebe que o período de maior movimento é durante o verão e aponta que os principais locais em que eles procuram são: Pelourinho, Barra, “Casquinha de Siri” (em Piatã) e “Língua de Prata” (em Itapuã). Andréia diz que conhece os turistas através de abordagens diretas, que eles a chamam, e quando retornam a cidade, muitas vezes ligam ou então a procuram num bar onde ela tem *ponto certo*, e aí o garçom indica onde ela está ou fornece o número de seu telefone.

Acerca das ocupações de seus clientes estrangeiros, Andréia aparenta não ter muito interesse, sendo que se lembra apenas de um comandante de navio, um imediato e um outro que lhe disse trabalhar em uma construtora. Complementando as informações sobre os *gringos* com quem se envolve, ela afirmou gostar de homens *maduros*, avaliando que a média de idade dos estrangeiros que atende é entre cinqüenta e sessenta anos. Andréia julga que os homens procuram prostitutas em busca de práticas sexuais diferenciadas: – *O que eles não acha[m] em casa, eles acha[m] com a gente.* Nessas considerações, vemos uma reprodução do discurso comum sobre a prostituição (mulher da rua, ao contrário da esposa, é para dar prazer), o que se confronta com a afirmação anterior da entrevistada, na qual disse não gostar de *sexo diferente*, pois ela não gosta da

prática de sexo anal a qual, afirma, alguns turistas solicitam. Percebemos, mais uma vez, a internalização de um discurso dominante, que visa classificar as mulheres em "da rua", ou "para casar".

Ainda a propósito dos clientes, indagada sobre os comentários que eles fazem sobre as brasileiras, Andréia diz: – *Comentam que acha[m] a gente maravilhosa, gosta[m] muito da gente, gosta[m] do Brasil. [...] as mulheres são quente[s], as mulheres brasileiras, as baiana[s], principalmente [...] [tem] a fama de mulé [mulher] quente.* E continua, agora discorrendo sobre as impressões que eles têm do país: – *Fala que gosta, gosta da comida, gosta das mulheres, em primeiro lugar, as mulheres [risos] que eles gostam, segundo eles, gostam da comida, gostam da bebida....* Aqui, percebemos uma aproximação usual em discursos “machistas” entre mulheres e comida, por considerarem que ambas servem para propiciar sensações prazerosas aos homens.

Sem se limitar à sua própria experiência, a entrevistada comentou que tem amigas que só se envolvem com estrangeiros e afirmam fazê-lo por conta do dinheiro e do tratamento, que são considerados melhores. Inclusive, ela citou duas amigas, uma que mora na Itália e outra que reside na Espanha que, após se casarem com nativos dos respectivos países, dizem que são felizes e estão *muito bem*. Porém, em outro momento, Andréia citou exemplos de amigas que foram para Europa e se *deram mal*, pois, de acordo com seu depoimento, há homens que são bons, aqui, mas quando voltam para seus países de origem mudam a forma de tratar a companheira. A esse respeito conta:

– *A família dele chamava ela de negra, porque ela era negra, porque tinha que ser empregada dele... da família, não mulher dele, então... Tratava diferente, lá, ela me falou [ou] quando ela voltô[ou], que nem roupa p[a]ra vestir, tinha; eu que ajudei, dava blusa, dava uma saia, um vestido, p[a]ra ajudar. [...] Que ela veio sem nada, veio sem nada, foi, foi. Muitas se dão muito bem, muito bem, como eu tenho essa amiga que vive muito bem, [es]tão muito bem, graças a Deus; uma não, tem várias.*

No entanto, dando vazão à conversa, ela revela que a sua amiga, já citada, que foi morar na Itália, depois de se casar com um italiano que conheceu em Salvador, há pouco tempo atrás, veio para o Brasil, sozinha, e foi fotografada para uma entrevista em uma revista nacional, junto com algumas amigas, no Pelourinho.

Por intermédio de um amigo que esteve no Brasil, o marido dela viu a foto na revista e a proibiu de viajar sozinha para cá. Ou seja, embora não assumam, muitas mulheres que dizem *estar bem*, vivendo com maridos estrangeiros no exterior, sofrem com a possessividade que, muitas vezes, eles não conseguem exercer com suas compatriotas.

Sobre o turismo sexual, Andréia relatou que considera a atividade *normal*, que é *a luta pela sobrevivência*, e que tudo é válido para não ser desonesta. Ela especula que, se tivesse um marido com boas condições financeiras, pararia de fazer programas e trabalharia apenas com seu filho na academia. Atualmente, ela não consegue estimar seus ganhos mensais, pois sua única renda fixa é de quatrocentos e quinze reais por mês, que recebe como atendente de academia. Já com os programas que faz, afirma que é muito variável, que chega a fazer programas por duzentos reais, mas tem semanas *que é um horror*.

Embora ainda pague um financiamento, Andréia tem um apartamento próprio. Esse imóvel era de seu ex-marido, pai de seu filho, de quem ela se separou há muitos anos, mas não se divorciou. Com o falecimento dele, o apartamento ficou com ela e o filho. Além de seu filho, de vinte e três anos, ela cria, também, um sobrinho que tem dezessete anos de idade e ainda estuda. Os dois moram com ela, sendo que seu filho mais velho a ajuda com as despesas da casa, motivo que a leva a afirmar que em breve quitará o apartamento e então parará de fazer programas.

É interessante destacarmos ainda que, Andréia é seguidora da Igreja Universal e, talvez por sua opção religiosa ou mesmo por conta de sua idade, em vários momentos ela se demonstra retraída para falar de alguns assuntos, como, por exemplo, em vários trechos que pede permissão *Pode falar?* ou então, *Pode falar tudo, num[não] pode?*. Além disso, ela esconde da família, principalmente dos filhos, que faz programas. Embora fique na Praça da Sé (conhecido ponto de prostituição em Salvador) à espera de clientes, ela usa seu trabalho de revendedora da *Natura* para justificar suas saídas e seus ganhos.

Para finalizar, notamos que, além das necessidades financeiras, talvez existam outras motivações para Andréia se prostituir como carência afetiva, por exemplo, pois, atualmente, seu filho mais velho a ajuda nas despesas domésticas, ela tem apartamento próprio, recebe um salário fixo na academia onde trabalha com o filho, e ainda conta com a comissão dos produtos que vende *porta a porta*. A possibilidade de ter uma componente relacionada à busca de afeto aparece quando

ela, falando sobre as origens dos turistas com quem se casaria, comenta: – *Humm... Italiano é tudo de bom, espanhol também* [pausa] *Eu gosto muito do espanhol, espanhol é maravilhoso também, pelo menos, o que eu tenho, demora, mas me liga, me procura* [pausa] *Mesmo eu não sendo menininha, eles me amam, me adora[m], como eu sô[sou]*. Ou seja, ela aprecia que os homens a procurem, retornem e, mais ainda, a sua valorização, como ela é. O que talvez fosse mais complicado no meio social no qual ela está inserida, quando não está atuando como prostituta.

## VIVI

Vivi é uma mulher parda, com quarenta e sete anos de idade, tem cabelos castanhos encaracolados na altura do queixo e quanto ao seu físico, pode-se dizer que é encorpada. Quando indagada sobre uma auto-descrição física, Vivi afirmou que está bem, que fez exames recentemente, *até o HIV eu fiz o mês passado*, e que sua saúde está boa. Aqui, parece interessante salientar que ela é uma das poucas, se não a única das entrevistadas, a articular seu físico à saúde, o que é relevante, por não se restringir a aparência.

Vivi estudou até o segundo ano do ensino médio, fala inglês básico e sempre trabalhou como cabeleireira e manicure. Ela nasceu e viveu em Ipiaú, no interior da Bahia; morava com as irmãs desde que seus pais se separaram e saiu da casa delas já casada. Aliás, sobre o casamento, a entrevistada faz questão de lembrar que se casou com o primeiro namorado, com quem teve sua primeira experiência sexual, e foi também o pai de seus dois filhos. Quando os filhos ainda eram pequenos, ela se separou e, então, veio para Salvador, novamente trabalhar como cabeleireira.

Nessa ocasião, Vivi se hospedou na casa de sua irmã Neide, que já se prostituía na época. Ela conta que uma colega sempre a chamava para ir aos navios atender os marinheiros, mas ela tinha medo, e sua irmã falava: – *Não, num[não] leva ela não que ela não quer ir não, que ela tem medo*. Até que um dia ela foi, e desde então passou vários anos se dividindo entre trabalhos em salões de beleza e os programas nos navios.

Atualmente, suas atividades como cabeleireira são realizadas através de atendimentos em domicílio; já em relação aos programas, como não é mais permitida a visita de não tripulantes, passou a freqüentar a Praça da Sé, local em

que transitam turistas, soteropolitanos e, também, os marinheiros. Ela declara que era evangélica, o que ocupava parte de seu tempo livre, mas agora está afastada e quando não está trabalhando, Vivi gosta de cozinhar, bordar, fazer crochê e ouvir música popular brasileira.

Sobre a Europa, julga que lá é *primeiro mundo*, é bom, mas pondera que o Brasil também é um país muito rico, apesar das disparidades sociais. Ela disse que gostaria de ir ao Velho Continente apenas para passear e cita lugares que tem vontade de conhecer, como, por exemplo, a Grécia e a África. Esta última ela relaciona ao *reggae*, estilo musical de que é apreciadora. Sobre os estrangeiros, em geral, ela considera que, assim como existem brasileiros bons e brasileiros estúpidos, há *gringos* bons, e *gringos* estúpidos. Mas, quando a indagação se refere às diferenças entre homens estrangeiros e brasileiros, a resposta é clara: – *Eu acho [os estrangeiros] melhor que os brasileiros*. Explicando sua opinião sobre os estrangeiros, ela coloca:

– [...] *porque eles trata[m] a gente como rainha [pausa], até quando a gente chega [pausa], porque eu ia muito p[a]ra navio, [pausa] nunca fui pr’a casa deles mas o navio é a casa deles, né?, o país dele. Quando a gente estava lá com eles, eles tratava[m] a gente como uma rainha, até a comida levava na cama, café, tudo. [pausa] É, a raça coreana, mesmo, dá banho na gente de bucha; é, eles bota a gente na banheira, dá banho na gente, como se a gente fosse uma criança...*

Tendo em vista sua experiência pessoal, Vivi revela que já teve quatro casamentos, todos com conterrâneos. Por isso, hoje, quando questionada sobre a intenção de se casar, afirma que não tem vontade nem de casar, nem de namorar, seja brasileiros, seja estrangeiros. Segundo ela, seus envolvimento são apenas profissionais, no entanto, contou que, atualmente, namora seu ex-marido e que, inclusive, ele a ajuda com as despesas de casa, mas assevera: – *É, meu ex-marido, é meu namorado, mas eu não quero não*.

Já em outro trecho da nossa conversa, discorrendo sobre se já teve vontade de se casar com estrangeiros, ela afirma: – *Vontade, vontade não, mas se eu arrumar um que me dê uma vida melhor, talvez até eu case*. Ou seja, apesar de não ter intenções declaradas de se envolver de modo duradouro, com nenhum homem, se for uma boa oportunidade para melhorar de vida, o que não parece necessariamente atrelado a sentimentos, ela pode vir a se casar.

Porém, quando cogita a possibilidade de se casar novamente, ela afirma que só o faria com um estrangeiro: – *Só se for com estrangeiro, porque com brasileiro eu não quero casar nunca mais.* Tal preferência parecer ter um caráter prático, pois, de acordo com Vivi, seu marido *gringo* passaria seis meses aqui, em sua companhia, e seis meses sozinho, no seu país de origem. Mas, ela deixa claro, que não procura estrangeiros com essa intenção: – *Só se acontecer mesmo... se estivesse escrito nas estrelas.*

De acordo com o depoimento de Vivi, a maioria dos turistas que conhece vem da Alemanha, Suíça, Egito, Grécia e das Filipinas. Ela considera os estrangeiros mais educados e carinhosos e, apesar de afirmar que fica com qualquer um, as etnias que mais a atraem são: grega, iugoslava, croata, ucraniana e búlgara, pois considera as pessoas desses países *chiquerésimas*, e *educadíssimas* (destaque para o uso de superlativos para defini-los). Salienta, ainda, que, os iugoslavos são *pobrérrimos*, mas é uma *raça* (suas palavras) que gosta muito, pois, para ela, quando eles a olham, parece que eles a amam.

Essa breve descrição de sua atratividade pelos estrangeiros nos mostra que, não é apenas a questão financeira que é levada em conta para o *gostar* de Vivi, pois, diferentemente de outras entrevistadas, ela não justifica suas preferências pautando-se pelos melhores pagamentos ou pelas moedas mais valorizadas. Essa percepção se comprova, também, quando conversamos sobre as etnias que ela menos gosta, dentre as quais cita os filipinos. Embora afirme gostar dos homens oriundos das Filipinas como amigos, profissionalmente, ela prefere não se envolver, já que, muitos deles rejeitam o uso de preservativos.

Atendo-nos à questão do tratamento dispensado pelos estrangeiros, Vivi diz: *É muito legal... bem melhor que os brasileiros... até p[a]ra fazer sexo eles é[são] mais carinhoso[s], num[não] explora como os brasileiro[s] explora[m].* Mas, apesar de considerar o tratamento dos *gringos* mais interessante, ela confessa que já recusou várias propostas de casamento no exterior por não querer morar fora do Brasil, dizendo [...] *eu nunca quis sair do meu Brasil não*, demonstrando certo senso de pertencimento, que, talvez, ela tenha medo de não sentir em outros países. Outro ponto que a fez recusar as propostas de casamento foram seus filhos, de quem ela não gostaria de ficar longe.

Apesar de não ter experiência pessoal em relacionamentos duradouros com estrangeiros, Vivi tem uma irmã casada com um alemão e outra irmã, Neide,

que foi noiva de um alemão, esteve na terra natal de seu companheiro, mas teve que voltar (ela não explica o porquê). Já no seu meio profissional, ela conhece várias mulheres que só se envolvem com estrangeiros, que se recusam a sair com brasileiros e julga que essa preferência é motivada, em especial, pelo pagamento diferenciado. Sobre suas colegas que se casaram e foram morar fora do país, ela avalia que algumas, ainda, estão casadas e vivem no exterior, enquanto outras voltaram para continuar *batalhando* aqui, ou então, que se separaram para receber os bens do marido.

Segundo Vivi, os estrangeiros pagam mais e reclamam menos, quando comparados aos brasileiros. Ela considera que a época em que há mais turistas à procura de sexo, em Salvador, é no verão. Já os *de navio*, são mais freqüentes no inverno, sendo interessante perceber que ela é a única das entrevistadas que faz essa diferenciação entre turistas e marinheiros. Entretanto, com relação aos locais onde acontecem os encontros entre as profissionais do sexo e os estrangeiros, tal distinção não é mantida: Pelourinho, Barra, o “Casquinha de Siri”, em Piatã, e o “Bambara”, no Costa Azul. A respeito da forma de aproximação, ela conta que o contato com os *gringos* é direto, eles *paqueram*, *chamam* e, mesmo depois de partirem, muitos deles mantêm contato à distância, ligam, escrevem e avisam quando estão voltando para a cidade.

Em seu relato, a entrevistada nos conta que os turistas que conhece têm profissões bastante variadas como, por exemplo, médico, advogado, gari, professor, bancário, coveiro, sendo que, inclusive, alguns deles comentam que juntam dinheiro o ano todo, para vir ao Brasil no final do ano. Ainda sobre os clientes estrangeiros, ela comenta que a faixa etária também é muito ampla, variando entre vinte e cinquenta anos, sendo que ela dá preferência aos mais velhos, pois, são os *coroas* os que mais lhe agradam.

Refletindo sobre as motivações dos clientes em busca de sexo pago, Vivi considera que os turistas procuram prostitutas porque: – *Eles gosta[m] de curti[r], gosta[m] de conhecer mulheres diferentes né? Eles disse[dizem] que as mulé[mulheres] no país deles num[não] é legal... eles que dizem, que a gente é mais quente... [risos] tudo isso, né? Já, sobre os brasileiros, o julgamento parece mais imparcial: – Ah, porque eles são sem vergonha mesmo... [risos], são descarados.*

Essa diferença de julgamento nos leva a perceber que, para ela, a procura por sexo pago, por parte de turistas, tem motivações aceitáveis, pois, além

da curiosidade de conhecer mulheres *diferentes*, as estrangeiras não são tão *quentes* quanto as brasileiras. Porém, aos brasileiros nenhuma justificativa é cabível, já que, *as brasileiras* são as *quentes*, restando aos seus conterrâneos apenas o *descaramento*, como motivação. Nesse trecho, observamos que, diferentemente de outras entrevistadas, Vivi não se reporta à clássica dicotomia entre esposas e prostitutas, no entanto, deixa clara certa desvalorização dos homens brasileiros frente aos estrangeiros.

Ainda discorrendo sobre as diferenças entre brasileiros e *gringos*, descreve os comentários que os eles fazem sobre as nativas:

– *Que são maravilhosas; que, na cama, é maravilhosa... [risos] que mais? [pausa] é gostosa, mais quente, que as mulé[mulheres] deles nem sexo procura[m]... é, a maioria delas é... só os grego[s] e as grega[s] que são muito quente[s]... [...] é, as grega[s] e as egipciana[s], essas, assim; mas raça lôra[loura], não...*

Aqui, ao contrário do referido acima, percebemos certa valorização, ao menos no quesito sexual, das brasileiras frente às europeias (raça loira), além de uma clara essencialização, relacionando o apetite sexual à *raça*, sem, sequer, aproximá-lo de vivências culturais.

Vivi comentou que, em breve, pretende parar de fazer programas; ela não considera o turismo sexual bom e assevera que se prostitui porque precisa. Ela mora com os dois filhos no bairro do Uruguai, sendo que sua renda, estimada entre oitocentos e dois mil reais mensais, é destinada, apenas, à alimentação da família, pois sua filha e seu filho a ajudam nos demais gastos.

Agora que seus filhos já são adultos e a auxiliam com as despesas domésticas, ela diz que não precisará mais se prostituir, pois, inclusive, há a intenção, por parte de seus filhos, de lhe darem uma casa própria em breve. E, finalizando, disse que se tivesse um marido com boas condições financeiras, pararia de fazer programas, e abriria seu próprio salão de cabeleireira, mas, não deixa de reiterar: – *Eu não quero ter marido não, nem rico nem pobre mais, só se for gringo p[a]ra me dá[dar] dinheiro.*

VAL

Val é uma mulher muito bonita, tem trinta e dois anos de idade, é negra, magra, tem olhos claros e cabelos curtos. Nasceu em Itapetinga, interior da Bahia,

numa família muito pobre. Quando ainda era criança, sua mãe a incentivou a trabalhar na casa de uma senhora, que a tomou por neta. Recordando a infância, Val conta que dona Maria, a chefe da família com a qual ela foi morar em razão de seu emprego, não a deixava trabalhar, além de lhe oferecer várias oportunidades de estudo, mas Val costumava fugir da sua casa e hoje avalia, *não aproveitei a sorte*, de modo que cursou somente até a primeira série do ensino fundamental.

Na seqüência, a entrevistada veio para Salvador, com o propósito de trabalhar como empregada doméstica em um residência no bairro do Canela. Nessa época, então com quatorze anos, foi para São Paulo, pela primeira vez, e desde então passa um tempo lá, onde mora sua irmã, e outro aqui, embora já tenha se passado mais de um ano que ela veio de São Paulo pela última vez. Além de empregada doméstica, Val já trabalhou como expositora em feiras de eventos em São Paulo e vacila um pouco ao afirmar que faz programas: alega que tem vergonha disso e o faz somente quando precisa.

Val se declara não seguidora de nenhuma religião, assume ser viciada em drogas, não tem residência fixa e, em diversos momentos, se refere a si mesma como *maluca* ou *burra*, remetendo às escolhas que fez durante a vida que a levaram à sua condição atual. Como lazer, gosta de ouvir músicas como samba, pagode, além de ser admiradora de cantores como Caetano Veloso, Maria Betânia e Djavan. Apesar de não ter residência fixa, Valquíria carrega em sua bolsa um álbum com fotos de sua família, filhas(os), e de alguns homens com quem já se envolveu, o que, de certo modo, demonstra seu apreço, principalmente pelas(os) filhas(os), a quem ela se refere, e elogia, com freqüência.

Orgulhosa de sua prole, ela a descreve: são três filhas, Vanessa, com cinco anos, Valéria, com sete anos, e Naomi, com nove anos, e um menino, Lucas, o mais velho, que, atualmente, tem treze anos de idade. Apesar de considerar que não está na sua melhor forma, pois se considera muito magra, quanto à sua compleição física, Val se sente atraente e bonita, embora, diversas vezes, se refira a sua beleza na juventude. Ela relembra a época em que chegou a Salvador, ainda adolescente e várias pessoas lhe diziam: – *Você é muito bonita, você vai casar com um europeu*. Apesar de já ter declinado de propostas para morar no exterior, ela afirma que, no presente, tem vontade de ir: – *Agora que eu tiver... esse ano, se eu tiver outra oportunidade, é claro que eu vou segurar, vô[vou] pensar nas minhas criança[s], né? [...]*.

Ainda refletindo sobre as propostas recusadas para ir à Europa, quando era mais jovem, revela que se arrepende, pois, como pondera: – [...] e se eu tivesse ido p[a]ra lá talvez estaria melhor. Ela descreve uma oportunidade que teve, há nove anos atrás, quando um alemão com quem se envolveu, a convidou para passar três meses na Alemanha com ele, mas ela não foi. Saudosa, conta que ele escrevia cartas com corações para ela, mandava dinheiro, além de ser muito bonito: – [...] muito lindo, alto, olhos azuis, cabelo preto, um corpo muito bu[o]nito, muito educado, trabalhador [...]. Porém, mesmo com tantas qualidades, ela preferiu ficar sozinha aqui no Brasil. E, relata ainda: – Ele falava que queria ter uma filha comigo p[a]ra se chamar Lorrana, da minha cor, com meu rosto e com os olhos azuis. Essa passagem nos remete a considerações teóricas sobre o interesse de estrangeiros buscarem nas mulheres brasileiras características que não encontram mais em suas compatriotas, como, por exemplo, a possibilidade de maternagem, a qualquer tempo.

Val contou, também, sobre um inglês que a levou para o Rio de Janeiro, mas ela perdeu o contato com ele porque roubaram seu celular, onde guardava o número do telefone dele, e, lembra que, se ele tentou ligar novamente, ela não tem mais telefone. Sobre Ian, o inglês, ela acredita que ele já era *viajado, macaco velho*, explicando que:

– [...] ele falava às vezes. E ele era ciumento, falava que não gostava de prostitutas e tudo mais, eu falei assim com ele, p[a]ra ele me dá[dar] dinheiro e ele falava - já te dei muito presente. Eu num[não] quero te dar dinheiro porque você não é prostituta, eu num[não] gosto de prostituta. Entendeu?

Sendo que, nesse trecho do discurso, identificamos um determinado tipo de relacionamento constante nas apreciações teóricas sobre o turismo sexual, pelo qual os homens se negam a admitir que estão pagando pelo envolvimento, pois preferem *acreditar* que apenas ajudam as mulheres com quem saem e que, elas, de fato, estão interessadas neles, exclusivamente, por conta de sentimentos afetivos.

Essa postura parece ser semelhante a outra, identificada no caso que Val conta sobre a primeira vez que saiu com um estrangeiro, também inglês. Na época, ela tinha aproximadamente dezesseis anos de idade, ele a encontrou no Pelourinho, e perguntou-lhe se estava trabalhando:

– *Eu falei assim: não, não estou trabalhan[d]o não. Aí eu fui lá pr'o apartamento dele, bebemos, ele disse que eu era linda, que ia terminar com a namorada dele p[a]ra ficar comigo, sabe? [pausa] Aí tomamos caipirinha, caipirosca, né? Aí, depois ele pegou e disse assim p[a]ra mim... aí quando eu pedi dinheiro, no outro dia de manhã, ele falou assim p[a]ra mim: 'Ué, mas você não falou que não estava trabalhando?'*

Mais uma vez, observamos a negação do envolvimento com profissionais do sexo por parte dos turistas estrangeiros.

Além do alemão, já citado, com quem Val se envolveu por mais de uma vez em que ele esteve na Bahia, e do inglês Ian, citado acima, Valquíria ainda teve um relacionamento duradouro com outro europeu, um italiano. Ela lembra que esse último, tinha setenta anos de idade quando eles se envolveram e como fruto de seus encontros, nasceu sua filha, Valéria. Apesar de morar em Salvador, o pai da menina se recusou a registrá-la como sua descendente, sendo que veio a falecer cerca de um ano atrás, ainda sem reconhecê-la. No entanto, aquele a quem as referências são mais freqüentes é o alemão Uver, de quem ela tem uma foto no álbum que carrega consigo. Porém, atentando à sua fala, percebemos uma certa idealização relacionada a ele: – *[...] Chegou lá no hotel ele falou: quer fazer amor comigo? Se você não quer fazer amor comigo, tudo bem, pode descansar. Se você quiser, tudo bem, se não quiser, vai descansar, meu amor. Me amava, né, menina? Depois de dois anos. Você vê, né? parece coisa de cinema. Apesar de chamá-la de amor, sem dúvida uma maneira carinhosa, não parece adequado descartarmos a falta de vocabulário e articulação, por parte dele, para se comunicar com Val, já que ela não tem conhecimentos de nenhum outro idioma além do português.*

Sobre as barreiras lingüísticas, Valquíria admite: – *Atrapalha um pouco, né? porque a pessoa, às vezes, não entende o que a pessoa fala né?; mas, continua: – [...] mas a maioria deles, eu acho que entende a nossa língua e fala, também, a maioria... é que tem uns que finge[m] que não sabe[m], entendeu? Apesar de ser sua opinião pessoal, não podemos deixar de destacar que Val é a única dentre as entrevistadas que considera a possibilidade dos turistas terem fluência no idioma local.*

Ainda sobre os estrangeiros que conhece, avalia que a maioria deles vem da Itália, mas sua predileção é pelos americanos brancos, porque pagam bem, e

pelos dinamarqueses e noruegueses, porque são bonitos. Entre os que menos lhe atraem estão os argentinos e franceses, porque, segundo Val, não pagam bem. Ela conta: – *Eu só encontrei um francês bom, legal, que me pagou legal, me deu presente...* Nessa passagem, podemos inferir que Val julga um homem bom quando ele paga bem e/ou lhe dá presentes e parece não considerar outras atitudes, como, por exemplo, respeito, forma de tratamento e carinho, como essenciais para caracterizar uma pessoa.

Na apreciação de Valquíria: – *Os homens estrangeiros são mais educados, geralmente, né? – mas, não deixa de ponderar que – [...] não são todos que são bons não, viu?...tem uns muito estúpidos, também.* Em outro trecho, reitera que muitos dos *gringos*, que vêm para o Brasil, são *pilantras*, mas, não deixa de pontuar: – *Tem... estúpido, mas a maioria são bem carinhosos. É, é, educados, cavalheiros.* Já, sobre os brasileiros, Val reflete: – *Tem brasileiros educados num[não] é? e tem os estúpido[s]; agora, acho, os homens brasileiros mais educados são os homens mais brancos... [pausa] a raça, da raça branca...*

Aqui, é interessante observarmos que Valquíria é a única das entrevistadas a fazer diferenciações entre os brasileiros brancos e negros. Além disso, a racialização presente na sua colocação pode estar atrelada a estruturas sociais díspares, em que a raça/etnia se encontra intimamente relacionada à questão de classe, daí um certo nível educacional maior entre os brancos do que entre os negros. Porém, não podemos deixar de considerar as construções culturais, que valorizam os brancos frente aos negros, que compõem o imaginário social nacional, o qual certamente Val reproduz.

Em vários momentos da nossa conversa, a entrevistada apresenta seus referenciais culturais: – *Meu cabelo ficou igual o de Camila Pitanga, ficou muito bu[o]nito – ou então – [...] ficou igual de artista – ou ainda – A idade, às vezes, não importa, o que importa... a pessoa vai mais pela aparência né?,* além de várias outras citações semelhantes a essas. Embora demonstre certa consciência de raça/etnia e classe, contando inclusive que sofre discriminação por causa de sua cor e, também, por conta de sua baixa escolaridade, Val reproduz padrões do discurso dominante, afirmando que: – *A mulher branca sempre vai ganhar mais dinheiro que ela é bun... sempre é bu[o]nita [...],* deixando transparecer a sua opinião de que a

mulher negra, contrariamente à branca, nem sempre é bela. No entanto, ela revela certa articulação, quando reflete sobre a discriminação racial:

– [...] *Então existe discriminação, a pessoa que é... o negro tem que estudar, estudar muito porque o próprio negro, na maioria, um discrimina o outro, principalmente, aqui em Salvador, tem muita discriminação. E eu sofro com isso [es]tá enteden[d]o? Porque, na minha opinião, a pessoa que não é branca, que não é branca e que não é índia e que não é japonesa e que não é... [pausa], ela é negra; se ela é clara e tem o cabelo crespo, ela é negra, porque ela é da raça negra, predomina o que? A raça negra num[não] é? [...] não importa a cor da pele, importa é a característica, e cabelo é uma característica, né? Então a pessoa tem que estudar. [pausa] Minha mãe, por exemplo, ela é clara, tem olhos azuis mas tem cabelo crespo e as minhas irmãs são muito bu[o]nitas... Minha irmã tem uma que é muito bu[o]nita...*

Outro trecho que demonstra que, apesar da baixa escolaridade, Val é atenta às informações correntemente veiculadas, é quando ela discorre sobre a queda no número de turistas que vêm a Salvador: – *A crise, também, e o dólar também [es]tá baixo... [...] Com dólar fraco, né?, não é vantagem p[a]ra eles vim p[a]ra cá, [es]tá entenden[d]o? É melhor quando o dólar [es]tá alto, [es]tá alto... E, ainda, na continuação, explicando que acha o turismo sexual negativo quando envolve pedofilia, mas que, ao se tratar de mulheres adultas, elas devem ser conscientes sobre o que fazem, apesar da entrevistada considerar que a prostituição não é boa, em nenhuma classe social, aqui se referindo, também, às *prostitutas de luxo*.*

## NEIDE

Neide é irmã de Vivi, outra entrevistada já apresentada. Ela é parda, tem cabelos escuros alisados, estatura mediana e corpo magro. Nasceu em Ipiaú, interior da Bahia, no ano de 1966. Há mais de vinte anos migrou para Salvador, sozinha, quando tinha dezessete anos de idade. Sem emprego fixo, aceitou o convite de amigas para fazer programas nos navios que aportavam na cidade, pois, nessa época, ainda era permitido o acesso de não tripulantes às embarcações. Ela conta que começou a ganhar dinheiro, gostou e passou a freqüentar as imediações do Pelourinho, lugar bastante procurado por turistas e marinheiros, esses últimos

desde que proibiram o ingresso de pessoas não autorizadas aos navios. Neide estima que sua renda mensal oscile entre mil e mil e quinhentos reais, sendo que, atualmente, ela ajuda apenas um de seus filhos, que ainda mora com ela no bairro Alto do Cabrito.

Ela estudou até a oitava série do ensino fundamental e sua experiência profissional é exclusivamente em atividades em salão de beleza, como cabeleireira, manicure e massagista. Inclusive, Neide *tinha salão de beleza*, e, atualmente, atua nessa área como *free lancer*, atendendo em domicílio. Já no seu tempo livre, gosta de cozinhar em casa, assistir televisão, *cuidar da beleza*, entre outras coisas.

Ela fala inglês bem, além de ter conhecimentos básicos em outros idiomas, como espanhol e alemão. Neide julga que as diferenças linguísticas são boas para quem sabe um pouco de outros idiomas, como é o caso dela, pois assim aproveita para aprender coisas novas e praticar conversação em outras línguas. Em certa oportunidade, a entrevistada passou três meses na Alemanha a convite de um homem oriundo desse país, de quem ela foi noiva. Porém, declinou da proposta de casamento e voltou para o Brasil, por motivos familiares, em especial, por seu filho mais novo que, na época, tinha apenas dois anos de idade. Ao refletir sobre sua atitude no passado, ela se arrepende, diz que seu filho, hoje com dezessete anos, não a valoriza e considera que teria sido mais adequado ter levado seu filho para ser criado na cultura alemã que considera melhor que a brasileira.

Além do caçula, já citado, Neide tem mais dois filhos. O mais velho, fruto de seu casamento com um brasileiro, e o segundo, filho de um filipino (ela diz que é filipino, na primeira entrevista e, na segunda, diz que é coreano) que ela conheceu quando estava trabalhando, em um navio. Mas seu filho do meio não é o único descendente de estrangeiro, o mais jovem também foi gerado com um marinheiro, dessa vez, argentino. Seus dois filhos de pais estrangeiros foram registrados por uma outra pessoa, que os assumiu, legalmente. A entrevistada relatou, ainda, que o pai de seu segundo filho, o filipino, lhe deu uma considerável quantia em dinheiro para que ela comprasse uma casa para viver com o filho, recomendação que não foi seguida. Quando o rapaz era pequeno, ela o levou para conhecer o pai no navio mas, algum tempo depois, ele foi para outro país e não mantiveram o contato. Já o mais novo, filho do argentino, não tem contato algum com seu pai biológico, que nunca deu qualquer contribuição para a sua criação.

Voltando ao relato sobre sua estada na Europa, e impressão que tal experiência lhe causou, ela avalia: – *Maravilhoso. Adorei. Eu saí. Você se sente bem, estamos em outro mundo. Primeiro mundo é outra coisa, néah? A agitação é outra.* Considerando as diferenças entre Brasil e Europa, ela é categórica em afirmar que a educação e a cultura são os principais fatores divergentes entre um e outro.

Já com referência aos homens brasileiros e estrangeiros, compara:

– *Os homens, os estrangeiros são melhores porque eles têm outra cultura, eles têm maneiras de conversar com as mulheres.* [pausa] *O brasileiro já é um pouco diferente, né? Tem outra cultura, né? Não são iguais, mas também tem brasileiros bons e tem gringos também bons e ruins, né?*

Além disso, Neide afirma que os estrangeiros são menos exploradores que os brasileiros e explica essa opinião: – *Eu gosto porque...* [pausa] *a maneira deles... são as pessoas que é mais rápido, até a maneira de trabalhar p[a]ra fazer amor é mais rápido, né? A pessoa num[não] fica exploran[d]o da mulher porque está pagando, [es]tá entenden[d]o?"*

Embora considere que tanto brasileiros quanto estrangeiros podem ser *bons*, ou *ruins*, Neide afirma que, para se relacionar afetivamente, prefere os últimos, e justifica:

– *São... São carinhosos, são mais amoroso[s]* [pausa] *mesmo eles tano [etando] ali, tendo um tempo com a mulher, eles passa[m] uma coisa boa, ele não tem aquela mulher como...* [pausa] *se fosse uma mulher que ele ia pagar, [vo]cê [es]tá entenden[d]o? Trata de outra maneira [...]* *Não tem vergonha de sair com a mulher, entra em ambientes que pode ter até o presidente, ele entra com aquela mulher... não tem diferença porque o médico aqui só casa com a pessoa que tem a formação igual à dele, né verdade? E lá em outro país, não. Um médico casa com uma doméstica. [Vo]cê [es]tá me entenden[d]o? [...]* *Num[não] olha o que a pessoa é. Olha o coração. Eles vai [vão] muito pelo coração da pessoa; eles, eles trabalha[m] mais na... na pessoa, não as coisa[s] materiais. E aqui é mais pelas coisas materiais – se você não tem cultura você não tem nada.*

Nessa justificativa de Neide, percebemos que, a diferenciação entre estrangeiros e brasileiros está atrelada ao tratamento menos *coisificado* que recebe dos *gringos*. No entanto, não podemos deixar de notar que, reflexões sobre a condição de forasteiros, imunes a reconhecimentos públicos e parco vocabulário em

comum são por ela ignoradas. E, há, ainda, observações relacionadas diretamente ao imaginário, como, por exemplo – *É tratamento de primeiro mundo, né?*, em que parece que o simples fato de serem oriundos de um país considerado mais desenvolvido lhes outorga uma forma de tratamento superior.

Apesar de considerar os estrangeiros mais interessantes para se envolver, em comparação aos brasileiros, Neide nunca teve coragem de aceitar as propostas de casamento que qualquer turista lhe fez. Ela conta que, além do alemão, com quem viajou, se envolveu também com um grego lhe deu o dinheiro necessário para que ela fosse encontrá-lo, mas, ela não foi. A esse respeito, revela, ainda, que, quando era mais jovem, recebeu muitas propostas, porém, declinou de todas, apesar de afirmar que já teve vontade de se casar com alguns estrangeiros. Ela explica sua posição da seguinte maneira:

– *Acho que tem que ter amor, né? Porque pr'a gente conviver com uma pessoa tem que... às vezes também pode até casar p[a]ra ter uma mudança de vida, ter outra cultura, ter... estudar, fazer cursos que, às vezes, a gente não tem dinheiro p[a]ra fazer, coisas que você quer fazer. Você pensa bem, quer algo diferente, mas não tem dinheiro...*

Nesse trecho, notamos que, apesar dela considerar a possibilidade de se casar para *mudar de vida*, sua experiência parece demonstrar que ela prioriza os sentimentos afetivos pelo parceiro ou pela família frente a tais oportunidades.

Descrevendo suas expectativas em relação a um possível casamento, ela afirma que espera que seu companheiro lhe *dê reconhecimento* e, também, *sair da vida*. Como sua preferência é por estrangeiros, Neide revela que, caso se casasse, gostaria de morar na Europa, pois avalia a cultura de lá *bem melhor* que a brasileira. Ela considera o continente europeu *muito bom* e gostaria de ter a oportunidade de voltar para lá, já que, como citado anteriormente, passou certo tempo em Köln (Colônia), na Alemanha. Neide contou, ainda, que tem uma irmã casada com um alemão. Eles se conheceram no Brasil e aqui mesmo se casaram, e tiveram uma filha. Embora atualmente seu cunhado viva em sua terra natal, sua irmã nunca esteve na Alemanha, sendo que poucas vezes ele vem ao Brasil para visitá-las, porém, não deixa de enviar dinheiro para o sustento da filha. Extrapolando o círculo familiar, ela contou, também, sobre uma amiga que foi casada com um alemão, e que *sofreu muito*, pois, era responsável por todos os afazeres domésticos, como nossa informante comenta:

– [...] *Você sabe que num outro país não tem empregada, né?; você tem que fazer tudo. Lá num[não] tem essa de pagar empregada, empregadas lá são caríssimas, é caríssimo, então você tem que fazer tudo... não é como aqui que é um pobre ainda bota uma pessoa dentro de casa e diz que é empregada.*

Nesse comentário, sobre a experiência de sua amiga, notamos que Neide compreende, de certo modo, a *exploração* da esposa como empregada, comum em casais formados por brasileiras e europeus. Como empregadas domésticas representam um alto custo nos países europeus, a maioria dos casais divide as tarefas domésticas. Porém, em alguns casos, como no da amiga de Neide, os homens procuram mulheres que, por suas condições socio-econômico-culturais, se submetem a realizar, exclusivamente, o trabalho doméstico, abrindo mão da sociabilidade e do retorno financeiro, oriundos das ocupações que são exercidas fora do ambiente familiar.

Discorrendo, ainda, sobre as relações entre estrangeiros e brasileiras, a entrevistada comenta as opiniões dos *gringos*: – *Eles acham maravilhosas as mulheres brasileiras; eles acha[m] que são mulheres quentes, são mulheres finas, que as mulheres estrangeiras são muito frias, né?! E as brasileiras têm outro... ahn... são mais quente[s].* Já, as impressões dos homens estrangeiros sobre o Brasil, são reproduzidas da seguinte forma: – *Adora, acha maravilhoso, quente, todo dia tem festa, liberal; aqui é outra cultura, lá é mais trabalho.* Aqui, vemos claramente a reprodução do discurso comum de que as brasileiras são boas para fazer sexo, de que o país é sempre uma festa, às vezes atrelada à libertinagem carnavalesca, enquanto o estrangeiro é tido como mais afeito ao trabalho o que, de certo modo, o valoriza.

Passando à discussão sobre as preferências étnicas de Neide, ela assegurou que, entre os visitantes que a procuram, as nacionalidades mais freqüentes, são: grega, alemã, suíça, espanhola, italiana e francesa. Dentre essas, as que mais lhe agradam são a alemã e a grega. A primeira, porque ela teve uma experiência satisfatória com um alemão que, segundo ela: – *Foi maravilhoso, me deu coisas; agora, são frios.* Nessa colocação, percebemos que, a avaliação positiva está ligada diretamente aos ganhos materiais. Porém, sobre sua predileção pelos gregos, ela considera que eles são mais amorosos – *Ele tem mais amor à mulher* – aqui já deixando transparecer a sua inclinação à afetividade.

Quando, em nosso segundo encontro, Neide foi questionada sobre as etnias que preferiria para se casar, ela citou os noruegueses, dinamarqueses e alemães porque os julga mais finos, e *chiques*, além de valorizarem as mulheres. Já, quanto àqueles com quem não tem nenhum interesse em se casar, Neide declarou que não gostaria de se envolver com filipinos e indianos, alegando que são muito pobres, reforçando, mais uma vez, a ligação entre envolvimento afetivo (casamento?) e recompensas monetárias.

De acordo com a entrevistada, a época de maior procura, por parte de estrangeiros, é o verão e os lugares em que costuma encontrá-los são, principalmente, Pelourinho, Barra, na casa noturna “Casquinha de Siri”, em Piatã, no bar dançante “Bambara”, no Costa Azul, no bar “Língua de Prata”, em Itapuã, e ainda, em Itaparica, por conta do *resort Club Mediterranée*. O contato entre eles, em geral, acontece diretamente, ou seja, sem intermediários e, segundo afirma, alguns turistas ficam com o seu contato e voltam a procurá-la quando retornam a Salvador.

Conversando sobre os relacionamentos que envolvem *gringos* e nativas, ela revelou que conhece muitas mulheres que só *saem* com estrangeiros e que a maioria o faz porque os considera *melhores para casar*. Sobre o tema, ela coloca, ainda, que considera o turismo sexual bom: - [...] *O gringo que fica em hotel cinco estrelas, uma pessoa fina, paga bem e num[não] fica naquele negóç[i]o de querer a noite toda*. Essa constatação de Neide, remete à mesma ideia, citada em outras entrevistas, de que *o gringo paga melhor e reclama menos*.

Já sobre a motivação dos homens para procurar profissionais do sexo, ela acredita que os estrangeiros as procuram porque, no entendimento deles, elas sabem (ou deveriam saber) falar outras línguas e, também, porque *eles acha[m] que as melhores mulheres são do Brasil*. Sobre os brasileiros, ela julga que seja o interesse em mudar a rotina que vivem com a esposa, além da procura de coisas que as mulheres deles não fazem em casa. Aqui, como em outros relatos, Neide retorna à clássica dicotomia entre público, e privado, ou seja, “mulher para transar” e “mulher para casar”.

Questionada sobre o pagamento dos turistas, se eles *pechinham*, ela responde, prontamente:

– *Não... quando eles gosta[m] da mulher, ele dá tudo, dá até o último centavo dele quando eles gosta[m] da mulher... Se ele acha que a mulher não [es]tá bem vi[e]stida [pausa], ele vai no shopping, dá um banho de loja nela. Quando*

*aquela mulher que ele gosta... se os dente[s] num[não] estão bem, ele vai leva ao dentista, faz..., entendeu? São as pessoas, entendeu? Quando ele gosta... que também tem os bom[ns] e tem ruim em tudo quanto é país, né?*

Nessa passagem, o *gostar* parece estar vinculado a certa valorização da mulher com quem se envolve, porém, não deixa de demonstrar que, de alguma forma, essa valorização é atrelada aos lucros que ela pode auferir.

Neide finaliza explicando, mais uma vez, sua preferência pelos estrangeiros:

*– Os turistas são bons, dão valor às mulheres, paga[m] bem quando ele gosta da mulher... brasileiro dá as coisas e depois fica passando na cara, você é isso, eu lhe tirei daquele lugar, da prostituição... isso fica chato, né?! ficá [ficar] cobrando. E a gente somos mulheres e a gente sente também as coisas, né?... Às vezes, nunca confia na gente, pensa que sempre a gente vai traí[ir] com outro homem... o que acontece muito é isso. O estrangeiro não, quando gosta, gosta mesmo, quando não gosta, pronto, acabou.*

De maneira resumida, parece-nos que nesse último trecho, Neide explicita a estigmatização que as prostitutas sofrem, e que se manifesta mais claramente entre seus conterrâneos, submetidos à mesma formação cultural que ela.